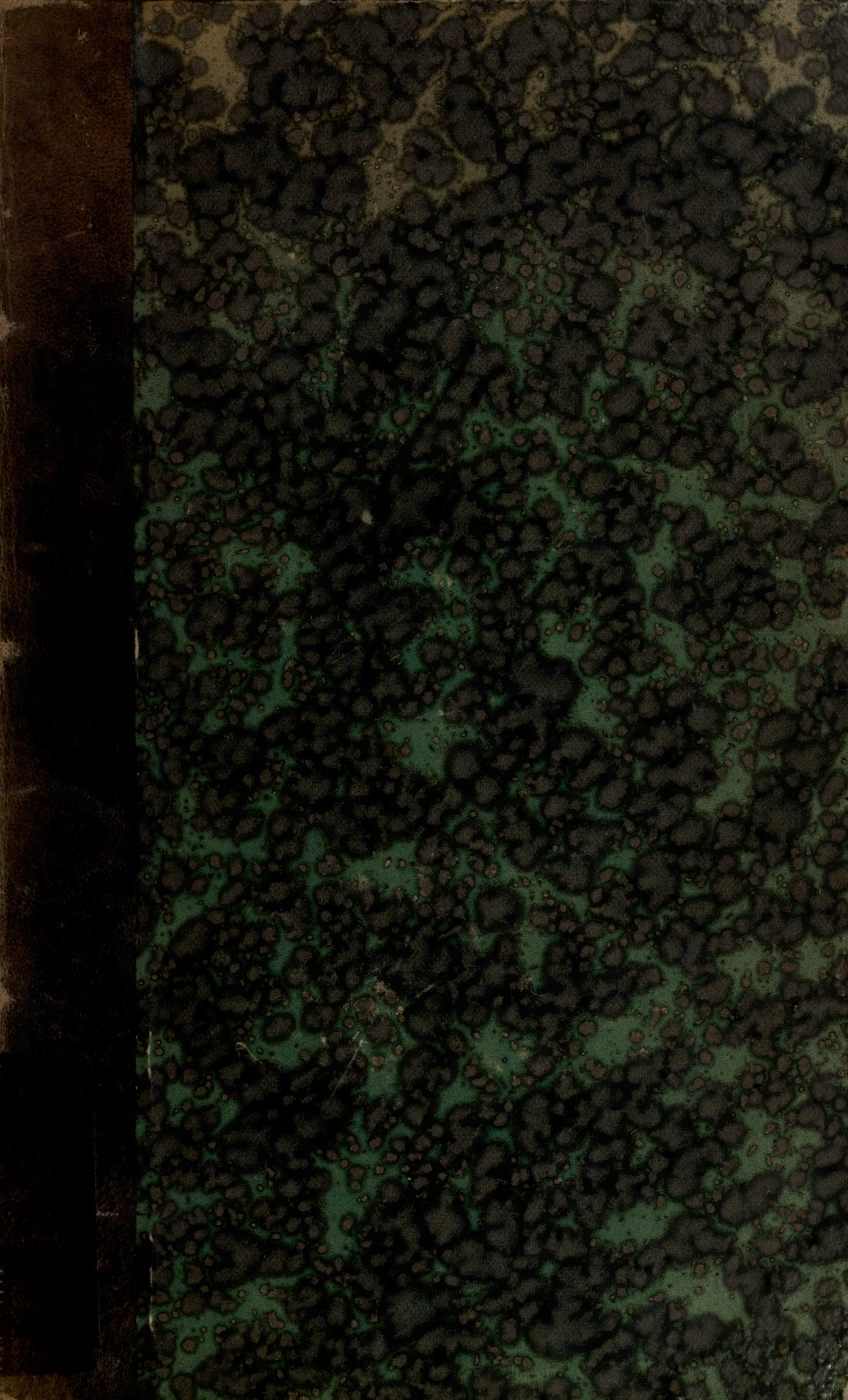


A JERUSALEM LIBERTADA

A JERUSALEM LIBERTADA

DE

TORQUATO TASSO

VERTIDA EM OITAVA-RIMA PORTUGUEZA

POR

JOSÉ RAMOS COELHO

Alfredo Lage

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
RUA DOS CALAFATES, 110

1864

A SUAS MAGESTADES

EL-REI E A RAINHA

COMO SYMBOLOS DE UNIÃO

ENTRE AS PATRIAS

DO CAMÕES E DO TASSO

PROLOGO

Emprehendi a presente obra com o intuito de tornar mais conhecido entre nós o maravilhoso poema do Tasso, que é a ufania da Italia, e de que só possuimos verdadeiramente uma versão, em nada condigna do original. Se n'ella fui feliz não sei; o que posso affirmar é que empreguei todos os esforços ao meu alcance, e que outros o fariam melhor, mas não com mais vontade e consciencia.

Principiei esta traducção em maio de 1858, um anno depois de publicar os meus *Preludios Poeticos*, volume de poesias que foi bem acolhido pelo publico, o que em parte me incitou a tentar esta nova empreza. Era ella grande, e superior, de certo, ás minhas forças; mas tive o gosto de a ver acabada, passados dois annos e meio de perseverança, de vigilias e cuidados, entremeiados de outras vigilias e cuidados diarios com que, para ganhar escassamente a vida se amesquinha a intelligencia e confrange o espirito.

O intervallo desde essa epoca até hoje tem sido empregado em procurar modo conveniente de publicação, o que só agora acontece depois de não poucos esforços inuteis.

D'isto se vê que levou menos tempo a traducção do que achar os meios de a dar á luz. Assim é muitas vezes na nossa terra, sobretudo quando o auctor é tão obscuro, como eu, e quando se trata de obras como a que apresento.

Entre nós quem escreve com amor e com desejos de ser util não vive das lettras, mas sacrifica-se completamente a ellas. Os leitores são poucos, e o favor nenhum ou quasi nenhum.

Todos que têem traduzido qualquer poesia conhecem as difficuldades de taes trabalhos, difficuldades que accrescem, se a traducção é no mesmo metro e rimada como o original, e se tem egual numero de versos. Se a isto se ajuntar a concisão de estylo do Tasso, o grande numero de palavras mais pequenas do que as nossas que conta o italiano, e as amplas liberdades de que a sua poesia gosa, far-se-ha uma incompleta ideia dos embaraços em que me encontrei.

Venci-os todos? de certo que não. Sou o primeiro a confessal-o. Quanto á intelligencia do texto segui sempre o original. É uma traducção traducção. Quanto á parte metrica despresei-a algumas vezes, sacrificando-a á ideia do poeta. Parece-me que seria um sacrilegio fazer o contrario. Quanto á linguagem procurei o mais possivel que fosse portugueza.

Eis o que me cabe dizer d'este meu livro. As suas bellezas, se as tem, e os seus defeitos, que serão muitos, mas involuntarios, o publico os avaliará. Fiz o que pude.

Cumpre-me por ultimo agradecer aqui os encomios que a imprensa tem feito aos fragmentos já publicados d'esta traducção, e os elogios, seguramente demasiados, que lhe prodigalisou n'um artigo da *Revista Contemporanea*, de Turim, o illustre traductor italiano da *Marilia de Dirceu*, e do

Frei Luiz de Sousa, de Garrett, o sr. Veggezzi Ruscalla, a quem tanto já deve a nossa litteratura.

Dentro em pouco publicarei um novo volume de poesias que já está prompto para a imprensa, e em seguida, se tiver o tempo e o socego de espirito convenientes, escreverei um poema de assumpto nacional que apenas trago delineado na imaginação. Oxalá que as minhas forças correspondessem aos meus desejos, e que eu podesse dar mais os meus cuidados e as minhas horas á occupação que é, e será o unico prazer da minha vida.

A
JERUSALEM LIBERTADA

CANTO I

As armas canto e o capitão piedoso,
Que libertou de Christo a sepultura,
Affrontando os trabalhos valeroso,
Armado de prudencia e força dura:
Embalde o inferno o combateu raivoso,
E a Asia se alliou á Lybia impura,
Que o céo lhe deu soccorro, e os espalhados
Socios juntou sob os pendões sagrados.

Ó Musa, tu que a fronte não corôas
No Hélicon de louros morredores,
Porém co'os seraphins o céo povôas,
Cingida a coma d'eternaes fulgores,
Desce da altura, onde sublime vôas,
Inspira ao peito meu santos ardores,
E perdôa se o falso uno em meus cantos
Ao verdadeiro, e aos teus outros encantos;

Pois bem sabes que o mundo o que mais ama
É do Parnaso a lisongeira gala,
E que ao mais rude coração inflamma
A verdade, se em rima branda falla;
Tal a creança enferma ao calix chama
Doce licor, que foi para enganal-a
Nas bordas posto, e, emquanto o amargo bebe,
No proprio engano seu vida recebe.

Tu, grande Affonso, por quem sou liberto
Da morte, e a porto amigo conduzido,
Eu, peregrino errante, que tão perto
D'ella estou, pelo mar quasi sorvido,
Acolhe os versos meus com rosto aberto,
Qual voto que te faço e te é devido.
Talvez por ti de minha penna saia
Um dia o que somente agora ensaia.

Se acaso em algum tempo socegado
Fôr o povo de Christo, e em guerra accesa
Por mar e terra do infiel armado
Quizer reconquistar a injusta preza,
Justo é que te seja confiado
O commando da santa e illustre empreza:
Rival de Godofredo emtanto escuta
Minha voz, e te apresta para a luta.

Corria o anno sexto após que a gente
Da cruz ás plagas orientaes passára;
Já Nicéa de assalto, e arteiramente
De Antiochia os muros conquistara:
Já esta emfim contra o poder ingente
Do persa innumeravel sustentára,
E vencera Tortosa; á quadra fria,
O novo anno esperando, ora cedia.

E já findava o rigoroso inverno
Que a começada guerra interrompera,
Quando no céo mais puro o Padre Eterno,
Que é tanto acima da estrellada esphera,
Quanto dos astros vae ao baixo inferno,
Do alto solio, do qual tudo modera,
Baixou á terra a vista, e n'um instante
Viu quanto ella contêm de si diante.

Tudo notou; depois o olhar poisando
Na Syria sobre os principes de Christo,
Esse olhar que, no fundo penetrando
Das almas, nada deixa sem ser visto,
Vê Godofredo, o qual, só desejando
Expellir do logar de Deus bemquisto
O descrente, de fé, de zelo cheio,
Do ouro, gloria e poder não sente o freio.

Mas vê em Balduino o cubiçoso
Desejo, que a grandeza humana prende;
Vê Tancredo da vida desdenhoso,
Tanto uma van paixão o opprime e accende;
Vê Boemundo que o reino seu famoso
D'Antiochia levantar pretende,
Dando-lhe leis e artes e costumes,
E a verdadeira fé, não falsos numes;

E que é tão firme n'este pensamento,
Que nenhuma outra empreza premedita.
Em Rinaldo guerreiro atrevimento
Descobre, que o menor descanso irrita,
Não á cubiça de ouro ou mando intento,
Mas á sede de honra alta, infinita;
Vê-o de Guelfo a voz sempre attendendo,
Os antigos exemplos aprendendo.

Depois de estes e outros int'riores
Pensamentos notar, o Rei do mundo
Chama dos mil angelicos fulgores
Gabriel, dos primeiros o segundo.
Interprete fiel entre as melhores
Almas e Deus este é, nuncio jocundo;
Aos homens a vontade traz do Eterno,
E as orações eleva ao céo superno.

Desce ao mundo, Elle diz, vae e reprova
A Godofredo o ocio a que está dado;
Estranha porque a luta não renova
Para o jugo a Sião tirar pesado.
Congregue os chefes, os tardios mova
Á grande empreza; d'ella alevantado
Capitão é por mim, sel-o-ha na terra
Por seus ministros, socios já na guerra.

Disse, e no mesmo instante preparou-se
Gabriel por cumprir a alta embaixada;
Como fosse invisivel, disfarçou-se,
E a forma fez visivel, de ar cercada;
Fingiu figura humana, mas ornou-se
Co'a a magestade aos anjos destinada;
Fez-se não bem mancebo inda na edade,
E a aurea coma cercou de claridade.

Azas de ouro vestiu e branca neve,
Infatigaveis, com as quaes ligeiro
Fende as nuvens, os ventos, e se atreve
Sobre o mar, sobre a terra sobranceiro.
Assim vestido dirigiu-se em breve
Ao baixo mundo o divo mensageiro,
E depois de no Libano reter-se
Librando o vôo, e novamente erguer-se,

Em direitura aos plainos de Tortosa
Precipite baixou. Do roxo oriente
Surgia o sol então com luz radiosa,
Parte inda n'agua, parte já patente,
E a matutina prece piedosa
Alçava Godofredo à Deus clemente,
Quando, do sol a par, o archanjo ovante
Vê brilhar mais que o orbe fulgurante,

O qual lhe diz: da guerra o tempo chega,
Godofredo, e te manda que despertes;
E ao ocio ainda a tua mão se entrega?
Deixas gemer Sião sem que a libertes?
Os capitães do exercito congrega;
Incita os que mostrarem ser inertes.
Deus seu chefe te faz; elles o aceitam,
E á tua lei voluntarios se sujeitam.

Seu enviado sou: eu te revelo
A sua mente em seu nome. Oh! que esperança
Deves ter da victoria! no teu bello
Exercito que immensa confiança!
Disse, e os olhos não mais poderam vel-o,
Que ao mais superno céo o vôo lança.
Fica a estas palavras Godofredo
Cego de tanta luz, com santo medo.

Mas depois de pensar e recordar-se
De quem veio, por quem, para que effeito,
Sente mais do que d'antes abrazar-se
Para a guerra acabar, seu chefe eleito.
Nem, porque aos outros veja avantajar-se
Do céo na mente, se lhe orgulha o peito,
Mas seu querer mais no querer s'inflamma
Do seu Senhor, como faisca em chamma.

Portanto os espalhados companheiros
N'um ponto a reunirem-se convida.
Cartas e repetidos mensageiros
Manda, sempre ao conselho a prece unida.
Quanto incita os espiritos guerreiros,
E a coragem levanta adormecida
Tudo emprega, e de modo tal o adorna,
Que doce do seu mando a força torna.

Vieram os maiores, e os seguiram
Os outros; Boemundo só não veio,
E os que por fóra as armas impediram,
Ou Tortosa guardava no seu seio.
Os cabeças do exercito se uniram,
Grande senado em grande dia! Em meio
De todos Godofredo magestoso
Começa então na falla sonoroso:

Exercito de Deus, por quem os damnos
Da fé mandou vingar o rei celeste,
Ao qual da guerra crúa e dos enganos
Da terra e mar livre ficar deveste,
Pelo que tantas em tão poucos annos
Provincias de descrentes lhe rendeste,
E foram entre os povos sujeitados
O seu nome e estandartes levantados.

De certo não deixámos os penhores
Caros e a patria, se o meu crer não erra,
Nem a vida expozemos aos furores
Do mar, e aos p'rigos de apartada guerra,
Para ganhar da fama os vãos louvores,
Ou para possuir barbara terra;
Fora mesquinho premio, baixa palma,
E desparzir o sangue em damno d'alma.

A tudo nos levou somente a idêa
De expugnar de Sião os nobres muros,
E livrar os christãos da vil e fêa
Escravidão, e de seus ferros duros;
Novo reino fundando na Judéa,
Onde logrem viver emfim seguros,
Sem que impedir alguem ouse os devotos
De o tumulo adorar, cumprir os votos.

Portanto mil trabalhos supportámos
Até hoje; mas ganho só teremos
Alguma honra, se a marcha que encetámos
É mudada, ou aqui nos esquecemos.
Pois que! tão grandes forças transportámos
Da Europa, e á Asia o fogo em vão puzemos?
Ficará de tão bellico apparato
Somente, em vez de reinos, desbarato?

Sós, e poucos em tanto ajuntamento
De homens que a fé de nós diversifica,
Sem confiar no grego fraudulento,
Nem no Occidente que tão longe fica,
É loucura em mundano fundamento
Imperios levantar, pois só fabríca
Ruinas quem o faz, onde opprimido
Tem para si o tum'lo construido.

Turcos, Antiochia, persas (feitos
Illustres e palavras grandiosas)
Acções nossas não foram, mas effeitos
Do Altissimo, victorias milagrosas.
Agora se por nós são contrafeitos
Os fins, que em taes emprezas valerosas
Deus nos deu, sem seu braço nos veremos,
E a fabula do mundo ficaremos.

Ah! que em uso tão mau, e tão incerto
Nenhum de nós taes graças desbarate;
Ao soberbo principio já aberto
De toda a obra o fio e o fim se adapte.
Agora que o caminho está liberto,
E é chegada a estação para o combate,
Porque contra a cidade não marchâmos,
Nosso desejo só? que estorvo achâmos?

Principes, eu protesto (e o meu protesto
Ha de o presente ouvil-o, ha de o futuro;
Tambem aos céos é hoje manifesto),
O tempo para a empreza está maduro.
A demora o fará contrario e infesto,
Tornando contingente o que é seguro;
De mais, se não corremos, acredito
Que ha de á Judéa soccorrer o Egypto.

Disse, e seguiu-se um murmurio breve;
Porem logo se ergueu Pedro o Eremita,
Que entre os chefes assento sempre teve,
E por auctor da guerra se acredita.
O que diz Godofredo seguir deve
Meu parecer, nem duvidar admitta
A verdade, a qual elle por extenso
Demonstrou, e a que vós déstes assenso.

Direi só que ao ver tantas supportadas
Vergonhas, e as discordias mil erguidas,
Com que Deus vos tentou, e as encontradas
Opiniões e obras impedidas,
Faço de uma só fonte derivadas
Tantas demoras, e tamanhas lidas,
Do mando que entre varios pareceres
Repartido destroe os seus poderes.

Onde um só não impera, do qual venham
Os premios e o castigo merecido,
D'onde egual divisão os cargos tenham,
Anda o governo errante e confundido;
Formae um corpo só, o qual sustenham
Todos os membros, e este dirigido
Por uma só cabeça, que o imperio
Guarde, e exercite o regio ministerio.

O ancião se calou. Que pensamento,
Que peito, aura divina, a ti resiste?
Tu inspiraste no eremita alento,
E nos heroes suas vozes imprimiste;
Nos corações o innato sentimento
Da ambição e das honras comprimiste,
Tanto que os principaes com gesto ledo
Guelfo e Guilherme acclamam Godofredo.

Os mais o approvam. Cabe-lhe o commando
E o conselho; impor leis á sua vontade
A todos que se forem sujeitando,
E escolher guerra e paz em liberdade.
Os d'antes seus parceiros do seu mando
Se submettam agora á auctoridade.
Isto feito, voando corre a fama,
E pela voz dos homens se derrama.

Godofredo aos soldados apparece,
Os quaes o julgam digno do alto posto;
As saudações que a multidão lhe tece
E o applauso aceita placido e composto.
Depois que tantas mostras agradece
D'obediencia e amor com meigo rosto,
Manda que, mal o dia nado seja,
O exercito formado em campo veja.

Já o sol no oriente resplendia
Bello, como jamais nascido tinha,
Quando co'o despontar do novo dia
Sob os pendões o exercito caminha,
E na gala em que todo reluzia
Em largo plaino se desdobra em linha
Perante o chefe, que passar em frente
Cavalleiros, peões vê claramente.

Memoria, tu dos annos inimiga,
Das coisas fiel guarda e despenseira,
Presta-me auxilio porque os nomes diga
Dos cabos, e cada hoste aventureira.
Sôe e resplenda a sua fama antiga
Que o tempo escureceu; d'esta maneira
Dos teus thesouros minha voz ornada
Será sempre dos sec'los escutada.

Primeiro os francos vem; d'antes marcharam
Sob o irmão do seu rei, Hugo chamado.
A bella ilha de França estes deixaram,
Grande paiz de quatro rios cercado.
Agora, após que os céos Hugo levaram,
Marcha o pendão dos lizes commandado
Pela voz de Clotario, chefe egregio,
A que sómente falta o nome regio.

São mil de pesadissima armadura.
Seguem-os outros tantos cavalleiros,
No parecer, nas armas, na bravura,
E n'arte parecidos c'os primeiros;
Normandos são; Roberto d'elles cura,
Principe seu; após estes guerreiros
Adhemar e Guilherme se apresentam,
E as bandeiras da cruz altas ostentam.

Ambos elles, que outr'ora já serviram
Os divinos mysterios piedosos,
Sob o elmo os cabellos comprimiram,
E exercitam as armas animosos.
Quatrocentos soldados acudiram
Ao primeiro de Orange porfiosos;
Numero egual de Puy o outro guia
Á guerra, eguaes tambem na valentia.

Com os seus bolonhezes depois vêde
Balduino, e os do irmão traz juntamente,
Que, capitão dos capitães, lhe cede
Godofredo mandar a sua gente.
Logo o conde de Chartres lhe succede,
No conselho e valor preeminente;
Quatrocentos conduz, e triplicados
Traz comsigo Balduino bem montados.

Perto Guelfo lhe fica; a f'licidade
Anda n'elle c'o o merito casada.
Da casa d'Este a sua dignidade
Por longa ordem de avós vem derivada;
Mas, germano de nome e propriedade,
Na casa Guelfa a sua anda entroncada.
Impera no Istro, na Carintia e Rheno,
Dos Suevos e Retios já terreno.

A isto que da mãe herdara outr'ora
Com gloria uniu porção de terra grande,
Donde traz gente, a qual sem medo fora
Contra a morte, comtanto que elle o mande;
Gente amiga da meza e folgadora,
Que faz que junto ao lar o frio se abrande.
De cinco mil um terço apenas resta,
Escapado do persa á mão infesta.

Vinha depois a branca e loura raça,
Que do alemão, do franco e oceano em meio
Jaz, onde o Meuse e o Rheno altivo passa,
Terreno de animaes e fructos cheio;
E os insulanos seus, que ao mar, que ameaça
As terras engulir, poem duro freio,
Ao mar, que não somente as náos afunda,
Mas os reinos tambem assola e inunda.

Todos juntos dão mil; marcham unidos
A um outro Roberto sujeitados.
Por Guilherme, seu principe, regidos
Da Britannia em mais força eis os soldados.
São os frecheiros Anglos; vem seguidos
Estes dos que, do pólo avizinhados,
Das suas grandes selvas feros manda
A do mundo apartada ultima Irlanda.

Tancredo após caminha; no denodo,
A Rinaldo não ser, ninguem o eguala,
Nem no semblante, nem no brando modo,
Nem na alma altiva, onde o temor não cala;
Se alguma leve nodoa offusca o todo
De tantos dotes é que amor o abala,
Amor na guerra nado e visto apenas,
Que se nutre e se augmenta em suas penas.

No dia para sempre glorioso
Em que os persas o franco derrotára,
Quando Tancredo emfim, victorioso,
Os fugitivos de seguir cansára,
Conta-se que indo em busca de repouso,
E d'agua, porque a sede mitigára,
Fôra a uma fonte dar, cuja frescura
O chamava, entre assentos de verdura.

Ali eis de improviso uma donzella,
Excepto a fronte, lhe apparece armada;
Era infiel, e tambem fôra aquella
Fonte buscar com sede e fatigada.
Vio-a o joven, pasmou de a ver tão bella,
E ficou-lhe a alma logo incendiada.
Oh! maravilha! o amor que mal nascera
Já grande vôa, já armado impera.

Pôz a virgem o elmo, e, se não fosse
Gente chegar então, certo o atacava.
Do vencido suberba retirou-se,
Que só força maior a afugentava;
Porem sua linda imagem conservou-se
No peito de Tancredo, e viva estava.
Até sempre o logar e o modo guarda
Em que a viu, o que faz que sempre arda.

Quem entende de amor ler poderia
No rosto seu: sem esperança este ama;
Tão triste baixa os olhos, e a agonia
Do coração ferido em ais derrama.
De cavallo oitocentos manda e guia,
Naturaes da Campania, a qual a fama
Diz flor da natureza, e dos fagueiros
Que namora o tyrreno altos oiteiros.

Após estes da Grecia os filhos vinham;
Duzentos são de ferro mal providos.
A retorcida espada a um lado tinham,
Ás costas arco e aljava suspendidos.
Em corceis velocissimos caminham,
Parcos e na carreira não vencidos;
Promptos no ataque e ao retirar, pelejam
Errantes, inda que em fugida sejam.

Chama-se o chefe que os conduz Latino.
Infamia, ó Grecia! o unico foi este
Que ousou seguir do exercito o destino,
E entrar na guerra que tão perto houveste!
E tu em ocio opprobrioso, e indino,
Qual mera espectadora, te esqueceste!
Se vil escrava és pois que te lamentas?
Castigo e não ultrage experimentas.

Pela ordem desfilam derradeiros
Os que têm mais valor, esforço e arte,
Os invictos heroes aventureiros,
D'Asia inteira terror, raios de Marte.
Calem-se Minos, Argos, e os guerreiros
De Arthur, com quem a fabula reparte
Os sonhos seus, e a velha sua memoria.
Mas quem de dirigil-os tem a gloria?

Dudo de Consa, ao qual por ter outr'ora
Mais visto, e haver da edade a experiencia,
Cederam todos, que difficil fôra
Entre elles encontrar-se preeminencia.
Já de annos carregado muito embora,
Desmente só nas cans a adolescencia;
Mostra claros signaes de mil feridas
Com honra nos combates recebidas.

Eustachio entre os primeiros por seu brilho,
E por irmão de Godofredo sôa,
E o do rei da Noruega illustre filho,
Gernando, que mil titulos pregôa.
Rogerio e Engerlan seguem o trilho
Da gloria, que entre os grandes os corôa.
São celebrados entre os mais galhardos
Um Gentonio, um Rambaldo, dois Gerardos.

Tambem louvado é Ubaldo e Rosamundo,
Que herdar a caza de Lancastre deve;
Nem levará o esquecimento fundo
Obizzo, que em Toscana o berço teve;
Nem Sforza, Achilles, Palamede, ao mundo
Caro grupo de irmãos; nem tambem leve
Othon que o infante nú, meio tragado
Pela serpe, ha no escudo conquistado.

Nem Guasco, nem Rinaldo suma o olvido,
Nem um e outro Guido, ambos famosos,
Nem Everard ou Gernier subido,
Pois que tal não merecem valerosos.
Onde, cansado já, sou conduzido
Por vós, Gildipe, Odoardo, almos esposos?
Na guerra compartis a mesma sorte;
Não vos desunirá a propria morte.

Tudo comtigo, amor, tudo se aprende;
Por ti ella se fez forte e atrevida;
Vae sempre junto ao caro lado, e pende
De um só fado uma vida e outra vida.
Golpe que a um offende ambos offende;
É indivisa a dor, uma a ferida.
Se um ferem, soffre o outro crú tormento;
Se um verte o sangue, verte o outro o alento.

Mas o joven Rinaldo concentrava
As vistas, excedendo inda os maiores;
Docemente suberbo sublimava
A fronte regia ornada de fulgores;
Ante a edade e a esperança caminhava;
Nasciam n'elle a par fructos e flores;
Se armado, como Marte, resplandece,
Se descobre o semblante, amor parece.

Junto ás margens do Adige este nascera
Do potente Bertoldo e de Sofia,
De Sofia a formosa; e apenas era
No berço, já comsigo o recolhia
Mathilde, a cujo lado elle aprendera
De rei o officio, e com a qual vivia
Quando veio incitar-lhe a tenra mente
A trombeta da guerra no oriente.

Então (aos quinze annos não chegara)
Fugiu só, percorreu vias, montanhas,
Passou o mar Egeu, a Grecia clara,
E veio ás regiões do campo estranhas.
Oh! nobre fuga que a memoria honrara
Do que imitar pudera acções tamanhas!
De estar na guerra já tres annos conta,
E apenas prematuro o buço aponta.

Seguem-se aos cavalleiros os infantes.
Commanda-os de Tolosa o soberano,
Raymundo, o qual conduz os habitantes
D'entre Garona, Pyrinéus e oceano.
São quatro mil armados e prestantes,
Dextros e affeitos ao mavorcio damno;
É bôa a gente, o chefe sabio e forte;
Nem outro achar poderam d'esta sorte.

Com Estevão d'Amboise tambem vinham
Cinco mil de Blois e Tours trazidos,
Os quaes nem força, nem constancia tinham,
Embora fossem de aço bem vestidos;
Que ao paiz deleitoso se avizinham
Na condição seus filhos parecidos.
Impetuosos apenas acommettem,
Em pouco tempo o seu furor remettem.

Alcasto o segue; traz no rosto a ameaça,
Bem como em Thebas Capanêo outr'ora;
Manda seis mil helvecios, fera raça,
Que desde os Alpes vem, nos quaes demora.
Por que mais digno o arado então se faça
Em melhor uso convertido fôra,
E essa mão, que pasceu grosseiro armento,
Tem de arrostar os reis o atrevimento.

Vêde perto ondear o alto estandarte
Co'o diadema de Pedro e as santas chaves.
Camillo, sete mil filhos de Marte
Levas, peões brilhantes, de armas graves,
Ledo por teres em tal obra parte,
Por que de teus avós da espada traves
Com honra, e mostres que á nação latina
Nada falta, ou somente disciplina.

Já tinha todo o exercito passado,
Que foi esta a cohorte derradeira,
Quando aos maiores chefes, que ha chamado,
Godofredo assim diz d'esta maneira:
Amanhã deve ser alevantado
O campo, mal raiar a luz primeira,
E nossas marchas tanto se accelerem
Que cheguemos a Sião sem que o esperem.

Ide; aprestae-vos pois para a viagem,
Para a peleja e para o vencimento.
De varão tão prudente esta linguagem
Em todos move ardor e atrevimento.
Impacientes e cheios de coragem
Esp'rando estão do dia o nascimento;
Porém o previdente Godofredo,
Sem o dar a saber, sente algum medo,

Porque certos annuncios recebera
De como o rei do Egypto já marchava
Sobre a munida Gaza, por que dera
Ajuda ao reino syrio; nem julgava
Que emquanto ardia em torno a guerra fera
Quedasse o que entre as armas sempre andava.
Por isso, e por que mais seguro fique,
Assim falla ao seu nuncio, ao fido Henrique:

Já em ligeiro barco necessito
Que tu passes depressa á grega terra.
Ahi chegar devia (por escrito
O sei de quem avisos nunca erra)
Um mancebo real d'animo invicto,
Que nos vem ajudar na santa guerra;
Da Dinamarca é o principe, e comsigo
Traz a gente que o pólo ha por abrigo.

Mas porque o grego imperador arteiro
Talvez o mova da encetada empreza,
Fazendo que atraz volte, ou que ao primeiro
Intento seu transforme a natureza,
Tu, meu nuncio fiel, e conselheiro,
Em meu nome lhe mostra com clareza
O seu int'resse, e o nosso, e que se apresse,
Que tal valor demora não padece.

Mas não venhas com elle; o promettido
Soccorro com que as nossas esperanças
Se têm por tantas vezes illudido
Vê se do grego imperador alcanças;
Soccorro que tambem nos é devido,
Além d'isto, por firmes allianças.
Diz, e as crenças lhe dá; já se despede
Henrique. Ao somno Godofredo cede.

Na seguinte manhã mal o planeta,
Pae da luz, resplandece no oriente,
Sôa o rouco tambor, sôa a trombeta,
Chamando á marcha o exercito contente.
Mais grato que o trovão quando é propheta
De desejada chuva em tempo ardente,
É a voz dos guerreiros instrumentos,
Que a alegria transporta aos pensamentos.

Todos logo, em desejo immenso ardendo,
Vestem a usada, lucida armadura.
Já são prestes; já vae cada um correndo,
E reunir-se ao chefe seu procura.
Desfraldam-se as bandeiras; já horrendo
Encobre todo o exercito a planura;
Sobre o pendão imperial ovante
Tremúla a cruz de Christo radiante.

Emtanto o sol pelo celeste espaço
Seguindo, para o alto claro ascende,
Fere das armas o fulgente aço,
E, scintillando incerto, a vista offende.
O ar, ha pouco inda de luz escasso,
Agora em chammas, qual incendio, esplende;
Ao rinchar dos corceis unido sôa
Dos ferros o tinir, e o campo atrôa.

O capitão, que os seus das embuscadas
Dos inimigos segurar queria,
A descobrir as terras ignoradas
Muitos montados e á ligeira envia.
Para livres ficarem as estradas
Adiante mandado já havia
Os gastadores, a que abrir tocava
Os passos, e aplanar a terra brava.

Não ha gente pagan, soberbo monte,
Muralha que defenda larga fossa,
Bosque ou rio caudal que se lhe affronte,
E no ousado marchar sustal-o possa.
Tal dos rios o rei, quando ergue a fronte,
E furibundo se levanta e engrossa,
Corre por sobre as margens caudaloso,
Levando tudo após impetuoso.

Só de Tripoli o rei, que em bem guardados
Muros thesouros, gente e armas encerra,
Tardar podera os francos arrojados,
Mas provocal-os não ousou á guerra,
Antes, com dons, e nuncios aplacados
Voluntario os recebe em sua terra,
Á lei de Godofredo se sujeita,
E humilde as condicções de paz acceita.

Aqui do monte Seir que alto apparece
Da parte oriental junto á cidade,
De fieis grande turba aos plainos dece,
Onde vem misturado o sexo e edade;
Dadivas traz que ao vencedor offrece;
De o ver, de lhe fallar em liberdade
Folgam, pasmam das armas que trazia,
E lhe dão para a marcha fiel guia.

Proximo á costa o capitão experto
Vae sempre o forte exercito levando,
Porque bem sabe que navega perto
Amiga armada a terra costeando,
Da qual poderá ter soccorro certo,
Pois guardam para ella o trigo brando
As ilhas do mar grego, e Scio pedrosa,
E Creta dam-lhe a vinha saborosa.

Geme o vizinho mar ao duro peso
Dos grandes lenhos, e dos mais pequenos,
Tanto que navegar fica defezo
No mar Mediterraneo aos sarracenos;
Que, esquecendo, sem ser por menosprezo,
Os que vieram dos confins amenos
De Genova e Veneza, a França, a Hollanda,
A Inglaterra e a Cicilia muitos manda.

Todos juntos navegam, reunidos
N'uma vontade só por firmes laços,
Para que ajudem fartos, e providos,
Do exercito os menores embaraços.
Mas vendo este que estam desguarnecidos,
E em liberdade da fronteira os passos,
Ao sitio velozmente se encaminha
Onde Christo na cruz morrido tinha.

Precedendo-o se apressa a voz da fama,
Da verdade e do falso portadora,
Que o campo vencedor se uniu proclama,
Que marcha, e nada a marcha lhe demora.
Diz quantas hostes são, como se chama
Cada um dos chefes; tudo commemora;
Narra terrivel seu valor na guerra,
E os habitantes de Sião aterra.

É talvez esperar o mal futuro
Peior do que soffrer o mal presente.
Cada um ao som mais leve, mal seguro,
Receia, é todo ouvidos, todo mente.
Na cidade e no campo alem do muro
Rumor confuso se ouve em som gemente:
Emtanto vendo o rei proximo o damno,
Volve na mente pensamento insano.

Este rei, cujo nome é Aladino,
Ha pouco no poder, vive em cuidado;
Fôra d'antes cruel; mas o ferino
Genio a edade lhe tinha mitigado.
Agora ouvindo o intento do Latino
De lhe a séde tomar do seu estado,
Une ao velho temor nova suspeita,
E a ella o inimigo, e os seus sujeita;

Pois dentro das muralhas povo habita
Que na religião tem differença:
Em Christo a parte minima acredita,
De Mahomet a grande segue a crença.
Mas depois que em Sião elle exercita
O mando, e n'ella vive, com offensa
Da justiça, os de Christo carregára
De tributos, e os seus alliviára.

Esta ideia a crueza que é nativa
Na su'alma, e que a edade adormecera,
De tal sorte, irritando, acorda e aviva,
Que beber mais que sangue inda quizera.
Tal de novo feroz na calma estiva
Fica a serpe, que o gelo entorpecera,
Tal leão amansado cobra a furia
Que lhe é innata, se recebe injuria.

N'essa turba infiel vejo, dizia,
Certos signaes do seu contentamento;
Só ella tem nos olhos a alegria,
E folga no commum padecimento;
Talvez algum projecto agora cria
Para a morte me dar a seu contento,
Ou por que as portas franquear consiga
Á gente sua egual, minha inimiga.

Oh! não; serão por mim contrariados;
Hei de contel-os com seguro freio;
Morrerão com supplicios requintados;
Os filhos matarei das mães no seio.
Casas, templos serão incendiados,
Pyra digna dos mortos, e no meio
Do tum'lo do seu Deus vão e embusteiro
Os sacerdotes queimarei primeiro.

Assim no peito seu duro imagina,
Posto não siga o barbaro conceito;
Se os miseros comtudo não fulmina,
Por piedade não é, mas contrafeito,
Que, se o temor a ser cruel o anima,
Mais poderoso medo o tem sujeito:
Fechar do accordo a via d'esta sorte,
E irritar do contrario o braço forte.

Modera pois o impio a raiva insana,
Antes, em outra parte a descarrega;
As rusticas moradas fero aplana,
A terra cultivada ao fogo entrega.
Ao christão, em sua ira deshumana,
Nenhum abrigo deixa; a furia o cega;
Dos regatos, da fonte fresca e pura
Com veneno lethal a agua mistura.

Além de ser tyranno, acautelado,
De Sião reforçar se não esquece;
Por tres partes fortissima, do lado
Do Norte só mais fraca se offerece,
Porém, mal das suspeitas avisado,
Logo por essa parte a fortalece,
E n'ella acolhe á pressa grande e varia
Turba de gente sua e mercenaria.

CANTO II

Emquanto se apercebe para a guerra
O crú monarcha, ante elle se apresenta
Um dia Ismeno, o qual de sob a terra
Póde os mortos tirar, e os aviventa;
Ismeno, cujo carme tudo aterra,
Pois o proprio Plutão no Orco amedrenta,
E os seus demonios a servir obriga
Como escravos, que prende ou que desliga.

Este que foi christão Mafoma adora,
Mas, os ritos primeiros conservando,
A antiga e nova lei, que ambas ignora,
Muita vez junta em uso impio e nefando.
Das fundas espeluncas, onde mora,
As artes suas longe praticando
Do vulgo, vem agora no perigo
Commum, de cruel rei pessimo amigo.

Senhor, diz elle, sem demora chega
O temeroso exercito invencido;
Mas, se o que nos convem fazer se emprega,
Do mundo e céos o forte é soccorrido.
Que tudo tu proveste ninguem nega;
De chefe e rei o officio has preenchido;
Façam todos o mesmo, e a gente impura
Esta terra haverá por sepultura.

Eu nos p'rigos serei teu companheiro,
Pois venho nos trabalhos ajudar-te.
No que a edade servir de conselheiro,
Ou a magia, em mim pódes fiar-te.
Os anjos que do céo foram primeiro
Até na minha obra terão parte.
Donde pretendo começar o encanto,
E de que modo te direi emtanto.

No templo dos christãos occulto fica
Um subterraneo altar, e ahi guardado
O simulacro jaz da que publíca
Deusa e mãe do seu Deus o vulgo errado.
Brilhando sempre está lampada rica
Perante elle; da vista é recatado
Por um véo; ao redor pendem mil votos
Que lhe offertaram credulos devotos.

Deve esta imagem ser d'ahi tirada
Por tua propria mão, por que a transporte
Á tua alta mesquita consagrada;
Depois encantos formarei, de sorte
Que o tempo que estiver assim guardada
Ha de ser da cidade a guarda forte,
E inexpugnavel tornar o teu imperio,
Seguro por tão novo e gran mysterio.

Assim o persuadiu; impaciente
Corre á caza de Deus o rei tyranno;
Os sacerdotes fórça, irreverente
Lhes rouba o simulacro soberano,
E ao templo aonde os céos continuamente
Com suas preces irrita o leva o insano,
Em o qual contra a Mãe de Deus divina
O magico em blasphemias desatina.

Mas quando appareceu o novo dia
Aquelle que guardava a casa impura
A imagem não achou onde existia
Antes, e em toda a parte em vão procura.
Logo previne o rei, que, mal o ouvia,
Contra elle se levanta em raiva dura,
E imagina que algum christão houvesse
O roubo commettido, e o escondesse.

Ou foi de mão fiel obra piedosa,
Ou por que n'isto o céo se demonstrára,
Não querendo que a sua gloriosa
Rainha tão vil tecto acobertára.
Incerta a fama é se milagrosa
Obra ou humano artificio o praticára;
Mas a piedade diz que o zelo ceda,
E tamanho milagre ao céo conceda.

Manda o rei procurar por toda a parte
Casas, templos; a quem o furto esconde
Ou o réo grandes penas já reparte,
E premios a quem d'elles lhe responde.
Tambem emprega Ismeno a sua arte,
Mas nada aos seus esforços corresponde,
Que lhe escondeu a celestial vontade
A obra, ou sua fosse ou da piedade.

Depois que o rei cruel viu occultar-se
O crime que aos christãos só imputava
Sentiu o odio seu incendiar-se,
E de colera inteiro se abrasava.
Todo o respeito perde, que vingar-se,
Custasse o que custasse, desejava.
Morra, dizia, morra a infiel gente,
E o roubador com ella juntamente.

O innocente pereça, o justo acabe,
Mas não se salve o réo, Porém que digo?
Todos culpados são; quem é que sabe
De um que do nosso nome seja amigo?
Se d'este crime a algum culpa não cabe,
Bastem passados erros ao castigo.
Sus! vassallos fieis, a fogo e ferro
Vingae-me, e castigae o commum erro.

Assim ás turbas diz. Eis se propala
A fama entre os fieis em continente.
O coração de todos já se abala
Com o temor da morte que é presente.
De fugir ou de supplicas quem falla?
Escuzar-se quem ha que o ouse ou tente?
Mas á timida gente d'onde tinha
Menos esp'rança a salvação lhe vinha.

Havia entre elles uma virgem pura
De magnanimo e nobre pensamento;
Da belleza, que é muita, apenas cura
No que serve á virtude de ornamento,
E o que mais lhe realça a formosura
É esconder o seu merecimento
No retiro, onde foge dos louvores,
E d'aquelles que faz morrer de amores.

Mas nada ha que velar possa a belleza
Que é digna de ser vista e contemplada;
Não o consente amor, fôra crueza,
Antes a faz de um joven desejada.
Amor, tu contra quem não ha defesa,
Cego e Argos, co'a vista assim vendada,
Da virgindade no guardado asylo
Fizeste-o penetrar para feril-o.

Elle Olindo, Sofronia ella se chama;
Da mesma patria e fé qualquer procede;
Se ella é formosa, elle é modesto; ama,
Quer muito, pouco espera e nada pede;
Nem sabe ou dizer ousa o amor que o inflamma;
Ella ou desprezo apenas lhe concede,
Ou não o vê, ou mesmo o não conhece.
Por esta sorte o misero padece.

Ouve-se emtanto a nova, e que se apresta
Em damno dos christãos atroz ruina,
Ella tão generosa quanto honesta,
O modo de livral-os imagina.
Se a coragem tal feito lh'admoesta,
Ao contrario o pudor virgineo a inclina;
Vence a coragem, antes, vergonhosa
Se faz, e envergonhada é animosa.

Baixa a vista, de um véo coberto o rosto,
Só, atravez do povo se encaminha;
Nem quanto é bello occulto nem exposto,
Com modestas maneiras nobre vinha.
Do desalinho e adorno era um composto;
Obra d'acaso ou d'arte? se amor tinha
Feito co'a natureza e o céo propicio
D'aquelle desadorno um artificio!

Sem na turba attentar que a nota e admira
Ella passa e ao monarcha se apresenta;
Nem porque o veja irado se retira,
Antes o fero aspecto audaz sustenta.
Senhor, eil-a começa, a tua ira
Acalma, e o povo teu enfrear tenta;
Venho o réo que procuras amostrar-te,
E quem te ha offendido prezo dar-te.

Vendo o animo honesto, a inesperada
Luz de tanta belleza altiva e pura,
O rei, quasi que a alma subjugada,
Deu á colera e ao rosto compostura.
Amára-a até, se a condição mudada
Fosse n'elle, ou mais branda a formosura;
Porém contrarios corações não prende
Amor, que de branduras só entende.

Prazer, inclinação e pasmo apenas,
Se não amor, moveram o tyranno.
Narra tudo, lhe diz, verás serenas
As iras contra os teus, não temas damno.
E ella respondendo: pois o ordenas,
Fui eu que executei o furto e engano;
Eu a imagem tirei; eis justamente
Quem procuras, a mim pune somente.

D'esta arte, o crime publico attraindo
Sobre si, ao castigo se offerece.
Oh! magnanima acção que faz mentindo!
Que verdade com ella se parece?
O barbaro suspenso, tal ouvindo,
Na costumada ira se enfraquece;
Porém cobrando-a logo, o rosto fero,
Quem teu cumplice foi que digas quero.

Não quiz da minha gloria que fruisse
Ninguem a menor parte; eu fui a auctora;
Cumplice não busquei que me assistisse,
Cumplice fui eu só e executora.
Pois caia toda em ti, elle lhe disse,
A minha ira tremenda e vingadora.
E ella: justo é, e assim convinha
Que fosse a pena, como a honra, minha.

A isto o crú tyranno enraivecido
Lhe pergunta: onde a imagem foi occulta?
Tudo ficou a cinzas reduzido
Responde ella, e de tal minh'alma exulta.
Dizer ao menos não será ouvido
Jamais que o infiel blasphemo a insulta.
Se o furto buscas ver nunca has de vel-o,
Senhor, porém o réo podes prendel-o;

Posto não haja aqui nem réo nem crime,
Pois justo é recobrar o que é tirado.
Tal ouvindo na voz a ameaça exprime
O tyranno pelo odio arrebatado.
Que esp'rança de perdão ha que te anime,
Alma pura, pensar alevantado?
Em vão amor a colera lhe apara,
Como em escudo, na belleza rara.

É preza a virgem pudica e formosa,
Que a manda o rei nas chammas dar a vida;
Rasga-lhe o manto e o véo mão impiedosa,
D'aspras cordas nos braços é cingida.
Soffre ella muda, e a alma, não medrosa,
Sente-se alguma cousa commovida;
Tinge-se o rosto seu de tal alvura,
Que não é pallidez, porém candura.

Divulga-se a noticia; o povo em massa
Vem apressado, e Olindo juntamente.
O réo incerto é, certa a desgraça;
Lembra-lhe a amada, e corre diligente.
Mal que no meio a vê da populaça
De condemnada em acto, ella innocente,
E prompto o algoz para o mister infando,
Vôa, a turba apinhada atropellando,

E brada ao rei: não é a criminosa
Essa, se acaso o diz é por loucura:
Nem pensou em acção tão perigosa;
Como a faria a debil formosura?
Como illudiu os guardas ardilosa?
Como poude tirar a imagem pura?
Se o fez que o narre. Foi por mim roubada.
Ah! tanto sem que amasse ella era amada!

Fui eu, diz elle após, continuando,
Que uma noite subi té onde acceita
Vossa mesquita a luz, e, praticando
Caminho, n'ella entrei por via estreita.
Estam-me a honra e a morte reclamando,
Minha alma o seu castigo não engeita;
Usurpar-m'o não queiram. Por mim chama
A prizão, para mim se eleva a flamma.

Ergue Sofronia a vista e humanamente
Com olhos de piedade o considera.
Que vens aqui buscar, pobre innocente?
Que conselho ou furor te desespera?
Acaso crês não bastar eu somente
Para arrostar de um peito a raiva fera?
Ainda um coração possúo forte
Para soffrer sem companhia a morte.

Assim falla ao amante sem que mude
Aquelle o pensamento ou se desdiga;
Oh! famoso espectaculo! a virtude
E o amor um proposito afadiga!
Do vencedor o premio é o ataúde!
A vida do vencido é a inimiga!
Mas quanto mais constantes porfiavam,
Tanto o barbaro rei mais irritavam.

Julgando este da pena co'o desprezo
Ser dos réos humilhado e escarnecido,
Ambos se creiam, diz, um e outro prezo
Seja, e o premio recebam merecido.
Aos algozes acena, e o indefezo
Mancebo é por algemas opprimido;
De costas a um poste ambos atados
Ficam, das mutuas vistas resguardados.

Já a fogueira preparada estava,
E se incitava a chamma adormecida,
Quando por modo tal se lamentava
Olindo á que com elle estava unida:
É este o laço pois que eu esperava
Que juntos nos ligasse em doce vida?
É este o fogo puro dos amores
Que eu cria que nos desse eguaes ardores!

Outro fogo, outros laços nos prepara,
Não quaes dizia amor, a iniqua sorte;
Tanto nos separou d'antes avara!
Tanto, cruel, nos casa hoje na morte!
Ao menos, já que te condemna, o cára,
A morrer, doce me é ser teu consorte,
Se não no leito, na fogueira; o fado
Teu só chóro, feliz morro a teu lado.

Oh! fora a morte vezes mil ditosa,
E o meu martyrio por fortuna houvera,
Se, unidos peito a peito, a jubilosa
Alma nos labios teus deixar podera!
E se, morrendo juntos, ó formosa,
O teu suspiro extremo recebera!
Tal chorando fallou, e respondendo
Ella o aconselha e meiga vae dizendo:

Outro pensar, amigo, outros lamentos
Á occasião mais elevados pede.
Põe nos peccados teus os pensamentos,
E na paga que Deus aos bons concede;
Soffre em seu nome, e doces os tormentos
Serão; aspira á sempiterna séde;
Olha o céo como é bello, o sol que é vida,
Que nos consola e á gloria nos convida.

Nos olhos do infiel borbulha o pranto,
Chora o christão, porém a voz comprime;
Um desusado, e não sabido encanto
No peito do cruel brandura imprime.
Conhece-o elle, e se perturba tanto,
Que se aparta por que não desanime
Su'alma; só, por todos pranteada,
Sofronia tu não choras confiada.

Emtanto de ar altivo eis um guerreiro
(Tal parecia) ao sitio se approxima;
No vestuario e armas estrangeiro,
Mostra que chega de distante clima.
Chama os olhos o tigre carniceiro
Que do elmo burnido traz em cima;
Por onde ser Clorinda imaginavam,
Pois é sua divisa, e não erravam.

Esta o engenho e os feminis cuidados
Desprezou desde a tenra mocidade;
Soberba, dar os dedos delicados
Á agulha e fuso creu indignidade;
Fugiu o ocio, e os lares retirados,
Que ha nas armas tambem honestidade;
Tornou o rosto seu rude e orgulhoso,
Porém a pezar d'isso inda é formoso.

Nos annos juvenis co'a nivea dextra
A domar os cavallos aprendera;
Jogára a espada, a lança, e na palestra,
E na carreira o corpo endurecera;
Depois no monte e selva, em caçar mestra,
Dos ursos e leões atraz correra;
Seguiu a guerra, e n'ella combatia
Qual fera, e ás feras homem parecia.

Agora do paiz da Persia vinha
Para que á força dos christãos resista;
Ella, que tanta vez vencido os tinha,
Contra elles de novo a lança enrista;
Porém mal que da turba se avizinha
Da morte a scena se lhe off'rece á vista.
Como a curiosidade a punge e incita,
Apressada o ginete precipita.

A multidão se aparta; ella, parando,
Mais de perto nos réos prezos attenta;
Nota a debil mulher valor mostrando,
E o forte que se queixa e se lamenta;
Chora o triste bem como a dor provando
Que de outrem compaixão experimenta;
Cala-se ella no céo toda embebida,
Qual se já d'este mundo dividida.

Clorinda se enternece, e do seu fado
Movida algumas lagrimas derrama,
Peza-lhe mais o padecer calado,
Mais que o pranto a mudez á dor a chama;
Para um homem que ali lhe estava ao lado,
Já velho, se dirige, e inteira a trama
Da historia criminosa quer lhe aponte,
E que o crime dos réos, se o têm, lh'o conte.

A tal pergunta o velho respondendo
Lhe narrou brevemente o que sabia;
Ella o ouviu, e pasmou, logo entendendo
Que em ambos elles culpa não havia.
Roubal-os pois á morte pretendendo
Quanto co'o rogo e armas poderia,
Corre depressa á chamma, e apagal-a
Faz emquanto aos algozes assim falla:

Nenhum de vós no ministerio duro
Em que está empenhado se afadigue
Até que eu falle ao rei, e já vos juro
Não temaes que por isso vos castigue.
Obedeceram prompto ao ar seguro
E regio que nada ha que não obrigue.
Depois a ver o rei d'ali caminha,
O qual achou que ao seu encontro vinha.

Eu Clorinda me chamo; nomear-me
Certo ouvido terás, senhor, e venho
Para junto comtigo aventurar-me
Do reino teu, da nossa fé no empenho.
Manda, e em qualquer empreza hei de provar-me;
Prézo as grandes, as simples não desdenho;
Se em campo aberto, ou no recinto estreito
Dos muros me quizeres, nada engeito.

Calou-se, e o rei tornou-lhe: que tão triste
Paiz, por longe da Asia e sol dourado,
Ó virgem gloriosa, acaso existe
Que não saiba o teu nome celebrado?
Hoje que á minha a tua espada uniste
Nada temo, por ella descansado;
Se exercito infinito me ajudara
Tamanha confiança não cobrara.

Já mais do que devia me parece
Que tarda Godofredo. Tu ordenas
Que eu te empregue, mas teu valor merece
Emprezas que não são d'almas pequenas.
Só condigno de ti se te offerece
O mando; será lei tudo que ordenas.
Assim dizia; emtanto ella pagava
Os louvores, e tal continuava:

Estranho julgarás, bem o prevejo,
Ser pela paga a obra precedida,
Mas a bondade tua dá-me o ensejo:
D'estes miseros réos te peço a vida.
Peço-t'o em dom, e se, qual bem eu vejo,
A culpa é incerta, a pena é immerecida;
Mas calo-me, e tambem calo os patentes
Signaes que tornam ambos innocentes.

Só direi que é geral o pensamento
Entre vós que a imagem foi roubada
Pelos christãos, pois eu não me contento
Com essa opinião, e a julgo errada.
Foi o alvitre do mago atrevimento
Contra o céo, contra a nossa lei sagrada,
Que idolo algum a nós ella consente,
Quanto mais de infiel, descrida gente.

Portanto a Mahomet a milagrosa
Obra attribúo; foi por elle feita
Por mostrar que em seus templos odiosa
Religião soffrer sempre rejeita.
Sua arte Ismeno empregue myst'riosa;
A alma a guerra tal só tem afeita;
Nós cavalleiros temos ferro e lança,
Esta é nossa arte e unica esperança.

Calou-se; e o rei, ainda que á piedade
Difficilmente e raras vezes cede,
O animo dobrou, que o persuade
A razão, e o pezo de quem pede.
Tenham vida, responde, e liberdade,
A quem o roga tudo se concede;
Ou seja por justiça, ou por clemencia
Absolvo, e dou a ambos a existencia.

Livres assim ficaram. Venturoso
Sem duvida que foi de Olindo o fado;
Desperta o peito d'ella generoso,
Por taes mostras de amor incendiado.
Vae da fogueira á boda, é feito esposo
De réo, e não de amante só amado;
Com ella quiz morrer, e não se esquiva
Sofronia a que com elle agora viva.

Mas o rei suspeitoso crê perigo
Perto haver tal virtude peregrina,
Para elle terrivel inimigo,
E a ambos deixar manda a Palestina;
Outros expelle, ou prende por castigo,
Segundo lh'aconselha a alma ferina.
Oh! como deixam tristes os filhinhos,
Os decrepitos paes, e os doces ninhos!

Dura separação! Somente áquelles
Desterra que tem força, e engenho altivo,
E deixa o sexo debil, e os imbelles
Comsigo, dos que partem penhor vivo!
Vagabundos fizeram-se alguns d'elles,
Outros (á ira o animo captivo
Mais que ao medo) rebeldes se ajuntaram
Aos Francos a Emaús mal que chegaram.

Emaús de Sião pouco é distante;
Se de uma partir de manhã clara
Por acaso moroso viajante,
Á outra ás nove horas chega, e pára.
Que nova para o exercito prestante!
Quanto os pios desejos lhe prepára!
Mas, como do zenith o sol passava,
O chefe as tendas assentar mandava.

Já eram preparadas, e, remota
Pouco do oceano, a luz ia apagar-se,
Quando com ar estranho, e veste ignota
Dois illustres barões vêem chegar-se,
Cujo aspecto pacifico denota
Virem de paz ao chefe apresentar-se.
São do gran rei do Egypto mensageiros,
E trazem muitos pagens e escudeiros.

É um Aletes que principio teve
Da plebe rude e vil no seio immundo,
E que o subir ás mores honras deve
Ao seu fallar astuto, alto e facundo,
Ao modo brando, e ao vario genio e leve,
Prompto em fingir, e no enganar profundo;
De calumnias é mestre, e d'ellas usa
De sorte que se crê que louva, e accusa.

Chama-se Argante o outro, circassiano,
Que á grande corte fora ter do Egypto;
Hoje, satrapa feito, vive ufano
Entre os maiores da milicia inscripto.
Impaciente, duro, deshumano,
Infatigavel na peleja e invicto,
Zomba de toda a crença, e no seu erro
Tem por lei e razão da espada o ferro.

Como audiencia pedissem no apozento
Onde era Godofredo ambos entraram,
E em trajo simples, e rasteiro assento
Entre os seus cavalleiros o encontraram;
Mas serve-lhe a modestia de ornamento,
Com a qual os seus dotes mais se aclaram.
A fronte apenas inclinou Argante,
Qual homem soberboso e arrogante.

Porém a mão Aletes pôz no peito,
E a cabeça e os olhos abaixando,
O saúdou humilde, com respeito
O costume dos seus n'isto imitando.
Depois principiou, em rio desfeito
De doce mel o seu fallar manando;
E porque os francos já senhores eram
Do syrio quanto disse perceberam.

Ó tu que digno o céo achou somente
De tão grandes heroes levar á gloria,
Aos quaes com forte mão, peito prudente
Reinos has dado e as palmas da victoria,
Passou o estreito herculeo e o mar fremente
A fama tua para nós notoria,
A fama tua que por todo o Egypto
Os teus feitos illustres tem descripto.

Todos o nome teu que ella levanta
Ouvem, qual maravilha não sabida;
Mas ao pasmo geral que tudo espanta
Meu rei sente a alegria reunida;
Nem receia ou inveja gloria tanta,
Antes é por sua boca repetida
Mil vezes com prazer, e sua vontade
Hoje é só procurar tua amizade.

Sim, comtigo amizade e paz deseja
Visto que o tempo azado o favorece;
O laço que vos ligue o valor seja,
Pois a diversa crença o não padece.
Mas porque ouviu que tu para a peleja
Te armaste, o que ora certo lhe parece,
Para do reino seu fóra lançares
O rei amigo, e d'elle te apossares,

Propõe, antes que mal d'ahi provenha,
Que do que has ganho já te satisfaças,
Por que a Judéa a doce paz mantenha;
E que a quanto protege mal não faças;
Firmeza em paga elle fará que tenha
Teu debil reino; se este accordo abraças,
E vos unis, quando é que o turco e o persa
Hão de a fortuna melhorar adversa?

Em pouco muitos feitos acabaste,
Acções que respeitar hão de as edades;
Fomes, ingratas marchas supportaste,
Venceste, entraste exercitos, cidades,
E as provincias longinquas aterraste
C'o a voz da fama, com que tudo invades.
Podes inda ganhar nova victoria
E terra, porém não ganhar mais gloria.

Ao teu zenith subiste; d'ora avante
Deves buscar fugir a gloria incerta,
Que só terreno alcanças, triumphante,
E mais c'rôas a gloria não te offerta;
Antes, sendo vencido, n'um instante
Perdes tudo e a ruina contas certa.
Pôr o ganho e o muito contra o pouco
E duvidoso é jogo audaz e louco.

Mas o conselho d'esses a quem peza
Que longo tempo o havido outrem conserve,
E o sempre triumphar em toda a empreza,
Junto á vontade natural que ferve,
Em os maiores peitos mais accesa,
De ter mais quem o sirva e a lei lhe observe,
Far-te-hão fugir a paz mais do que a dura
Guerra fugir outro qualquer procura.

Hão de exortar-te a proseguir na estrada
Que a teus passos o fado abriu tamanha,
A não depôr essa famosa espada,
Que a victoria feliz sempre acompanha
Té ser a lei de Mahomet prostrada,
E a Asia ermar a bellicosa sanha;
Doces conselhos são, doces enganos
Donde podem provir extremos damnos.

Mas, se a paixão os olhos te não cerra,
Nem da razão o lume te escurece,
Verás, seja qual fôr a nova guerra
Que não esp'rança, mas temor te off'rece.
A mudavel fortuna varia erra,
Ora ventura, ora desgraças tece,
E áquelles, cujo vôo foi mais alto,
Mais perto põe do precipicio o salto.

Se acaso contra ti se move o Egypto,
De armas, de ouro e conselho poderoso,
E se o turco da guerra solta o grito,
E o filho de Cassano, e o persa iroso,
Que oppões ao seu poder grande, infinito?
Que abrigo tens, ó chefe cauteloso?
Irás acaso pôr a confiança
Do grego imperador na assente alliança?

Quem dos gregos a fé acaso ignora?
Bem deves conhecel-a, que a provaste
Por vezes mil, pois sempre na traidora
Gente enganos apenas encontraste.
E ha de a vida por ti expor agora
Quem ao passar contrario exp'rimentaste?
Ha de te dar o sangue, o que a estrada
Te negou por seu reino, a todos dada?

Mas talvez a esperança tu puzeste
N'esse exercito que ora te rodeia,
E esses, que espalhados já vencestes,
Vencel-os reunidos tens na ideia.
Pois não notas a gente que perdeste
Na crúa guerra de desgraças cheia?
Não vês co'o persa e o turco unido o egypcio,
Novo inimigo para o teu exicio?

Ainda que supponhas que é teu fado
Pelo ferro jámais seres vencido,
E que tudo quanto has imaginado
Por decreto do céo vejas cumprido,
Ficarás pela fome subjugado;
Por quem és n'esse caso soccorrido?
Tira contra ella a espada, vibra a lança,
E vê se de vencel-a tens esp'rança.

A previdente mão dos habitantes
Os campos destruiu, e em forte muro
Quanto produz a terra, dias antes
De chegares aqui, pôz em seguro.
Como has de os cavalleiros, e os infantes
Sustentar? que farás em tal apuro?
Dirás que tens a armada bem provida;
Então dos ventos pende a tua vida?

Acaso tua fortuna aos ventos manda,
E suas iras, se quer, prende ou desliga?
O mar, que aos nossos ais se não abranda
Uma palavra tua tanto obriga?
Não lograremos nós por outra banda
Com o turco e o persa em forte liga
Armada congregar tal e tamanha,
Que da tua se possa oppôr á sanha?

Duplicada victoria necessitas
Para sair-te bem qualquer empreza.
N'uma derrota só desacreditas
Teu nome, ou soffres damno que mais peza;
Pois, se perdes a frota, precipitas
Os teus, que á fome entregas, triste preza,
E, se vencido és, victoriosos
Debalde são teus lenhos poderosos.

Porém se em tal estado inda preferes
Rejeitar do rei nosso a alta amizade,
Do que és, do que tens sido bem differes!
Perdôa-me se digo esta verdade.
Ah! se recomeçar a luta queres,
Mude-te o céo superno essa vontade,
Por que a Asia respire e dispa os lutos,
E tu gozes tambem da gloria os frutos.

E vós, seus companheiros nos azares,
Nos perigos, na lida e vencimento,
Não vos enganem da fortuna os ares,
Na guerra não ponhaes o pensamento,
Mas, qual nauta escapado aos grossos mares,
Que o barco recolheu livre do vento,
Deveis de amainar as soltas velas,
Nem mais ao mar vos entregardes n'ellas.

Calou-se, e o seu fallar logo seguiram
Os heroes em voz surda murmurando,
Nos seus nobres semblantes do que ouviram
Claros signaes de indignação mostrando.
O capitão por quatro vezes viram
Volver em roda a vista os seus fitando,
Té que no mensageiro que esperava
Que lhe desse a resposta os olhos crava,

E diz: brando e soberbo propuzeste
Do teu rei o recado, o qual, se ama
Os meus feitos e a mim, como expendeste,
Mercê me faz que o meu affecto inflamma.
Quanto á guerra que contra nós preveste
Do paganismo unido em firme trama,
Responderei com toda a liberdade,
Qual costumo, mas com simplicidade.

Sabe que tudo quanto supportámos
Ou sobre o mar, ou sobre a terra dura
Foi só para chegar onde chegámos,
De Christo á veneranda sepultura;
Por sua graça ganhar só nos armámos,
Livrando Sião da escravidão impura.
Para tamanho feito cremos leve
Reinos, honras perder, e a vida breve.

Não nos levaram, não, a esta empreza
Da ambição os estimulos (arrede
De nós o Eterno Padre essa vileza,
Se por acaso algum de nós lhe cede,
Nem consinta que adoce tal torpeza
Bello veneno que o viver impede);
Sua santa mão que os corações abranda
Foi só que nos moveu, e que nos manda.

Por ella entre embaraços conduzidos
Fomos, a mil perigos escapando;
Ella é que aplana os montes mais erguidos,
E que os rios caudaes secca, acenando,
Que aplaca o mar e os ventos desprendidos,
Que torna o estio fresco, o inverno brando;
É ella que entra os muros, que batalha,
Que vence armadas hostes, e as espalha.

D'ella nos vem a espr'ança e atrevimento,
E não de nossas forças já cansadas,
Nem da frota ou de todo o ajuntamento
De nações pela Grecia e franco armadas.
Tenhamos nós do céo o valimento
E sejam as mais coisas despresadas;
Quem o conhece e vê como defende,
Ou fere, outro soccorro não pretende.

Mas inda que sem elle nós fiquemos
Por culpa nossa ou por seus fins occultos,
Como alegres á terra desceremos
Onde os restos de Deus foram sepultos!
Mortos inveja aos vivos não teremos;
Os nossos corpos não serão inultos;
Nem a Asia rirá da nossa sorte,
Nem choraremos nós a nossa morte.

Emtanto que fujamos não se creia
A paz, bem como a guerra assoladora;
Ninguem do teu monarcha a alliança odeia;
Sua amizade até grata nos fora.
Mas acaso obedece-lhe a Judeia?
Por que razão tanto a defende agora?
Deixe-nos conquistar dos mais a terra,
E a sua reja ledo, e sem ter guerra.

Assim responde; e com furor ardente
A resposta d'Argante o seio parte;
Nem o occulta, mas com voz fremente
Se chega ao capitão, e diz d'est'arte:
Paz não queres, pois bem, guerra somente
Haverá entre nós, guerra vou dar-te;
Claro desejo d'ella demonstraste,
Já que as nossas propostas recusaste.

N'isto pela aba toma a veste sua,
E, apanhando-a na fórma de regaço,
Ainda mais iroso continúa,
Pintado no semblante fero ameaço:
Aqui tens n'este manto á espera tua
Guerra e paz, de uma offerta aqui te faço;
Escolhe, homem soberbo, sem tardança,
Já que no tão incerto has confiança.

Como tal altivez todos movesse,
Guerra, guerra soou em tom guerreiro;
Que ninguem aguardou que respondesse
Godofredo do Egypto ao mensageiro.
Este, soltando o manto, guerra offr'ece
Meu rei, tornou, para ella vos requeiro.
Assim fallou, e tão feroz o disse,
Qual se ao templo de Jano a porta abrisse.

Julgáreis que do manto lhe saíra
Com o louco furor discordia fera,
E que nos olhos seus arder se vira
De Alecto o rubro fogo e o de Megera.
O altivo que chamou de Deus a ira
Querendo ao céo chegar certo assim era,
Babel assim o viu a fronte alçando,
As estrellas e o sol ameaçando.

Dizei ao vosso rei que o esperamos,
E que se apresse, torna Godofredo;
A guerra que ameaça lhe aceitamos;
Se não vier, no Nilo seu bem cedo
Póde esperar-nos, que buscal-o vamos.
Com presentes depois, e gesto ledo
Os despediu; a Aletes deu brilhante
Elmo, que houve em Nicéa, triumphante.

Coube a Argante uma espada; é pedraria
E ouro o punho d'ella; tão bem feita
Que lhe excede o trabalho a alta valia;
De artifice sublime obra perfeita.
Depois que elle notado attento havia
A tempera, a riqueza e o que a enfeita,
A Godofredo disse: bem depressa
Verás teu dom como a servir começa.

Assim se despediram. Por Argante
Foi co'o seu companheiro concertado,
Que este, á primeira luz do sol radiante,
Partisse para o Egypto c'o recado.
Quanto a elle co'a noite iria adiante,
Caminho de Sião, pois escusado
Era o prestimo seu para onde ia
Aletes, e entre as armas se queria.

Assim de mensageiro em inimigo
Se torna; se faz bem ou mal não cura;
Se offende das nações o uso antigo,
Nem sequer em tal pensa n'alma dura.
Sem resposta esperar vae pelo abrigo
Da paz nocturna, e pela treva escura
Para Jerusalem impaciente.
Não menos a demora Aletes sente.

Era noite; jaziam no repouso
O vento e as ondas, mudo estava o mundo.
Os lassos animaes, e os que do undoso
Mar, e dos lagos vela em si o fundo,
E as aves e os rebanhos no gostoso
Ocio da doce paz o mais profundo,
Depois das suas lidas se entregavam
Ao somno, e das fadigas descançavam.

Mas os christãos, e o chefe não se esquecem
Dormindo, porque esperam sequiosos
Que os raios da manhã a vir comecem,
Raios ledos para elles e formosos.
Como olham para o céo e lhes parecem
Tardar, como os seus passos pressurosos
Desejam que conduza o novo dia
A Sião, onde fim a empreza havia!

CANTO III

A brisa da manhã já susurrava,
Annunciando o despontar da aurora,
A qual de ethereas rosas adornava
A fronte de ouro, onde a alegria mora,
Quando o exercito ancioso, que se armava,
Erguia a voz altisona e sonora
Prevenindo as trombetas que echoaram
Logo, e em som mais canoro se escutaram.

O sabio capitão com freio brando
O desejo dos seus secunda e guia,
Pois que de Scylla o mar sempre bramando
Com mais facilidade enfrearia,
Ou Boreas quando, os lenhos afundando,
Açoita do Apenino a penedia.
Commanda-os, e encaminha-lhes a pressa,
Sem que esta em nada a ordem lhes impeça.

Azas n'alma e nos pés cada qual sente,
Sem pela marcha dar apressurada;
Mas quando já na altura o sol ardente
Fere as campinas, eis a desejada
Jerusalem se eleva de repente,
Eil-a vista por todos, e apontada;
Eis vozes mil, que n'uma voz resôam,
Jerusalem, Jerusalem pregôam.

Assim de homens punhado audacioso
Que em busca foi de terra não sabida,
E sob ignotos céos ao duvidoso
Mar e á furia do vento expoz a vida,
Quando descobre o porto do repouso
Exultando o saúda em voz erguida,
Emquanto que um ao outro o mostra e aponta,
E já o mal soffrido em nada conta.

Ao jubilo sem par, que lhes inunda,
Vendo tal scena, docemente o peito,
Logo succede contricção profunda,
Misturada com timido respeito.
A medo alçam a vista sitibunda
Ao logar que por Christo foi eleito
Para na cruz morrer, ser sepultado,
E do tum'lo sair resuscitado.

Baixas palavras, tacito concento,
Lacrimosos suspiros, ais partidos
Exprimindo alegria e sentimento,
Se erguem n'um só murmurio confundidos.
Assim em basta selva sôa o vento
Por entre os troncos de verdor vestidos;
Assim na praia ou nos rochedos brada
Em rouco som do mar a onda irada.

Todos marcham descalços, incitados
Pelo exemplo dos pios commandantes;
Todos tiram os ouros, os brocados,
E das frontes os elmos scintillantes;
Tambem domam os peitos altanados,
E em lagrimas desfazem-se abundantes;
E cada qual, como se não chorara,
D'esta sorte se queixa em voz amara:

Meu Deus, onde o teu sangue sacrosanto
Deixou a terra de mil rios coberta,
É possivel que nem um rio de pranto
Como para memoria eu hoje verta?
Por quê, meu coração, não choras tanto
Até que em duas fontes se converta
Essa tua dureza? ah! bem mereces
Sempre chorar, se aqui não te embrandeces.

Emtanto um dos pagãos que em guarda estava
De erguida torre, e os campos descobria,
Vê denso pó que ao longe se elevava,
E ser immensa nuvem parecia.
De relampagos cheia ella marchava,
E lançar de si fogo se diria.
Logo depois distingue dos guerreiros
As armas, logo infantes, cavalleiros.

Que poeira, além vejo, eil-o que brada;
Como parece resplender, qual flamma.
Sus, erguei-vos, travae da forte espada,
Subi aos muros; o perigo chama;
Eis á vista o inimigo; e, recobrada
A voz, de novo com mais força clama:
Á pressa armae-vos, o inimigo é perto;
Vêde como é o ar de pó coberto.

Os jovens em que mora só fraqueza,
Os inermes anciãos, donas afflictas,
Inhabeis no atacar, e na defeza,
Buscam tristes o asylo das mesquitas.
Os que têm mais valor e fortaleza
Armam-se contra as hostes sempre invictas;
Quaes já correm ás portas, quaes aos muros.
O rei tudo provê, e os faz seguros;

E tendo dado as ordens se retira
Para uma torre, donde, sobranceiro
Ao campo e aos montes, facil acudira
Aos seus; á qual levar por companheiro
Quiz a formosa Herminia, a quem abrira
A côrte sua, abrigo derradeiro,
Depois que o braço dos christãos havia
Morto o pae, e tomado Antiochia.

Clorinda já dos francos se avizinha
Entretanto, e de todos vae diante;
Mas junto a porta escusa tambem tinha
Promptos os seus para ajudal-a Argante.
A guerreira os soldados encaminha,
Incitando-os co'a voz, e co'o semblante,
Hoje é o dia, diz ella, de fundarmos
A esp'rança d'Asia, e com valor brilharmos.

Emquanto assim fallava descobriu
Não distante um christão ajuntamento,
Que a depredar dos arraiaes partiu,
E voltava provido já d'armento.
Foi contra elle; o inimigo, mal o viu,
Ao encontro voou do seu intento.
Gardo é o nome do chefe, homem famoso.
Porém contra ella pouco poderoso.

Gardo ao primeiro encontro cae por terra
Perante os francos e os pagãos, que alçaram
A voz, propicio agouro para a guerra
D'ali tomando, em vão, pois se enganaram.
De perto após co'os outros ella cerra,
Fere, qual se mãos cem juntas baixaram.
Seguem-na os seus guerreiros pela estrada
Que abrira o seu valor com forte espada.

Em pouco tempo recupera a preza,
E o christão vae cedendo já vencido,
Tanto que a um outeiro, onde á defesa
Logar se apresentava offerecido,
Se acolhe; mas então bem como accesa
Rubra chamma, ou tufão enfurecido,
Em punho a lança, á voz de Godofredo,
Em soccorro co'os seus vôa Tancredo.

Com tamanha firmeza a lança enrista,
Vem com tão brava, e tão gentil presença,
Que o rei, o qual da torre logo o avista,
Ser o melhor entre os melhores pensa;
Pelo que a Herminia diz que se contrista
De o ver, e fica a palpitar, suspensa:
Qualquer d'entre os christãos, posto coberto
D'armas, tu deves conhecer de certo.

Conta-me pois quem é esse valente
De ar tão soberbo e fronte levantada.
Ella em suspiros lhe tornou somente,
A vista pelas lagrimas turvada.
Depois reteve o pranto de repente,
Porém não foi sua dor tão disfarçada,
Que a não trahisse um timido gemido,
E a rosea côr do olhar humedecido.

Emfim ao rei assim responde, e encobre
Do amor o fogo sob o véo da ira:
Se o conheço, senhor, ai de mim, pobre!
Até mesmo entre mil o distinguira!
Quantas vezes verter o sangue nobre
O vi do povo meu! que nunca o vira!
Como é crú no ferir! ah! para a chaga
Que elle faz não ha herva ou arte maga.

É o principe Tancredo. Que algum dia
Seja meu prisioneiro, mas com vida!
Como em vingar-me n'elle folgaria,
E assim ver minha dôr diminuida!
De tal sorte fallava, e ninguem cria
Poder esta resposta ser fingida.
Terminando, um suspiro, que procura
Reter embalde, co'o fallar mistura.

Entretanto Clorinda já se avança
Contra Tancredo, e a pugna se começa.
Ambos se ferem na vizeira, a lança
Partida cada qual longe arremessa.
Mas d'ella eis esvoaça a loura trança,
Que o elmo lhe tirara da cabeça
Pasmoso golpe; e, como assim ficasse,
De virgem bella patenteia a face.

Os olhos seus qual raio lampejaram
Doces na ira, o que fariam rindo!
Ó Tancredo, que idéas te turbaram?
Não vês da tua amada o rosto lindo,
Aonde os teus sentidos se abrasaram?
Não o está o teu peito repetindo?
É esta a joven que lavando a fronte
Achaste junto á solitaria fonte.

Fica de pedra o cavalleiro ao vêl-a,
(Antes, no elmo e broquel não reparara)
Cobre a cabeça, como póde, a bella,
E o ataca; elle cede, e não apara
Os temerosos golpes da donzella,
Postoque de ferir os mais não pára;
Nem paz lhe pede; espera a virgem clama,
E furiosa a dupla morte o chama.

Ferido o cavalleiro não offende,
Nem tanto os golpes evitar procura,
Como ver esses olhos, d'onde tende
Amor o arco, e olhar tal formosura;
E em si dizia: em vão sua espada pende
Sobre mim, como raio em vão fulgura,
Mas da sua belleza sou ferido
Sempre, a ella o meu peito offerecido.

Resolveu-se afinal, bem que piedade
Não espere, a lhe abrir o peito amante;
Saiba que um homem já sem liberdade
Fere, um escravo humilde e supplicante;
E diz: ó tu, que mostras crueldade,
Só contra mim, com tantos adiante,
Saiamos d'esta confusão, e á parte
Melhor commigo poderás provar-te.

Ahi verás se ao meu teu valor cede.
A guerreira, o convite logo acceito,
Sem elmo ter, magnanima o precede;
Segue-a elle turbado e contrafeito.
Já Clorinda está prompta, já despede
O golpe, que ao contrario vae direito,
Quando este: antes que a pugna comecemos,
Das condições é justo que tratemos.

Pára a dama, e Tancredo, o qual ousado
O desespero da paixão fizera:
Eil-as: meu coração seja arrancado
Por tua mão, pois da paz já desespera.
Pertence-te; se acaso é teu agrado
Que morra, voluntario a morte espera;
Pertence-te de ha muito, vem tiral-o
Do meu peito, nem eu devo evital-o.

Sem que opponha defesa t'o apresento.
Porque é que a tua espada o não traspassa?
Desejas que te ajude o braço lento?
Tirarei, se quizeres, a couraça.
Mais talvez por diante co'o lamento
Ia Tancredo, sem que branda a faça,
Mas dos seus e pagãos tropel ruidoso
Lhe veio interromper o tom queixoso.

Ou fosse medo ou manha, recuavam
Os infieis, e ante os christãos cediam.
Viu um d'estes as tranças que voavam,
E nos hombros da bella se esparziam;
E, como na sua alma só moravam
A baixeza e a maldade, que a nutriam,
Ia a feril-a, mas Tancredo brada
Ao malvado, e lhe encontra a fera espada.

Comtudo ainda vulnerada fica
Na fronte nivea, junto ao collo bello.
De purpurinas gotas se salpica,
Como de tenue orvalho, o seu cabello;
Taes brilham os rubins em obra rica
De fino ouro. Mas o heroe, ao vel-o,
Sobre o cruel em colera se lança,
Levando em punho o ferro da vingança.

Corre aquelle, e este após acceso em ira,
Nem mais rapida a setta os ares corta.
Ella Tancredo e o outro que fugira
Vê longe, mas seguil-os não lh'importa;
Antes, co'os fugitivos se retira.
Ora dos francos o furor supporta,
Ora acossa animosa, ora cedendo
Recúa, nem vencida, nem vencendo.

Assim na arena o touro perseguido
Dos cães, se a elles volve a testa armada,
Recúam todos, porém, mal fugido,
Recomeçam a empreza abandonada.
Na fuga sobre as costas leva erguido
Clorinda o escudo, e a fronte resguardada.
Tal no mourisco jogo o mouro experto
Corre, das alcanzias a coberto.

Já uns a perseguir, e outros correndo
Proximo aos altos muros se chegaram,
Quando os pagãos alçando um grito horrendo
Contra os christãos de subito voltaram,
E, grande volta, rapidos fazendo,
A retaguarda e lados lhe atacaram.
Então Argante com os seus do monte
Desce para investil-os pela fronte.

Sae á frente o feroz circassiano,
Que deseja em ferir ser o primeiro;
Logo um por terra deita deshumano,
E o cavallo acompanha o cavalleiro.
Muitos provam tambem o mesmo damno,
Antes que a lança quebre do guerreiro;
Puxa então pela espada, e, se não mata,
Postra, fere, afugenta, ou só maltrata.

Clorinda, émula sua, tira a vida
A Ardelio, ancião de espirito indomado,
Que tinha por dois filhos soccorrida
A velhice, nem mesmo assim guardado;
Pois Alcandro, o maior, grave ferida
Longe apartou do filial cuidado,
E o menor, Poliferno, que ficára
C'o o pae, salvou a custo a vida cara.

Mas Tancredo depois que não alcança
Quem seguia, por ir mais velozmente,
Para trás um instante a vista lança,
E vê que muito além foi sua gente;
Vê-a cercada, e em seu corcel avança,
A ajudal-a voando diligente.
Nem só elle em tal ponto os seus soccorre,
Mas a hoste que ao p'rigo sempre corre;

Do illustre Dudo a hoste aventureira,
Flor dos heroes, força e vigor da guerra.
D'ella Rinaldo vae na dianteira,
E veloz, como o raio, tudo aterra;
Herminia pela marcha sobranceira
Logo o conhece; e mostra que não erra
A aguia nivea em campo azul voando;
Pelo que diz ao rei, que o estava olhando:

Aquelle a palma leva aos mais famosos;
Nenhum a elle ou poucos se comparam,
Posto bem joven seja, valerosos
Assim os inimigos seis contaram,
E vel-os-hia a Syria victoriosos,
E os reinos do austro e oriente se curvaram;
Talvez até debalde o Nilo a fronte
Escondêra na longe e ignota fonte.

É seu nome Rinaldo, mais temido
Pelos muros que a machina mais dura.
Agora nota aquelle, ó rei subido,
Que de ouro e verde tem toda a armadura;
Dudo se chama, heroe esclarecido,
Chefe dos cavalleiros da ventura;
Nobre, exp'riente, sup'rior na edade,
Não soffre no valor inf'rioridade.

Gernando, irmão do rei da Noruega
É o outro de negro acobertado.
Soberba egual no mundo a ninguem cega;
Seu valor é por isto só manchado.
Ora n'aquelles dois a vista emprega,
Que se vestem de branco; é o par fallado,
Gildipe e Eduardo, almos esposos,
Na guerra e lealdade ambos famosos.

Assim fallando já no campo viam
Ir o destroço em progressivo augmento;
Que Rinaldo e Tancredo roto haviam
Dos contrarios o basto ajuntamento.
Os guerreiros de Dudo se lhe uniam,
Atacando-os com força e atrevimento;
O mesmo Argante, que Rinaldo lança
No chão, a custo levantar-se alcança.

Nem se erguera talvez, se n'esse instante
De Rinaldo o cavallo não caísse,
Pisando o pé do domno triunfante,
O que fez que ao perigo elle acudisse.
Para os muros retira-se offegante
O infiel, por que á morte assim fugisse;
Só de Argante e Clorinda a mão guerreira
Aos que os perseguem serve de barreira.

Estes, ultimos, cedem; com potente
Valor abrandam do inimigo a sanha,
Tanto que a fuga da descrida gente
Com tal ajuda segurança ganha.
Dudo prosegue na victoria ardente
E o soberbo Tigranes já apanha;
Com o corcel o encontra, e erguendo a espada,
Em terra o deita, a fronte separada.

A Algazar o que val fina couraça,
Ou elmo forte a Córban, o forçoso,
Se o ferro a nuca e as costas lhes traspassa
Até o peito e rosto, furioso?
Tambem por sua mão á morte passa
Mehemet, Amurat, e o impiedoso
Almansor; nem Argante está seguro
De escapar do christão ao braço duro.

Freme o circassiano, e, ora, parando,
Lhe mostra a frente, e o rosto ora lhe vira,
Até que emfim de subito voltando
Contra o inimigo, arrebatado de ira,
No lado a fina espada lhe enterrando,
Do corpo o grande espirito lhe tira;
Cae elle, e os olhos que já mal abria
Sente chumbar a mão da morte fria.

Abriu-os por trez vezes em procura
Da luz, e n'um dos braços levantou-se,
E trez vezes caíu, e em nevoa escura
A sua vista já debil occultou-se,
Fugiu emfim a claridade pura,
E o corpo inteiramente enregelou-se.
Com o cadaver o feroz Argante
Não se importa, porém caminha avante.

E, posto que não deixe a marcha ousada,
Para os francos voltando-se, dizia:
Eil-a tinta de sangue a propria espada
Que me deu Godofredo faz um dia;
Dizei-lhe qual por mim foi estreada;
Ha-de-lhe dar tal nova soberbia,
Vendo que o seu riquissimo presente
A riqueza no emprego não desmente.

Dizei-lhe que a melhor exp'rimental-a
Em seu corpo elle mesmo se decida,
E que, se não se apressa a vir proval-a,
Eu o irei procurar, tirar-lhe a vida.
Os christãos irritados com tal falla
Iam a pena dar-lhe merecida,
Porem co'os outros já do muro amigo
Tinha buscado o alto e certo abrigo.

De tal modo a lançar os defensores
De cima d'elle pedras começaram,
E tão innumeraveis passadores
Dos seus arcos certeiros atiraram,
Que ceder foi forçoso aos vencedores,
E na cidade os infieis entraram.
Mas Rinaldo, que erguido já se tinha,
Dos seus guerreiros em soccorro vinha.

Para Dudo vingar feroz chegava,
E dar ao matador pena severa.
O que é que vos demora aqui? bradava
Iracundo; por quê tanto se espera?
Morreu o que á victoria nos guiava,
E está inulto ainda! quem tal crêra?
Póde fragil muralha amedrontar-nos,
E em tanta indignação embaraçar-nos?

Não; fosse ella de ferro ou de diamante,
Ou mesmo impenetravel se julgasse,
Defender não podera o fero Argante
Para que aos vossos golpes escapasse.
Eia, ao assalto pois; e elle adiante
De todos vae por que o caminho trace;
Das pedras e das flechas a procella
Não lhe assusta a segura fronte bella.

Sacudindo a cabeça, alto a sublima,
Cheio de tão terrivel ardimento,
Que leva o medo até do muro acima,
E gela o coração do mais exempto.
Emquanto uns ameaça, outros anima,
Chega por moderar-lhe o ousado intento
Co'as ordens do que tinha o summo imperio
O fiel mensageiro, o bom Sigerio.

Do chefe em nome o arrojo este condemna,
Mandando-lhe que torne sem demora.
Voltae que Godofredo vol-o ordena;
É inoppurtuna a occasião agora.
Tal ouvindo Rinaldo se asserena,
Elle que instigador dos outros fora,
Porem não se refreia de tal modo,
Que o rosto encubra a colera de todo.

Sem molestado ser pelo inimigo
Retrocede o christão mal sofreado.
Nem fica ali de Dudo o corpo amigo
Dos ultimos deveres defraudado.
Nos pios braços levam-no comsigo
Os companheiros, caro peso e honrado!
Godofredo entretanto de uma altura
Vê da cidade as forças e a postura.

Em dois oiteiros deseguaes erguida
É Sião, um dos quaes do outro defronte;
Um valle a faz ao meio dividida,
Separando tambem um do outro monte;
Por trez lados difficil a subida
Ao valor se apresenta do que a affronte;
Do outro é facil; mas por isso forte
De altos muros se vê; é a parte norte.

Cisternas, onde a chuva se reserva,
Lagos e vivas fontes a cidade
Possue, mas em redor é núa d'herva
A terra, e d'agua tem necessidade;
Nem co'a sombra das calmas a preserva
Arvoredo, e lhe presta amenidade;
Só d'ali a seis milhas se levanta
Selva horrenda, que os animos espanta.

Do lado d'onde nasce a luz radiosa
Tem do Jordão feliz a gran corrente,
E do Mediterraneo na arenosa
Praia toca da banda do occidente;
Fica ao norte a Samaria, e a criminosa
Bethel, que o aureo boi adorou crente,
E Bethlem, que acolheu o grande parto,
Da banda do austro, de chuveiros farto.

Emquanto Godofredo assim notava
O paiz, a cidade, e sua defeza,
E para o campo sitio procurava,
E onde o muro haja menos fortaleza,
Herminia ao rei pagão o indigitava,
Accrescentando: aquelle que grandeza
Tanta mostra, de purpura vestido,
É Godofredo, a um rei bem parecido.

De certo este nasceu para o governo,
Pois de mandar e de reinar sabe a arte.
É chefe, e cavalleiro, e no hodierno
Duplo mister o animo reparte;
Nem um em tantos de valor superno
Mais sabio ou forte poderei mostrar-te;
Ha só Raymundo que em saber o valha,
E Rinaldo e Tancredo na batalha.

Bem o conheço, o rei lhe respondia,
E o vi, quando na côrte alta de França
Mensageiro do Egypto eu residia,
Em nobre justa manejar a lança;
E, posto que inda a barba não cobria
Sua face delicada, já esp'rança
Dava então nas palavras, no semblante
E nos feitos que iria muito ávante.

Presagio, ai! verdadeiro! diz, baixando
A vista, e após, erguendo-a mais segura:
Quem é o que a par d'elle vae andando,
E tem vermelha parte da armadura?
Como parece estal-o retratando,
Apezar de ceder-lhe na estatura!
É seu irmão Balduino, o rosto o mostra,
E mais o braço com que tudo prostra.

Agora vê Raymundo que á maneira
De quem conselhos dá vae do outro lado,
De cuja previdencia verdadeira
Tanto fallo; homem velho e exp'rimentado,
De todos o melhor na guerra arteira.
Aquelle mais além, d'elmo dourado
É Guilherme, já nobre por seu brilho,
Do monarcha bretão egregio filho.

Com elle Guelfo está, de acções de preço
Rival, grande em nobreza, e potestade;
Pelas largas espadoas o conheço,
Pelo alto peito, e pela magestade.
Mas o inimigo meu, que não esqueço,
Boemundo, cuja fera crueldade
Meu sangue destruiu, falta somente.
Busco-o na multidão inutilmente.

Tudo notado o capitão já tendo,
Desce para co'os seus ir ajuntar-se,
E pela ingreme parte conhecendo
Que em vão buscára na cidade entrar-se,
Vae na planicie o acampamento erguendo
Ante a porta do norte, e prolongar-se
Fal-o té abaixo aonde se elevava
A torre que Angular se appellidava.

D'esta maneira as tendas abrangiam
De Sião quasi um terço; que abrangêl-a
Em todo o seu circuito não podiam;
Tantas habitações havia n'ella.
Mas as vias por onde buscariam
De fóra dar-lhe ajuda e abastecel-a
Tenta o chefe impedir, e os passos manda
Igualmente occupar de uma e outra banda.

Tambem que as tendas sejam guarnecidas
De grandes fossos manda e de trincheiras,
Para dos sitiados ás sortidas,
E ás incursões de fora oppor barreiras.
Estas coisas havendo assim providas
Com arte e experiencia verdadeiras,
Vae ver de Dudo o corpo que rodêa
Lacrimosa, tristissima assembléa.

Os amigos de nobre pompa ornaram
O feretro onde o morto fora posto.
Quando entrou Godofredo se tornaram
As lagrimas em choro descomposto.
Este as suas, que d'alma lhe brotaram,
Dentro em si represou, nem calmo o rosto,
Nem perturbado, e emfim, depois que o viu
Por um pouco, estas vozes proferiu:

Por ti correr não deve o nosso pranto;
Se deixas este mundo, o céo te chama,
E aqui onde despiste o terreo manto
Fica da tua gloria eterna fama.
Qual guerreiro christão piedoso e santo
Tu viveste e morreste; em Deus, que te ama,
Pasce os olhos agora, ó feliz alma,
E da tua virtude aceita a palma.

Vive feliz, a nossa infeliz sorte,
Não a tua desgraça pranteâmos,
Pois de parte de nós tão bella e forte
Com a tua partida nos privâmos;
Mas se com isto, que nomeiam morte,
Sem o soccorro teu assim ficâmos,
De Deus entre os eleitos nos acodes;
Que nosso protector hoje ser podes.

E assim como de ti ajuda houvemos
E co'as armas mortaes nos defendeste,
Co'as do céo egualmente esp'rar devemos
Que pelejes por nós, alma celeste.
Ouve as preces que todos te fazemos,
Soccorre nossos males; seja este
O annuncio da victoria, e a ti devotos,
Vencendo, pagaremos nossos votos.

D'est'arte elle fallou. A noite escura
Já emtanto apagava a luz do dia,
E co'o somno calando a desventura
Tregoas á dor e ás lagrimas trazia.
Porém o capitão que á força dura
Sem machinas entrar Sião não cria,
Cogita onde ha madeira de que as forme,
Que estructura lhes dê, e pouco dorme.

Levantou-se co'o sol, e o saímento
Quiz elle proprio acompanhar piedoso.
Tinham composto um funeral moimento
A Dudo do cypreste o mais cheiroso,
Perto d'onde se eleva o acampamento,
Ao sopé de um outeiro; ali repouso
De uma pálmeira á sombra os seus lhe deram,
E os sacerdotes o seu canto ergueram.

De varios ramos d'ella penduradas
Armas, bandeiras em tropheo se viam,
Que ao syrio e persa em mais afortunadas
Acções tinha tomado; reluziam
A couraça e as mais armas d'elle usadas
No tronco, cujo centro revestiam.
Aqui Dudo repousa, foi escripto,
As cinzas respeitae do heroe bemdicto.

Mas Godofredo, após haver cumprida
Esta obra de dor, trabalhadores,
Quantos ha, manda á selva já sabida
Com escolta de fortes defensores,
Á selva que entre valles escondida
Conhecem muito bem os vencedores
Des que um homem da Syria lh'a mostrara.
Aqui, Sião, teu damno se prepara.

Todos se animam para crúa guerra
Fazer ao grande bosque; já cortado
O funereo cypreste cae por terra,
O pinheiro, a palmeira e o freixo ousado;
No abeto e roble o ferro o gume enterra,
E na faia e no olmeiro desposado,
Em cujo tronco ás vezes a videira
Com torto pé se enrosca prasenteira.

Quaes d'elles o carvalho e o teixo cortam,
Que vezes mil as folhas renovaram,
E que ora os duros golpes não supportam,
Postoque os ventos vezes mil domaram;
Quaes em chiantes carros já transportam
Os freixos, e altos cedros que cortaram.
Deixam ao som das armas e das vozes
A ave e a fera o ninho seu velozes.

CANTO IV

Entretanto o inimigo dos humanos
Contra os christãos os torvos olhos vira,
E, vendo-os no trabalho tão ufanos,
Com que Sião em breve succumbira,
Cogitando raivoso grandes damnos,
Os labios morde incendiado em ira,
E, como touro que ferido brama,
Entre suspiros a sua dor derrama.

Voltado pois inteiro o pensamento
Para aos fieis mover fatal ruina,
Unir seu povo (infando ajuntamento)
Dentro do regio paço determina;
Qual se fora pequeno atrevimento
Resistir á vontade alta e divina!
Louco! ao céo egualar-se! não lembrado
De como pune o braço eterno irado.

Sôa a tartarea trompa, das eternas
Sombras os moradores convocando;
Tremem as fundas, horridas cavernas;
Ao som responde o ar negro ribombando.
Não baixa assim das regiões supernas
O coruscante raio trovejando,
Nem assim abalada treme a terra,
Quando o vapor em si gravida encerra.

Ás grandes portas juntos concorrendo
Vão os deuses do abysmo em continente.
Que estranhas formas e que aspecto horrendo!
Seus olhos dizem morte e horror somente!
De animaes alguns d'elles pés havendo,
Têm de cobras c'roada humana frente,
E longa, immensa cauda, a qual enrolam
Á maneira de açoite e desenrolam.

Aqui Centauros, Górgonas verias,
Muitas Scyllas ladrando, Sphinges feras,
Pitões a sibilar, sujas Harpias,
E negras chammas vomitar Chymeras;
De ver os Poliphemos sentirias
Horror, e medo aos Geriões houveras,
E outros monstros de insolita figura,
Varios na especie, em hybrida mistura.

Divididos á esquerda e á direita,
Do cruel rei assentam-se diante;
Plutão, no meio, tem na mão, afeita
Ao mando, o grave e rude sceptro ovante;
Rocha alpestre, que o pelago respeita,
O Calpe levantado, o grande Atlante
São junto d'elle apenas baixo outeiro;
Tanto a armada cabeça ergue altaneiro.

Horrida magestade o aspecto feio
Lhe torna mais medonho e soberboso;
O olhar sanguineo, de veneno cheio,
Cometa infausto, esplende pavoroso;
Acoberta-lhe o queixo, e hirsuto seio
Longa barba, pello aspero e asqueroso,
E, á similhança de voragem funda,
Sua boca se abre de atro sangue immunda.

Como o fumo sulfureo que inflammado
Do Etna sae com fetido e estampido,
Tal exala sua boca o envenenado
Cheiro com fumo e fogo confundido.
Emquanto elle fallou jazeu calado
Cerbéro, a Hydra emmudeceu, sustido
O Cocito parou, e o abysmo infindo
Tremeu, a sua voz troar ouvindo.

Tartareos numes, cujo digno assento
No céo, onde nascestes, ser devia,
A quem comigo o gran commettimento
N'esta lançou estancia de agonía,
Bem conhecido é o nosso atrevimento,
E a tão velha suspeita, e a tyrannia
D'aquelle por quem já vencidos fomos.
E elle hoje é rei, e nós rebeldes somos!

E em vez do dia celestial e puro,
Do aureo sol e estelliferos fulgores,
Fechou-nos n'este abysmo fundo e escuro,
Sem podermos as honras ant'riores
Cobrar, e (ai! lembral-o quanto é duro!
Eis o que os males meus torna maiores)
Até o bello empyreo ha conduzido
O homem vil, de vil barro procedido.

Nem tal bastou, porém o Filho á morte
Deu por nos fazer mal; este o mysterio
Do Orco e as suas portas quebrou forte,
E altivo penetrou no nosso imperio,
Tirando as almas nossas pela sorte,
E com ellas subindo ao céo sidereo,
Onde a bandeira do vencido inferno
Desenrolou, como em escarneo eterno.

Mas porque avivo a minha dor fallando?
Quem os nossos ultrages não conhece?
Em que logar aconteceu ou quando
Que elle as suas injurias suspendesse?
Nas offensas antigas não pensando,
Lembremos a que é d'hoje e não se esquece.
Ah! não vêdes como ora o mundo inteiro
Ao seu culto chamar tenta embusteiro?

E nós na inercia os dias passaremos
Sem que brioso fogo nos accenda?
Que mais se fortaleça soffreremos
N'Asia o seu povo, e que a Judéa renda?
Crescer a sua honra deixaremos,
E que o seu nome se dilate e estenda?
Que seja em novos bronzes esculpido,
E em mais linguas e cantos repetido?

Que nossos id'los caiam derrubados?
Que á sua fé quem nos segue se converta?
Que lhe sejam os votos consagrados,
E o incenso, e o ouro, e a myrra offerta?
Que dos templos sejamos expulsados,
Onde sempre tivemos porta aberta?
Que nos falte das almas o tributo,
E habite vosso rei um ermo bruto?

Porem não; que inda em nós não se extinguiu
Esse espirito forte e brio antigo,
Que de ferro e de fogo nos cingiu
Para atacar o céo, nosso inimigo.
Se então tamanho esforço succumbiu,
Foi o valor do grande empenho amigo;
Ficou aos mais felizes a victoria,
E a nós do nosso invicto arrojo a gloria.

Mas porque vos demóro, ó companheiros
Fieis, ó meu poder e fortaleza?
Ide, opprimi os perfidos guerreiros
Emquanto não alcançam mais grandeza;
A chamma ateada suffocae ligeiros,
Se não d'ella a Judéa será presa;
Ide, e empregae em seu extremo damno
Umas vezes a força, outras o engano.

Assim se cumpra. Que uns errem dispersos
Por varias partes, outros que pereçam,
E que outros, em amor lascivo immersos,
Por um olhar, e um riso tudo esqueçam;
Travem dos ferros entre si adversos
Contra o seu capitão, nem lhe obedeçam;
Do exercito vestigio algum não fique,
O qual sua existencia testifique.

Os rebeldes nem mesmo consentiram
Que seu chefe acabasse, mas voando
Das fundas trevas para a luz saíram,
Das estrellas o brilho procurando.
Taes as procellas horridas se viram,
Ás grutas naturaes abandonando,
Muitas vezes toldar o céo, e a guerra
Sobre os mares lançar e sobre a terra.

Logo voando a partes differentes
Pela face do mundo se espalharam,
E a exercitar suas artes eminentes
Com mil modos, e enganos começaram.
Mas dize, ó musa, tu que vês presentes
Estes factos, que mal a nós chegaram,
Dize donde o primeiro mal proveiu
Aos christãos, e a maneira como veiu.

Idraote Damasco governava
E a terra em torno, magico famoso,
Que á magia de joven se entregava,
Da qual a edade o fez mais amoroso;
Comtudo tal saber não lhe deixava
Prever da guerra o termo duvidoso,
Que dos astros o aspecto o não dissera,
Nem a verdade o inferno respondera.

Pensou este (ah! pensar do homem prescripto,
Como os juizos teus são vãos e errados!)
Que os céos a destruir o sempre invicto
Exercito fiel eram voltados.
Por isso, acreditando que ha de o Egypto
Cingir os verdes louros conquistados,
Quer que tenha o seu povo na victoria
Tambem quinhão, e que desfructe a gloria.

Mas, como o valor franco em muito conta,
Temendo ser fatal o vencimento,
De abater os christãos compõe e aprompta
Varios meios no astuto pensamento,
Para que o egypcio e elle sem afronta
Juntos depois os vençam. N'este intento
Vem o anjo das trevas encontral-o,
E mais com suas artes incital-o.

Com os negros conselhos o encaminha
Para poder facilitar a empreza.
Possuia Idraote uma sobrinha,
No Oriente a primeira na belleza,
A qual nas fraudes feminis não tinha
Rival, nem na magia ou na agudeza.
É esta que elle chama, e a quem desdobra
O plano seu, para o tornar em obra.

O cára, tu que tens sob a apparencia
D'essa aurea coma, e candido semblante
Peito viril, e velha experiencia,
E em meu saber já me passaste adiante,
Volvo ideia de grande consequencia,
Que será, se me ajudas, triumphante;
A tela tece que eu te mostro urdida,
De cauto ancião executora ardida.

Vae ao campo inimigo, n'elle emprega
Quanto de amor a viva chamma apura;
Ameiga as preces e de pranto as rega,
Ás palavras suspiros, ais mistura;
Com tua dor e belleza a todos cega,
Mesmo áquelles que a alma tem mais dura,
Sob o véo da vergonha a audacia vela,
E o falso da verdade na côr bella.

Godofredo, podendo ser, captiva
Co'os doces olhos, co'o discurso brando,
De sorte que no amor e no ocio viva,
A guerra aborrecendo e transtornando.
Se o não poderes, os mais chefes priva
Da liberdade, e a sitio os vae levando,
D'onde não voltem. Mais depois se explica,
E ajunta: a patria, a fé te justifica.

Aceita a bella Armida a grande empreza,
Na sua edade e graças confiada,
E por occultas sendas, sem defesa,
Parte só, mal a noite foi chegada,
Do seu rosto esperando co'a belleza
A hoste avassallar nunca domada.
Emtanto varias causas inventaram
Do seu partir, que adrede divulgaram.

Passados poucos dias, a donzella
Chega onde era acampada a franca gente.
Surge um murmurio, vendo a face bella,
A que os olhos se volvem de repente,
Assim cometa ou não sabida estrella
Attrae as vistas quando brilha ardente.
Todos a ver concorrem quem seria
A linda peregrina, e quem a envia.

Argos, Delos e Chypre formosura
Nunca viram assim, nem ar tão nobre;
Tem de ouro a coma, e já do véo na alvura
Transluz e já de todo se descobre:
Tal, se dos céos aclara a face escura,
De sob nuvem candida que o cobre
Brilha o sol, ou, já livre d'ella, a chamma
Duplica, e os raios em redor derrama.

Em seu cabello sôlto e ondeado
Faz novas ondas zephyro brincando,
O olhar aváro fulge recatado,
Os thesouros de amor e os seus velando;
Com o marfim do rosto misturado
Vê-se o rubor das rosas vir brotando,
Mas a boca, que expira aura amorosa,
Só purpureia a pudibunda rosa.

O collo a neve núa á vista offrece,
Onde se nutre amor, e arde accendido;
Parte dos virgens seios lhe apparece,
Cobre-lhe a outra o invido vestido;
Mas, se este aos olhos penetrar empece,
O amoroso pensar entra atrevido,
Que, não contente da belleza externa,
No mais occulto ávido se interna.

Como o crystal e a agua a luz traspassa,
E nem passando-os os divide ou parte,
Assim o mais secreto audaz devassa
A mente, porque os seus anhelos farte.
Ahi ella divaga e o todo abraça
De tantas maravilhas parte a parte,
Narra-as depois ao seu desejo, e o fogo,
Em que este se abrasava, augmenta logo.

Armida rompe a turba cubiçosa,
E cada qual a exalta, louva e admira.
Ella, ao vêl-o, se alegra, esperançosa
Da victoria, mas faz que nada vira.
Emquanto pára e pede graciosa
Guia que a Godofredo a conduzira,
Sae-lhe Eustachio ao encontro, que irmão era
Do capitão que sobre os mais impera.

Qual borboleta, o chama a claridade
D'aquella formosura peregrina,
E de ver perto os olhos ha vontade
Que o peijo docemente ao chão inclina:
Vê-os, e com voraz intensidade
O fogo da paixão o abrasa e mina,
Pelo que a ella falla d'esta sorte,
Pelos annos e amor tornado forte:

Senhora, se é que um erro não commetto,
Confundindo o terreno co'o celeste,
Pois mais do que a nenhum mortal dilecto
Com súa luz serena o céo te veste,
Donde vens? de tua vinda qual o objecto?
Por que feliz acaso a nós vieste?
Explica-me quem és; que eu te conheça,
E o meu respeito ou adoração t'off'reça.

Responde ella: esse merito excessivo
Não tenho, nem me cabem taes louvores,
Senhor, mortal eu sou, e morta vivo
Para o prazer, e viva para as dores.
Em modo peregrino e fugitivo
Trazem-me aqui meus males e amargores;
Em Godofredo ponho só a esp'rança;
Tanto a sua bondade aò longe alcança.

Se alma tens, como julgo, nobre e pia
Do capitão conduze-me á presença.
Torna elle: ser-te intercessor e guia,
Como irmão seu, é justo me pertença.
Attendida será tua agonia,
Pois elle a sua graça me dispensa.
Dispõe de tudo, virgem sublimada,
Que valer o séu sceptro ou a minha espada.

Calou-se, e a conduziu onde da gente
Longe estava, entre os chefes, Godofredo.
Ella, inclinando a fronte reverente,
Perturbada ficou, e o labio quedo.
Mas o guerreiro a anima, o peijo ardente
Lhe serena, e do peito expelle o medo,
Até que os seus enganos meiga expende
Com tal doçura, que os sentidos prende.

Principe, cujo nome se remonta
Ao céo com tanto brilho e tanta gloria,
Que soberboso cada povo conta
Ser vencido por ti como victoria,
A clara fama tua o mundo aponta,
Porque é ao mundo inteiro bem notoria;
Té o mesmo contrario a estima e préza,
E busca amparo em tua fortaleza.

Té eu, filha da crença que has domado,
E que tenta acabar teu braço fero,
Por ti ao throno de meus paes herdado
Inda restituida ver-me espero.
É costume dos seus ser-se ajudado
Contra o estranho furor, e eu a ti quero
Contra o meu sangue, a ti meu inimigo,
Visto nos meus não encontrar abrigo.

Senhor, minha esperança em ti se encerra;
Só tu me podes dar a potestade;
Essa mão, que os contrarios doma e aterra,
Deve erguer dos oppressos a humildade.
Nem mais os louros da sanguinea guerra
Alça a fama que a doce piedade.
Da-me o reino, se a muitos o tiraste,
E gloria egual terás á que alcançaste.

Mas se a religião que nos separa
Faz este pranto meu não ser ouvido,
Valha-me a tua compaixão preclara,
De que ora não espero desmentido.
Testemunha me é Deus, que tudo ampara,
Se alguem com tal justiça has soccorrido.
Mas por tudo saberes ouve o engano
Dos outros, e da minha vida o damno.

Sou filha de Arbilan que o sceptro teve
De Damasco, o qual, nado em baixa esphera,
Da formosa Cariclia a mão obteve,
E, morta a esposa, o reino que ella houvera.
Minha mãe se apartou da vida leve
Quasi no mesmo instante em que eu nascera,
De modo que juntou meu nascimento
O mesmo dia e seu estremo alento.

Porém um lustro só corrido havia
Depois de ella largar o terreo manto,
Quando meu pae, cedendo á sorte impía,
Foi-se-lhe unir talvez no reino santo,
Deixando-me e deixando a monarchia
Entregues ao irmão que amara tanto;
De cuja fé devia ter certeza,
Se aos mortaes deu piedade a natureza.

Tomando pois de mim este o governo,
Mostrou-se tanto do meu bem zeloso,
Que de incorrupta fé, de amor paterno
O louvor alcançou mais valioso;
Ou porque então seu máo pensar interno
Sob véo encobrisse mentiroso,
Ou porque, inda sincero, me estimasse,
Com o filho querendo que eu cazasse.

Cresci, este cresceu, e á natureza,
E ás artes não se afez de cavalleiro;
Baixo de pensamento, a gentileza
Nunca prezou, vil animo e grosseiro;
Sob aspecto disforme atra avareza
Sustentava em espirito altaneiro;
E eram taes seus costumes e seus modos,
Que elle egualara, só, seus vicios todos.

A tal homem juntar-me desejava
Em matrimonio o meu tutor; meu leito,
O reino meu para elle destinava,
Que o disse muitas vezes d'este geito.
Artificios, palavras empregava
Para levar a cabo o negro effeito;
Mas eu, sem nada prometter, calei-me
Sempre, e sempre a taes vistas escuzei-me.

Deixou-me um dia emfim, torvo o semblante,
O impio coração bem demonstrando.
Então no rosto seu o meu distante
Futuro julguei ler triste e nefando.
Estranhos sonhos desde aquelle instante
Senti o meu repouso perturbando,
E um terrivel horror a tempestade
Me vinha annunciar da inf'licidade.

De minha mãe a sombra apparecia
Ante mim muitas vezes lacrimosa,
Pallida a face, a mesma, ai! quem diria,
Que eu em retrato vira tão formosa!
Filha, foge depressa, ella dizia,
Foge a morte imminente, impiedosa;
Já o veneno, e o ferro do assassino
Contra ti vejo armar o algoz ferino.

Mas ai! de que servia a desventura
O coração mostrar-me tão vizinha,
Se em achar-lhe remedio a edade pura,
E irresoluta em si força não tinha?
Sair do reino, á mingoa, ir em procura
De outra terra, e deixar a terra minha,
Por sorte havia tão penosa e fera,
Que decidi morrer onde nascera.

A morte receava, desgraçada,
Sem que ousasse fugir os seus rigores!
E de apressar a hora já marcada
Tinha medo dizendo os meus temores!
Em continuo martyrio torturada
Assim vivia entregue a crúas dores,
Como homem que espera a todo o instante
No collo nú o ferro scintillante.

Em este ponto, ou fosse amiga sorte,
Ou que para peior me guarde o fado,
Um dos ministros que na regia corte
Vivia, e por meu pae fora creado,
Disse-me o termo ser da minha morte,
Pelo tyranno assente, já chegado,
E que elle mesmo promettido havia
De o veneno me dar n'aquelle dia.

A isto acrescentou: que a minha vida
Fugindo alongaria tão somente,
E, pois era por todos esquecida,
Que elle se me off'recia promptamente.
Com taes ditos me fez tão atrevida,
Que, sem medo, assentei em continente
Fugir com elle sob o véo sombrio
Das trevas, e deixar a patria e o tio.

Apenas veio a noite, tenebrosa
Mais do que nunca, e as coisas se encobriram,
Saí com duas donzellas, animosa,
As quaes na má fortuna me seguiram;
Mas para a minha terra saúdosa
Os olhos muitas vezes me fugiram
Cheios de pranto; nem me saciava
De o berço contemplar que abandonava.

Seguia-o com a vista e o pensamento,
E os passos contra o meu querer movia;
Como baixel que furacão violento
Á cara praia arranca, assim eu ia.
Por sitios não trilhados, sem alento,
Toda a noite vaguei, e o outro dia,
Até que n'um castello descançámos,
Que nos limites do meu reino achámos.

Pertencia este a Aronte, o que me dera
Aviso, e o que ao perigo me acudira.
Porem mal o traidor viu que eu pudera
Escapar ás insidias que me urdira,
O que d'elle somente culpa era
Contra ambos nós voltou, acceso em ira,
E nos fez réos do crime, que tyranno
Queria exercitar para meu damno.

Disse que Aronte seduzido fora
Por mim, por que veneno lh'aprestasse,
A fim de quê dos actos meus senhora,
Depois da sua morte, eu me encontrasse,
E com lasciva chamma e peccadora
A um e mil amantes me entregasse.
Ai! antes contra mim o raio accenda
O céo, do que eu a honestidade offenda.

Que avára fome de ouro e sede intensa
Do meu sangue innocente o crú tivesse
Muito era já, mas a maior offensa
É que a minha honra macular quizesse.
Receando do povo a sanha infensa,
Mentiras o impio de maneira tece,
Que a cidade, do certo duvidosa,
Em meu favor não se arma poderosa.

Nem agora em meu throno, já na fronte
A corôa, e cumprido o seu anhelo,
Quer que a esperança para mim desponte;
A tanto o leva do furor o zelo.
Se prisioneiro não se entrega, Aronte
Arderá juntamente co'o castello;
E a mim, e ás que me seguem negra sorte
Prepara: a guerra, o vilipendio, a morte.

Diz elle que assim quer purificar-se
Das manchas, com que o hei envilecido,
E ver meu throno e sangue levantar-se
Da vergonha, a que os tenho reduzido;
Porém é a verdade arrecear-se
Ser-me o antigo poder restituido.
Por isto, só com minha desventura
A sua c'rôa julga estar segura.

E, se tu não me ajudas, satisfeita
Será do algoz a deshumana ideia,
E no meu sangue cessará desfeita
A sua ira, que o pranto não enfreia.
A defeza de uma orphã, pois, acceita,
De uma fraca innocente a vida esteia,
Valha-me o pranto que a teus pés eu verto,
Se não o sangue verterei de certo.

Por estes pés que os impios hão calcado,
Por este braço que a justiça ampara,
Pelos sagrados templos, que ajudado
Victorioso tens, e aos quaes prepara
Novos louros o céo, ouve o meu brado,
Conserva-me co'o reino a vida cara.
Bem o póde fazer tua piedade,
Antes, tua razão, tua equidade.

Tu, a quem concedeu benigna a sorte
O que é justo querer, e executal-o,
Dá-me o estado, liberta-me da morte,
E um estado haverás e um bom vassallo.
Concede-me só dez de animo forte
D'entre tantos heroes para cobral-o.
Tendo por mim os grandes, tendo o povo,
Na minha terra eu entrarei de novo.

Té dos maiores um que em segurança
Guarda uma occulta, e não sabida porta,
Abril-a, e pôr-me á noite me afiança
Dentro do paço regio; só me exhorta
Que soccorro te peça, pois descança
N'elle; e se fôr pequeno não importa,
Pois mais que força numerosa o anima;
Tua bandeira e teu nome tanto estima.

Cala-se, e que responda fica esp'rando,
Posto supplique, e falle silenciosa.
Godofredo, mil coisas cogitando,
Sente a alma suspensa e duvidosa;
Teme o fallaz decrente, o qual, negando
Ao proprio Deus a fé, certo enganosa
A terá para os homens; mas o effeito
Da compaixão tambem entra em seu peito.

E nem somente o inclina a piedade
Acostumada, e que por ella sente,
Move-o tambem a grande utilidade
De em Damasco um rei ter seu dependente,
Que o caminho lhe abra á sua vontade,
E o ajude na guerra fortemente,
Dando-lhe armas, soldados e dinheiro,
Contra o Egypto e alliados companheiro.

Emquanto, o olhar em terra, duvidoso
Elle assim está com pensamento errante,
Pende do rosto seu silencioso
Armida, e o nota fita e penetrante.
Porque tarda a resposta receioso
Geme-lhe o peito, anceia a cada instante.
Elle a graça pedida emfim lhe nega,
Mas, respondendo, a cortezia emprega:

Se Deus em seu serviço não prendera
A nossa espada, para ti seria;
N'ella a tua esperança bem se erguera,
Que a ajuda á compaixão se seguiria,
Porém emquanto a liberdade espera
Todo este povo, e esta cidade pia,
Não é justo que o exercito rareie,
E a marcha da victoria se encadeie.

Eu te prometto (por penhor aceita
Minha palavra com que estás segura)
Que se um dia livramos a sujeita
Cidade do Senhor da algema dura,
Verás a tua vontade satisfeita,
E subirás ao throno co'a ventura.
Impio agora a piedade me tornára,
Se, em vez de Deus, por outrem pelejára.

Abaixa a dama a vista contristada
Ouvindo-o, e immovel algum tempo fica,
Depois, erguendo-a em lagrimas banhada,
D'esta maneira a soluçar se explica:
Ai! quem a vida tem tão maltratada,
Como esta minha, só de males rica?
Mudam os outros mente e natureza,
Só meu fado é constante na dureza!

Acabou-se a esperança; embalde choro;
Já não ha compaixão em peito humano!
Deverei esperar, se em vão te imploro,
Que mova a minha dor o meu tyranno?
Se o soccorro me negas que te exoro,
Não te direi por isso deshumano;
O céo accuso só que me persegue,
E até tornar-te barbaro consegue.

Tu não foste, senhor, foi meu destino
Que me negou a ajuda requerida.
Ó fado, em me seguir sempre ferino,
Acaba esta existencia aborrecida.
Ai! não bastou no brilho matutino
Da sua edade a meus paes tirar a vida;
Tambem do throno vens, cruel, privar-me,
E ao ferro, trista victima, entregar-me!

Já que da honestidade a lei não deixa
Que eu aqui permaneça n'este estado,
Quem ha de dar soccorro á minha queixa?
Onde abrigo terei contra o malvado,
Se nada, por occulto, se lhe fecha?
Que espero ainda? É esperar baldado!
A morte vejo certa; se evital-a
Não posso, co'este braço irei buscal-a.

Assim conclue. Sua vista generoso,
Magnanimo despeito anima e accende,
E com um modo contristado e iroso
Mostra bem claro que partir pretende.
O pranto lhe rebenta copioso,
Como a raiva o produz, se a dôr a offende,
E em perolas dos olhos se deriva;
Que é perolas á chamma do sol viva.

As suas faces que as magoas entristecem,
Com profusão de lagrimas regadas,
Brancas e rubras flores ser parecem
Do matutino orvalho rociadas,
Que, mal do dia os raios apparecem,
Á briza abrem o calix namoradas,
Emquanto a aurora, vendo-as, sente inveja,
E adornar-se com ellas só deseja.

Mas as gotas do pranto scintillantes,
Que a flux o rosto bello, e o seio lhe ornam,
Como fogo voraz, de mil amantes
Occultamente o peito já transtornam.
Oh! milagre de amor! em só instantes
Com agua os corações chammas se tornam!
A elle sempre a natureza cede,
Mas a si por Armida amor se excede.

Choram muitos ouvindo a dor fingida,
E a alma até do mais cruel se abranda;
Sentem-lhe a magoa todos; nem duvida
Ninguem aventurar: que, se não manda
O que ella pede, Godofredo a vida
Não teve da mulher a origem branda,
Mas dos mares nasceu, ou rocha dura;
Cruel! que afflige assim tal formosura.

N'isto o mancebo Eustachio, em que mais falla
Da piedade e do amor a voz fervente,
Emquanto cada qual murmura e cala,
Se adianta, dizendo ousadamente:
Ó irmão e senhor, se não se abala
De todos ao pedido a tua mente,
Se não cedes um pouco, é na verdade
Bem tenaz teu proposito e vontade.

Não digo que os cabeças, a que o mando
Compete, os muros deixem sitiados,
O seu honroso posto abandonando,
E esses que lhes foram confiados;
Mas entre nós, aventureiro bando,
Sem cargo e menos que ninguem ligados,
Pódes dez escolher para defeza
Da causa da justiça e da fraqueza.

Não, de Deus ao serviço não se esquiva
O que innocente virgem serve e ampara;
Do tyranno a armadura, qual votiva
Dadiva offerta aos céos, aos céos é cara.
Mas o dever o meu desejo aviva,
Além da utilidade certa e clara
D'esta empreza, o dever de cavalleiro,
Que ás damas deve auxilio verdadeiro.

Oh! por amor de Deus, que não se diga
Em França, ou onde reine a cortezia,
Que os riscos nós fugimos e a fadiga
De uma obra, como é esta, justa e pia.
Eu por mim aqui largo elmo e loriga,
Aqui descinjo a espada, proseguia,
Por que a cavallaria não deturpe,
E aos cavalleiros o seu nome usurpe.

Tudo quanto elle diz os seus approvam,
O conselho applaudindo fervorosos,
E ao capitão as supplicas renovam,
Com as quaes o circundam porfiosos.
Cedo, elle diz emfim, já que reprovam
Tantos o voto meu, esperançosos;
Seja a dama ajudada pelo vosso
Parecer, a que unir o meu não posso.

Porém se Godofredo vos merece
Alguma fé, calmae esses ardores.
Isto bastante foi que elle disesse;
Aceitam a licença os defensores.
Quem á chorosa voz não se embrandece
Da gentileza, e ao fogo dos amores?
Dos doces labios sae-lhe aurea cadeia
Que, a seu prazer, os corações enfreia.

Eustachio a chama, e assim lhe diz: modera
A tua dor, ó divina formosura;
Dentro em breve de nós o auxilio espera,
Como a tua alma timida o procura.
Armida o olhar que o pranto escurecera
N'isto ameiga, sorri, toda brandura,
E, enchugando-se as lagrimas, que chora,
Co'o bello véo, té mesmo os céos namora.

Agradece-lhe após com meiga falla
A graça que lhe fora concedida,
Dizendo que no peito conserval-a
Saberia, do mundo conhecida;
O mais, que a lingua por inhabil cala,
Diz a eloquencia em gestos exprimida,
E o seu pensar de modo cobre e enfeita,
Que não move em ninguem leve suspeita.

Vendo pois que a fortuna lhe sorria
Propicia ao começar seu fingimento,
Antes de conhecer-se quanto urdia,
Quer a cabo levar o máo intento,
Excedendo das graças co'a magia
De Medéa e de Circe o encantamento,
E com voz de sereia em sons cadentes
Captivando os mais sabios e prudentes.

Emprega os meios todos por que colha
Dentro das redes algum novo amante;
Varía a cada passo, atrás da escolha
Do melhor modo, e muda ar e semblante.
Já pudibunda para a terra olha,
Já o famelico olhar passeia errante;
De uns sopra o fogo, em outros o enfraquece,
Segundo aquelles, a que os laços tece.

Se algum vê que fugir-lhe determina,
E enfreia o seu pensar desconfiado,
Para elle sorrindo o olhar inclina,
De mansidão e jubilo banhado.
D'esta sorte o assegura, e lhe fascina
O peito já na esp'rança descançado,
E, dos temores desfazendo o gelo,
Alenta-lhe do amor o fogo bello.

A outro que de mais adiantara
A força da paixão cega e imprudente,
Da cara voz, do olhar formoso avára,
Co'o respeito e temor lhe prende a mente;
De compaixão, comtudo, um raio aclára
Mesmo assim o seu rosto. Ao vel-o sente
Medo o triste, porém não desespera,
E é mais captivo, se ella é mais severa.

Ás vezes retirada novo encanto
Mostra, a afflicção no rosto simulando,
Ora a seus olhos attraindo o pranto,
Ora comsigo mesmo o reprezando.
Por estas artes a choral-a emtanto
Mil peitos enganados vae levando,
E por que a todos roube a liberdade
Tempéra os tiros seus na piedade.

Depois, como deixando a dôr mesquinha,
Como se nova esp'rança luz lhe empreste,
Aos amantes fallando se encaminha,
Erguida a fronte que a alegria veste,
E as nuvens tristes, que primeiro tinha
Espalhado sobre elles, co'o celeste
Sorriso e vivo olhar, qual sol brilhantes,
Faz aclarar, fugir dentro de instantes.

Mas emquanto assim ri suave e falla,
E inebria os sentidos de doçura,
A alma quem a vê quasi que exala,
Não afeita a sentir tanta ventura.
Cruel amor! por ti o absinthio eguala
O mel, e a morte em ambos se mistura;
Como o teu mal, a tua medicina
Egualmente é mortal, sempre assassina.

Tal em meio dos gelos e da chamma,
Do pranto e rir, da esp'rança e dos temores,
Todos incertos deixa a falsa dama,
E zomba dos que illude em seus amores;
E se, a balbuciar, algum que a ama
Lhe diz, e ousa fallar nas suas dores,
Ella, qual se no amor fora inexperta,
Finge não perceber sua alma aberta;

Ou a elevar os olhos não se atreve,
E do incendio do peijo se orna e córa,
Conseguindo occultar a fria neve
Sob as rosas da face encantadora;
Tal na hora em que sopra a briza leve
Da manhã despontar se vê a aurora.
Da indignação a chamma em que se abraza
Junto vem co'a vergonha, e se lhe caza.

Mas se n'algum, acaso, reconhece
Que os seus anhelos descobrir medita,
Ora foge, ora modos offerece
De lhe fallar, que, se elle busca, evita.
Todo o dia d'est'arte ella o escarnece,
Até que da esperança o precipita,
Deixando-o, qual o caçador que a fera
Perde de vista, que seguido houvera.

Estas foram as artes que puderam
Mil corações prender furtivamente,
Antes, as fortes armas, que os fizeram
Acceitar os grilhões de amor ardente.
Se Hercules e Theseu a amor cederam,
Se lhe cedeu Achilles, o valente,
Não pasmeis que servil-o até se ha visto
Os que a espada empunharam só por Christo.

CANTO V

Emquanto assim com seu amor fascina
Os cavalleiros a ardilosa Armida,
Mais que os dez promettidos imagina
Levar occultamente na partida.
Medita Godofredo, e vê se atina
Com chefe para a empreza fementida;
Pois a escolha difficil lhe fazia
De tantos a ambição e valentia.

Com prudente conselho emfim deseja
Que elles proclamem um á sua vontade,
Que em vez do illustre Dudo a todos reja,
E tome a si da escolha a gravidade;
Por que d'elle queixar-se alguem não veja,
Doendo-se da sua auctoridade,
E por que mostre o assignalado apreço
Devido a gente de tão grande preço.

Portanto os chefes junta, e assim se exprime:
A minha opinião vós escutastes
De a donzella ajudar que o fado opprime,
Mas em tempo melhor, e a reprovastes.
Pezae-a; talvez hoje vos anime
Diversa ideia d'essa que expressastes;
Que é no mundo leviano e variavel
Constancia muitas vezes ser mudavel.

Mas se evitar os p'rigos vergonhoso
Ainda imaginaes, e não acceita
Meu conselho, por muito cauteloso,
Vossa alma generosa, e não sujeita,
Não susterei esse animo brioso,
Nem a graça por mim a tantos feita
Me vereis retirar; como ser deve
Sobre vós meu imperio será leve.

Portanto podeis ir, ou não; somente
A vós o decidil-o se conceda;
Mas quero que elejaes primeiramente
Quem ao que é morto em capitão succeda,
E d'entre vós escolha livremente
Os dez; nem esse numero se exceda.
Só n'isto o mando para mim reservo;
No mais não seja o seu arbitrio servo.

Assim diz Godofredo; e co'o assenso
Dos presentes o irmão logo lhe torna:
Se a ti, ó capitão, cabe o véo denso
Ler do porvir, se a sapiencia te orna,
Pertence a nós o arrojo, e o gladio infenso;
E essa grande prudencia que te adorna,
E o ardor te modera, em nós seria
Reputada covarde villania.

E, pois o risco é de tão leve damno,
Quando co'os proes se mede e contrapeza,
Permittindo-o teu mando soberano,
Iremos dez á projectada empreza.
Assim termina, e com tão bello engano
Occulta a mente n'outro fogo acceza.
Fingem tambem os mais, bem como elle,
Que a honra, não o amor, é que os impelle.

Eustachio emtanto que cioso vira
Sempre o filho preclaro de Sophia,
E a belleza e o valor, que inveja e admira,
Para seu companheiro o não queria.
Cautas ideias a seu peito inspira
O ciume astucioso que o roia,
Pelo quê, o rival tirado á parte,
Lisongeiro lhe falla por est'arte:

Ó tu que excedes a teu pae famoso,
E, tão joven, nas armas és perfeito,
Quem ha de ser do corpo valeroso,
A que nós pertencemos, chefe eleito?
Eu que só pela edade ao corajoso
Dudo outro tempo me deixei sujeito,
Eu, do supremo chefe irmão, não posso
Ceder, se a ti não fôr, o mando nosso.

A ti, egual ao mais illustre, eu cedo
No merito não só, tambem na gloria;
Nem se abaixára o proprio Godofredo,
Se te entregasse a palma da victoria.
Sê nosso capitão, se não te é ledo
Quinhoar da donzella a causa ingloria;
Que não supponho que teu peito nobre
Busque acções que a mudez da noite encobre.

Nem aqui faltará onde empregado
O teu valor com maior fama eu veja.
Não sendo pois por ti contrariado,
Farei com que o teu nome eleito seja.
Mas porque inda não sou determinado,
Nem a minh'alma sabe o que deseja,
Deixa-me, eu te requeiro, ir ao perigo
Co'a bella Armida, ou me ficar comtigo.

Calou-se Eustachio, e aos ultimos accentos
A côr do peijo ao rosto lhe subiu.
Os seus mal disfarçados pensamentos
Leu Rinaldo, e comsigo se sorriu.
Mas porque ao coração golpes mais lentos,
E sem poder amor lhe desferiu,
Não lhe importam rivaes, e em nada préza
Ir co'a donzella á decidida empreza.

D'outro lado na ideia tenazmente
De Dudo a morte vive-lhe esculpida,
E por deshonra tem ver o insolente
Argante respirar ha tanto a vida.
Tambem aquella voz gostoso sente
Chamando-o á grande honra merecida,
Pelo que se lhe alegra o joven peito,
Co'o louvor verdadeiro satisfeito.

Responde pois: os principaes logares
Mais merecer do que alcançar eu quero,
Nem, por ter qualidades singulares,
Subir á altura do commando espero;
Mas, se para esta honra me chamares,
E a merecer, o que não considero,
Não teimarei, e vosso apreço raro
Para o meu coração ha de ser cáro.

Não peço, nem rejeito, porém quando
Chefe eu seja serás dos defensores.
Então Eustachio o deixa, e vae dobrando
Os companheiros da sua mente ás cores.
Só não lhe cede o principe Gernando,
Competidor ao cargo; posto amores
Por Armida este sinta, mais o anima
Soberbo a honra, e amor em pouco estima.

Vem Gernando dos reis da Noruega,
Os quaes muitas provincias governaram;
Do pae e avós tantas corôas cega
Lhe fizeram a mente, e o sublimaram.
A altivez de Rinaldo mais se emprega
Nos feitos seus que nos que avós obraram,
Postoque em lustros cem elle tivesse
Quem na guerra e na paz o ennobrecesse.

Mas o barbaro principe que olhava
Só ao ouro e dos reinos á valia,
E os dotes mais insignes reputava
Baixos, quando a corôa os não erguia,
Não soffre no que tanto ambicionava
Que tenha o cavalleiro a soberbia
De se lhe oppor, e, sôlta a redea á ira,
Sem a razão olhar, fogo respira.

O tentador espirito do Averno,
Vendo abrir-se ante si tão larga estrada,
Entra occulto em seu peito, e do governo
Das ideias lhe adula a marcha errada;
Exacerba-lhe a raiva o o odio interno,
Fere, excita-lhe a alma já turbada,
E faz com que em seu peito sempre sôe
Uma voz, que dest'arte lhe pregôe:

Rinaldo teu rival! pois tanto vale
O blazonar dos seus antepassados?
Enumere, primeiro que te eguale,
Os povos a seu mando subjugados;
Quantos sceptros possue tambem não cale;
Com os teus vivos sejam comparados
Todos os seus avós, já sob a lousa.
Da serva Italia um filho vil o que ousa!

Ou vença ou não, ganhou grande victoria
Desde que em competencia entrou comtigo.
Dirá (immensa honra) o mundo, a historia:
Do valente Gernando eis o inimigo.
De Dudo o cargo illustre com mais gloria
Podia acrescentar teu nome antigo,
E havel-a de ti, mas, pois querido
Foi por elle, está hoje envilecido.

Se quem já não respira n'este mundo
Por nós ainda alguma coisa sente,
Como o bom velho Dudo no jocundo
Céo ha de hoje mostrar colera ardente,
Quando n'esse soberbo sem segundo,
E na sua altiveza pondo a mente,
O vir, creança, ousar em competencia
Entrar co'os feitos seus e experiencia.

E atrevido elle o tenta, e só recolhe
Honra e louvores em logar de pena!
E alguem ha que o incita, applaude e acolhe!
Oh! vergonha commum e não pequena!
Porém se Godofredo isto não tolhe,
Se do que é teu roubar-te não condemna,
Não o consintas tu que não o deves,
Porém mostra quanto és, e ao que te atreves.

Com vozes taes o seu furor se inflamma,
E, como facho sacudido, augmenta;
Já não cabe no peito e se derrama
Da lingua, e pelos olhos arrebenta.
Quanto presume que Rinaldo infama,
Tudo com feias côres apresenta;
Vão, soberboso á todos o figura,
E chama o arrojo seu furia e loucura.

E quanto de magnanimo e famoso,
De sublimado e illustre n'elle esplende,
Tudo com véo encobre mentiroso,
E como vicio exprobra e repreende.
Té ao proprio rival o injurioso
Publico som da sua voz se estende;
Mas nem por isso a raiva se lhe abranda,
Nem o furor que para a morte o manda;

Porque o demonio que sua lingua inspira,
Compondo-lhe as palavras á vontade,
Amontôa as injurias e a mentira,
Do fogo alimentando a intensidade.
No campo ha um sitio aonde se retira
Sempre da hoste a flor em liberdade,
E aonde nos torneios, e na luta
Em dextreza e vigor cada um disputa.

Gernando ahi, quando mais gente havia,
Seguindo o fado seu, Rinaldo accusa;
Fere-o, bem como setta, com a impia
Lingua, do Orco no veneno infusa.
Rinaldo que era perto, e tudo ouvia,
Já não podendo a ira ter recluza,
Mentes, lhe grita, e a elle se encaminha,
Tirada a fera espada da bainha.

Troveja a voz; relampo annunciando
O raio, é do seu gladio o fino corte;
Não vendo meio de escapar, Gernando
Treme perante a irreparavel morte.
Porém, do exercito em presença estando,
Alardeia de intrepido e de forte,
E espera do inimigo a furia accesa,
O ferro em punho, firme na defesa.

N'aquelle ponto gladios mil ardentes
A um mesmo tempo á luz do sol dardejam
Dos muitos que concorrem diligentes,
E separal-os em tropel forcejam.
Vozes incertas, gritos differentes,
Fremem n'um som; d'est'arte se bravejam
As ondas, sobre as praias confundido
Dos ventos e do mar se ouve o ruido.

Porém nada no heroe tão ultrajado
Da ira os vivos impetos amansa;
Os estorvos, os gritos arrojado
Despreza; aspira apenas á vingança.
Affronta homens e armas denodado,
Rodeia a espada fulminante, e avança
Pelo meio dos muitos defensores,
Só buscando o inimigo e seus furores;

E com a mão, que, posto irada, é mestra
Lhe atira golpes mil com sevo Marte;
Ora no peito ou fronte, ora na sestra
Feril-o tenta, ou na direita parte.
E é tão veloz e impetuosa a dextra
Que escarnece da vista, e engana a arte,
E emfim cala onde menos se temia
Subito, abrindo ao sangue larga via.

Nem descançou emquanto pelo peito
Uma e duas vezes lhe enterrou a espada.
Cae o infeliz, e o corpo, á vida afeito,
A alma lança pela dupla estrada.
O vencedor depõe, já satisfeito,
O ferro em sangue tinto, e abandonada
A ira, que até ali vencido o tinha,
Para outra parte os passos encaminha.

Vindo ao tumulto, Godofredo emtanto
A scena inesperada vê diante;
Gernando em terra, ensanguentado o manto
E a coma, impressa a morte no semblante;
Ouve os suspiros, o queixume, o pranto
Da turba dos guerreiros circunstante,
E attonito pergunta: que atrevido
Tal crime fez quando é mais proïbido?

Arnaldo um dos mais caros a Gernando
Lhe responde, e ao narrar o caso augmenta:
Rinaldo accusa, leve causa dando
A colera tão louca e violenta.
Foi elle, diz, que, o ferro levantando
Contra os de Christo, cuja fé sustenta,
Desprezou tuas leis e o teu mandado
Que de ninguem no campo era ignorado.

Que réo era de morte, acrescentava,
E devia por tanto ser punido,
Já porque a grave culpa o condemnava,
Já por o caso ali ser succedido;
Que se perdão tamanho crime achava,
Com o exemplo qualquer fora atrevido,
E, visto que os juizes não puniam,
Vingar-se os offendidos quereriam.

Que d'aqui a discordia rebentara,
E as contendas em todo o acampamento;
Os meritos lembrou do que expirara,
E quanto incita a raiva e o sentimento.
Tancredo se lhe oppõe, e diz que achara
Justo o motivo do fatal evento.
Severo o rosto, os ouve Godofredo,
E mais do que esperança inspira medo.

Então Tancredo: ó capitão prudente,
Lembre-te de Rinaldo a qualidade,
Quanta honra merece, não somente
Por si, pela alta e regia auctoridade
Dos seus, mas por seu tio Guelfo, o potente.
Não deve ter nas penas egualdade
Quem manda; é varia a lei, se vario o estado;
Só é justo entre os seus ser egualado.

Torna o chefe: as lições da obediencia
Devem-nas dar ao vulgo os poderosos.
São teus principios máos, pois a insolencia
Queres que deixe impune aos poderosos.
Perdera o imperio meu toda a excellencia,
Se os fracos só mandasse e os humildosos.
Sceptro, se a tal vergonha estás sujeito,
Se és dado com tal lei, eu te regeito.

Mas não; deram-m'o livre e veneravel;
Ninguem os seus poderes diminúa!
Sei como e quando a lei é variavel,
Ou premios ou castigos distribúa,
Ou como e quando ajunta o miseravel
Ao poderoso na equidade sua.
Assim falla; Tancredo nem replica,
Porque vencido do respeito fica.

Raymundo partidario da severa
Rigida antiguidade o segundava.
D'est'arte o capitão que bem impera
Respeitado se faz, elle ajuntava;
Nem disciplina inteira ser podera
Á que, sem castigar, só perdoava.
Se a clemencia no medo não se estriba,
Os imperios mais validos derriba.

Tancredo estas palavras com cuidado
Escutando, d'entre elles se partiu,
E em ligeiro corcel apressurado
Para Rinaldo a marcha dirigiu,
O qual, depois que d'alma já privado
O orgulhoso inimigo em terra viu,
Para a sua barraca se tornara.
Ali diz-lhe Tancredo o que passara,

E accrescenta no fim: bem que eu não creia
As apparencias mostras da verdade,
Pois dos homens occulta jaz a ideia
Do peito na maior profundidade,
Vendo o chefe que a colera incendeia,
E o que disse, em que luz sua vontade,
Atrevo-me a affirmar querer prender-te,
E, como réo commum, sujeito haver-te.

Rinaldo se sorri, e com um rosto,
Onde no riso a indignação fulgura:
Defenda-se em grilhões o servo posto,
Ou quem sel-o merece por ventura.
Livre nasci, sou livre, e antes de imposto
Me ser o jugo irei á sepultura,
Ao gladio e ás palmas esta mão afeita
Da vil escravidão o laço engeita.

Porém se Godofredo em recompensa
Do meu valor pretende agrilhoar-me,
Como um homem do vulgo, e acaso pensa
Em carcere plebeu preso lançar-me,
Venha elle, ou qualquer outro; a sorte vença,
Vençam as armas; hão de prompto achar-me.
Quer que scena feroz se represente
Para alegrar-se do inimigo a gente.

Dito isto, pede as armas, e o formoso
Corpo com aço fino já defende;
Embraça o grande escudo ponderoso,
E ao lado o gladio tão fatal suspende.
Augusto no semblante e magestoso,
Qual raio assolador, d'est'arte esplende.
Assim desce do quinto céo á terra,
De horror e ferro armado o deus da guerra.

Tancredo emtanto a colera terrivel
Que o mancebo tomou vê se embrandece,
E diz: ao braço teu sempre invencivel
O mais difficil feito o não parece;
O teu valor excelso, immarcessivel
Nos riscos mais sereno resplandece,
Mas contra nós cruel d'esta maneira
Que ora o demonstres o Senhor não queira.

Dize-me: qual é pois o teu sentido?
De teus irmãos no sangue ennodoar-te,
E dos christãos nas chagas ver ferido
Christo, do qual seus servos fazem parte?
Pundonor transitorio, parecido
Com a mudavel onda, ha de arrastar-te
Mais do que a fé, e amor d'aquella gloria,
Que no céo gosa de eternal memoria?

Tal não faças, por Deus, vence-te e abranda
Da tua alma feroz a soberbia;
Cede, não é temor, o céo t'o manda,
E palma alcançarás de gran valia.
Se a minha juventude miseranda
Para exemplo servissé, eu te diria
Que egualmente dos meus offensas tive,
E contra elles não fui, e me contive;

Pois de Christo a bandeira já plantado
Havendo na Cilicia que tomara,
Balduino chegou e indigno e ousado
O paiz occupou que eu conquistara;
Em sua falsa amisade confiado
Tão avara tenção não penetrara.
Comtudo, posto que talvez havel-o
Podesse á força, não tentei fazel-o.

Porém se os ferros engeitar tu queres,
E tens á vil prisão odio profundo,
Se pretendes seguir os pareceres,
Que pelas leis da honra approva o mundo,
Foge, foge d'aqui, não mais esperes;
Busca em Antiochia a Boemundo;
Eu te defenderei; foge, que hei medo
Do primeiro furor de Godofredo.

Se marchar contra nós o Egypto em breve,
Ou outro infido povo, triunphante
Quanto mais teu valor ficar não deve!
Como te chorarão, quando distante!
Qual corpo que de um braço perda teve,
Será sem ti o exercito possante.
N'este ponto vem Guelfo, tudo approva,
E quer que sem demora os passos mova.

A taes conselhos a iracunda mente
Do audaz mancebo torna-se em brandura,
De sorte que partir em continente
Ali aos seus mais caros assegura.
Correra emtanto muita amiga gente,
Que á porfia com elle ir-se procura.
Agradece-o Rinaldo, e só se apronta
Com escudeiros dois, e o corcel monta.

Parte e leva desejos de alma gloria,
Que os corações magnanimos incita;
Grandes acções, e a c'rôa da victoria
Na soberana ideia já medita;
Ou pela fé morrer ou meritoria
Palma ganhar, ganhar fama infinita;
O Egypto percorrer, chegar té onde
O não sabido berço o Nilo esconde.

Guelfo, depois que o joven corajoso,
Apressado em partir, se ha despedido,
Não pára ali, mas corre pressuroso
Onde crê Godofredo recolhido.
Mal o descobre, o capitão piedoso
Lhe diz: Guelfo, hora boa te ha trazido;
Meus arautos havia já mandado
Para seres por elles procurado.

Depois, a todos retirar fazendo,
Grave, com baixa voz tal principia:
Na verdade, em a ira o acommettendo,
Muita do teu sobrinho é a ousadia!
E mal se poderá, segundo entendo,
Dar ao que fez motivo de valia.
Bastante o sinto quando o considero,
Mas sobre todos egualmente impero.

Sim, do justo serei e do prescripto
Em tudo e sempre defensor inteiro,
Tendo para julgar o peito invicto
Contra as paixões, e o seu fallar arteiro.
Mas se Rinaldo violou o edicto
Obrigado pelo outro cavalleiro,
Como dizem alguns, venha inclinar-se
Ante nós, e innocente apresentar-se.

Venha a prisão buscar em liberdade,
Concedo-lh'o por seu merecimento.
Mas se inda assim oppõe contrariedade,
(Bem lhe conheço o indomito ardimento)
Vê se pódes dobrar sua vontade,
Porque não force quem é de odio izento
A se tornar da lei, que em guarda têve,
Juiz, e vingador, como ser deve.

Disse, e Guelfo tornou: como podera
Uma alma pela infamia não manchada
Escutar contra si a injuria fera,
E deixal-a sem ser desaggravada?
Se o ultrajador matou, que homem soubera
Um freio pôr á colera indignada?
Quem os golpes contára? emquanto ardia
A ira, quem a offensa pezaria?

Quanto a quereres que elle sujeitar-se
Ao teu arbitrio soberano venha,
Sinto que tal não possa executar-se,
E que do campo já partido tenha.
Mas o calumniador póde provar-se
Comigo, ou quem a accusação mantenha;
Que eu mostrarei co'o ferro que somente
Puniu Rinaldo a offensa justamente.

Sim, com justiça ao tumido Gernando
A altivez abaixou, e se ha errado
Apenas foi em se esquecer do bando;
N'isto, com pena o vejo, foi culpado.
Calou-se, e o chefe disse: pois vagando
Vá, e a discordia leve; perturbado
Por ti de novo o exercito não seja;
Por Deus, que o fim de tal contenda eu veja.

De procurar o seu soccorro emtanto
Cessado a enganadora não havia;
Durante o dia exp'rimentava quanto
Prece, engenho, belleza e arte podia;
Depois quando, estendendo o escuro manto,
A noite o firmamento escurecia,
Com duas damas á tenda caminhava,
E com dois cavalleiros com que andava.

Mas nem co'a perfeição dos seus enganos,
Co'a graça, e a falla astuta e compassiva,
Nem co'a belleza, a qual d'entre os humanos
Nenhum póde egualar, tal, que captiva
Do exercito os guerreiros mais ufanos,
E em seus grilhões da liberdade os priva,
Ella soube arrastar a Godofredo
Dos deleites de amor ao doce enredo.

Leval-o após de si em vão procura
Para os prazeres da amorosa vida,
Que elle, qual ave farta, que não cura
Do comer com que a tenta mão fingida,
D'este mundo despreza a van loucura,
E do céo busca a senda não seguida;
Quantas traições amor apresta e adorna
Inutiliza assim, e em nada torna;

Nem do santo pensar que Deus guiava
Nenhum estorvo se poria adiante.
Ella mil e mil artes ensaiava,
Como o Proteo antigo variante,
Mas o rosto, e os encantos que mostrava,
Que moveriam peitos de diamante,
Tudo (graça do céo) inutil via;
Por isso as esperanças já perdia.

A bella dama, que o mais casto peito
Creu que um olhar apenas lh'o entregara,
Maravilha-se, abafa de despeito!
Vê cair a altivez que a levantara!
A volver as suas forças onde effeito
Mais facil tenham já se emfim prepára,
Qual capitão que inexpugnavel terra
Deixa para a outra parte ir fazer guerra.

Mas de amor contra as armas invencivel
Egualmente Tancredo se ha mostrado;
Novo amor em seu peito era impossivel,
D'outra paixão andando incendiado.
Livra do amor o amor, qual do terrivel
Veneno outro veneno em cura dado.
Estes dois tão somente lhe escaparam,
Os mais ou muito ou pouco se abrazaram.

Ella, inda que lhe dôa inteiramente
Não ser bem succedida a sua empreza,
Consolação por outro lado sente,
De heroes levando tão famosa preza.
Assenta pois, antes de alguem patente
Fazer seu dolo, a parte mais defeza
Os amantes levar, onde lhe apresta
Outra prizão, não branda, não como esta.

Tendo chegado o termo promettido
Para o soccorro, o chefe procurando,
Reverente lhe diz: já decorrido
É o dia aprazado. Ah! se o nefando
Tyranno sabe como te hei pedido
Favor contra o meu fado miserando,
Ha de aprestar-se, por que esp'rar-nos possa;
Nem tão facil será a empreza nossa.

Portanto, antes de a elle incerta fama
Esta nova levar ou certo espia,
Alguns poucos dos teus mais fortes chama,
E da-m'os para minha companhia;
Que, se as obras humanas o céo ama,
E a innocencia para elle tem valia,
No reino serei posta, e a minha terra
Tributaria haverás na paz, na guerra.

Assim lhe falla, e o capitão piedoso
O que não póde denegar concede,
Postoque este partir tão pressuroso
A escolha de si lançar lhe impede;
Mas cada qual se julga venturoso
De ser dos dez, e com instancia o pede;
A emulação, que o espirito lhes venda,
Fal-os mais importunos na contenda.

Vendo-lhe os peitos francos, a donzella
Concebe de vencer novo argumento,
E a alma perturbada lhes flagella
Do roedor ciume co'o tormento,
Pois sabe que enfraquece a chamma bella
D'amor, se não lhe dão este sustento;
Assim menos veloz corre o cavallo,
Se outro, acaso, não tem para incital-o.

E de tal modo os ditos seus reparte,
E o fascinante olhar, e o doce riso,
Que o coração de inveja a todos parte,
E os faz temer e esp'rar, como é preciso.
Dos amantes a turba, á qual a arte
De um rosto enganador tirára o siso,
Corre sem freio ter, e sem vergonha,
Embora o capitão se lhes opponha.

Elle que a todos contentar procura,
Mas que para nenhum dos lados pende,
Posto ás vezes, ao ver tanta loucura,
De ira e de pejo o rosto se lhe accende,
Como cada um no seu desejo atura,
Por novo modo proceder entende.
Escrevei vossos nomes; em um vaso
Ponham-se, diz; decidirá o acaso.

Logo todos os nomes se lançaram
Em urna breve, e foram sacudidos.
Em primeiro logar dois se tiraram:
Gerardo e Artemidoro conhecidos,
Conde este de Pembrok; sortearam
Venceslau em seguida, o qual, perdidos
O conselho e o pensar grave de outr'ora,
Encanecido velho, amante é agora.

Oh! como têm os olhos inundados
De jubilo, e o prazer d'alma apparece
N'estes primeiros trez afortunados,
Nos quaes a amor a sorte favorece!
Os mais que a urna esconde, flagellados
Pela duvida, o ciume os estremece,
E dos labios estam como pendentes
Do que as sortes desdobra differentes.

Gastão, Rudolfo após tambem sairam.
Guilherme Roncilhon, claro guerreiro,
E Olderico e Henrique se seguiram,
E o bávaro Everard; vem derradeiro
Rambaldo, o qual depois descrente viram,
Inimigo do culto verdadeiro.
Pois que? o amor terreno póde tanto
Contra o divino amor, e affecto santo?

A fortuna os mais chamam deshumana,
Ardentes de ira, de ciume, e inveja.
Accusam-te, ó amor, por soberana
Deixares que ella o teu imperio reja;
Mas como instincto é da raça humana
Que o que é vedado mais mais se deseja,
Tentam muitos, d'encontro á sorte avessa,
Armida acompanhar, mal anoiteça.

Querem de dia e noite acompanhal-a,
Por ella combater, e expôr a vida.
Suspiros suavissimos exala
A falsa, e co'os encantos os convida;
Ora a um, ora a outro astuta falla:
Sem vós triste será minha partida.
Entretanto do chefe o grupo eleito
Se despedia armado e satisfeito.

Este cada guerreiro á parte exhorta,
Mostra-lhe como é debil, varia e leve
A fé pagan, que ajuste não supporta,
E como o p'rigo e insidias fugir deve.
Debalde! amor aconselhar que importa?
Quando é que elle prudencia acaso teve?
Despede-os afinal, e a enganadora
Donzella nem espera a nova aurora.

Parte victoriosa, e os contendores,
Quaes prisioneiros, leva ante as ovantes
Rodas do carro seu, entre mil dores
Deixando após de si os mais amantes.
Porém mal veio a noite, e co'os negrores
Trouxe a mudez, e os sonhos inconstantes,
Por conselho de amor muitos sairam
Occultos, e as pegadas lhe seguiram.

É Eustachio o primeiro, o qual ancioso
Mal a sombra esperar poude tardia;
Vae pela densa treva pressuroso,
Os passos confiando ao cego guia.
Errou durante a noite, mas formoso
Apenas despontou nos céos o dia,
Appareceu-lhe Armida e o grupo amado
N' um logar, onde tinham pernoitado.

Com pressa para a bella se encaminha;
Conhece-o, mal o vê, pela armadura
Rambaldo, e lhe pergunta ao que ali vinha?
Venho seguir de Armida a formosura;
Nem será, se a quizer, a ajuda minha
Mais tarda ou a sujeição menos segura.
Torna o outro: quem te ha pois incumbido
Tal honra? Por amor fui escolhido.

Sim, eu fui por amor só nomeado,
Tu pela sorte; qual mais bem eleito?
E Rambaldo: esse titulo é baldado,
Não será teu intento satisfeito.
Nem poderás de Armida misturado
Ser com os campiões, tu, sem direito,
Illegitimo servo. Irado acode
Eustachio, e diz: quem prohibir-m'o póde?

Eu, lhe responde o outro; assim dizendo,
Furioso contra elle os passos vira.
O contrario, em valor egual ardendo,
Ao encontro lhe sae, e a espada tira;
Mas a cruel, entre ambos estendendo
O braço, se interpõe, acalma a ira,
E diz para Rambaldo: o que te peza
Ter eu mais um que sirva a minha empreza?

Se me estimas salvar a fama e a vida,
Porque de tal soccorro assim privar-me?
Para Eustachio: eu te fico agradecida,
Pois opportuno vens ora ajudar-me.
Nem a tanto serei desconhecida,
Tentando a teus favores esquivar-me.
Emtanto no caminho a cada instante
Junta-se á companhia um novo amante.

Ignaros uns dos outros vêm chegando
D'aqui, d'ali, e se olham ferozmente.
Alegre ella os acolhe, demonstrando
Que da sua chegada prazer sente.
Porém de tantos pela ausencia dando
O summo capitão, co'o sol nascente,
No pensar que os seus males augurava
Sobre o negro porvir se afadigava.

Emquanto isto cogita, eis apparece
Um correio, anhelante, o olhar afflicto,
Como se novidades más trouxesse,
O que bem mostra no semblante escrito,
E assim falla: senhor, breve se off'rece
No mar a armada do potente Egypto.
Guilherme que dos ligures commanda
Os baixeis esta nova ora te manda.

Diz tambem: que os guerreiros que traziam
Viv'res do mar ao campo depararam
No meio do caminho que seguiam
Os arabes que o passo lhe tomaram,
E que todos que ali pugnado haviam
Ou perderam a vida ou se entregaram,
Sem escapar nenhum, n'um val tomados,
E pela frente e costas rodeados;

E que a soberba e insolita licença
D'esses errantes barbaros é tanta,
Que emtorno, qual diluvio, corre infensa,
Nem coisa alguma o seu arrojo espanta.
Por isto ser conveniente pensa
Mandar, a ver se a furia lhes quebranta,
Alguma força, que proteja a estrada
Do campo até o mar que sulca a armada.

De boca em boca a fama n'um momento
Corre, e por toda a parte já se estende.
Dos soldados trepida o pensamento,
Crendo a fome vizinha, e o medo os prende.
O capitão o usado atrevimento
Como n'elles faltar agora entende,
Co'o ledo rosto, e co'o fallar procura
Consolal-os, e ver se os assegura:

Ó campiões de Deus, que em tantos annos
Tendes comigo p'rigos mil soffrido
Em tantos climas, por livrar dos damnos
A sua lei, que para isso haveis nascido,
Vós que o persa vencestes, e os enganos
Do grego, e os montes, e o oceano erguido,
O frio, a sede e a fome roedora,
Constantes sempre, estremeceis agora?

Já no senhor não tendes confiança
Que em trances mais difficeis encontrastes?
Já de vos proteger seu braço cança,
E da sua clemencia vos privastes?
Breve, cumprindo os votos, a lembrança
Grata achareis dos males que passastes.
Eia pois, ó guerreiros, animae-vos,
E para grandes cousas preparae-vos.

Com taes palavras as turbadas mentes
Consola, e co'o sereno e ledo aspeito;
Porém cuidados mil guarda pungentes
Esculpidos no intimo do peito.
Pensa em como nutrir tão varias gentes
No meio da penuria, de que geito
No mar se opponha á armada, e como em terra
Os arabes ladrões dome na guerra.

CANTO VI

Porém pela outra parte os sitiados
Esperança mais válida assegura,
Pois fóra os mantimentos já guardados
Outros lhe traz a amiga noite escura.
Do norte os grossos muros reforçados
De machinas e d'armas, na estructura,
E elevação crescidos, dos maiores
Abalos não receiam os furores.

O rei, comtudo, os seus faz diligente
Lidar, e os lados alça e fortalece;
Encontra-os no trabalho o sol ardente,
E o céo quando d'estrellas resplandece.
Em armas fabricar continuamente
Súa o armeiro; nada ali se esquece;
Mas em aprestos taes intolerante
D'esta maneira ao rei fallou Argante:

Té quando nos terás, quaes prisioneiros,
N'estes muros em vil assedio e lento?
O que importa o soar d'elmos guerreiros,
Ou das bigornas o estrugir violento,
Se os inimigos correm bandoleiros
Campos, povoações a seu contento?
Se não ha quem de nós vá encontral-os,
E ao clangor da trombeta despertal-os?

Seus banquetes não são interrompidos;
Ao contrario, com grande confiança
Vêem o dia, e a noite devolvidos
No seio do socego e segurança.
E vós sereis ao jugo reduzidos
Pela fome, e por tanto ocio e tardança,
Ou, se em breve do Egypto não houverdes
O soccorro, a covardes perecerdes.

Quanto a mim não terei ignobil morte
Que me cubra de olvido a campa fria,
Nem aqui recolhido d'esta sorte
A aurora me achará do novo dia;
Escrito está se o derradeiro corte
Soffrer hei de, ou vencer a gente impia.
Não se dirá que sem tirar a espada
Morri de morte vil e não vingada.

Ah! que se o costumado animo vosso
Abatido de todo não jazera,
Em vez da honrada morte que achar posso
De victoria e de vida esp'rança houvera.
Vamos todos com alma o fado nosso,
E o inimigo encontrar que nos espera.
Os conselhos da audacia nos maiores
Perigos são ás vezes os melhores.

Mas se o fructo do arrojo tu receias,
E de arriscar tua gente sentes medo,
Porque dois cavalleiros não nomeias
Para a guerra findar? A Godofredo
Envia pois propor estas ideias,
E, para que as acceite prompto e ledo,
As armas elle escolha em liberdade,
E assente as condições á sua vontade.

Comtanto que duas mãos e uma alma tenha
O inimigo por mais audaz que seja,
Temer não deves que se não sustenha
A causa, a cujo lado em guarda eu esteja.
Este meu braço que por ti se empenha
Póde a victoria dar-te na peleja.
Em penhor minha mão, senhor, te offerto;
Crê n'ella, e o reino teu salvo é de certo.

Cala-se, e o rei lhe torna assim: fogoso
Mancebo, posto já me curve a edade,
Não sou tão vil e amigo do repouso,
Nem tal torpeza o corpo já me invade,
Que preferisse um fim opprobrioso
A morrer com valor e heroicidade,
Se, qual tu annuncias, eu temesse
Que a fome ou damno grande me viesse.

Longe tamanha infamia! Ora contar-te
Vou coisas que hei a todos escondidas;
Solimão de Nicéa, o qual em parte
Quer vingar as offensas recebidas,
Desde a Lybia ajuntou n'um estandarte
Dos arabes as tribus divididas,
E, o inimigo atacando em noite escura,
Dar-nos ajuda e viv'res assegura.

Breve este aqui será. Se no entretanto
Nossos fortes caírem, que os reserve
O vencedor em sua mão, comtanto
Que eu minha côrte e o sceptro meu conserve.
Tu essa impaciencia enfreia um tanto,
E o fogo que em tu'alma ardente ferve,
Esp'rando occasião mais opportuna
Para a minha vingança e tua fortuna.

Sentiu a indignação Argante ousado,
Que era de Solimão émulo antigo,
Encher-lhe o peito, ouvindo magoado
Quanto d'elle esperava o rei amigo,
E respondeu-lhe: guerra ou paz te é dado
Escolher, ó senhor; nada mais digo;
Aguarda Solimão para a contenda;
Quem seu reino perdeu que o teu defenda.

Venha, como celeste mensageiro,
Teu povo libertar; eu só espero
D'este meu braço o auxilio verdadeiro,
E d'elle apenas liberdade quero.
Deixa emtanto que, simples cavalleiro,
Ao campo eu desça, e, combatendo fero
Corpo a corpo co'os francos, me aventure,
E, não por ti, por mim gloria procure.

Replica o rei: posto essa furia e a espada
Deveras empregar em melhor feito,
Que a desafio chames, se te agrada,
Algum dos inimigos eu acceito.
Argante ouvindo-o, sem esp'rar mais nada,
Para um arauto diz: desce direito
Á planicie, e perante o campo todo
Falla ao chefe christão por este modo:

Que um cavalleiro, que indolente achar-se
Por muralhas occulto mal padece,
Quanto póde em valor assignalar-se
Com as armas mostrar estabelece,
E em duelo está prompto a apresentar-se
No plaino que ante os muros se offerece,
Para o quê a combate desafia
Dos francos o que mais em si confia;

E que a um, dois e trez não só intenta
Combater do christão acampamento;
Na liça até o quinto se sustenta,
Tenha elle baixo ou nobre nascimento.
Sirva o vencido, como a guerra assenta,
Ao vencedor; se for do seu contento,
Mande seguro. Então o arauto veste
D'ouro e purpura rica sobreveste;

E, depois de chegar ante a presença
Do chefe, dos barões acompanhado,
Pergunta: concedeis, senhor, licença
De vos expôr inteiro o meu recado?
Sim, diz o capitão, sem medo a offensa
Pódes executar o teu mandado.
Torna-lhe o arauto: ora vereis se bôa,
Ou formidavel minha voz resôa.

Continuando, propoz o desafio
Em palavras soberbas e alterosas.
Os guerreiros, quando elle as proferiu,
Trovejaram com vozes generosas.
Tornou-lhe sem demora o chefe pio:
Intenta o cavalleiro acções p'rigosas;
Creio que arrepender-se ha de depressa,
Nem o quinto haverá por que appareça.

Porem vir póde, que de todo o ultrage
Eu lhe dou campo livre, e o asseguro;
Com elle pugnará, sem ter vantage,
Algum dos meus; d'esta maneira o juro.
Partiu-se co'a resposta da mensage
N'isto o arauto, calcando o solo duro,
E, emquanto dado a Argante não a teve,
Não deixou de marchar com passo leve.

O que esperaes, senhor, para apromptar-vos?
Lhe diz; vosso cartel vos aceitaram;
Até os menos bravos de arrostar-vos
Na liça desejosos se mostraram.
Mil olhares eu vi ameaçar-vos,
E mil mãos que as espadas apertaram;
Campo seguro o chefe vos concede.
Assim fallando, Argante as armas pede;

E á pressa logo as veste, impaciente
De apparecer em face do inimigo.
Disse a Clorinda o rei que era presente:
Não é justo ficares tu no amigo
Seio dos muros, mas da nossa gente
Com mil o segue e serve-lhe de abrigo;
Comtanto que elle vá só á peleja,
E tua hoste de longe tudo veja.

Em breve da guerreira a força armada
Sae da cidade; aos mais todos precede
Argante em seu corcel co'a costumada
Fina armadura que a nenhuma cede.
Ha em meio dos muros e estacada
Um logar que parece feito adrede
Na egualdade do chão e na largura
Para ser destinado á guerra dura.

Só, a esse logar, fero descendo,
Parou em face dos christãos Argante;
Grande n'alma e no corpo está vertendo
Ameaça e soberba o seu semblante,
Qual Encelado em Flegra, ou qual o horrendo
Desmesurado philisteu gigante.
Porem muitos temel-o não parecem
Porque bem quanto póde não conhecem.

Emtanto Godofredo inda escolhido
O melhor entre muitos não havia,
Posto para Tancredo esclarecido
De todos o olhar se dirigia.
Ser de tantos heroes o mais subido
Bem claro cada rosto ali dizia,
Assim como o sussurro que soava,
E que o chefe co'a vista confirmava.

Superior por todos confessado,
Mesmo por Godofredo piedoso,
Vae, lhe diz este, pelejar te é dado,
Vae, castiga o furor d'esse orgulhoso.
Elle cheio de jubilo e arrojado,
Pois é campião do feito glorioso,
Pede o corcel, e o elmo ao escudeiro,
E de muitos seguido sae ligeiro.

Ainda ao largo campo, onde o ferino
Argante era, Tancredo não chegara,
Quando eis que da guerreira o peregrino
Corpo diviza e a formosura rara.
Tinha a vizeira erguida; em cume alpino
Jámais neve alvejou que lhe egualara
Da sobreveste a côr; n'um alto posta
Aos olhares de todo estava exposta.

Já não olha o christão para o cruento
Rival, que a fronte horrenda ao ar levanta;
Vae guiando o corcel a passo lento,
E os olhos volve áquella que o encanta;
Depois, qual pedra, jaz, sem movimento,
Gelo por fóra; mas a força é tanta
Do incendio, que, a notal-a embevecido,
Parece o pelejar ter esquecido.

Argante que não vê ninguem em acto
De á lide se aprestar d'est'arte exclama:
Quem é que se me oppõe? a quem combato?
Este desejo só aqui me chama.
Attonito Tancredo e estupefacto
Nada ouve, os olhos tem na sua dama.
N'este ponto o ginete Othon impelle,
E na liça o primeiro a entrar é elle.

Othon fora um d'aquelles que accendera
De pugnar co'o pagão nobre ousadia,
Mas, cedendo a Tancredo, lhe fizera
Com muitos cavalleiros companhia.
Agora vendo como attento era
Para outra cousa, e a pugna lh'esquecia,
Jóven audacioso e impaciente,
Acolhe a occasião avidamente;

E tão veloz, que nem o leopardo
Ás vezes assim corre na floresta,
Vôa a ferir Argante, o qual galhardo
Contra elle a ponderosa lança enresta.
N' isto acorda Tancredo, e do seu tardo
Pensar sae, qual de um somno; eil-o se apresta,
E grita: espera, que a peleja é minha;
Porém muito avançado Othon já tinha.

Conhece-o e pára, de despeito cheio,
E o rosto de rubor incendiado,
Vendo a sua vergonha, e que outro veio
O logar occupar que lhe foi dado.
Mas entretanto da carreira em meio
No elmo é o sarraceno fulminado;
Este encontra o mancebo, ao qual traspassa
Com o ferro o broquel, logo a couraça.

Cae o christão; bem crú e temeroso
O golpe foi para que assim caísse;
Mas não cae o descrente, mais forçoso,
Nem treme, qual se o choque não sentisse.
Após com modo altivo e despeitoso
Ao derrubado cavalleiro disse:
Rende-te; para gloria só te baste
Dizeres que comigo pelejaste.

Não, torna Othon, não se usa d'esta sorte
Entre nós entregar o brio e a lança.
Quem ficar desaggrave a minha morte;
Eu só a quero ou conseguir vingança.
Freme com rosto de Medusa o forte,
Audaz circassiano, e chammas lança.
Então, diz, prova a minha valentia,
Pois desprezas assim a cortezia.

N'isto impelle o corcel, tudo olvidando
Que deve respeitar um cavalleiro;
Foge o franco, do choque se esquivando,
E ao passar fere o lado do guerreiro;
E é tão grave a ferida que, tirando
O ferro, torna em purpura o terreiro.
Que val porém, se ao vencedor não tíra
O golpe a força, antes lhe augmenta a ira?

Na carreira o cavallo Argante pára,
E atraz o faz volver tão velozmente,
Que, quando o seu rival mal o notára,
Um grande encontro o abala de repente.
Tremem-lhe as pernas; qual se desmaiára,
Empallidece; o alento debil sente;
Desfallece-lhe a alma, e fraco e exangue
Cae sobre a terra que regou co'o sangue.

Argante se encruece, e, abrindo estrada
Co'o corcel do vencido sobre o peito,
Morram os orgulhosos todos, brada,
Como este que a meus pés tenho sujeito.
Do invencivel Tancredo a alma indignada,
Não podendo soffrer tão negro feito,
Quer que o arrojo seu sirva de emenda
Á culpa havida, e, qual costuma, esplenda;

E corre e grita; ó vil, que entre os favores
Da victoria te mostras baixo e infame,
Cruel sem cortezia, que louvores
Esperas? quem será que te honre e acclame?
Viver deves co'os duros roubadores
Da Arabia, ou com quem barbaro se chame.
Foge a luz, vae morar co'as outras feras
No monte e selvas, onde estar deveras.

Calou-se, e Argante, o indomito ao qual péza
Soffrer, os labios morde enraivecido.
Quer responder, porém a voz sae preza,
Qual de fero animal rouco rugido,
Ou, como raio, quando em furia acceza
Rasga o ar com terrivel estampido.
Com força egual troando lhe saia
A voz do peito, que de raiva ardia.

Mas, após a ameaça mutuamente
Em ambos irritar o orgulho e a ira,
Um e outro, tomando velozmente
Logar para a corrida, o corcel vira.
Musa, eleva-me agora a voz cadente,
E, como o seu furor, força m'inspira,
Por que tal feito minha pena eguale,
E o som das armas no meu canto falle.

As ponderosas lanças pondo em reste
Para o alto, os guerreiros se atacaram;
Aguia ou tigre veloz que a preza investe
Jamais á ligeireza lhe chegaram,
Nem houve nunca impeto egual ao d'este
Primeiro, quando em cheio se toparam;
Sobre os elmos as lanças se partiram,
E em lascas faiscando ao ar subiram.

Ao temeroso som, só de escutal-o
Tremeu a terra, e os montes responderam;
Mas a tão grande choque e rude abalo
As frontes orgulhosas não penderam.
Foi tal o encontro, que um e outro cavallo
Sem poder resistir ao chão vieram.
Tiram os dois o gladio, e o pé em terra
Poem, preparados para nova guerra.

Cada qual, acompanha do inimigo
O olhar, o passo, os golpes cauteloso,
Muda de posição, muda de abrigo,
Rodeia, avança, ou cede receioso,
Ferir simúla aqui, e onde perigo
Não parecia haver fere ardiloso,
Finge outras vezes descobrir-se em parte,
Tentando da arte escarnecer com arte.

*

O christão um dos lados mal guardado
Pelo broquel e espada mostra a Argante;
Este corre a feril-o, e desarmado
Fica por outra banda; n'um instante,
Além de lhe aparar o golpe irado,
O vulnera Tancredo triumphante;
Nem, isto feito, em retirar-se tarda,
Porém no escudo se recolhe, em guarda.

O cruento pagão que nada teme,
O seu sangue notando, e grande damno,
Com insolito horror suspira e freme,
Pela colera, e dor tornado insano,
E a voz robusta, que de raiva treme,
Alça junto co'o ferro deshumano,
Prestes para ferir, mas é ferido
De ponta onde anda á espadoa o braço unido.

Qual urso na floresta, que, mal sente
O venab'lo na carne, em crú transporte
D'encontro ás armas vae correndo ardente,
Os riscos affrontando e a propria morte;
D'este modo o infiel que a dor ingente
E a dupla chaga e injuria faz mais forte,
Apenas respirando atroz vingança,
Sem defeza aos perigos se abalança;

E unindo ao temerario atrevimento
Extrema, e infatigavel fortaleza,
O gladio faz girar tão violento,
Que o céo lampeja, e treme a natureza.
Para lhe responder nem um momento
O seu contrario tem; para a defeza,
Nem para respirar acha intervallo.
Nada de Argante poderá livral-o.

Em vão, Tancredo em guarda ver procura
Se dos golpes acaba a tempestade;
Já se oppõe, ja se aparta com bravura,
Em rodeios com mestra habilidade.
Porém como de Argante a sanha dura
Nada perde na sua intensidade,
Furioso tambem a espada em roda
Gira, empregando ali a força toda.

Vence a ira a razão, supera a arte,
E co'o furor a fortaleza crece;
Sempre que luz a espada ou corta ou parte
A armadura; debalde jámais dece.
Armas cobrem o chão cheias em parte
De sangue e suor, que o sangue empurpurece;
Os gladios quaes relampagos dardejam,
Baixam qual raio, e no baixar trovejam.

Vacilla na incerteza cada lado,
Scena tão nova e fera contemplando,
Pelo receio e esp'rança balançado,
Nos varios movimentos attentando.
Nem aceno se vê, nem se ouve brado,
Nem sôa ao menos murmurío brando;
Todos immoveis são, e silenciosos;
Vida só tem nos corações anciosos.

Já ambos eram lassos, e findaram
Ali, se a pelejar continuassem,
Mas as sombras a terra acobertaram,
Fazendo com que as coisas se offuscassem.
Dois arautos então se adiantaram
Para que os contendores apartassem;
Aridêo era um d'elles, o outro era
Pindoro o astuto, que o cartel trouxera.

Estes da paz os sceptros se atreveram
A estender entre os fortes combatentes
Com essa segurança que lhes deram
As leis antiquissimas das gentes;
E, depois que os furores suspenderam,
Disse Pindoro: sois ambos valentes,
Ambos na gloria eguaes; cesse a peleja,
E a paz da noite respeitada seja.

Em trabalhos o dia se despende,
Depois todo o animal folga e descansa;
Nem generoso coração pretende
Nocturna acção que só mudez alcança.
Responde Argante: a lide me defende,
A meu pezar, a noite que se avança.
A luz amo tambem; a pugna é finda,
Mas jure o meu rival tornar ainda.

E tu jura, Tancredo lhe dizia,
Que o prisioneiro teu trarás comtigo.
Somente d'este modo, proseguia,
Ora a peleja a abandonar me obrigo.
Juraram-no. Marcado o sexto dia
Para o encontro de um e outro inimigo
Pelos arautos foi, por que voltassem
Vigorosos, depois que se curassem.

Do combate feroz impressionados
Os sarracenos e os christãos ficaram,
De maravilha tal e horror tomados
Que por mui largo espaço os recordaram.
Só da pugna se falla; memorados
São o arrojo e valor que ambos mostraram;
Mas o pensar do vulgo vario era
Sobre qual d'elles maior gloria houvera;

E em suspensão, e incerto permanece
Por ver qual seja o fim do crú evento,
E se ao valor a furia prevalece,
Ou se á coragem vence o atrevimento.
Mas Herminia é de todos quem parece
Mais flagellar tão triste pensamento,
Pois que da decisão do incerto Marte
Vê de si perigar a melhor parte.

Esta que filha foi do rei Cassano,
Que outr'ora Antiochia governara,
Após o reino o ferro soberano
Dos christãos lhe tomar, serva ficara;
Mas Tancredo encontrou tão bom e humano,
Que em seu poder ninguem a injuriara,
E no meio da patria arruinada,
Qual rainha, por elle foi honrada.

Serviu-a, honrou-a, deu-lhe a liberdade
O cavalleiro forte e glorioso,
E deixou-a guardar com dignidade
Joias, ouro, e quanto era valioso.
Herminia vendo n'essa curta edade
Alma tão nobre, e rosto tão formoso,
Por amor ficou preza de tal sorte,
Que nunca se formou laço mais forte.

Assim, se o corpo fora libertado,
Ficou-lhe a alma para sempre escrava,
E abandonar o seu senhor amado,
E a querida prizão pena lhe dava;
Mas o real decoro, que olvidado
Não póde ser, d'est'arte lh'o mandava;
Resolveu-se portanto a retirar-se,
E em terra amiga com sua mãe salvar-se.

Veio a Jerusalem, onde acolhida
Pelo tyranno foi; mas logo teve
De chorar sua mãe, de dó vestida,
Que a morte lh'a roubou em tempo breve.
Entretanto nem esta dor pungida,
Nem o exilio, a que pranto sempre deve,
A paixão de sua alma lhe arrancaram,
Nem suas chammas em nada mitigaram.

Abrazada de amor, a pobre ama,
E tão debil esp'rança experimenta,
Que o vivo incendio que lhe o peito inflamma
Quasi só de lembranças se sustenta;
Quanto mais dentro em si occulta a chamma,
Tanto esta mais se ateia, mais se augmenta;
Vem-lhe a esp'rança acordar emfim Tancredo
Quando chega a Sião com Godofredo.

Tremeram todos o espantoso e ovante
Exercito de Christo ao longe vendo;
Ella acalmou o turbido semblante,
Co'a vista alegre as hostes percorrendo;
Ávida procurava o cáro amante
N'aquelle acervo d'homens basto e horrendo.
Muita vez o buscou inutilmente,
Outras comsigo disse: eil-o presente.

Junto ás muralhas no palacio havia
Uma torre já velha, a cuja altura
Quem subisse de todo descobria
O campo franco, os montes e a planura.
Ahi dês o raiar da luz do dia
Até descer o véo da noite escura
Se assenta, os olhos pelo campo gira,
E com o seu pensar falla e suspira.

D'ahi viu a peleja, e de assustado
Sentiu tremer o coração tão forte,
Como se lhe dissesse: o teu amado
É aquelle que em risco está da morte.
Assim incerta, e o peito angustiado,
Observou do combate a varia sorte,
E cada vez que Argante o ferro impio
Baixou os golpes n'alma dar sentio.

Mas quando tudo soube e ficou certa,
Que ha de o combate renovar-se, ai d'ella!
Temor tão grande o coração lhe aperta
Que nas veias o sangue se congela.
Occulta chora, ou faz que se converta
Em gemidos sua dor, e á parte os vela;
Pallida, meia morta, entre temores,
Tem impressos no rosto o susto e as dores.

Com tremendas vizões a sua ideia
A amedronta e perturba a toda a hora;
É seu somno peior que a morte feia,
Com tão horriveis larvas a apavora!
Ás vezes julga ver de sangue cheia
A imagem do guerreiro a quem adora,
Pedindo-lhe soccorro, e acorda emtanto,
O seio e os olhos humidos de pranto.

O temor do porvir não é sómente
O que sem pausa o coração lhe abala;
As feridas do amado juntamente
Vem na sua desgraça flagellal-a.
Alem d'isto o rumor faz com que augmente
O occulto e longe, e mentiroso falla,
Pelo que ella acredita ser da morte
Já muito perto o cavalleiro forte.

E porque de sua mãe d'antes soubera
Das plantas as virtudes ignoradas,
E o carme com que ás chagas dar pudera
Cura, e deixar as dores mitigadas,
(Arte, em que ali por uso dado era
Serem dos reis as filhas amestradas)
Co'as proprias mãos sarar ambicionava
O senhor caro, que ferido estava.

Curar somente o amado pretendia,
E tratar do inimigo lhe é forçoso.
Matar a este ás vezes lhe occorria,
Nas chagas pondo succo venenoso;
Porem foge sua mão candida e pia
De se manchar em feito criminoso;
Deseja ao menos, pois, que todo o encanto
Percam as hervas, e o fadado canto.

Pelo meio da gente aos seus contraria
Andar não receiava; decorrida
Na matança e na guerra sanguinaria
Lhe foi a incerta e fadigosa vida;
Assim, é por costume temeraria
Postoque o debil sexo a não convida;
Nem levemente o peito lhe quebranta
Qualquer terror, que a outrem certo espanta.

Porém mais do que tudo o amor ousado
Tanto seu fraco peito fortalece,
Que arrostara com passo confiado
As serpes, e os leões que a Lybia offrece.
Entretanto da vida sem cuidado,
Cuidado a fama sua lhe merece;
Combatem dentro d'ella duvidosos
A honra e amor, contrarios poderosos.

Um d'est'arte lhe diz: casta donzella
Que até agora a minha lei guardaste,
Tu, de quem eu zelei a honra bella
Emquanto serva dos chritãos andaste,
Hoje livre, pretendes ir perdel-a,
Quando então prisioneira a conservaste?
Ai! quem te acorda o virgem pensamento?
Qual tua esp'rança é pois? qual teu intento?

Da tua fama serás tão pouco amiga,
Darás tão baixo preço á honestidade,
Que vás buscar desprezo entre inimiga
Gente pela nocturna escuridade?
Queres que o fero vencedor te diga:
Com o reino perdeste a gravidade,
Não és digna de mim; e, qual vil preza,
Te entregue dos soldados á bruteza?

De uma outra parte amor d'esta maneira
A embala, conselheiro falso e astuto:
Não nasceste de tigre carniceira,
Ó virgem bella, nem de monte bruto,
Para que desprezar tua alma queira
A paixão, e jamais provar-lhe o fruto;
Pejo não deves ter de ser amante,
Pois teu peito não é de diamante.

Vae, corre onde o desejo por ti chama.
Julgas o vencedor impio, inhumano?
Não sabes, se o teu pranto se derrama,
Como quinhôa o teu chorar, teu damno?
Tu, a quem seu perigo pouco inflamma,
É que has de certo coração tyranno.
Soffre o pio Tancredo, ó crua e ingrata,
E d'outrem teu desvelo cuida e trata.

Salva, salva de Argante, pois, a vida,
Para que o teu senhor entregue á morte;
A tua obrigação fica solvida,
E elle fica bem pago d'esta sorte.
Mas dize, não te sentes constrangida
N'este mister por um horror tão forte,
E por um tedio tal, que estam dizendo:
Fóge d'este logar, foge correndo?

Pelo contrario que obra humana fora,
E tua alma que jubilo provára,
Se essa mão piedosa e salvadora
Ao valeroso peito se chegára!
Se teu senhor, por ti liberto agora
Da morte, no semblante se animára!
Como, vendo suas graças ir voltando,
O adoráras, tua obra contemplando!

Tambem tiveras parte em seus louvores,
E nas suas façanhas gloriosas;
Elle honestos e fervidos amores
Te offertaria e bodas venturosas;
Depois mostrada e honrada entre as melhores
Mães serias, e candidas esposas
Na bella Italia, assento verdadeiro
Da fé certa, e do animo guerreiro.

Louca! por taes esp'ranças enganada,
Já imagina o auge da ventura,
Mas de duvidas mil se vê cercada
Sobre como partir ha de segura.
Velam guardas nos muros, e morada
Do rei; nem porta alguma, emquanto dura
Tamanho p'rigo e tão estreita guerra,
Sem haver grande causa, se descerra.

Herminia de Clorinda em companhia
Muita vez demorar-se costumava;
Com ella a achava o sol quando descia,
E a aurora, no horisonte mal raiava;
Depois quando era finda a luz do dia
Ás vezes um só leito as abrigava;
Conhece uma da outra a dita e as dores;
Apenas têm segredo em seus amores.

Isto lhe esconde Herminia tão somente;
E quando a amiga a escuta lamentar-se,
Outra causa simúla a quanto sente,
Mostrando do seu fado só queixar-se.
Com amizade tal não ha quem tente
Proíbir-lhe da estancia avizinhar-se
Da guerreira, quer esta n'ella esteja,
Quer ausente em conselho ou na peleja.

Um dia, que era a joven n'outra parte,
No quarto seu a triste Herminia entrando
Se pôz a meditar no modo e arte
De partir, seu desejo executando.
Emquanto assim sem tregoas se reparte
Em pensamentos mil esvoaçando,
De Clorinda á armadura os olhos vira,
Suspensa no alto, e por a ver suspira,

E diz comsigo a suspirar; oh! quanto
É feliz a fortissima donzella!
Como eu a invejo! não por ter o encanto
Da gloria, nem a honra de ser bella;
Só porque a não captiva longo manto,
Nem seu valor muro cioso vela,
Antes, se quer, sem que ninguem se opponha,
Armada sae, sem medo e sem vergonha.

Ah! porque não me deu a natureza
Força, e um peito que ao d'ella se egualasse,
Para que estes vestidos de fraqueza,
E este véo por couraça e elmo trocasse?
Não retivera então minh'alma acceza
O tufão, por mais rijo que soprasse,
Nem sol ou neve, mas ao campo iria,
Acompanhada ou só, de noite e dia.

Não pelejaras, despiedado Argante,
Se eu fora assim, com meu senhor; primeira
Do que tu me puzera d'elle diante,
E talvez hoje o houvesse prisioneiro,
Soffrendo o jugo da inimiga amante,
Jugo de escravidão doce e ligeiro;
E já por seus grilhões suavisados
Eu sentiria os meus — ai! tão pesados!

Ou com a sua mão me traspassára,
Reabrindo-me o peito; d'esta sorte
De amor a chaga ao menos me curára
Do seu gladio querido o fino corte;
Assim o corpo e a mente descançára,
E o vencedor depois da minha morte
Talvez á que o amou sepulchro desse,
E n'elle algumas lagrimas vertesse.

Ai! impossivel é! em vão anciosa,
De illusões infundadas me alimento!
Ficarei pois aqui fraca e chorosa,
Como mulher de ignobil nascimento?
Ah! não! minha alma, faze-te animosa.
Porque por breve espaço não sustento
A armadura tambem, para mostrar-me
Com ella forte e aos p'rigos arriscar-me?

Fal-o-hei; dar-me-ha força amor ardente,
Amor, que inda os mais fracos avigora,
Que até o veado imbelle faz valente
Correr da paz á guerra assoladora.
Tanto não quero eu, porém somente
Com estas armas disfarçar-me agora,
E fingir-me Clorinda; que encoberta
N'este engano passagem tenho certa.

D'aquelles a que a vela anda incumbida
Das altas portas qual será o ousado
Que se atreva a impedil-a na saída?
Este caminho só me é franqueado.
Seja a innocente fraude protegida
Pela fortuna, e amor que me ha mandado.
Vamos, a hora é bôa ao nosso intento;
Clorinda está co'o rei n'este momento.

D'est'arte se resolve; estimulada
Pela força do amor, mais nada espera,
E a armadura transporta apressurada
Ao seu quarto, que perto d'ali era;
E poude-o bem fazer, porque deixada
Foi só, e ajuda a occasião lhe dera;
E inda além d'isto a noite, que encobria
Os amantes e o furto, a protegia.

Notando ella que o céo já se recama
De astros, e cada vez mais se escurece,
Um fiel escudeiro á pressa chama
Para que companhia lhe fizesse,
E uma das criadas que mais ama;
Diz-lhes em parte o que na ideia tece,
Falla-lhes de fugida, mas simula
Que outro motivo a mente lhe estimula.

Logo o fiel escudeiro apresta quanto
Á viagem precizo ser podia.
Herminia a veste sua deixa emtanto
Que magestosa até os pés descia;
Mas o simples vestir lhe dá encanto,
E gentileza, qual ninguem creria.
Apenas a criada, que chamara
Para seguir-lhe os passos, a prepara.

Co'o durissimo aço opprime e offende
A coma de ouro, e o collo delicado;
Na dextra debil o broquel suspende,
Pezo insoffrivel, e jamais provado.
Assim toda de ferro ornada esplende,
Procurando mostrar ar de soldado.
Ao vel-a ri-se amor, como se rira
Quando Alcides de dama se vestira.

Oh! como ella sustenta com fadiga
A pezada armadura, e a custo avança!
Como faz ir diante a serva amiga
Servindo-lhe d'apoio em que descança!
Mas fôrça aos membros que o cansaço obriga
E ao espirito dão amor e esp'rança.
Chegam emfim onde eram aguardadas
Pelo escudeiro e montam apressadas.

Vão com disfarce, que o temor os leva,
E os caminhos mais sós seguir procuram;
Acham gente, comtudo, e pela treva
Muitas armas aqui e ali fulguram;
Mas contra elles ninguem ha que se atreva;
Todos o passo a dar-lhe se apressuram,
Que essa candida veste e a insignia horrivel
Era mesmo de noite conhecivel.

Posto que veja o susto enfraquecido,
Herminia alguns receios inda sente,
Pois teme ser o engano conhecido,
E medo tem do seu árrojo ardente.
Mas, junto á porta, o esconde, e, em decidido
Tom, chegando ao que a guarda, ousadamente
Lhe diz: Clorinda sou; abre-me a porta;
O rei me envia onde ao serviço importa.

É similhante a voz da dama bella
Á da guerreira, e o engano facilita.
Que outra, a não ser a bellica donzella,
Se armara assim ninguem certo acredita;
O guarda prompto lhe obedece, e ella
Pela porta co'os seus se precipita,
Desce aos valles por ter mais segurança,
E em longa, obliqua senda o corcel lança.

Mas quando a sitio fundo e só chegára,
A marcha apressurada um pouco susta,
Pois os riscos primeiros crê passara;
Nem de ser alcançada já se assusta.
Pensa agora n'aquillo em que pensara
Pouco ao principio, e vê que mais lhe custa
Do que ideou, por seu amor levada,
No campo dos christãos haver entrada.

Que em meio do inimigo, qual guerreiro,
Era insania arriscar-se agora via;
Tambem a outrem se mostrar primeiro
Que ao seu senhor amado não queria.
Com honra á tenda ir do cavalleiro
Occulta e inesperada pretendia;
Por isso ao escudeiro se endereça,
Tornada mais prudente, e assim começa:

Ao campo franco os passos me precede,
Mas sê prompto e sagaz, por vida minha;
Ahi indaga de Tancredo e pede
Que te levem ao sitio onde definha;
Ao qual diz: que uma dama vem adrede
Dar-lhe saude, e pedir paz, mesquinha!
Paz, que me move guerra amor tyranno.
Assim, curando-o, curarei meu damno.

E que essa dama está d'elle tão certa,
Que, sendo em seu poder, não teme nada;
Finge ignorancia, se depois te aperta
Com perguntas, e faz volta apressada.
Eu aqui, onde estar julgo encoberta,
Me ficarei emtanto descançada.
D'est'arte disse, e, como se tivesse
Azas, em breve o nuncio desparece.

E de tal sorte fez que amigamente
No campo entrou, e em face conduzido
Foi do guerreiro, o qual ouviu contente
Da donzella o recado. Despedido
Já do heroe, que mil duvidas na mente
Volvera, o mensageiro era partido,
E a ella a doce nova conduzia:
Que occulta, quanto é dado, entrar podia.

Emtanto Herminia, a qual se impacientava,
Aborrecida, ao ver tanta demora,
Os passos do escudeiro numerava,
E dizia: chega, entra, volta agora.
Parece-lhe, e esta ideia a magoava,
Mais vagaroso do que nunca fora.
Emfim para uma altura se endereça,
D'aonde o campo a descobrir começa.

Sem nuvens, e com toda a pompa sua
Mostrava a noite o manto constellado;
Raios lançando e perolas, da lua
Já reluzia o globo, ha pouco nado;
Herminia aos céos a inf'licidade crúa
Do coração mandava enamorado.
Os mudos campos, o silencio amigo
Seus confidentes eram, seu abrigo.

Depois dizia, o acampamento olhando:
Tendas formosas por que só suspiro,
Conforta-me este ar; em me chegando
Perto de vós mais placida respiro!
Assim façam meus rogos o céo brando,
E encontre a paz a que de ha tanto aspiro,
O que em vós só procuro; pois só creio
Paz encontrar de vossa guerra em meio.

Ai! acolhei-me; aquella piedade
Ache eu em vós que amor me promettera,
E que já vi na minha f'licidade,
Quando do meu senhor captiva era.
Cobrar com vossa ajuda a magestade
E o reino esta minh'alma não espera;
Não, se me é concedido tão somente
Servir em vós, existirei contente.

Assim ella se exprime, não prevendo
Como a infelicidade perto esteja.
Sobre suas armas lucidas batendo
De chapa a lua o seu clarão dardeja,
De sorte, que de longe qualquer vendo
Tal resplandor, a veste que lhe alveja,
E o grande tigre argenteo que vomita
Chammas, Clorinda ser logo acredita.

Quiz a sua má sorte que estivessem
Perto muitos guerreiros emboscados,
Que aos dois irmãos latinos obedecem
Alcandro e Poliferno, os quaes postados
Foram ali por que impedir podessem
Os viv'res que a Sião fossem levados;
E se passou acaso o mensageiro
Foi por volta maior ir dar ligeiro.

O joven Poliferno, que ao pae vira
De Clorinda matar a espada infensa,
Notando a branca veste abafa de ira,
Pois ser a matadora logo pensa,
E aos seus soldados o seu fogo inspira;
Nem já conter podendo a raiva immensa,
Com insano furor lhe atira a lança,
E grita: morre; porém não a alcança,

Qual serva que demanda sequiosa
Logar onde agua tenha fresca e viva,
Da rocha a rebentar fonte formosa,
Ou rio que entre sombras se deriva,
Mas que, se encontra os cães quando ociosa
Crê mitigar a sede á sombra estiva,
Torna atrás por fugir e vae correndo
Do cansaço e da sede se esquecendo;

D'est'arte Herminia a sede que soffria
De amor no peito enfermo sempre ardente,
Mitigar esperava na alegria
Honesta, e repousar a anciada mente,
Porém vendo que alguem isso impedia,
Mal a rude ameaça, e o ferro sente,
Deixa o desejo seu, e intimidada
Esporeia o cavallo apressurada.

Foge a bella infeliz; piza ligeiro
O seu corcel o chão; correndo a segue
A fiel companheira, e o crú guerreiro
Com muitos dos soldados as persegue.
N'isto chega das tendas o escudeiro
Por que a resposta já tardia entregue,
E incerto as acompanha; na campina
Separam-se co'o medo que os domina.

Mas o prudente Alcandro inda que viu
Qual o outro, a Clorinda simulada,
Porque estava mais longe a não seguiu,
E ficou como dantes na emboscada.
Para o campo depois logo expediu
Um nuncio dando parte que tomada
Coisa alguma por elles fora ainda,
Mas que ia seu irmão após Clorinda,

E que suppunha, e que a razão mostrava
Que ella que é commandante, e não soldado,
Occasião como esta procurava
Para algum feito grande e assignalado;
Porém ao capitão mandar tocava,
E a elle executar o seu mandado.
Chega noticia tal ao acampamento,
E entra as tendas latinas n'um momento.

Tancredo inda suspenso da ventura
Do outro annuncio, este escutando, — ah! vinha
Buscar-me, diz comsigo; a formosura
Corre a est'hora perigo, e a culpa é minha.
Então tomando parte da armadura
Cavalga tacito, e veloz caminha,
E os indicios da bella vae seguindo
Pelas vias por onde a crê fugindo.

CANTO VII

Entretanto a uma antiga selva umbrosa
Pelo cavallo Herminia é conduzida;
Já não governa o freio de medrosa,
E parece entre a morte quasi e a vida.
Por tantas sendas leva a desditosa
O rapido corcel, que emfim perdida
É dos olhos d'aquelles que a seguiam;
Pelo que d'ella após embalde iriam.

Como depois de fadigosa caça
Os cães recolhem tristes e anhelantes,
Por haverem perdido á fera a traça,
Escondida entre troncos verdejantes,
Taes, cheios de vergonha e de ameaça,
Os christãos tornam lassos e offegantes;
Entretanto ella foge á redea solta,
E por ver se a perseguem nem se volta.

Sem conselho e sem guia vae fugindo
Durante toda a noite e todo o dia,
Nada vendo em redor e nada ouvindo
Senão seu pranto e gritos de agonia,
Até quê, quando o sol, já disjungindo
Os cavallos, ao salso mar descia,
Do formoso Jordão á veia clara
Chega, e ali afinal desmonta e pára.

Nada come; seus males a sustentam,
E sómente de lagrimas tem sede;
Mas o somno em que os homens exp'rimentam
Repouso, e olvido, e que ao lidar succede,
Faz quietar as dores que atormentam
O peito seu, e a sensação lhe impede.
Vendo amor como a triste os olhos fecha,
Nem assim mesmo socegal-a deixa

Só acordou sentindo as tenras aves
Ledas saudar os matinaes albores,
E o rio e arbustos murmurar suaves,
E o zephyro brincar n'agua e nas flores;
Então, abrindo os olhos inda graves,
Vê os ermos albergues dos pastores,
E da agua imagina e d'entre a rama
Que uma voz sae que a prantear a chama.

Mas quebrado é seu choro e seus lamentos
Por um som claro, e musica serena,
Mistura de bucolicos accentos,
E da grosseira, campesina avena.
Ergue-se, e caminhando a passos lentos
Acha um velho abrigado á sombra amena,
Tecendo cestos de um rebanho perto,
E ouvindo de trez jovens o concerto.

As insolitas armas de repente
Ao ver em sustos cada qual se lança;
Comprimenta-os Herminia docemente,
E para os socegar descobre a trança.
Segui, lhes diz, do céo bemdicta gente,
Vossa lida com toda a confiança;
As minhas armas guerra não vos trazem,
Nem vosso canto e obras parar fazem.

Depois acrescentou: tão descançados
Como habitaes aqui, em torno ardendo
A sanguinosa guerra, dos soldados
Sem medo ás forças, e ao furor tremendo?
Filha, a minha familia, e estes meus gados
Sempre illesos guardei aqui vivendo;
O temeroso estrepito de Marte
Nunca turbou esta remota parte;

Ou porque, favoravel, a humildade
O céo proteja do pastor insonte,
Ou porque, como o raio e a tempestade
Que a planicie não busca, mas o monte,
Da espada do estrangeiro a feridade
Só procure dos reis ferir a fronte;
Nem que chame os soldados é possivel
Nossa pobreza vil e desprezivel.

Vil para os outros, para mim tão cara,
Que por ella ouro e c'roas não aceito;
Vontade alguma ambiciosa e avara
Encontra abrigo em meu tranquillo peito;
Apago o ardor da sede n'agua clara,
Onde veneno sei não é desfeito;
A minha horta e rebanho fornecida
Me têm a parca meza de comida.

Facilmente os desejos satisfaço:
Para viver com pouco me contento;
Vês perto os filhos meus; a elles faço
Guardar o gado; servos não sustento.
Aqui os dias socegado passo,
Entretendo-me em ver saltar o armento,
Em ver os peixes n'este rio nadando,
E as avezinhas para o céo voando.

Out'rora no calor da juventude
Outra ambição nutri bem differente;
Reputei ser pastor humilde e rude,
E o meu paiz abandonei contente:
Vivi em Memphis, e ao serviço pude,
Como criado, entrar do rei potente,
E, postoque os jardins em guarda tive,
Sei que nas côrtes a injustiça vive.

Levado de esperança presumida,
Longo tempo ao mais duro sujeitei-me;
Mas quando a florea edade a despedida
Me deu, sem esperança e arrojo achei-me:
Suspirei pela minha paz perdida,
D'esta existencia humilde recordei-me,
E disse adeus á côrte. Assim, tornado
Aos meus bosques, feliz tenho passado.

Emquanto d'este modo elle se exprime,
Attenta Herminia está, muda e quieta;
A voz prudente n'alma se lh'imprime,
E a tempestade em parte lhe aquieta;
Depois que a mente imaginando opprime
Com mil ideias, n'essa tão secreta
E calma solidão ficar deseja
Até que o fado a volta lhe proteja.

Pelo que diz: ó velho afortunado,
Que já tens do infortunio a experiencia,
Se não te inveja o céo tão doce estado,
Mova-te a minha misera existencia;
Entre os teus me recebe apiedado;
Quero habitar aqui n'esta innocencia;
Talvez a minha magoa se minore
Quando no meio d'estas sombras more.

Se fosses de thesouros desejoso,
Como o vulgo, que um deus n'elles adora,
Poderia fazer-te venturoso,
Tanta riqueza tenho mesmo agora.
N'isto dos bellos olhos copioso
Choro derrama, e triste se deplora,
Contando parte do seu mal; emtanto
Chora o pastor por escutar seu pranto;

E a consola depois, nem que por ella
De paternal amor inteiro ardesse,
E á esposa a conduz, que alma singela,
Conforme á d'elle, quiz o céo que houvesse.
De grosseiro vestido a real donzella
Se cobre, e a tosco véo a trança offrece,
Mas nos olhos, nos gestos e semblante
Mostra não ser dos bosques habitante.

Não lhe occulta o vestido humilde e estranho
O brilho, a magestade, a gentileza;
É o regio explendor tal, e tamanho
Que trae dos exercicios a rudeza.
De cajado, a pastar leva o rebanho
A disfarçada e candida princeza,
Muge o leite co'as mãos de pura neve,
E o comprime depois no cincho breve.

Quando fugindo aos estivaes ardores,
Á sombra todo o armento descançava,
Nas faias, nos loureiros sorridores
O amado nome vezes mil gravava,
E seus crueis e tetricos amores
Em milhares de troncos memorava;
Depois a propria historia lendo escrita,
Inundava-a de lagrimas, afflicta.

Oh! conservae, carpindo-se dizia,
Caros troncos, a minha inf'licidade,
Porque, se algum fiel amante um dia
Buscar da sombra vossa a amenidade,
Vendo tamanha dor, tanta agonia,
Sinta acordar no peito a piedade,
E exclame: ah! quão injusta foi a sorte!
Que paga deu amor a amor tão forte!

Talvez, se acaso, ó céo, ouvidos prestas
A algum rogo mortal, que inda trazido
Seja a estes logares e florestas
Quem talvez já de mim vive esquecido,
E, revolvendo os olhos para estas
Partes, onde o meu corpo perseguido
Emfim descansará, dê algum pranto,
Paga tardia de martyrio tanto.

Assim, se em vida foi triste o meu peito,
Morta, será minh'alma venturosa,
E do seu fogo a fria cinza o effeito
Gozará, que eu não gózo desditosa.
Aos surdos troncos falla d'este geito,
Derramando mil lagrimas formosa.
De a procurar emtanto não se farta
Tancredo, e mais e mais d'ella se aparta.

Pelos vestigios seus sempre correndo,
Guia o corcel á selva que é vizinha;
Mas o matto era aqui tão negro e horrendo,
E o dia tanto declinado tinha,
Que, já signal algum não conhecendo,
Assaltado de duvidas caminha,
Escutando em redor attentamente,
A ver se algum tropel ou armas sente.

Se a viração nocturna rumoreja
Ao passar pela faia ou pelo olmeiro,
Se move os ramos ave que avoeja,
Ao sitio do rumor corre o guerreiro.
Deixa a selva por fim; a lua alveja,
E á luz d'ella dirige-se ligeiro
Por via ignota a um som que longe ouvia,
Té que chega ao logar donde saía.

Chega, e vê rebentar d'alto rochedo
Limpidas, claras aguas abundantes,
Que seguem com ruído em curso ledo
Qual corrego entre margens verdejantes.
Ahi pára, ahi brada em vão Tancredo;
Só os echos lhe tornam resoantes.
Emtanto via despontar da aurora
A face rubicunda e encantadora.

Geme accusando o céo que a dita esp'rada
Lhe recusou, e a singular ventura;
Mas, se voltar sua amante maltratada,
Tirar vingança das offensas jura.
Tornar decide então, inda que a estrada
Não sabe se achará por que procura;
Volta, que perto o dia era prescripto
De pelejar co'o campião do Egypto.

Parte, por senda incerta caminhando,
Porem ouve um rumor que augmenta e avança,
E emfim de estreito val vê despontando
Um homem de correio á similhança,
Na mão flexivel latego agitando,
Com a bozina ao lado, á nossa usança.
Pede Tancredo que o caminho diga
Que para o campo dos de Christo siga.

Para lá mesmo agora Boemundo,
Diz o outro em italico, me envia.
Crendo-o nuncio do tio, segue-o jocundo
Tancredo, sem saber que elle mentia.
Chegam emfim a um lago inerte e immundo,
O qual forte castello em meio havia.
Era a hora em que o sol se precipita
No reino do negror que a noite habita.

Sôa o nuncio a bozina, mal chegado,
E uma ponte se abaixa de repente.
N'este logar, lhe diz, ficar te é dado,
Se és christão, até vir o sol nascente.
O conde de Cozenza assignalado
O tomou ha trez dias ao descrente.
Examina-o Tancredo, e formidavel
Vê ser, n'arte e no sitio inexpugnavel.

Duvida logo após de que em tão forte
Castello alguma insidia se occultasse;
Porém, afeito a se arriscar á morte,
Nem deu leve signal que o demonstrasse;
Que aonde fosse por escolha ou sorte
Só seu valor queria o assegurasse;
Comtudo aqui bater-se não deseja,
Por o ter emprazado outra peleja.

Por tal razão no prado onde descera
A curva ponte, a marcha duvidosa
Retem um pouco, e incerto considera
Sem seguir a sua guia insidiosa.
Mas ja na ponte um cavalleiro o espera
Com face torva, levantada, irosa;
Na mão esquerda a núa espada esgrime;
E ameaçador e aspero se exprime:

Ó tu, que por acaso, ou por quereres
Aos dominios fataes chegas de Armida,
Deixa as armas, na fuga não esperes,
Que a tua liberdade está perdida.
Entra o seu paço, e emquanto aqui viveres
Serve-a, como por muitos é servida;
Nem de rever o céo tenhas esp'rança
Com o tempo, ou da edade co'a mudança,

Se de marchar não fazes juramento
Contra quem segue Christo e o favorece.
Tancredo, ouvindo tal, o encara attento,
E logo as armas e o fallar conhece.
É Rambaldo o Gascão, que em seguimento
Foi da formosa Armida, e lhe obedece;
Tornado á crença do infiel por ella,
Empunha o ferro só por defendel-a.

De pia indignação a fronte acceza,
O guerreiro lhe torna: renegado,
Eu sou Tancredo que de Christo a empreza
Tomei, e só por ella hei pelejado;
Seus contrarios por sua fortaleza
Venci; em ti vaes vel-o comprovado,
Pois minha mão foi pelo céo eleita
Para vingança em ti ser hoje feita.

Turba-se, ouvindo o nome glorioso,
O impio guerreiro, e lhe demaia a face,
Mas, occultando-o, exclama: desditoso,
Porque has vindo onde a morte te acabasse?
Hei de domar-te as forças, orgulhoso,
Hei de cortar essa cabeça audace,
E aos francos envial-a de presente,
Se hoje o que sou meu braço não desmente.

Tal fallava o pagão, e como o dia
Findo era já, e apenas se enxergava,
Tanta lampada emtorno apparecia
Que o ar lucido e bello se tornava.
Qual em rico theatro resplendia
O castello, e no alto se assentava
Armida, por que tudo olhasse e ouvisse
D'aquelle sitio, mas ninguem a visse.

Para a luta feroz o joven nobre
Emtanto as armas, e o valor prepara;
Deixa o debil cavallo, mal descobre
Que o seu contrario a pé se adiantara;
Com o elmo e broquel, de que se cobre,
Rambaldo vem, erguendo a espada clara.
Sae-lhe ao encontro o principe arrojado,
Com torvo olhar e com terrivel brado.

Aquelle pelas armas defendido
Dá grandes voltas, golpes simulando;
Este, posto cançado e mal guarido,
Cerra com elle resoluto, e, quando
O inimigo recúa, decidido,
E veloz o persegue fulminando;
Já o encalça, já o opprime e affronta,
E o gladio ao rosto muita vez lhe aponta;

E aonde mais o fere cruelmente
É onde pôz mais vida a natureza,
Unindo sempre a ameaça ao golpe ardente,
E aos temores dos golpes a fereza.
Aqui e ali se volve o diligente
Gascão, e furta o corpo com destreza,
Buscando com o escudo ou com a espada
Que seja a furia do rival baldada.

Menos veloz Rambaldo era comtudo
Na defeza que o outro na peleja;
Tem já partido o capacete e escudo,
Já sangue o traspassado arnez goteja,
E inda o contrario não feriu sanhudo,
Pois sempre em vão por lhe chegar forceja.
Já sente medo e travam-lhe do peito
Vergonha, consciencia, amor, despeito.

Emfim dispõe-se em desesp'rada guerra
A exp'rimentar o esforço derradeiro;
Deixa o escudo, co'as mãos juntas aferra
O gladio não manchado, e, co'o guerreiro
Audaz, de perto, furioso cerra;
Joga-lhe um rude golpe; era o primeiro
Que damno lhe fizesse, pois se interna,
Da armadura apezar, na esquerda perna.

Na larga fronte o golpe lhe segunda,
Que no metal batendo fundo echôa.
Não fende o elmo a espada furibunda,
Mas faz que elle se encolha e o atordôa.
A face do christão de ira profunda
Flammeja, o olhar de chammas se povôa;
E sae-lhe da vizeira co'os ardentes
Torvos olhares, o estridor dos dentes.

O perfido pagão já não sustenta
Aquelle ameaçador, fatal aspeito;
Ouve zunir o ferro, e se amedrenta,
Crendo sentil-o já dentro do peito.
Evita o golpe, o qual em cheio assenta
N'um pilar junto á ponte, de tal geito
Que o parte. Em lascas este ao ar se eleva,
E ao coração traidor o medo leva;

Pelo que á ponte corre, e na fugida
Da sua salvação põe só a esp'rança.
Tancredo o segue, e a mão já destendida
Tem sobre elle, e co'os pés seus pés alcança;
Mas eis que apaga força não sabida
Astros, luzes, e a fuga lhe afiança;
Nem no deserto céo a meiga lua
Mostra a mais tenue claridade sua.

Entre encantos e trevas o animoso
Vencedor ao vencido não persegue,
Pois nada vê, e o passo duvidoso
E mal seguro move, ao pasmo entregue.
Acaso em seu caminho tenebroso,
Sem ver, entra uma porta e avante segue,
Mas sente-a após de si bater terrivel,
E n'um logar se encontra escuro e horrivel.

Qual o peixe que busca fugitivo
Abrigo onde o mar sóe apaular-se
No seio de Comachio, ao furor vivo
Ali crendo das ondas esquivar-se,
E á prisão se vae dar, em que captivo
Ficará para nunca libertar-se,
Pois é carcere aquelle que só deixa
Entrar, e que a saída sempre fecha;

Assim Tancredo audaz, fosse qual fosse
O estranho encanto da prisão sombria,
Penetrou n'ella, e de repente achou-se
Preso aonde ninguem fugir podia.
Para forçar a porta em vão cançou-se;
Com mão robusta embalde a sacudia;
Emtanto ouve estas vozes: ó guerreiro,
Não saes d'aqui, d'Armida és prisioneiro.

No sepulchro dos vivos, sem ter medo
Á morte, viverás aqui teus annos.
Não responde, mas guarda o bom Tancredo
Os gemidos do peito nos arcanos;
Accusa a sorte e amor como em segredo,
Sua insania, e dos outros os enganos,
E em baixas vozes muita vez exclama:
Leve é perder do sol a viva chamma;

Mais caro sol, e mais formosa vista
Perco; ai! nunca talvez me será dado
Que a minh'alma de jubilo se vista,
E se asserene com seu brilho amado.
Lembra-lhe após Argante, e se contrista
Inda mais: ao dever como hei faltado!
Oh! crime! eterno opprobrio! que eu mereça
Que me insulte o inimigo e me escarneça!

Assim, do amor e honra perseguido,
O peito do guerreiro se rasgava;
Mas n'este tempo Argante mal soffrido
De estar no brando leito se indignava.
Tanto o socego lhe era aborrecido
Tanto sem gloria e sangue se alterava,
Que das feridas não curado ainda
Da sexta aurora anceia pela vinda!

A noite precedente o crú guerreiro
Apenas a cabeça descançara;
Inda escuro, levanta-se ligeiro,
Nem os cumes a luz sequer aclara,
E as armas pede ao provido escudeiro,
O qual já diligente as apromptara,
Não as do uso, mas outras que lhe havia
Dado o rei, como dom de alta valia.

Elle, sem muito olhar, toma a armadura;
Nem o gran pezo o corpo lhe carrega;
Ao lado a amiga espada dependura
De finissima temp'ra, e a si a chega;
Assim cometa pela esphera escura
Horrivel e sangrento a vista cega,
Vindo os reinos mudar, e trazer damnos
E peste, infausta luz para os tyrannos.

Armado Argante brilha d'esta sorte,
E volve o olhar ebrio de sangue e d'ira;
Vertem os actos seus horror de morte,
E ameaça de morte o rosto expira;
Alma não ha, por mais segura e forte,
Que não se aterre, se elle os olhos gira;
A espada núa eleva, brande e agita,
O ar, as sombras fere embalde, e grita:

Dentro de pouco o roubador ousado,
Que a mim no orgulho seu quer egualar-se,
Ha de cair vencido e ensanguentado,
Ha de sob os meus pés no chão rojar-se;
Verá — vivo — por mim ser despojado,
Sem que pelo seu Deus possa livrar-se;
Nem co'as preces fará que aos cães eu tire
O pasto do seu corpo quando expire.

D'esta maneira o touro, se o irrita
Dos ciumes o estimulo pungente,
Com horroroso brado muge e grita,
Os brios despertando e a ira ardente,
Pelos troncos as pontas exercita,
Aos ventos arremette ousadamente,
E, de longe, escarvando a dura terra,
Desafia o rival a crúa guerra.

De egual furor movido, chama Argante
O arauto, e assim lhe falla em voz truncada:
Vae ao campo inimigo, e o arrogante
Christão convida á pugna começada.
N'isto cavalga, conduzindo adiante
O seu captivo, e, sem esp'rar mais nada,
Já da cidade sae, já com ligeiro
Correr se precipita pelo outeiro.

Entretanto a trombeta resoando
Em som horrivel ao redor se estende,
E, dos trovões o estrepito imitando,
Os corações e ouvidos rude offende.
Vão-se os heroes na tenda congregando
Do capitão que em tudo manda e entende;
Ahi juntos, o arauto desafia
Tancredo; os mais tambem não excluia.

Emtorno Godofredo gira lento
O olhar, com mente incerta e receiosa;
Por mais que olhe e que volva o pensamento
Ninguem vê para empreza tão famosa.
A flor dos seus deixou o acampamento:
De Tancredo nem nova duvidosa;
Longe Boemundo está, e por seu erro
O invencivel Rinaldo anda em desterro;

E, além dos dez da sorte protegidos,
Tambem do campo foram os melhores
Da bella Armida atraz, favorecidos
Da noite silenciosa e seus negrores.
Os outros menos fortes e atrevidos,
Mudos, sentem do peijo as vivas cores;
Nem ha quem pela honra a vida exponha;
O temor vence n'elles a vergonha.

A tal silencio e vista, da fraqueza
Dos seus o capitão capacitou-se,
E todo cheio d'ira e de nobreza
Subito d'onde estava levantou-se.
Não merecera a luz da natureza,
Começou elle, se tão fraco eu fosse
Que vilmente um pagão assim deixasse
Que a nossa honra sob os pés calcasse.

Fique o exercito em paz, e de segura
Parte veja o meu p'rigo descançado.
Eia depressa, pois, dae-me a armadura;
Prestes cumprido é o seu mandado.
Mas Raymundo, que á edade já madura
Ajunta são conselho e exp'rimentado,
E aos presentes nas forças bem se eguala,
Avança á frente, e d'este modo falla:

O que fazes, senhor? o campo inteiro
Ha de comtigo em risco ver-se posto!
És capitão, não simplice guerreiro;
Fora commum e publico o desgosto.
Da fé, do imperio arrimo verdadeiro,
Por ti ha de baixar Babel o rosto;
A ti cabe somente o sceptro e o mando;
A nós expor a vida pelejando.

Eu, posto já me curve a longa edade,
Estou prompto na lide a apresentar-me.
Fujam outros da guerra a tempestade,
Co'a velhice não quero acobertar-me.
Ah! se eu tivesse a vossa mocidade,
Não poderia, como vós, quedar-me,
Sem que a vergonha vos incite e a ira
Contra quem as injurias vos atira!

Oh! fosse eu como quando satisfeito
Ante a Germania, na sublime corte
Do segundo Conrado, abri o peito
Ao feroz Leopoldo, e o dei á morte!
E foi d'alto valor mais claro effeito
O poder triumphar d'homem tão forte,
Do que se algum de nós sem que se armasse
Muitos d'essa vil gente afugentasse.

Se esse antigo vigor inda meu fora
Houvera este orgulhoso já punido;
Mas posto que não seja, qual outr'ora,
Tenho alma, e cheio d'annos não trepido.
Se no campo ficar sem vida, embora;
Com damno do infiel serei vencido.
Vou-me armar, seja o dia este que illustre
Todos os annos meus de novo lustre.

Assim falla o ancião, e os generosos
Sons o valor nos animos accendem.
Os timidos ha pouco e silenciosos
Ora altivos a colera desprendem.
Ninguem foge da pugna; desejosos
Muitos para a alcançar até contendem:
Estevão, Guelfo, do germano imperio,
Balduino, os Guidos dois, Gernier, Rogerio;

E Pyrrho, aquelle que entregou sem guerra
A nobre Antiochia a Boemundo,
E Evrard, nascido na escoceza terra,
E Rudolfo, e o valente Rosamundo,
Um da Irlanda, outro filho d'Inglaterra,
Povos que parte o mar do nosso mundo;
Tambem Gildippe e Eduardo ali porfiam,
Almos esposos, que de amor viviam.

Mas, excedendo-os, o arrojado velho
Se mostra desejoso, forte e ardente;
Armado é já do bellico apparelho,
Falta-lhe apenas o elmo reluzente.
Godofredo lhe diz: ó vivo espelho
Do vetusto valor! que a nossa gente
Comtigo aprenda, pois em ti de Marte
Reluz a honra, disciplina e arte.

Oh! se acaso entre os jovens eu tivera
Dez com valor a esse similhante,
Como Babel altiva não vencera,
E a cruz de Thule ao Bactro alçara ovante!
Mas cede agora, eu te supplico; espera
Obra aos teus annos propria, e mais prestante,
E deixa que dos mais um vaso acolha
Os nomes, por que a um a sorte escolha;

Ou antes Deus, de cujo pensamento
É escrava a fortuna, escravo o fado.
Não desiste o ancião do nobre intento,
E quer ser egualmente contemplado.
No elmo os nomes lança o chefe attento,
E, depois de os haver bem agitado,
A primeira das sortes sair vê-se,
E n'ella o conde de Tolosa lê-se.

É o seu nome alegremente ouvido,
E da escolha ninguem ousa queixar-se.
Elle, de nova força revestido,
Alça a fronte, e parece remoçar-se.
Tal, transmudado o natural vestido,
Lança ouro a cobra, e crereis renovar-se.
Mais que todos o applaude o chefe, e gloria
Lhe augura com magnifica victoria;

E, descingindo a espada assignalada,
A entrega em suas mãos e assim se exprime:
Do rebelde Saxão esta é a espada;
Co'a vida negra, em que pesava o crime,
Por minha propria mão lhe foi tirada;
Hoje, fazendo a minha vez, a esgrime.
Comigo ficou sempre vencedora;
Toma-a, feliz comtigo seja agora.

Emtanto impaciente o sobranceiro
Argante ameaçando assim dizia:
Ó gente invicta, ó povo tão guerreiro
Da Europa, um homem só vos desafia.
Venha Tancredo pois, saia a terreiro,
Se acaso em seu valor tanto confia;
Ou quer no brando leito esp'rar a noite,
Em que outra vez o seu terror acoite?

Venha outro, se elle teme, juntamente
Vinde vós, cavalleiros, vinde, infantes,
Pois não ha quem commigo as armas tente
Entre tantos mil homens arrogantes.
Eis de Christo o sepulchro em vossa frente,
Porque a elle não ides triumphantes,
Vossos votos cumprir? esta é a estrada;
Para que obra maior guardaes a espada?

O feroz sarraceno, escarnecendo,
Com taes injurias aos christãos atira;
Mas, soffrer tanta affronta não podendo,
Mais que todos Raymundo acceso o ouvira,
Que o brio estimulado é mais horrendo,
E cresce mais quanto mais cresce a ira.
Já no seu Aquilino com presteza
Monta, ao qual dera o nome a ligeireza.

Este corcel no Tejo nado fora;
Ali a avida mãe do audaz armento
Ás vezes, quando a quadra que enamora
Sorri, e a instiga com ardor violento,
Abrindo a boca á briza geradora,
Recebe-a, e é fecundada pelo vento,
E co'o tepido ar que ardente bebe
Dentro de pouco tempo é mãe, concebe.

Aquilino bem crereis ser nascido
Da aragem d'entre todas mais ligeira;
Ou o vejaes, sem ser o chão ferido,
Passar desparecendo na carreira,
Ou curtas voltas dar apercebido,
Sem que o sigaes, inda que a vista o queira.
O conde em tal corcel corre disposto
Á peleja; e, elevando aos céos o rosto:

Ó Deus, tu que á fraqueza concedeste
Que em Threbintho Golias atacasse,
E esse flagello de Israel fizeste
Que a funda de um mancebo o derribasse,
Faze que da mesma arte eu vença este,
Obrigando-o a rojar na terra a face,
E que á soberba dome ora a velhice,
Como outr'ora a domou a meninice.

Assim do conde as preces resoaram,
E, movidas de Deus na esp'rança interna,
Para a celeste esphera se elevaram,
Qual sobe o fogo á região superna.
No Omnipotente logo abrigo acharam,
O qual a um anjo da milicia eterna
Chamou, e lh'incumbiu que o protegesse
D'Argante, e vencedor d'elle o fizesse.

O anjo que Raymundo em guarda houvera,
Escolhido da mão da Providencia
Desde o dia primeiro em que viera
Do mundo vaguear pela inclemencia,
Vendo que Deus de novo ora o escolhera,
De protegel-o dando-lhe a incumbencia,
Ao alto forte sóbe onde resplendem
As armas, que a divina hoste defendem.

Ahi guarda-se a haste que a serpente
Matou, e os grandes raios temerosos,
E aquelles que, invisiveis para a gente,
Trazem pestes e males pavorosos;
Ahi suspenso está o gran tridente,
O mór terror dos homens criminosos,
Que as cidades abate e os monumentos,
Sacudindo da terra os fundamentos.

Entre outras armas scintillar se via
Broquel de lucidissimo diamante,
Que os paizes e as gentes bem podia
Cobrir do Caucaso ao famoso Atlante;
É com este que o Eterno defendia
Algum rei justo, ou povo ao céo constante.
Toma-o o anjo escolhido, e sem ser visto,
Ao lado se vae pôr do heroe de Christo.

Cheios os muros entretanto estavam
De varia turba, e pelo rei mandados
Para parar no outeiro caminhavam
Muitos, que por Clorinda eram guiados;
Do outro lado tambem se divizavam
Algumas hostes de christãos armados.
Para os dois combatentes um terreno
Se abre entre ambos os campos não pequeno.

Olha Argante, e Tancredo em vão procura;
Em vez d'elle outrem vê desconhecido.
O conde avança, e diz: por tua ventura
Quem buscas n'outra parte está retido;
Mas não te orgulhes, não, que essa bravura
Me tens para domar apercebido;
Tomar posso o logar do outro guerreiro,
Ou comtigo pugnar como terceiro.

O soberbo sorri-se, e lhe responde:
Onde pois é que está? que faz Tancredo?
O céo ameaça e timido se esconde,
Só na fugida segurando o medo!
Seguil-o-hei, fuja embora para onde
Do mar é o centro, paz não lhe concedo.
Mentes, o outro diz, quem mais valia
Tem do que tu de ti não fugiria.

Freme o circassiano iroso e brada:
Em seu logar te aceito, aqui te espero;
Como a tua loucura sustentada
Ha de ser dentro em pouco saber quero.
Cada um d'elles, a lança sopesada,
Avança, e joga ao elmo golpe fero;
O bom Raymundo o infiel co'o ferro alcança;
Este na sella nem sequer balança.

D'outro lado tambem corre vãmente,
Caso não visto, Argante rancoroso,
Porque pelo seu guarda resplendente
Foi defendido o capitão famoso.
Os labios morde o crú de raiva ardente,
E, blasphemando louco e furioso,
Em terra quebra a lança, a espada tira,
E impetuoso ao seu rival se atira.

O possante cavallo precipita,
Como quando a marrar corre o carneiro.
Raymundo foge á dextra, o golpe evita,
E na fronte o infiel fere ligeiro.
Torna este com a espada n'elle fita;
Desvia-se de novo o ancião guerreiro;
Comtudo o capacete lhe fulmina,
Embalde, que é de temp'ra adamantina.

Mas o feroz pagão, que a pugna anceia
Mais perto, se adianta, e co'elle cerra.
O conde que de mole tal receia
Que o faça co'o cavallo dar em terra,
Ora cede, ora assalta, ora rodeia
O seu contrario com mudavel guerra.
Segue o ginete o mais ligeiro mando
Do freio, em falso nenhum passo dando.

Qual capitão que excelsa fortaleza
Oppugna entre paúes, ou em monte erguida,
Procurando mil vias para a empreza,
Tudo tentando, assim do conde a lida.
Mas vendo que lhe oppõe rija defeza
O peito, e a fronte d'aço guarnecida,
Fere em logar mais fraco, e para a espada
Busca entre ferro e ferro abrir estrada.

Em duas ou tres partes do contrario
É entrada a armadura, e já sanguenta;
Escapando da guerra ao p'rigo vario,
A do outro inda illesa se apresenta.
Embalde o fere Argante temerario,
E emprega a força e a ira que o sustenta;
Mas não se cança, antes, os botes dobra,
E a cada erro nova força cobra.

Emfim entre mil golpes um terrivel
Lhe joga; e tão chegado o conde era,
Que evital-o talvez fosse impossivel,
Fugindo co'o corcel, e ali jazera;
Não o esquece porém o alto e invisivel
Soccorro, o anjo da celeste esphera,
O qual estende o escudo de diamante
Para aparar o ferro scintillante.

Quebra-se n'elle o gladio (nem podia,
Pelo humano artificio fabricado,
Ás armas resistir que feito havia
Puras divino artifice); admirado
Viu-o cair Argante, e não o cria;
Viu-o cair em terra espedaçado;
Para o braço olha inerme, e lá comsigo
Pasma das fortes armas do inimigo.

Que se partira a espada acreditava
No outro escudo que o christão defende;
Tambem o bom Raymundo isto julgava,
Sem saber que a seu lado o céo contende.
Mas como desarmado vê que estava
O contrario, no ataque se suspende,
Pois por indigna tem e baixa a gloria
Que se possa ganhar com tal victoria.

Toma, dizer queria, uma outra espada,
Porém pensa comsigo d'este geito:
Se cae, a súa gente é deshonrada,
Sendo de todos defensor eleito.
Por isso ignobil palma não lhe agrada,
Nem os christãos expor em dubio feito.
Emquanto escolhe atira-lhe ao semblante
Com o punho do gladio o fero Argante,

E o seu ginete ao mesmo passo lança
Contra Raymundo, a luta procurando;
O golpe a este o capacete alcança,
Na face ao perpassar signal deixando;
Mas o conde de medo não balança,
Veloz os fortes braços evitando,
Fere-lhe a mão, que a elle já descia,
Mais do que abutre desalmada, impía.

Depois move-se d'uma a outra parte,
Já volta, já retira, e assim fluctua;
Porém sempre, quer volte, quer se aparte,
Fere o duro pagão com dextra crúa.
Tudo que tinha de vigor e d'arte,
Tudo que fazer póde a raiva sua,
Tudo reúne do infiel em damno.
O céo o ajuda, e o fado soberano.

Fiado na armadura e em si, não teme
O descrente; o seu animo o alimenta;
Assim possante náo, quebrado o leme,
E rasgadas as velas na tormenta,
Posto que o mar a bate, e o vento freme,
Tendo forte o costado, se sustenta,
E, sem ceder á furibunda vaga,
Não imagina ainda que naufraga.

Perigavas, Argante, em tal maneira,
Quando ajudar-te Belzebú procura.
De uma nuvem compõe sombra ligeira,
Á qual de humano ser presta a figura;
Assimilha-a a Clorinda sobranceira
No todo, e na translucida armadura;
No andar, no gesto e voz tão conhecida,
Em tudo a faz com ella parecida.

A sombra ante Oradino, experiente,
Famoso sagitario se offerece,
E lhe diz: Oradino sapiente,
A quem a setta rapida obedece,
Ah! que damno seria, se o valente
Defensor da Judéa assim morresse,
E o seu rival com seu despojo ornado
Tornasse para os seus victoriado!

Dá provas da tua arte habilidosa,
E ao salteador francez traspassa o peito,
Que, além da fama que haverás honrosa,
O rei premiará tão grande feito.
Disse, e elle co'a alma jubilosa,
Por ouvir taes promessas satisfeito,
Da prenhe aljava tira para a empreza
Uma setta, e, ajustada, a corda enteza.

Sibila a teza corda, desprendida
A frecha pelo ar vôa zunindo,
E a couraça penetra enfurecida,
As fivellas do cinto dividindo.
Ahi pára, de sangue mal tingida,
A pelle apenas do christão ferindo;
Que o guerreiro do céo a não deixara
Passar além, e a força lhe quebrara.

A setta da couraça o conde tira,
E ao ver o sangue em colera redobra,
Ameaças vomita, e, cheio d'ira,
A fé quebrada do infiel exprobra.
O chefe, que os seus olhos não retira
De Raymundo, bem nota a iniqua obra,
E o ajuste violado, e, como teme
Que seja a f'rida grave, triste geme;

E co'a voz, e co'a fronte sobranceira
Incita os seus soldados á vingança.
N'um instante cada um cala a vizeira,
As redeas larga, põe no riste a lança.
D'esta e d'aquella parte sae ligeira
Turba, que de armas ouriçada avança.
O campo desparece, e o pó miudo
Em densos globos se ergue e envolve tudo.

Topam-se, e um rumor se ouve retumbante
De elmos, lanças, e escudos resoando.
Um cavallo aqui jaz, além errante
Outro, sem dono ter, anda vagando;
Um guerreiro é já morto, outro expirante;
Qual suspira, qual geme soluçando.
Fera a peleja vae, e se encruece
Tanto mais quanto mais se trava e crece.

Salta Argante no meio apressurado,
E, a um guerreiro tomando ferrea maça,
Rompe o grande tropel basto e cerrado,
E a rodeia, fazendo larga praça.
Só a Raymundo busca; a elle voltado
Só tem o ferro, a elle só ameaça,
Qual se em suas entranhas alimento
Haver quizesse, lobo famulento.

Mas os passos lhe impedem corajosos
(Duro obstaculo e fero) Orman primeiro,
Um Guido, os dois Gerardos tão famosos,
E o de Barnavilla audaz Rugeiro.
Não pára; antes, por estes valerosos
Apertado, mais pugna o crú guerreiro;
Tal á chamma captiva, quando fóra
Sae, arruina tudo assoladora.

Mata Orman, fere Guido, lança em terra
Entre os mortos Rogerio egro e gemente;
Mas cresce a multidão, com elle cerra,
Opprimindo-o n'um circulo potente.
Emquanto só por elle egual a guerra
Se mantinha entre uma e outra gente,
Godofredo o irmão chama, e d'esta sorte
Lhe diz: cumpre mover túa cohorte.

Vae onde mais mortal a pugna arde,
E investe o lado esquerdo do inimigo.
Elle o ouve, e se move sem que tarde,
Com tal força, que, ao ver o seu perigo,
Da Asia a multidão, como covarde,
Foge dos francos, procurando abrigo;
Pois vê por terra, abertas as fileiras,
Cavalleiros, cavallos e bandeiras.

Tambem o dextro lado em fuga é posto
Pelo choque; resiste só Argante;
O mais disperso corre e descomposto,
Que azas lhe dá o medo delirante.
Só aquelle não foge, e mostra o rosto;
Nem de cem mãos indomito gigante,
Que com cincoenta escudos pelejara,
E outras tantas espadas, mais obrara.

Maças, lanças, espadas, só, contrasta,
E dos corceis os impetos affronta;
Só, contra tantas forças firme basta,
E a este e áquelle, intrepido, amedronta.
É ferido, a armadura rota e gasta
Verte sangue e suor; com tal não conta;
Mas, da turba cercado e comprimido,
Emfim a acompanhal-a é constrangido.

Á furia da torrênte as cóstas vira,
Á qual forçado, rabido obedece;
Porém com peito forte se retira,
Se o coração por obras se conhece.
Inda nos olhos a ameaça, a ira,
E o terror fuzilando lhe apparece;
Inda de os seus reter nutre esperança;
Faz quanto póde, porém não o alcança.

Nem consegue que a fuga ao menos seja
Com mais ordem, ou menos apressada;
Arte, ou freio não ha que o medo reja:
Nem súpplicas, nem mando valem nada.
Godofredo que vê, quanto deseja,
A fortuna a guiar os seus voltada,
Segue o caminho alegre da victoria,
E ajuda manda a compartir a gloria.

E, se Deus não tivesse ha muito escrito
Em seu livro immutavel outro dia,
Bem póde ser que n'este o campo invicto
Á sacrosanta guerra fim poria.
Mas a hoste infernal que em tal conflicto
Vê baquear sua negra tyrannia,
Sendo-lhe permittido, n'um momento
De nuvens cobre o céo, e solta o vento.

Aos olhos dos mortaes véo tenebroso
Occulta o dia; o céo, horror lançando,
Negreja mais que o inferno pavoroso,
Raios mil e relampagos soltando;
Sôa o trovão, granizo procelloso
Cae, os pastos e campos inundando;
Quebra os troncos a sanha da tormenta,
E os proprios montes abalar intenta.

Ao mesmo tempo o vento e a tempestade
Ferem do franco as faces altaneiras;
Da imprevista procella a intensidade
Susta-o; fatal terror entra as fileiras.
D'ellas a mais pequena quantidade,
Sem as ver, fica em roda das bandeiras.
N'isto Clorinda, que não longe era,
Os passos do corcel logo accelera,

Gritando aos seus: por nós o céo combate;
Ajuda á causa da razão concede;
Sobre nós o seu braço não se abate,
Nem manejar a espada nos impede;
Somente irado sobre as frontes bate
Do inimigo medroso que já cede,
E as armas lhe tira, e a luz do dia.
Vamos, pois, a fortuna é o nosso guia.

D'este modo os anima, e, recebendo
Só pela espalda os infernaes furores,
Os christãos accommette, encontro horrendo,
E zomba dos seus golpes e rancores.
Argante n'este passo, atrás volvendo,
Farta carnagem faz nos vencedores,
Os quaes do campo em fuga se retiram,
E ao ferro e á tempestade as costas viram.

Persegue os fugitivos a ira dura
Do Orco, e a espada que este favorece;
Corre o sangue, que ás aguas se mistura
Da grande chuva, e o campo se enrubece.
Entre os mortos e f'ridos na planura
Cae Rudolfo, tambem Pyrrho perece,
Que o circassiano áquelle arranca a alma,
E d'estoutro Clorinda leva a palma.

Assim dos francos o tropel fugia,
E o demonio co'o syrio o não deixava.
Contra as armas e ameaça que bramia,
Contra o granizo, e a tempestade brava,
Só Godofredo calmo se volvia,
E os chefes asp'ramente censurava;
E do arraial á porta no soberbo,
Corcel, colhia os seus do fado acerbo.

Contra o feroz Argante inda se lança
Por dúas vezes, e depois recúa;
Outras tantas do p'rigo ao meio avança,
Onde a pugna é maior, a espada núa.
As trincheiras emfim co'os seus alcança,
Cedendo da victoria que foi sua.
Retira-se o infiel, e consternados
Ficam no campo os francos fatigados.

Nem mesmo ahi da horrida tormenta
Podem fugir á grande força, á ira;
Alaga a chuva tudo, e a violenta
Furia do vento, que raivoso gira,
Apaga luzes, pannos arrebenta,
E arranca tendas, que a distancia atira.
O vento, os gritos, os trovões entoam
Horrivel harmonia, e o mundo atroam.

CANTO VIII

Já cessara o trovão, e a tempestade,
E o vento mitigara os seus furores;
Já da manhã raiava a claridade,
De ouro adornada, e de purpureas côres,
Mas inda dos demonios a maldade
Não queria pôr termo a seus rancores,
Antes, um, que Astarothe se chamava,
Assim, fallando a Alecto, se expressava:

Vês alem vir aquelle cavalleiro,
(Por nós não póde ser embaraçado)
Que d'entre as mãos do defensor primeiro
Do nosso imperio vivo se ha livrado?
Vae aos francos o triste e verdadeiro
Fado contar dos seus, do chefe ousado,
E outras cousas dizer, pelo que hei medo
Que emfim chame a Rinaldo Godofredo.

Tu bem sabes como é conveniente
Oppor para impedil-o a força e engano.
Desce aos christãos, portanto, velozmente,
E o que elle em bem disser converte em damno;
Na bretan, na latina e helvecia gente
Veneno lança, e teu furor insano;
Excita os odios, os tumultos forma,
E em confusão o exercito transforma.

É de ti digna a obra; já diante
Do nosso rei disseste que a fizera
Tua astucia e poder. Isto é bastante
Para acceder; mais nada Alecto espera.
Emtanto o cavalleiro n'este instante
Chegado ao campo dos christãos já era,
E pedia que alguem o conduzisse
Ao capitão, e ante elle o introduzisse.

Immensa turba os passos lhe seguia,
De ouvir o peregrino curiosa.
Este inclinou-se, e a mão beijar queria,
A mão que faz tremer Babel medrosa;
Senhor, cujo renome, prorompia,
Finda co'o mar, e esphera luminosa,
Trazer melhores novas desejava;
Aqui gemia, e após continuava:

Sueno, do rei dano unico filho,
Seu bordão na velhice, e gloria amada,
Qual outros, quiz seguir o claro trilho,
Que has tomado, e cingir por Christo a espada.
Nem os trabalhos, nem da c'rôa o brilho,
Nem p'rigos, nem a edade fatigada
Do velho pae com elle força houveram,
E do intento magnanimo o torceram.

O seu desejo era aprender a arte
Da milicia na guerra aspera e dura
Comtigo, nobre mestre, e acompanhar-te.
Movia-o pejo de sua fama obscura,
E Rinaldo, de quem por toda a parte
Ouvia o nome e a gloria, já madura
Em verdes annos; porém mais o zelo
Do céo, da terra não, vinha movel-o.

Venceu tudo, portanto, e impaciente
Juntando um corpo forte e aventureiro,
Para a Thracia marchou e sede ingente,
Que é coração do imperio, verdadeiro.
O grego imperador urbanamente
O recebeu; depois um mensageiro
Em teu nome chegou, e que rendida
Fora Antiochía, disse, e defendida;

Defendida do persa poderoso,
O qual com tantas forças a cercara,
Que o seu reino, tão grande e populoso
Sem gente parecia que ficara.
De ti fallou, e d'outros; ao famoso
Rinaldo veio emfim; a sua clara
Audaz fuga contou, contou a historia
Dos feitos entre vós dignos de gloria.

Que eram em marcha os francos ajuntava
Para dar á cidade o assalto forte,
E que ao menos quizesse o convidava
Ser no triumpho extremo teu consorte.
Assim o mensageiro lhe fallava.
Causa em Sueno esta nova tal transporte,
Que é cada hora um lustro, já querendo
Ver-se co'os inimigos combatendo.

Sente da gloria alheia envergonhar-se,
E se lh'afflige o coração e enluta;
Quando alguem aconselha aquietar-se,
Não lh'o concede, ou mesmo o não escuta:
Nos riscos e victorias não achar-se
Comtigo como risco só reputa;
É este o unico medo que alimenta;
Não sabe mais nenhum, nada o amedrenta.

É elle mesmo que o seu fado apressa,
O fado que a nós todos conduzia,
Pois se põe a caminho mal começa
A desejada luz do novo dia.
Como a optima via lhe pareça
A mais breve, por ella só nos guia,
Nem os passos difficeis, nem os p'rigos
Evita dos paizes inimigos.

Fomes, asperas sendas encontrámos,
Mil emboscadas, e combates varios;
Mas foi tudo vencido; afugentámos,
Ou fizemos morrer nossos contrarios;
Co'a victoria nos riscos nos tornámos
Seguros, e até mesmo temerarios;
Quando a um sitio chegando que confina
Já quasi co'o paiz da Palestina,

Vem-nos participar os corredores
Que immenso rumor d'armas hão sentido,
E enxergado pendões, d'onde temores
Tem de haver perto exercito subido.
Nem o pensar, nem do semblante as côres
Nem a voz muda o nosso chefe ardido,
Postoque dos presentes estremeçam
Muitos, e a tal noticia empallideçam;

Antes, diz: oh! quão perto de nós vejo
A c'rôa ou do martyrio ou da victoria!
Mais uma espero, mas tambem desejo
A outra de mor preço e egual na gloria.
Ó irmãos, este campo, eu bem prevejo,
Templo ha de ser, onde a immortal memoria
Aos seculos porvir um dia aponte
O nosso tum'lo, ou nossos feitos conte.

Assim fallando, ordena as sentinellas,
E reparte os empregos e a fadiga.
Manda que armados fiquem; nem as bellas
Armas depõe, pois a prudencia o obriga.
Inda a noite era esplendida d'estrellas,
E na hora do somno mais amiga,
Quando barbaros gritos se escutaram,
Que até o céo e inferno penetraram.

Arma, arma resôa; na armadura
Guardado, Sueno a todos se adianta;
Nos olhos tem magnanima bravura,
E o semblante arrojado ao ar levanta.
Eis nos assaltam com braveza dura;
Cercam-nos, e sua força é tal e tanta,
Que de ferros floresta em roda havemos,
E co'as settas o céo ver não podemos.

Na pugna desegual, pois congregados
Vinte assaltantes são contra um somente,
Muitos morrem nas trevas, ignorados,
Outros recebem golpes cruamente;
Mas serem uns e outros numerados
A escurissima sombra não consente:
A noite os nossos damnos não descobre,
E os nossos feitos egualmente cobre.

Comtudo Sueno tanto a face alteia
Entre todos, que a todos é vizivel,
E no escuro com provas se nomeia,
Mostrando o seu valor e força incrivel;
Um monte de homens mortos o rodeia,
Faz-lhe um rio de sangue fosso horrivel,
E, a qualquer lado a que o conduz a sorte,
Nos olhos leva o horror, no braço a morte.

Pelejámos assim té os alvores
Apparecerem do nascente dia;
Mas depois de desfeitos os horrores
Da noite, que da morte o horror cobria,
A desejada luz nossos terrores
Dobrou com feia scena de agonia;
Era cheia de mortos a campina,
E nós quasi na ultima ruina.

De dois mil cem não eramos. Ah! quando
Elle vê tanto sangue e mortandade,
Não sei se ante esse quadro miserando
O desalento o animo lh'invade;
Não o mostra porém, antes, bradando,
Imitemos, exclama, a heroicidade
Dos nossos; para o céo com elles vamos;
Por seu sangue marcada a estrada achamos.

Disse, e da morte que vizinha era
Creio que alegre n'alma e no semblante,
Contra os perigos, e a ruina fera
O peito pôz intrepido e constante.
Tempera, por mais fina, não sustera,
Não de aço, mas de rigido diamante,
Os golpes com que Sueno o campo alaga;
É todo o corpo seu como uma chaga.

O valor, não a vida, é que alimenta
Esse altivo cadaver não vencido.
Ferem-no, fere, e firme se sustenta,
E faz mais damno se é mais offendido;
Quando eis grande guerreiro se apresenta
Ante elle, atroz no olhar, e enfurecido,
E, após comprida e porfiada guerra,
De muitos ajudado o lança em terra.

Cae, miserrimo caso! o heroe preclaro!
Nem poude ser por nós ali vingado.
Eu vos attesto a vós, meu senhor caro,
E ao vosso nobre sangue derramado,
Como não fui d'esta existencia avaro,
E não fugi o ferro acovardado;
Se permittisse Deus que então morrera,
Com minhas obras certo o merecera.

Cahi vivo entre os mortos, eu somente;
Nem talvez ninguem vivo me crêria;
Nada mais sube da inimiga gente,
Porque todo o sentir perdido havia.
Mas quando aos olhos meus a luz fulgente
Voltou, pois negra treva m'os cobria,
Noite me pareceu, e avistei logo
Ao longe o vacillar de tenue fogo.

Não tinha eu tanta força que pudesse
As coisas distinguir de um modo certo;
Via-as bem como vel-as acontece
A quem os olhos abre mal desperto.
Meu padecer fazia que crescesse
A aura nocturna, pois ao ar aberto
Exposto, ao frio, e em terra núa, as f'ridas
Pelas dores sentia encruecidas.

Cada vez mais emtanto se chegava
Com um leve rumor a luz sumida,
Até que de mim junto em fim parava.
A custo a vista elevo enfraquecida,
E vejo vultos dois; cada um trajava
Um manto, e um facho tinha; oiço em seguida
Fraca voz: fé em Deus, cuja piedade
As orações previne com bondade.

Depois, a dextra um d'elles alongando
Sobre a minha cabeça, a benção lança,
Brandas vozes devoto murmurando,
Que mal oiço, e que a mente não alcança.
Ergue-te, diz. Eu obedeço ao mando,
Qual se f'rido não fora, sem tardança;
Oh! milagre famoso! até parece
Que aos membros meus novo vigor acresce.

Admirado os contemplo; qual suspensa,
A minh'alma entre duvidas anceia;
Diz-me um d'elles então: homem sem crença,
Que duvidas concebe a tua ideia?
É este nosso corpo vivo e pensa;
Servos de Christo somos, que, da feia
E falsa vida do homem segregados,
Vivemos n'estes ermos ignorados.

Para te dar saúde eu fui eleito
Pelo Senhor que manda a redondeza,
O qual obrar miraculoso feito
Por meios vis e humildes não despreza,
E que não quer que fique sem respeito
Esse corpo a que andou tal alma preza,
O qual um dia a ella unir-se deve,
Immortal feito, scintillante e leve.

Fallo em Sueno, a quem ha de levantar-se
Tum'lo a tanto valor conveniente,
O qual deve com honra inda apontar-se
Dos seculos futuros entre a gente.
Mas olha o céo; não vês a assignalar-se
Em tantos astros um, qual sol, luzente?
Pois vae co'os vivos raios conduzir-te,
E o teu inclito chefe descobrir-te.

Então um raio eu vejo que da clara
Estrella, cuja luz a vista offende,
Direito onde Sueno a morte achara,
Como aureo traço de pincel, se estende,
E de maneira tal seu corpo aclara,
Que cada uma das chagas bella esplende.
Subito n'esse corpo, todo rubro
De sangue, o amado capitão descubro.

Sobre a terra de bruços não jazia;
Mas como sempre houvera o pensamento
No céo, para elle o rosto inda volvia,
Qual se aspirasse ao divinal assento.
Cerrada a mão, em punho a espada havia,
Como se de ferir tivesse intento;
Tinha a outra no peito repousando
Como perdão humilde a Deus rogando.

Emquanto as chagas lavo com meu pranto,
Com o qual minhas dores não mitigo,
Abre-lhe a mão cerrada o velho santo,
E d'ella tira o egregio ferro amigo.
Esta espada, elle diz, que sangue tanto
Derramou n'este dia do inimigo,
De que inda é tinta, sabes que é perfeita,
E que talvez nenhuma assim é feita.

Por isso praz ao céo, que, se apartada
Foi do seu dono pela acerba morte,
Não fique em ocio vil aqui deixada,
Antes, passe a outra mão valente e forte,
Por que seja com brio egual usada,
Porém com mais comprida e leda sorte,
E tome no poder de quem a alcança
Do que matou Sueno asp'ra vingança.

Matou-o Solimão, e ao deshumano
De Sueno a espada ha de tirar a vida.
Toma-a, procura o exercito sob'rano,
Por que Sião agora está cingida,
Sem receiar que venha novo damno
A marcha perturbar-te emprehendida;
A poderosa mão do que te envia
Tornará facil a mais dura via.

Quer elle que essa voz, de que não priva
O corpo teu, ao mundo manifeste
A piedade, o valor, a alma altiva,
Que em teu senhor amado conheceste;
Para que outros a cruz de purp'ra viva
Tomem, levados pelo exemplo d'este,
E hoje e em muitos lustros inflammados
Sejam por elle os peitos illustrados.

Falta-me apenas apontar-te agora
A quem tamanha graça Deus concede:
É ao joven Rinaldo, ao qual na aurora
Da existencia em arrojo qualquer cede.
Da-lh'a, e dize que a elle a punidora
Vingança pede o céo, e a terra pede.
Mas, emquanto eu d'est'arte o oiço attento,
Os meus olhos attrae novo portento,

Pois n'aquelle logar onde jazia
O cadaver, vi uma sepultura
Surgir subito, a qual todo o cobria;
Nem sei como surgiu da terra dura;
Em breves termos do varão se lia
Ali o nome, e indomita bravura.
Eu de tal scena a vista não tirava,
E ora o tum'lo, ora as letras contemplava.

Aqui, o velho disse, descançando
Fica entre os seus teu chefe valeroso,
Emquanto as almas lá no empyreo amando
Gozam do bem perpetuo e glorioso.
Porem tu já pagaste o miserando
Dever á morte, e é hora de repouso.
Hospede meu serás emquanto a flamma
Do dia a teu caminho te não chama.

Disse. Eu com elles vou penosamente,
E por valles e outeiros caminhâmos,
Té que a uma gruta, aberta fundamente
Em brutas rochas, afinal chegâmos.
Elle e o discip'lo aqui seguramente
Vivem sós entre as feras, que evitâmos;
Mais do que ferro e escudo, de defeza
Lhes serve a santa e candida pureza.

Duro leito, e silvestre mantimento
Ao lasso corpo meu allivio deram;
Porém mal da manhã no firmamento
Os raios de ouro e rozas se accenderam,
Para rezar me ergui, seguindo attento
Dos dois o exemplo, que tambem se ergueram.
Depois do santo velho despedi-me,
E aqui, qual me ordenára, dirigi-me.

N'isto se cala o nuncio, ao qual responde
Godofredo em seguida: cavalleiro,
É tua nova bem triste, e corresponde
Com magoa a tal desgraça o campo inteiro.
Quanto amigo e soldado a morte esconde
Em pouca terra! O vosso tão guerreiro
Senhor, bem como raio fulminante,
Brilhou, despareceu n'um só instante.

Que digo? essa derrota e feliz morte
Valem mais que conquistas e grandeza;
Não poderá jactar-se d'esta sorte
O Capitolio de tamanha empreza.
Ora c'rôa immortal na excelsa corte
Dos céos premeia tanta fortaleza.
Ahi, julgo eu, súas feridas bellas
Mostram todos, e alegram-se de vel-as.

Mas tu, que para os p'rigos e pelejas
Com vida inda ficaste n'este mundo,
Cumpre que d'essa gloria herdeiro sejas,
E o rosto mostres placido e jocundo;
Do filho de Bertoldo ter desejas
Noticias; saberás que é vagabundo.
Nem julgo bom tomares via incerta
Antes de haveres d'elle nova certa.

Este fallar de todos traz á mente
Rinaldo, e em todos seu amor ateia.
Quaes dizem: ai! entre descrida gente
O mancebo infeliz hoje vagueia!
Cada um vae desdobrando longamente
Dos seus illustres feitos a cadeia
Ao estrangeiro, o qual se maravilha
De tanta gloria que a seus olhos brilha.

No ponto em que do heroe tinha a lembrança
Todos os corações apiedado,
Voltam muitos, que haviam por usança
Ir em torno prear e roubar gado,
De carneiros e bois com abastança,
Com pouco trigo, (quanto fora achado)
E de palha com grande provimento,
Para os corceis famintos alimento.

Estes de inf'licidade conduziam
Triste signal, que na apparencia é certo,
Pois o vestido bellico traziam
De Rinaldo, sanguento, e todo aberto.
Em breve se espalhou (nem poderiam
Velar tal nova) rumor vario e incerto.
Afflicto o vulgo corre, o caso ouvindo,
Do guerreiro a armadura ver pedindo.

Vê, e bem reconhece a mole immensa
Da couraça, e as mais armas, co'o brilhante
Emblema da ave, que ante a luz intensa
Do sol educa os filhos, arrogante;
Outr'ora, quando a pugna era mais densa
Era costume vêl-as sós, e adiante;
E agora, oh! magoa! oh! colera! quebradas,
Sem seu domno, as contempla ensanguentadas.

Emquanto gran murmurio se derrama,
Cada qual varia causa á morte dando,
Godofredo Aliprando ante si chama,
O qual dos preadores tinha o mando,
Homem que sem rebuço contar ama
Quanto é verdade; a elle pois fallando:
Dize onde e como achaste esta armadura?
Não cales circunstancia ou bôa ou dura.

Torna-lhe o outro assim: d'aqui distante,
Quanto em dois dias um correio andara,
Breve plaino com Gaza confinante,
Escondido, entre outeiros se depara;
Cae d'alto e corre lenta e sussurrante
Por ali uma veia d'agua clara;
Logar de mato e d'arvores toldado,
Como que para insidias préparado.

Emquanto algum armento procuramos,
Que pelas verdes margens se pascesse,
Da agua perto um guerreiro morto achamos
Na herva, que de sangue se enrubece.
Vendo-lhe as armas logo á pressa andamos;
Cada qual, posto immundas, as conhece.
Eu a todos me adianto, pois desejo
Notar-lhe o rosto, mas sem fronte o vejo.

Tambem a mão direita lhe faltava;
Das costas golpes mil ao peito havia,
E não longe co'a aguia que alargava
As brancas azas o elmo, só, jazia.
Emquanto alguem para indagar buscava
Eis um camponezito apparecia,
Que, o passo, ao ver-nos, para trás volvendo,
Procurou escapar, deitou correndo.

Mas foi seguido e prezo; e, perguntado,
Por estes modos afinal se expressa:
Que na vesp'ra da selva um bando armado
Vira sair, e se escondera á pressa;
Que um d'elles pelo louro e ensanguentado
Cabello conduzia uma cabeça,
Que ser de imberbe joven distinguiu
Quando com mais cuidado attento a viu;

Que o mesmo após instantes a envolvera
N'um panno, e que do arção a poz pendente.
Ajuntou: que nas vestes conhecera
Serem os cavalleiros nossa gente.
Eu fiz o corpo despojar, e a fera
Suspeita pranteei amargamente,
Trouxe commigo a bellica armadura,
E mandei dar-lhe honrosa sepultura.

Mas, se é do heroe o tronco, mais honroso
Sepulchro elle merece e pompa rica.
N'isto Aliprando o capitão piedoso
Deixa, pois que mais nada testifica.
Incerto o heroe do caso lastimoso,
Grave e pensando tristemente fica,
E quer que se conheça o manco busto
Com mais certeza, e o matador injusto.

Surgia a escura noite, o firmamento
Sob suas largas azas encobrindo,
E o somno conduzia o esquecimento
Dos males, os cuidados illudindo.
Só Argilan provava crú tormento,
Grandes projectos no pensar urdindo;
Nem fruiam seus olhos o descanso,
Nem seu afflicto peito o somno manso.

Esforçado, nas fallas atrevido,
Fervido e impetuoso, a claridade
Este viu junto ao Tronto, e foi nutrido
Das discordias civis na tempestade;
O reino após roubou, d'elle banido,
E de sangue o alagou com crueldade;
Até que á Asia veio a combatel-a,
E alcançar melhor fama logrou n'ella.

Só dormiu Argilan perto da aurora,
Mas não foi seu dormir somno quieto,
Foi torpor que em sua alma posto fora,
Torpor egual á morte, por Alecto.
Tropel de estranhos sonhos o apavora;
Pois a furia infernal, vária no aspecto,
A seus olhos cerrados se apresenta,
E sob horriveis larvas o amedrenta.

Grande tronco sem fronte lhe figura,
Do qual o dextro braço mão não tinha;
A cabeça, que a morte desfigura,
Cortada com a esquerda mão sustinha;
Respira e falla morto, e de mistura
Co'os suspiros e a falla o sangue vinha:
Foge, Argilan, não vês a luz do dia?
Foge o campo, e do chefe a tyrannia.

Quem, ó amigos, contra a sanha, e engano,
Com que me assassinou, vos afiança?
Arde de inveja, rala-se o inhumano,
E tambem de matar-vos nutre esp'rança.
Mas, se da gloria ao brilho soberano
Tu aspiras, e em ti has confiança,
Não fujas, não, e que o cruel exangue
Me aplaque os manes no malvado sangue.

O braço te armarei; a minha ira
Inteira hei de verter dentro em teu seio.
Assim lhe falla, e no fallar lh'inspira
Alento novo de furores cheio.
Então elle desperta, os olhos gira,
Que respiram rancor, peste e receio;
E, mal armado é, logo os soldados
Da Italia faz que sejam congregados.

Juntou-os no logar, onde se achava
De Rinaldo a armadura suspendida,
E ao furor e afflicção que o torturava
Assim com voz soberba deu saída:
Pois que! de um povo barbaro, bradava,
Por que é razão e fé desconhecida,
Que ouro e sangue não farta, soffreremos
O jugo? á súa lei nos curvaremos?

É tal quanto em sete annos supportado
Havemos do seu mando indignamente,
Que encherá por mil annos memorado
De pejo e indignação a Italia ingente.
Calo a Cilicia, a qual pelo esforçado
Tancredo foi tomada ousadamente,
E que ora goza o franco traiçoeiro,
Roubando a fraude o premio do guerreiro.

Calo tambem que aonde é necessario
Conselho, braço, e valerosa flamma,
É sempre algum de nós que temerario
Leva entre mortes mil o ferro e a chamma;
Depois quando se emfim vence o contrario,
E co'as palmas a preza se derrama,
Nada nos toca; é seu da gloria o louro,
As honras d'elles são, a terra e o ouro.

Houve um tempo no qual julgava incrivel
Soffrermos o que temos já soffrido;
Hoje não, pois crueza grande, horrivel
As mais a quasi nada ha reduzido;
Sim, mataram Rinaldo, o heroe terrivel;
As leis da terra e céo têm offendido;
E não os queima o céo, não se abre a terra,
E em seu eterno horror não os enterra!

Mataram o broquel e a forte espada
Da nossa fé, e jaz ainda inulto?
Deixaram-no na terra ensanguentada
Coberto de feridas e insepulto!
Buscaes o auctor da obra scelerada?
A qual de vós, ó socios, é occulto?
De Godofredo e Balduino a inveja
Ao lacio arrojo não sabeis qual seja?

Mas que tento eu provar? pelo céo juro,
Que nos escuta, e é da verdade amigo,
Que á hora em que se aclara o mundo escuro
O vi, sombra infeliz e sem abrigo.
Ai! que espectac'lo tão cruel e duro!
Como as fraudes predisse do inimigo
Godofredo! Eu o vi, não foi um sonho,
E inda o vejo, onde quer que os olhos ponho.

O que faremos pois? Curvar-nos-hemos
Sempre a essa mão, de puro sangue immunda?
Ou longe do seu mando fugiremos
Para as margens que o Euphrates rega e inunda,
Onde os seus debeis filhos tomaremos
As cidades e as terras que fecunda?
Já são nossas, que tudo a nós rendido
Será, mas não co'o franco dividido.

Vamos, se vos agrada d'esta sorte
Deixar inulto o sangue do innocente;
Postoque, se o valor, que dorme, forte,
Qual devia, brotasse em vós e ardente,
A vibora feroz que deu a morte
Ao ornamento e flor da lacia gente,
Exemplo memorando deixaria
Com sua morte á futura tyrannia.

Eu quizera, se o vosso grande brio
A quanto fazer póde se lançasse,
Que esta mão hoje mesmo o peito impio,
Onde a traição se abriga, castigasse.
Assim disse agitado, e compellio
Toda a turba a que a raiva lhe imitasse.
Arma! arma! louco freme, o brado echôa,
E arma! arma! a mocidade audaz pregôa.

Vae entre elles Alecto, a dextra armada,
Veneno e fogo ás almas ministrando,
Á colera, á loucura, e á scelerada
Sede de sangue maior furia dando.
Já a peste se estende, e, dilatada
Sae das italas tendas transbordando,
Passa aos helvecios, e d'ali caminha
Para onde a gente ingleza o campo tinha.

Nem somente estes povos incitavam
O duro caso, e o gran publico damno;
Tambem velhas offensas augmentavam
O nutrimento ao seu furor insano.
Todas as queixas ora renovavam,
Chamando ao povo franco impio e tyranno.
Rebenta em torva ameaça convertido
O odio que não póde estar retido.

Assim em vivo lume a agua fervendo
Borbulha, e fumo deita, sussurante,
Té que dentro do vazo não cabendo,
Salta inundando as bordas espumante.
Nem a suster do vulgo o ardor tremendo
É o juizo e poder de alguns bastante,
E Camillo e Tancredo longe andam,
Como Guilherme, e os outros que commandam.

Já se lançam ás armas furiosos
Todos juntos, tropel confuso e ingente;
Já sôam com accentos bellicosos
Da sedição as trompas feramente.
Muitos emtanto correm pressurosos
Ao chefe, e dizem se arme velozmente.
Antes de todos Balduino armado
Se lhe apresenta, e se lhe põe ao lado.

Ouvindo o chefe a accusação, na altura
Fita o olhar, e, qual sóe, a Deus attesta:
Senhor que sabes que a minh'alma é pura,
E que o sangue civil sempre detesta,
D'ante a mente lhes tira a venda escura,
Reprime a raiva que o teu povo infesta,
E esta minha innocencia, a ti bem certa,
Ao cego mundo torna descoberta.

Cala-se, e um novo fogo que o céo lança
Nas veias correr sente desusado;
Forte vigor, no rosto ousada esp'rança
O fazem mais altivo e sublimado;
Dos seus em companhia eil-o se avança
Contra esses que julgavam que vingado
Ia Rinaldo ser; nem entre a fera
Ameaça e as armas o seu passo altera.

Cobre-o fina couraça, nobre veste
Mais rica traz, e fóra do costume;
Tem núas mãos e rosto, o qual celeste
Magestade dardeja e novo lume;
Brande o sceptro de ouro, e só com este
Aquietar a sedição presume.
Por este modo ante elles se offerece,
E falla, nem mortal na voz parece.

Quem estas ameaças impensadas
Suscitou? Quem das armas o ruido?
Depois de tantas provas por mim dadas
Sou assim respeitado e conhecido?
Ha contra mim suspeitas levantadas?
Ha quem me accuse! e approvam-no, e é crido?
Talvez esp'reis que venha a vós curvar-me,
Pedir, e com rasões justificar-me.

Ah! não oiça tamanha indignidade
A terra, cheia já da minha gloria!
Para me defender tenho a verdade,
O sceptro, e de meus feitos a memoria.
Fiquem sem pena os réos, á piedade
Ceda a justiça a palma da victoria;
Vossas acções passadas galardôo,
E em favor de Rinaldo vos perdôo.

Justiça em Argilan seja só feita;
Somente elle derrame o sangue impío,
Pois com sua voz, sob a menor suspeita,
Ao seu erro assim todos impellio.
Do rosto magestoso raios deita
Emquanto falla, e em todos incutio
Tal medo, que Argilan (quem o cuidara!)
Attonito, submisso nem o encara.

E o vulgo irreverente, audacioso,
Que de colera ha pouco rebramava,
E com mão decidida furioso
O facho e as armas rabido empunhava,
Cala-se, ouvindo o chefe imperioso,
(Nem com pejo e terror a fronte alçava):
E deixa até que seja á prizão dado
Argilan, de suas armas rodeado.

D'este modo o leão a juba horrivel
Sacode; ruge altivo e se enfurece,
Mas, se o domno, a quem só fora possivel
Domar-lhe a furia, á vista se lhe off'rece,
Humilde aceita o jugo desprezivel,
E o mando e ameaça receiar parece;
Nem os dentes e as garras poderosas
Tornam suas grandes forças orgulhosas.

Diz-se que visto foi, enfurecido,
Ameaçador, feroce no semblante,
Um alado guerreiro, que estendido
Tinha ante o chefe escudo de diamante,
A fulminar co'o ferro desvestido,
Inda de sangue rubro gottejante,
Sangue talvez dos reinos e cidades
Que irado o céo chamaram com maldades.

Deixam as armas, finda-se a revolta;
Muitos até deixam armas e rancores;
Á tenda súa Godofredo volta,
Intento a emprezas varias e maiores;
Que, antes que o sol trez vezes dê a volta,
Quer de Sião atacar os defensores;
Por isso, n'esta ideia imaginando,
As machinas vae vendo e examinando.

CANTO IX

Mas o monstro infernal vendo quietos
Os alterados peitos e ira ardente,
E impedir não podendo os grãos decretos
Do destino, ou mudar a eterna mente,
Põe-se em marcha, e onde passa torna infectos
Os campos, e desmaia o sol luzente.
A nova empreza vôa, d'outro damno,
E d'outras furias portador insano.

E como bem conhece que a maldade
Dos seus do campo separado tinha
Do filho de Bertoldo a heroicidade,
Tancredo, e o que de illustre mais continha,
Que espero? diz, da guerra a tempestade
Traga ora Solimão; não o adivinha
O inimigo; a victoria temos certa
De gente fraca, desacorde e incerta.

N'isto vôa para onde entre as errantes
Hordas, que manda, Solimão vivia,
Solimão, que entre quantos arrogantes
Negavam Deus a todos excedia;
Nem se por nova injuria os seus gigantes
Reproduzisse a terra egual daria.
Este senhor dos turcos fora outr'ora,
E a sua capital Nicéa fora.

Té junto á Grecia o reino seu chegava,
Do Sangario ao Meandro, onde moraram
Mysios, frigios e lydios, onde estava
O Ponto, e onde os bythinios habitaram;
Mas, quando dos christãos com força brava
D'Europa á Asia as armas se passaram,
Foi-lhe o reino tomado, e elle, vencido.
Duas vezes de todo destruido.

Depois, tentando em vão de novo a sorte,
Á força do natal paiz lançado,
Do rei do Egypto encaminhou-se á corte,
Que lhe deu cortezmente gazalhado,
E folgou ter por socio homem tão forte
Para no feito entrar assignalado,
Qual era defender a Palestina
Contra as armas que envia a mão divina.

Mas antes que da fé contra o desdouro
A guerra abertamente annunciasse,
Entregou-lhe mui grande copia d'ouro
Para que a soldo os arabes tomasse,
E emquanto d'Asia a gente e o povo mouro
Juntava, Solimão, sem que encontrasse
Estorvo, congregou a turba varia
Dos arabes, vil raça mercenaria.

Assim, d'elles tornado chefe e amigo,
Toda a Judéa indomito depreda,
De sorte que ao exercito inimigo
Para o mar a passagem corta e veda;
E, ainda o insulto recordando antigo,
E do seu reino a miseranda queda,
Maiores cousas merencorio volve,
Porém na execução não se resolve.

Mostra-se a este Alecto, similhante
A um homem de edade já cançada,
Sem cor, cheio de rugas o semblante,
Somente de bigode a cara ornada,
Traz a cabeça envolta n'um turbante,
A veste até as plantas alongada;
Nas mãos um arco tem, ás costas larga
Aljava, e crúa cimitarra á ilharga.

Emquanto nós andamos percorrendo
Terras ermas, e a areia do deserto,
Diz ella, coisa alguma achar podendo,
Nem victoria ganhar com louvor certo,
A Sião Godofredo combatendo
Já co'as torres lhe tem o muro aberto,
E veremos, se um pouco mais tardamos,
Seus estragos e as chammas d'onde estamos.

Choupanas incendidas, preso gado
São os tropheos de Solimão ufano?
Assim cobras o reino? assim vingado
Crês ser em túa affronta e cruel damno?
Eia, audacia; em seu mesmo campo armado
De noite opprime o barbaro tyranno.
No throno e exilio me provaste; o velho
Araspe crê; confia em meu conselho.

Não nos espera o franco, e até despreza
Os arabes sem armas e medrosos;
Nem imaginará que, á fuga e á preza
Afeitos só, tanto ousem corajosos.
Mas fortes os fará tua fortaleza
Contra homens a dormir e descuidosos.
Tal fallando, o furor que a encruece
N'elle infunde, e nos ares desparece.

Ó tu, que tanta furia me inspiraste,
Grita o guerreiro, ao céo as mãos erguidas,
Que homem não és, mas homem te mostraste,
Já te sigo para onde me convidas.
Irei; de mortos, f'ridos, qual mandaste,
Montes farei; as terras convertidas
Serão de sangue em rios, se me acodes,
E me guias na treva, como podes.

Disse; e as turbas juntando sem demora,
Com palavras no fraco inspira alento,
E a todos presta a chamma que o devora,
Dispondo-os a seguir-lhe o máo intento.
Sôa a trombeta Alecto, a signa arvora
Co'o proprio braço, e a desenrola ao vento.
Marcha o exercito, e a fama até supplanta
No vôo, tão ligeiro se adianta.

Segue-o a furia, mas deixa-o bem depressa
Para se disfarçar em mensageiro;
E, quando a terra a escurecer começa,
Quasi o dia no termo derradeiro,
Entra em Jerusalem, onde atravessa
A turba mesta, e ao rei conta o guerreiro
Auxilio que dos muros está perto,
Qual a hora do ataque, e o signal certo.

N'isto a noite desprega o horrido manto
Alastrado de rubidos vapores;
Banha a terra em logar do usado pranto
Tepido orvalho de sanguineas cores;
Enchem monstros o ar; impera o encanto;
Das larvas más escutam-se os clamores.
Na terra todo o inferno despejara
Plutão, e o seu negror n'ella espalhara.

Por tão profundo horror o audacioso
Sultão contra o inimigo se encaminha;
Mas, quando do seu curso tenebroso
A noite a meio já chegado tinha,
Do sitio onde o christão jaz em repouso
A menos de uma milha se avizinha.
Aqui os seus manda comer, e em alto
Discorrer os anima para o assalto:

Vêdes um campo além de furtos cheio,
Muito mais afamado do que forte,
Que os thesouros da Asia no seu seio,
Ávido mar, tragou, lançando a morte.
Pois, quasi de perigo sem receio,
Este campo vos dá benigna a sorte.
São vossos, nem lhes servem de defeza,
Suas armas e corceis que orna a riqueza.

Não é a mesma gente, por que o persa
N'outro tempo, e Nicéa foi vencida;
Em guerra tão extensa e tão diversa
D'ella a parte maior perdeu a vida;
E, posto o fosse, agora está immersa
No somno, sem ter armas e esquecida.
Depressa ha de vencel-a nosso braço,
Que do dormir á morte vae um passo.

Sus! avante! eu vos quero abrir a estrada
Para o campo atravez da mortandade;
No ferir imitae a minha espada,
E commigo aprendei a crueldade.
Hoje acaba de Christo a lei malvada,
É livre a Asia, é vossa a eternidade.
D'este modo a coragem lhes levanta;
Depois tacitamente se adianta.

Mas n'isto as sentinellas vê na escura
Sombra que incerta luz tingir parece;
Não é como julgou; de tudo cura
O sabio capitão; nada lhe esquece.
Gritam ellas, o medo as apressura
Na fuga, vendo a gente que recrece.
Corre a primeira guarda, e, como póde,
Os inimigos a arrostar acode.

Os arabes os rudes instrumentos
Tocam, mal se conhecem presentidos;
Horridos gritos vão ao céo co'os ventos;
Dos corceis soam passos e nitridos;
Trôam montes e valles; seus accentos
Pelos abysmos são repercutidos.
Então Alecto ergue do inferno a flamma,
E da cidade os combatentes chama.

Corre o Sultão, e ataca furioso
Dos christãos a confusa e pouca gente,
Mais veloz do que o vôo procelloso
Que rompe d'entre os montes de repente;
Rio que arranca os troncos caudaloso,
Raio que as torres queima e prostra ardente,
Terremoto que o mundo enche de horrores,
Egualar não poderam seus furores.

Não baixa o ferro sem que em cheio alcance,
E não alcança em cheio sem que fira,
Nem fere sem que uma alma fóra lance,
E, se incrivel não fosse, eu proseguira.
Peleja sem que o braço jamais cance,
Como se o ferro agudo não sentira,
Postoque sôe o elmo ribombando
Aos golpes, pavoroso faiscando.

Já a guarda primeira, que encontrara,
Só elle—quasi havia derrotado,
Quando, como diluvio que engrossara
Com rios mil, o bando congregado
Dos arabes se vê; foge e não pára
O franco então, e o impio apressurado
Com elle entra no campo de mistura,
E o enche de ruina e de amargura.

Traz o Sultão no elmo serpe feia,
A qual desenroscando o collo horrendo,
De azas abertas, sobre os pés se alteia,
A cauda bifurcada retorcendo;
Crereis que vibra linguas tres, que cheia
De raiva, espuma livida vertendo,
Sibila furiosa, e que derrama
Fogo e fumo tambem, se a guerra a inflamma.

D'esta maneira armado, fulgurando
O infiel formidavel se apresenta;
Tal á luz dos relampagos lutando
Se vê o mar co'a furia da tormenta.
Uns fogem, pela vida receiando,
D'outros a mão ousada o ferro ostenta;
A noite, que o perigo em si occulta,
Redobra a confusão e o p'rigo avulta.

*

Foi dos que maior alma ali mostraram
Latino, o qual no Tibre vira o dia,
E cuja força, e esforço não domaram
As fadigas, e a edade em que já ia.
Cinco filhos á guerra o acompanharam,
Nas lidas costumada companhia;
Quasi na edade eguaes, inda não chegam
A homens, e co'as armas já carregam.

Estes do brio paterno enthusiasmados
Ardem por se encontrar já no combate.
Vamos, brada o ancião, filhos amados
Contra o impiedoso que os que fogem bate;
Nem ver tantos por elle derribados
Retarde o vosso ardor que não se abate,
Pois, ó filhos, as honras e louvores
São vis, quando os não ornam taes cruores.

Tal leôa feroz leva comsigo
Os filhos, a que nega a tenra edade
As garras tão fataes para o inimigo
E da comprida juba a magestade,
E a prear os conduz por entre o p'rigo,
Movendo-os co'o exemplo á crueldade
Contra quem aos seus bosques faz a guerra,
E os menos fortes animaes aterra.

A Solimão ataca o imprevidente
Bando dos cinco pelo pae seguido;
A um tempo e quasi por um braço e mente
Dirigem-se seis lanças n'um sentido.
Mas o filho mais velho de imprudente
Deixa a sua, co'o turco destemido
Cerra, e co'a espada rijo em vão forceja
Que o cavallo sob elle morto seja.

Mas qual á tempestade exposto monte,
Que entre as ondas altivo se levanta,
E as rebate, bem como se não conte
Em nada o raio, o vento e o mar que espanta,
Tal o feroz Sultão, alçando a fronte
Contra os golpes, a furia lhes quebranta,
E ao que o bruto lhe fere se arremessa,
De um golpe só abrindo-lhe a cabeça.

Aramante, do irmão notando a sina,
Co'o braço ainda sustental-o tenta.
Piedade louca, inutil o domina!
Com sua perdição a do outro augmenta!
Sobre o seu braço o ferro o infiel inclina,
E prostra o que é sustido, e o que sustenta.
Caem, um sobre o outro, as almas dando,
Os suspiros e o sangue misturando.

Depois d'isto a Sabino corta a lança
Com que de longe intrepido o hostiliza;
Dá-lhe um encontro, e de maneira o alcança,
Que tremulo no chão o deita e piza.
Do tenro corpo a alma sem tardança
Com grande pena sae, e á que desliza
Bella e meiga existencia na alegria
Da mocidade, triste adeus envia.

Inda restava Pico, inda Laurente,
Com que n'um parto o pae se enriquecera,
Em cousa alguma um do outro differente,
O que a doces enganos causa dera.
Mas, se os ha feito o céo tão irmãmente,
Ali os desegualа a morte fera.
Dura diff'rença! a um corta a cabeça
O ferro, a outro o peito lhe atravessa.

O pae (ah! já não pae, injusta sorte
De tantos filhos n'um momento o priva!)
Nos cinco mortos vê sua propria morte,
E a da sua progenie, ha pouco altiva.
Nem sei como velhice tem tão forte,
Que em tanta desventura inda é tão viva,
E inda pugna. Dos filhos o semblante
Não viu talvez, e o gesto agonizante,

Pois parte d'este quadro luctuoso
A escura noite amiga lhe occultara;
Emtanto só se crê victorioso
Se morrer, pois que tudo se acabara.
Do seu sangue tornado generoso,
Do sangue do rival tem a alma avara;
Nem se sabe julgar se mais deseja
Matal-o, ou que por elle morto seja.

Grita ao contrario o ancião: tão despresivel
Serei, ou me acabrunha tal fraqueza,
Que o teu braço chamar seja impossivel,
Mesmo unindo quanto hei de fortaleza?
Calou-se, e um golpe lhe jogou terrivel
Que lhe quebrou das malhas a dureza,
E grande f'rida sobre o lado abriu,
Da qual o sangue tepido saíu

A tal golpe, a taes phrazes o acommette
Solimão com a espada, ardendo em ira,
A couraça lhe abre, (o escudo sete
Vezes envolto em coiro antes lhe abrira)
E o ferro pelas visceras lhe mette.
O misero christão soluça e expira,
O sangue pela boca e pela chaga
Lançando, com que em roda o campo alaga.

Qual do Apenino roble agigantado,
Que, após zombar da procellosa guerra,
Se é por tufão medonho derrubado
Ás arvores emtorno lança em terra;
Assim cae elle, e, do furor levado,
Arrasta, lança ao chão quantos aferra.
Grande e condigno fim d'homem tão forte,
Que inda mesmo ao morrer espalha a morte.

Emquanto, o seu rancor desafogando,
O Sultão de matar não se fartava,
Animado dos arabes o bando
Egualmente os christãos exterminava.
Draguto ao anglo Henrique, miserando!
E ao bávaro Oloferno a morte dava.
A Gilbert e Philippe, que do Rheno
Filhos eram, matava Ariadeno.

Co'a maça a Ernesto Alboazar vencia;
A Enguerrand de Algazel derriba a espada.
Mas quem da morte os modos narraria,
E quanta plebe cae vil e ignorada?
Desde o principio despertado havia
Godofredo, e, a armadura já tomada,
Dos seus um grosso corpo congregara,
Com o qual pressuroso caminhara.

Ouvindo o som dos gritos e o tumulto,
Mais e mais cada instante formidavel,
Que ser devia repentino insulto
Dos arabes ladrões crera provavel;
Pois que não era ao capitão occulto
Como em roda preavam, posto instavel,
E tão grosseira turba não julgasse
Que jámais a atacal-o se arrojasse.

Emquanto elle assim marcha, de repente
Arma, arma, eis por outra parte sôa,
E quasi ao mesmo tempo horrivelmente
Rude, barbara grita o ar atrôa.
É Clorinda do rei trazendo a gente,
A qual a par de Argante á guerra vôa.
Então a Guelfo que sua vez fazia
D'esta maneira o capitão dizia:

Ouves o novo estrepito de Marte,
Vindo do lado da cidade e outeiro?
É necessario o teu valor e arte
Para enfrear do ataque e ardor primeiro.
Vae pois, tudo provê, comtigo parte
Dos meus conduze; corre, eia, ligeiro;
Por outra banda os outros vão comigo
A sustentar o impeto inimigo.

Disse, e ambos caminham divididos;
Leva-os egual fortuna com presteza,
Guelfo ao outeiro, e o chefe onde aos descridos
Árabes cede tudo sem defeza.
Porém muitos a este reunidos
No caminho lhe dão mais fortaleza,
De sorte que onde o turco furioso
Derrama o sangue chega poderoso.

Assim descendo do nativo monte
Não enche o Pó humilde o alveo estreito,
Mas quanto mais se aparta de sua fonte
Tanto maior se torna, e de tal geito
Que sobre as margens alevanta a fronte,
Tudo alagando que lhe cerca o leito,
E por muitos canaes ao mar parece
Que não tributo, porém guerra, offrece.

Godofredo, os seus vendo amedrontados
Fugir, corre, e ameaça cheio d'ira:
O que temeis? onde ides, ó soldados?
Vede ao menos quem medo vos inspira:
Um vil bando, por quem os golpes dados
São pelas costas, e que o rosto vira.
Para os vencerdes ser-vos-ha bastante,
Não armas, só voltardes o semblante.

Diz, e o cavallo rabido espicaça,
Para onde Solimão peleja forte;
Vôa, por entre o pó e o sangue passa,
Desprezando o perigo, o ferro, a morte;
Pelas mais densas filas abre praça,
Vence-as, prostra-as co'o choque, e o igneo corte;
Faz por terra cair de ambos os lados
Cavalleiros, corceis, armas, soldados.

Sobre montes de mortos fero salta;
Do estrago em meio sem parar caminha;
Não foge do inimigo que o assalta
Solimão, pois de nada medo tinha,
Antes, vae para elle, e, a espada alta,
Em acto de ferir se lhe avizinha.
Oh! que dois cavalleiros tão subidos
São dos confins do mundo em luta unidos!

Contra o valor a furia ali peleja
A sorte d'Asia em limitada arena.
Quem dirá como rapido lampeja
O ferro? quem da pugna a feroz scena?
A escuridão da noite que negreja
Quanto feito ao olvido não condemna,
Feitos que eu passo, dignos do luzeiro
Do sol, e de os notar o mundo inteiro!

Os christãos com tal guia cobram vida,
E marcham para a frente denodados;
Rodeia a Solimão força escolhida
D'entre os guerreiros seus mais bem armados.
Tanto a gente fiel como a descrida
Deixam de sangue os campos alagados;
Caem por terra mortos, dão a morte
Vencidos, vencedores d'uma sorte.

Como com força egual, e egual braveza
Oppostos o austro e aquilo combatem,
Chocando as nuvens,reis da natureza,
E as curvas ondas do oceano embatem;
Assim ambos os lados a fereza
Da porfiada luta não abatem;
Topam-se, nos encontros se abalrôam
Elmos, gladios, broqueis, que rudes sôam.

Emtanto em grande numero batalham
Do outro lado tambem com feridade.
Dando aos pagãos vigor, do espaço coalham
Milhares de anjos máos a immensidade;
Pelo que elles com animo trabalham;
Nem de voltar atrás sentem vontade.
Argante accezo já na propria chamma,
No incendio dos Avernos mais s'inflamma.

Este, as guardas christãs afugentando,
Egualmente de um salto o campo entrara,
E de corpos os fossos entulhando
Para o ataque as sendas aplanara;
Acompanham-no os mais, ensanguentando
As primeiras das tendas; a preclara
Clorinda, que não quer logar segundo,
Vae a par do guerreiro furibundo.

Já os de Christo para trás volviam,
Quando Guelfo chegou com sua gente,
E fazendo voltar os que fugiam,
Susteve do infiel a furia ardente.
Pelejava-se assim; rios corriam
De sangue dos dois lados irmãmente;
Quando do excelso throno o Deus sob'rano
Volveu os olhos ao combate insano.

No céo sentado estava, além do angusto,
Vil mundo que o juizo não governa,
D'onde tudo compõe e ordena, justo
E bondadoso com rasão superna,
Dá eternidade sobre o throno augusto
Com trez luzes brilhando n'uma eterna.
Estão-lhe aos pés com grande acatamento
Natura, fado, tempo, movimento,

E o espaço, e aquella que aniquila e torna
Em fumo o ouro, as glorias, a conquista,
Como praz ao Senhor; nem a transtorna,
A colera dos homens; não a avista.
De resplandor tão vivo o Eterno se orna,
Que da maior pureza offusca a vista.
Espiritos sem numero o rodeiam,
Que eguaes desegualmente se recreiam.

Do céo com beatifica harmonia
Resôa a corte em jubilo celeste.
Chama Deus a Miguel que em brilho ardia
(Tanto luz a armadura que o reveste)
E lhe diz: não vês como a turba impia
Minha gente fiel e amada investe,
Tomando as armas? como sae do fundo
Abysmo para vir turbar o mundo?

Vae, dize-lhe que deixe a guerra dura
Aos guerreiros, a quem é dada a guerra;
Não venha envenenar, qual peste impura,
As plagas do ar ou perturbar a terra;
Que volte do Acheronte á noite escura,
Onde em justa prizão meu braço a encerra;
Ahi a si, e aos réprobos flagelle.
Eis meu decreto; ninguem vá contra elle.

Disse. O chefe da aligera cohorte
Se inclina com humilde acatamento,
E, abrindo as azas de ouro, de tal sorte
Vôa, que excede o proprio pensamento.
O fogo passa e a luz, onde em transporte
Os bemaventurados têm assento.
Vê depois o céo puro e cristalino,
E o circulo d'estrellas peregrino.

Vê mais no aspecto e obras variantes
Á sinistra rolar Saturno e Jove,
E os outros que não podem ser errantes,
Como angelica força ordena e move.
Após desce dos campos flammejantes
Da eterna luz para onde trôa e chove,
Para onde o mundo se destroe e pasce,
E morre em suas guerras e renasce.

Com as eternas azas apartando
Da funda escuridão vae os horrores;
O seu divino rosto scintillando
Doura da noite os lugubres negrores;
Assim depois da chuva o sol brilhando
As nuvens pinta de formosas côres;
Assim lucida estrella os ares fende
E sobre o globo rapida descende.

Mas, perto d'onde as furias alimenta
Dos infieis a turba condemnada,
Pára no ar, sobre as azas se sustenta,
Vibrando a lança, e d'este modo brada:
Ó vós, cuja arrogancia inda o céo tenta,
Raça ao desprezo, e ás dores condemnada,
Já conhecer devieis quão tremendo
Trôa o raio de Deus em fogo ardendo.

Que abra as portas Sião ao sacrosanto
Signal da cruz está nos céos escrito.
Para que lutaes pois co'o fado, e tanto
Irritaes o poder summo e infinito?
Voltae ao vosso reino, onde ha só pranto,
Penas e morte só, reino maldito;
Ahi, carcere vosso, e não na terra,
Sejam vossas victorias, vossa guerra.

Ahi vossos furores prepotentes
Praticae nos que soffrem condemnados
Entre os clamores, o ranger dos dentes,
E os ferros, e grilhões sempre arrastados.
Disse, e feriu co'a lança os indolentes
Na fuga, os quaes voando apressurados
Deixaram a gemer as plagas bellas
Da clara luz, e auriferas estrellas;

E para o negro abysmo o vôo lançaram
A dar aos réos o solito castigo.
Tantas aves jamais o mar passaram
Buscando contra o inverno doce abrigo;
Nem jamais tantas folhas alastraram
O chão, no outono rispido e inimigo.
Livre d'elles o mundo a face negra
Desveste, e se asserena e realegra.

Mas nem por isso o peito rancoroso
Do altivo Argante menos se encruece,
Posto não sinta o fogo temeroso
D'Alecto, e o açoite dos infernos cesse.
Rodeia o duro ferro impiedoso,
Onde a turba mais basta se offerece;
Tudo prostra, os soberbos e maiores
Confunde co'os mais vis e inferiores.

Perto Clorinda está; de estrago feio
Junca tambem o campo vencedora;
Enterra a espada a Beranger no seio,
No coração, onde a existencia mora;
E o golpe é tão fatal e tanto em cheio
Que o ferro pelas costas lhe sae fora;
Vulnera depois d'este, triumphante,
No collo Albino, Gallo no semblante.

A dextra de Garnier, por que ferida
Tinha sido, de um golpe lança em terra.
Salta esta sobre o chão, e inda com vida
Co'os dedos a tremer o gladio aferra.
Á serpe a cauda, de que foi partida,
Assim forceja por se unir. A guerra
Leva a outro lado a intrepida heroina,
E o gladio para Achilles fera inclina.

Entre a nuca e o pescoço o golpe assenta.
Cae a fronte do corpo separada
No terreno, onde vae rolar sanguenta,
Suja de pó, e toda desgrenhada;
E na sella inda o tronco se sustenta
Sentado! oh! triste vista e desgraçada!
Mas o corcel aqui e ali se vira
Sem governo, escouceia, e ao chão o atira.

Emquanto assim a indomita guerreira
O exercito de Christo rareava,
Co'os infieis Gildipe aventureira
Não menos atrevida se mostrava.
No sexo irmãs, por uma só maneira
Em ambas o valor se assignalava.
Mas não podem medir os seus primores,
Que o céo lhes guarda campeões maiores.

Por chegar uma á outra em vão forceja;
Não lh'o concede a multidão espessa.
Porém o nobre Guelfo, como o veja,
Logo contra Clorinda se arremessa;
Fere-a, e no bello lado faz que seja
Tinto o gladio, e algum sangue lh'o enrubeça;
Co'uma estocada ella lhe dá resposta,
Nas costellas o fere, e audaz o arrosta.

Guelfo repete o golpe; em vão é dado;
Pois passa acaso o palestino Osmida,
E o ferro, para elle não baixado,
A cabeça lhe corta, e a cara vida.
Mas Guelfo é já por muitos rodeado
Da gente que por elle era regida,
E tambem da outra parte cresce a turba;
Pelo que a pugna augmenta e se perturba.

Entretanto da aurora a face clara
Da parte oriental já reluzia.
No meio do tumulto que se alçara
Argilan da prizão fugido havia,
E das primeiras armas se apossara,
Boas ou más, á sorte; assim corria
Por que os recentes erros emendasse
Com os novos triumphos que alcançasse.

Qual corcel que do regio captiveiro,
Onde só para a guerra se destina,
Foge, e corre entre os mais o campo inteiro,
E a agua bebe, amada e crystallina;
Sacode, eleva o collo sobranceiro,
Ao vento fluctuante a liza clina,
Fere a terra co'os pés, fogo lançando,
De nitridos o ar atordoando;

Assim vem Argilan, feroz e ardente
O olhar, e fronte intrepida e sublime;
Leve nos saltos, corre velozmente,
Tanto, que mal na terra os pés imprime.
Chegando perto da inimiga gente,
Bem como se o perigo em nada estime,
Arabes imbecís, d'est'arte exclama,
Do mundo escoria vil, que vos inflamma?

Para vós elmo e escudo muito péza,
Não podeis supportar grave armadura,
Mas timidos, e o peito sem defeza,
O ar feris, e a fuga vos segura.
Só nas trevas mostraes a fortaleza,
Vosso soccorro está na noite escura.
Melhores armas, e mais brio agora
É necessario; já desponta a aurora.

Ainda assim fallando, um golpe dava
Na garganta a Algazel co'a espada fera,
Com que as fauces, e a falla lhe cortava,
Que para responder já prompta era.
Torpor gelado de seus membros trava;
Fecha os olhos que a morte escurecera;
Cae, e, morrendo, na odiosa terra,
Levado do rancor, os dentes ferra.

Mata ainda Agricalte e Saladino,
Tira a Muleiassem da vida o gozo;
De Adiazil, que ali trouxe máo destino
Corta o corpo de um golpe temeroso;
Prostra, e o peito traspassa a Ariadino,
Insultando-o com modo impiedoso;
Este os olhos, nos quaes a luz se esconde,
Levanta, e d'este modo lhe responde:

Ó tu, quem quer que és, com minha morte
Exultas, mas terás por pouco a palma;
Espera-te egual sina; mão mais forte
Junto de mim te ha de arrancar a alma.
E elle rindo cruel: a minha sorte
Deus a decidirá; ao frio e á calma
Pasto dos cães ahi fica; após com ira
O piza, e d'elle o ferro e a vida tira.

Um pagem do Sultão ali se via
Misturado com tantos contendores;
Inda lhe a face liza consentia
A primavera, a quadra dos amores;
Em sua pelle formosa parecia
Perolas o suor, rocio nas flores;
O pó augmenta a graça ao descomposto
Cabello, e irado até doce é seu rosto.

Monta um corcel egual á propria neve
Apenas cobre do Apenino o cume;
Não é como elle o turbilhão tão leve,
Nem do fugaz relampo o vivo lume;
Vibra zagaia preza; espada breve,
E recurvada traz de fino gume,
Que em bainha magnifica lhe pende
Ao lado, e de ouro e purpura resplende.

Emquanto o joven que alcançar deseja
Gloria, dos poucos annos illudido,
As fileiras perturba, sem que seja
Por nenhum dos contrarios offendido,
Cauto o nota Argilan para que eleja
Azo de o atacar; emfim colhido
A geito, o seu cavallo a furto mata,
E vae sobre elle, que de erguer-se trata;

E ao rosto supplicante, a que a piedade
Em vão servir queria de defeza,
Dirige a mão com dura feridade
Offendendo tão candida belleza.
De prancha a espada cae, na crueldade
Cedendo ao que tem d'homem natureza.
Mas nada val; para emendar seu erro
Novamente sobre elle desce o ferro.

Solimão que não é muito distante,
Com Godofredo em lida, mal avista
O perigo do moço, n'um instante
Volve o corcel, sem que em brigar insista.
Abre o passo co'o gladio, chega ovante
Para vingal-o, e não porque lhe assista,
Pois, triste dor! o seu Lesbin depara
Morto, qual flor que o cegador cortara.

Os seus olhos formosos estremece
A morte; o collo para trás caíra;
Morto, na pallidez tal resplandece,
E tão suave piedade expira,
Que o Sultão, d'antes pedra, se embrandece,
E pranteia, afogado pela ira.
Tu choras, Solimão? tu que perdeste
O reino, e um pranto nem sequer verteste!

Porém o ferro do inimigo vendo
Do sangue do mancebo inda manchado,
Á colera em que arde a dor cedendo,
No peito estagna o choro magoado.
Corre contra Argilan a espada erguendo,
Parte-lhe o escudo, e, o elmo penetrado,
Enterra-lh'a na fronte e na garganta;
Golpe d'elle condigno em furia tanta.

Não contente com isto ao já caído
Cadaver inda tenta fazer guerra;
Assim o cão depois de ser ferido
A pedra que o feriu raivoso aferra.
Oh! vão conforto a tanto mal soffrido!
Perseguir o que em breve será terra!
Mas dos francos o chefe batalhava
Emtanto, e em cheio os golpes empregava.

Havia ali mil turcos, de lorigas,
De capacetes e broqueis cobertos,
Indomitos, e affeitos ás fadigas,
D'animo audaz, e em pelejar expertos;
Já pertencido haviam ás antigas
Tropas de Solimão; pelos desertos
Da Arabia, após, sua sorte acompanharam,
E amigos na desgraça lhe ficaram.

A estes que formavam turba espessa,
Cedendo ao valor franco pouco ou nada,
Godofredo animoso se arremessa;
Rosten fere, e a Corcuto a fronte alçada;
Dos hombros a Selim corta a cabeça,
E os braços a Rossen co'a forte espada.
Nem estes só derriba e desbarata,
Muitos outros vulnera, e muitos mata.

Emquanto assim persegue a infida gente,
Cujos ataques com denodo arrosta,
Mas derrotal-a a sorte não consente,
Nem que lhe seja a esp'rança descomposta,
Uma nuvem se vê de pó luzente
Marchar de raios bellicos composta;
Eis lampejam das armas os fulgores
Subito, enchendo os impios de temores.

São cincoenta guerreiros; sobre argento
Trazem a cruz purpurea vencedora.
Se eu cem bocas tivesse, e linguas cento,
E a minha voz como de ferro fora,
Dos mortos não dissera o ajuntamento,
Que logo faz a hoste assoladora.
Cae o arabe imbelle, e o turco invicto
Resistindo e pugnando cae maldicto.

O horror, a crueldade, o luto, o espanto
Se espalham; vencedor o espectro vago
Da morte corre tudo, e o sangue é tanto
Que ondeia transformado em rubro lago.
Já das portas saído havia emtanto
Dos seus com parte o rei, como presago
Da victoria, e d'aquella altura via
Em baixo o campo, e a guerra que pendia.

Porém, notando que o mor corpo cede,
Tocar á retirada manda logo,
E á illustre Clorinda, e Argante pede
Que deixem da peleja o acceso fogo.
O sangue os embriaga, e a ira impede
A ambos pôr em pratica tal rogo;
Retiram-se por fim, unir buscando
Os seus, e a fuga sujeitar ao mando.

Mas a fraqueza e o medo quem lograra
Conter acaso? Fogem com presteza;
Um o escudo, outro a espada desampara;
São-lhe as armas só pezo, não defeza.
Entre a cidade e o campo situara
Um val de occaso a sul a natureza;
Para elle correm, levantando escura
Nuvem de pó dos muros té a altura.

Emquanto d'esta sorte vão descendo
Persegue-os o christão com ferro insano;
Mas quando os vê subir vizinho tendo
O soccorro do barbaro tyranno,
O fragoso caminho não querendo
Guelfo tentar, exposto a certo damno,
Faz alto. O rei os seus acolhe e encerra,
Resto avultado de tão crúa guerra.

O Sultão fez quanto era concedido
Á humana força, fazer mais não póde.
É todo suor e sangue, e um repetido
Penoso anceio o corpo lhe sacode;
O braço pelo escudo é opprimido;
Fraco vigor á dextra já lhe acode
Para vibrar o gladio, que embotado
Não corta, offende, scintillando irado.

Hesita n'este extremo, duvidoso
Se ali, a vida desprezando, expire,
E, por gloria não dar ao glorioso
Contrario, contra si a espada vire,
Ou se, sobrevivendo desditoso
Aos seus, em segurança se retire.
Vença o fado, emfim diz, da sua victoria
Esta minha fugida seja a gloria.

Sim, que o fero christão fugir-me veja,
E de novo me insulte, desgraçado,
Comtanto que eu de novo com peleja
Lhe turbe a paz, e o reino mal firmado.
Não cedo, não; meu odio eterno seja,
Como as offensas que elle me ha causado;
Mais cruel cada vez, lhe farei guerra
Sempre, ainda que morto, e sob a terra.

CANTO X

Assim dizia, quando perto viu
Um cavallo que errante divagava;
Tomou-lhe o freio, e a elle se subiu,
Postoque fatigado e afflicto estava.
Já caída é a cimeira que luziu
Tremenda, e o capacete lhe adornava;
Tem rôta a sobreveste, e nem vestigio
Conserva ao menos do real fastigio.

Qual lobo que do aprisco expulso fora,
Que em procura de abrigo vae correndo,
E, a voragem profunda e tragadora
Do grande ventre saciado havendo,
Ávido de mais sangue, inda de fóra
A lingua deita, os beiços crús lambendo;
Assim elle, após tanta mortandade,
Não póde inda sentir farta a vontade.

Segue-o nuvem de setas estridente,
Por lanças mil e mil é rodeado,
Mil espadas o ameaçam ferozmente;
Porém da morte o guarda amigo fado.
Desconhecido corre velozmente
Pelo caminho menos transitado,
E, o que faça volvendo em sua ideia,
Turbilhão de pensares o salteia.

Ir decide afinal onde o appellido
Do egypcio rei une hoste poderosa,
Juntar-se a elle, e, á guerra apercebido,
Tentar de novo a sorte duvidosa.
Isto assenta, e, por nada já detido,
Toma a estrada direita que á arenosa
Costa leva, onde Gaza estava sita,
Sosinho, nem de guia necessita.

Sente a dor das feridas aggravar-se,
E enfermo o corpo, mas avante segue
Sem descanço lograr, nem desarmar-se,
Aquelle dia inteiro á lida entregue;
Té que vendo de trevas enlutar-se
O espaço todo, por que emfim socegue,
Desmonta, as f'ridas pensa, e, como póde,
Os fructos de palmeira alta sacode.

Tendo comido, sobre a terra núa
Pousar o corpo doloroso intenta,
E, no escudo encostando a fronte sua,
Dar tregoas das ideias á tormenta.
Porém das f'ridas cada vez mais crúa
Se torna a dor, que muito mais augmenta
Da raiva e soffrimento o interno abutre,
Que no seu coração vive e se nutre.

Emfim quando na terra e pelo espaço
Tudo, alta noite, mudo permanece,
Os cuidados, vencido do cansaço,
E o molesto pensar, dormindo, esquece.
Os tristes olhos fecha; o corpo lasso
E afflicto fraco somno lhe adormece;
Mas voz severa, emquanto elle dormia,
Assim a seus ouvidos lhe dizia:

Solimão, Solimão, esse indolente
Somno para outra occasião reserva,
Que inda sob o poder de estranha gente
A patria, onde reinaste, geme serva.
E tu dormes aqui tranquillamente
No chão que sem sepulchro os teus conserva?
Onde soffreste uma tamanha affronta
Teu ocio esp'rar o novo dia conta?

N'isto elle acorda, e, alçando a vista, idoso
Homem descobre, grave no semblante,
O qual arrima n'um bordão nodoso
O passo mal seguro e vacillante.
Quem és tu, lhe pergunta furioso,
Que, fantasma importuno, ao viandante
O breve somno turbas? que cuidado
Tens da minha vingança e do meu fado?

Sou um homem, torna elle, o qual em parte
Sabe qual é teu novo pensamento;
Só por isto, e egualmente por amar-te,
Mais que julgas, te busco em tal momento.
Fallei asp'ro, mas foi para incitar-te;
A colera desperta o atrevimento;
Ouve-me pois, senhor, possa mover-te
O prompto brio o que ora vou dizer-te.

É teu projecto, se a verdade eu penso,
Buscar o rei do Egypto assignalado;
Idéa inutil; esse duro e extenso
Caminho em vão por ti será trilhado;
Pois inda que não vás virá o immenso
Seu exercito, em breve congregado;
Nem lá tens nada, onde a coragem mostres,
Nem inimigos nossos a que prostres.

Mas, se me queres para guia, eu juro
Que na cidade, que o christão sitia,
Sem tirar ferro te porei seguro,
Ao maior esplendor da luz do dia.
Ahi, co'as precizões e armas em duro
Combate, nobre gloria te viria,
Defendendo Sião té que chegasse
Do Egypto a hoste, e a pugna renovasse.

Emquanto assim se exprime, o olhar e a falla
Do velho o turco temeroso admira;
Ouve-lhe a voz, e só por escutal-a
Depõe do rosto, e peito o orgulho e a ira.
Ancião, lhe diz, teu parecer me abala,
Irei comtigo onde o pensar te inspira.
Melhor conselho sempre me parece
O que mais riscos e fadiga off'rece.

Applaude o velho o dito, e, porque fora
Exacerbando as chagas mal unidas
Da noite a briza, as forças lhe robora
Com um licôr, e une-lhe as feridas.
Depois, vendo que de ouro o sol colora
As rosas pela aurora desparzidas,
Diz: tempo é de partir, do dia a flamma
Aclara as vias, e ao trabalho chama.

N'isto a um carro que esp'rava d'ali perto
Sóbe elle e Solimão; co'a mão antiga
Larga as redeas, e os dois corseis experto
Com alternado latego fustiga.
Voam; nem deixa no terreno incerto
Signal a roda que a passagem diga;
Lançam fogo os cavallos anhelantes,
Alvejam-lhes os freios espumantes.

Então o ar (oh! maravilha rara!)
Em roda em nuvem se une e se condensa,
Invizivel a todos, mas ampara,
E cobre o carro; se uma pedra immensa
Mural, terrivel machina lançára,
Não lhe podera, não, fazer offensa;
Mas elles do seu seio podem vel-a,
E ver do firmamento a face bella.

De caso tão insolito e estupendo
Enruga a fronte Solimão pasmado;
A nuvem nota, e o carro, que, vencendo
Quantos estorvos ha, vôa apressado.
O outro o enleio da sua alma lendo
No seu semblante, immovel e turbado,
O silencio lhe quebra, e a mente abala;
Ao que elle emfim, como acordando, falla:

Ó tu quem quer que és, que a natureza
Assim dobras á tua potestade,
E dos peitos a occulta profundeza
Penetras, como quer tua vontade,
Se o teu saber, que do alto vem, se préza
De futurar do tempo a escuridade,
Dize-me qual o termo que destina
Á grande guerra d'Asia a mão divina.

Mas teu nome quero antes perguntar-te,
E para fazer tanto os teus poderes,
Pois attenção não poderei prestar-te,
Se minha admiração não desfizeres.
Sorriu-se o velho, e respondeu-lhe: em parte
É-me leve cumprir o que tu queres;
Ismeno sou, na Syria nomeado
Mago, por na magia ser fallado.

Pretendes que ao futuro arranque o manto,
E o destino te diga não sabido!
O poder dos mortaes não chega a tanto,
Audaz é teu desejo, e teu pedido.
Caminhe cada qual por entre o pranto;
N'isto sua força ponha, e seu sentido;
Que muita vez succede ao sabio e ao forte
Alcançarem por si ditosa sorte.

Tu essa invicta mão que ha quasi em nada
Defender a Sião, estreitamente
Pelo feroz exercito cercada,
E abalar dos christãos o imperio ingente,
Contra as armas e fogo apromptа armada;
Ousa, soffre, confia, espera crente;
Muito farás. Emtanto o que mal vejo
Te direi por cumprir o teu desejo.

Vejo, ou supponho ver, primeiro de annos
Muitos volver o sol, homem profundo,
Que honra a Asia co'os feitos soberanos,
E governa do Egypto o chão fecundo.
Calo a paz, e os inventos seus humanos,
E outras excellencias que confundo;
Basta saberes que o christão possante
Não só porá em p'rigo, triumphante;

Mas que tambem cortado nas raizes
Fará que o injusto imperio emfim pereça,
Lançando em sitio estreito os infelizes
Restos, onde só couto o mar lhe offreça.
Este será teu sangue. O que predizes
Muito me alegra, Solimão começa;
Ó feliz para tanta gloria eleito!
E do gozo e da inveja sente o effeito.

Accrescenta em seguida: seja a sorte
Boa ou má, como está na altura escrito;
Não tem imperio no meu peito forte,
E ha de me ver em todo o tempo invicto.
Primeiro deixarão a etherea corte
As estrellas, do que eu deixe o prescrito
E direito caminho. Assim dizendo
Lança fogo do rosto em brio ardendo.

N'estes discursos afinal chegaram
Ao sitio do guerreiro acampamento.
Que triste scena! que espectac'lo acharam
De varias mortes, e d'horror sangrento!
Os olhos do Sultão se annuvearam,
Bem mostrando do peito o sentimento.
Ah! como os seus pendões d'antes terriveis
Vê a terra varrendo despreziveis!

E os ovantes christãos aos pés calcando
Os seus pobres amigos mais queridos,
E arrogantes os mortos despojando
Das armas, e dos miseros vestidos!
Muitos com pompa os que amam vão honrando,
E os cuidados lhes prestam merecidos;
Outros chegam o fogo, e a mesma chamma
Arabes, turcos juntamente inflamma.

Vendo-o, arranca um suspiro, puxa a espada,
Do carro atira-se, e correr queria;
Porém o encantador retem-no, brada,
E enfreia a louca furia que o movia.
Tendo-o feito subir, ambos a estrada
Seguem que para o outeiro conduzia.
D'esta maneira por um pouco andaram,
Até que atrás os francos lhe ficaram.

Saem do carro então, que de repente
Dos olhos desparece; a pé proseguem,
E, da nuvem no seio, occultamente,
Descendo á esquerda, para um valle seguem;
Té que onde as costas vira ao sol ponente
O monte de Sião afinal cheguem.
Ahi parado o mago se conserva
Emquanto a encosta levantada observa.

N'esse sitio uma gruta fabricou-se
Antigamente no rochedo aberta;
Mas como a ella ha muito ninguem fosse,
A boca por arbustos é coberta.
Apartou-os o magico, e abaixou-se
Para na senda entrar estreita e incerta;
Co'uma das mãos adiante o espaço tenta,
Para guia ao Sultão outra apresenta.

Onde vou, Solimão pergunta, aonde
Por esta via occulta e não trilhada?
Outra melhor talvez que não se esconde,
Se o quizeras, abrira a minha espada.
Não desprezes, o mago lhe responde,
Pizar co'o forte pé a escura estrada;
Frequentou-a outro tempo o grande Herodes;
Seguir o seu exemplo agora pódes.

Fabricou esta gruta quando um freio
Quiz aos subditos pôr o rei que eu digo.
Por ella, de ser visto sem receio,
Quantas vezes da torre, a qual do amigo
Antonio Antonia appellidou, não veio
E entrou as portas do grão templo antigo;
Por aqui não notado elle saía
Só ou com força, e gente recolhia.

De quantos vivem só por mim sabida
É esta senda solitaria e escura;
Por ella iremos onde tem unida
Em conselho a prudencia e a força dura
O rei, que mais que deve se intimida,
Do fado vendo a torva catadura.
Chegas a bôa hora. Escuta e cala,
E, vindo occazião, sem medo falla.

Assim lhe disse; então co'o corpo enchendo
O Sultão a baixissima caverna,
Pelo caminho tenebroso e horrendo
Segue os passos do guia que o governa.
Primeiro baixos vão; mas vae crescendo
Largueza á gruta quanto mais se interna,
Tanto que em pouco tempo ambos subiram,
E do antro negro quasi o centro viram.

Então Ismeno abre saída estreita,
E sobem ambos não servida escada,
Que por uma abertura do alto aceita
Pallida luz, incerta e minguada;
Té que a uma caza sob a terra feita
Chegam, e logo a sala sublimada,
Onde co'o sceptro e c'roa refulgente
Triste o rei era com sua triste gente.

Dentro da nuvem concava o guerreiro,
Sem de ninguem ser visto, em roda espia,
E ouve o rei entretanto, o qual primeiro
Assim do bello throno principia:
Foi bem damnoso o dia derradeiro,
Meus subditos fieis, á monarchia,
E, caídos da nossa confiança,
No Egypto apenas temos esperança.

Mas essa esp'rança muito longe mora,
E o perigo mui perto se offerece.
Por isso aqui vos ajuntei agora
Por que seu parecer cada qual desse.
Calou-se, e, como em selva aura sonora,
Um fraco murmurío emtorno crece.
Mas, sereno, de orgulho a face cheia,
Argante se ergue, e o murmurar enfreia.

Ó magnanimo rei (esta a resposta
Do cavalleiro indomito e arrojado)
Porque em materia a todos tão exposta
Queres que o nosso voto seja dado?
Só direi: seja em nós a esp'rança posta;
E, se o valor jamais fica domado,
Qual dizem, só com elle nos armemos,
Nem, se elle não quizer, a vida amemos.

Não fallo assim contra o discurso vosso
Por a ajuda certissima do Egypto
Não esp'rar; fôra muito; nem eu posso
Duvidas ter no que o meu rei ha dito;
Mas só por desejar mais alvoroço
Ver em alguns de nós, e arrojo invicto,
Por que, aprestado para qualquer sorte,
Cada um confie na palma, e affronte a morte.

Nada mais falla o generoso Argante,
Como quem coisa diz não duvidosa.
Depois, a auctoridade no semblante,
Ergue-se Orcano, de nobreza honrosa;
Este d'antes nas armas foi prestante,
Mas ora junto á joven, cara esposa,
E entre os filhos alegre, enfraquecido
Vive no amor de pae, e de marido.

Alto rei e senhor, eu não accuso
De altiloquo discurso a demazia,
Quando nasce do ardor, que estar recluso
N'alma não quer, nem póde, prorompia;
Mas se o Circassiano tem por uso
Fallar-te assim com tanta soberbia,
Essas fortes palavras lhe competem,
Por nas obras mostrar quanto promettem.

Porém a ti incumbe, a ti que hão feito
Os successos, e a edade tão prudente,
Aos bons conselhos teus fazer sujeito
Esse valor desenfreado, ardente;
Pezar a ajuda longe com o effeito
Do perigo vizinho, antes, presente;
Pezar a força e as armas do inimigo
Com tua nova defesa, e o muro antigo.

Nós, se posso expressar meu pensamento,
Temos por nosso lado o sitio e arte,
Mas de machinas grande ajuntamento
Faz-se tambem pela contraria parte.
O que será não sei dizer, nem tento;
Espero e temo o tão incerto Marte,
E receio, se o cerco mais se aperta,
Que tenhamos ao cabo a fome certa.

Esse gado e esse trigo, que a cidade
Poude hontem receber, emquanto á dura
Lide era tudo entregue, na verdade
Foi para nós a maxima ventura;
Mas de povo tamanha quantidade
Póde por pouco sustentar, se atura
O assedio, e aturará, embora o Egypto
Mande o soccorro quando foi prescripto.

E se acaso tardar? Vamos, concedo
Que venha antes da esp'rança e das promessas;
Não vejo da victoria o rosto ledo,
Nem livres as muralhas hoje oppressas.
Pugnaremos com esse Godofredo,
Ó rei, com esses chefes, e com essas
Nações que tantas vezes hão vencido
O arabe, turco, syrio e persa ardido.

Sabes quaes são, que o campo lhes cedeste
Tantas vezes, Argante valeroso,
E tanta vez as costas lhe volveste,
Fiando-te no passo pressuroso;
Tu, Clorinda, egualmente os conheceste,
E eu; foi-nos o mesmo o fado iroso.
Não accuso ninguem; nossa ousadia
Bem demonstrou quanto fazer podia.

E direi mais, posto que Argante a morte
Ameace, e o que é verdade ouvir não queira:
Vejo guiar inevitavel sorte
Do inimigo fatal a hoste guerreira;
Nem gente poderá, nem muro forte
Fazer que ella não reine sobranceira.
Fallo d'est'arte pelo amor e zelo
Do rei e patria; o céo póde dizel-o.

Prudente o rei de Tripoli, a quem dado
Foi alcançar do franco a paz e o mando!
Mas teimoso o Sultão morto ha ficado,
Ou geme, indignos ferros arrastando,
Ou talvez, para mais soffrer guardado,
Com medo no desterro anda vagando;
E, se parte cedesse, outra salvára
Com os dons e tributos que pagára.

D'esta sorte dizia, e o que expressava
Era em rodeios, e de um modo incerto,
Que ceder, pedir pazes receiava
Dar de conselho com discurso aberto.
Indignado o Sultão tudo escutava,
E não podia ouvir mais, encoberto;
Quando lhe disse o mago: por acazo
A que elle falle assim queres dar azo?

Eu, torna o outro, aqui contra vontade
Estou; a ira e o peijo me incendeia.
Mal isto acaba, logo á claridade
A espessa nuvem se abre que os rodeia,
E nos ares se esvae com brevidade.
Solimão apparece, e, a face cheia
De magnanimo brilho, d'alta sala
Em meio, de improviso assim lhes falla:

O Sultão aqui está, eil-o presente;
Não fugiu, como querem, de medroso.
Co'esta mão provar hei de ao que insolente
O avança, que é covarde e mentiroso.
Eu que de sangue fiz larga torrente,
E montes de cadav'res, animoso,
No acampamento dos christãos mettido,
E afinal sem os meus, eu ter fugido?

Mas se este ou outro a elle similhante,
Á patria sua, e á sua crença ingrato,
Ousa accordo propor vil e infamante,
Perdôa, ó grande rei, aqui o mato.
O cordeiro co'o lobo devorante,
E as pombas co'as serpentes farão pacto
Antes de nós vivermos sem ter guerra
Com os francos unidos sobre a terra.

A fera dextra ameaçador na espada
Descança emquanto falla. Ouve tremendo
Estupefacta e muda a voz irada
A assemblea, a terrivel face vendo.
Depois, com vista menos enturvada,
Cortez os passos para o rei movendo:
Confia, alto senhor, tens gran soccorro;
Eu Solimão em tua ajuda corro.

Aladino, o qual já se tinha erguido,
Responde: ó caro amigo, de alegria
Encho-me ao ver-te! a gente que hei perdido
Já não choro; findou quanto temia.
Pódes alçar o reino teu caído,
Pódes firmar a minha monarchia
Em breve, o céo querendo. E os braços passa
Ao collo do Sultão, e meigo o abraça.

Findado o acolhimento, o rei concede
Seu proprio solio ao inclito Niceno;
Á sinistra se assenta em nobre sede,
E manda junto a si sentar Ismeno.
Emquanto que lhe falla, e novas pede
Da sua vinda, saudar vem o agareno
Em primeiro logar a alta donzella,
E todos os guerreiros depois d'ella.

Veio tambem Ormuz, que entre elles era,
Pois, có'os arabes que ouvem seu commando,
Emquanto a pugna mais ardia fera,
Por desusadas vias escapando,
Pela noite e mudez, que o protegera,
Na misera cidade fora entrando,
E co'o gado e co'os trigos apanhados
Na fome soccorrera os sitiados.

Argante só, com rosto desdenhoso,
Immovel fica, e mudo, tão terrivel,
Como nobre leão quando em repouso
Ao redor volve os olhos impassivel.
Orcano abaixa a vista de medroso,
Nem no Sultão fital-a lhe é possivel.
Taes no conselho estavam o tyranno,
Solimão, e o concurso soberano.

Godofredo entretanto libertado
Tinha as estradas, e seguindo fora
Os vencidos; depois, tendo prestado
Aos seus mortos a dor da extrema hora,
Manda que para o assalto preparado
Esteja tudo na segunda aurora,
E com mais fero e mais tremendo rosto
Ameaça o infiel em sitio posto.

E porque a hoste audaz, que lhe acudira
Contra a gran multidão da infida gente,
Que era dos seus mais estimados vira,
Dos que Armida seguiram cegamente,
E um d'entre elles Tancredo, o qual caíra
Prisioneiro da bella, promptamente
Os chama. Fica só com elle o ermita,
E alguns que mais prudentes acredita.

Eu quizera que alguem de vós contasse
Vossos erros, e historia curiosa,
E como tanto a ponto nos chegasse,
Lhes diz, a vossa ajuda poderosa.
Nenhum se atreve a levantar a face,
Que a culpa leve torna vergonhosa.
O filho do monarcha de Inglaterra
Emfim responde, alçando o olhar da terra:

Pela sorte excluidos, de amor cego
Sentindo o fogo, occultos nós partimos,
E do guia fallaz, não vol-o nego,
E da falsa belleza atraz fugimos.
Discordes, com ciume, e sem socego
Por vias intrincadas a seguimos.
Ai! tarde o sei! os odios e os amores
Co'a voz nutria e olhares seductores.

Emfim chegámos onde a chamma acceza
Do céo caíu na terra condemnada,
E as offensas vingou da natureza
Sobre a gente nos crimes arreigada;
Terra outr'ora fecunda e de belleza,
Hoje betuminosa agua tornada,
E esteril lago, o qual té onde alcança
Opprime o ar, e cheiro impuro lança.

D'este lago o mor peso não se atreve
A penetrar o fundo não sabido,
Mas sobrenadam, qual madeira leve,
A pedra e o duro ferro. N'elle erguido
Um castello se vê, o qual por breve,
Estreita ponte fica á terra unido.
Ali Armida nos levou; fragrancia,
E risos verte aquella amena estancia.

É branda a aragem, calmo o firmamento,
Ledos troncos e prados, a agua pura;
Corre entre myrthos uma fonte e em lento
Regato se transforma; na verdura
Cae influxo suave e somnolento,
Que convida a folhagem que murmura:
Cantam as aves. Ouro e marmor calo,
Nem do lavor maravilhoso fallo.

Armida á sombra mais amena e densa
Na relva, junto ao som da limpha clara,
Com vasos esculpidos meza extensa,
E mimosas comidas nos prepara.
O que cada estação do anno dispensa,
O que dá terra e mar, e arte alcançara,
Tudo ali se une; servem-nos cem bellas
Apressadas, solicitas donzellas.

Ella, meiga sorrindo e conversando,
O seu veneno, perfida, nos dava;
Nós bebiamos todos, não cuidando,
O esquecimento e incendio que abrazava.
N'isto eil-a se ergue, e diz: volto; e, voltando,
Tão tranquillo o semblante não mostrava;
Trazia na mão dextra uma varinha,
E aberto na sinistra um livro tinha.

Lê, e eu sinto mudar vontade e ideia,
Sinto no corpo e vida transformar-me;
Novo prazer me incita e me recreia,
Salto n'agua, e começo a mergulhar-me.
Como poude (o pensar aqui se enlêia)
O corpo braços, pernas occultar-me?
Encolho-me, já a pelle escamas somem,
E peixe fico sendo em logar d'homem.

Assim cada um dos outros transformou-se,
E comigo saltou na viva prata.
Do que era, qual s'inquieto sonho fosse,
Uma recordação tenho inexacta.
De á forma antiga nos tornar lembrou-se
Emfim; porem co'a alma estupefacta
Mudos ficámos; quando, torva a vista,
D'esta sorte nos falla e nos contrista:

Já vos é meu poder bem conhecido,
E como sobre vós hei mando pleno;
De mim pende que em carcere mettido
Um seja, sem rever o céo sereno;
Que outro se torne em ave; outro volvido
Em tronco fique, ou, só co'um meu aceno,
Em pedra se endureça, em molle fonte
Se liquefaça ou traje hirsuta fronte.

Mas podeis evitar minha ira ardente,
Se seguir meu desejo vos agrada;
Se vos tornaes pagãos, e contra a gente
De Christo em nosso pró brandis a espada.
Todos o pacto engeitam dignamente,
Exceptuando Rambaldo, e, como nada
Val defeza, com ferros n'uma negra
Cova nos põe, que a luz jamais alegra.

Tancredo, após, o mesmo fado teve,
E entrou no mesmo forte prisioneiro.
Mas na prisão por pouco nos reteve
A falsa, e, se o que ouvi foi verdadeiro,
Comsigo conduzir-nos d'ella obteve
Do senhor de Damasco um mensageiro,
Para em dom nos levar agrilhoados
Ao rei do Egypto em meio de soldados.

Assim iamos pois, mas, como a alta,
Eterna providencia o destinára,
Rinaldo, cujo arrojo sempre exalta
Com feitos novos a sua fama clara,
Encontra-nos, a nossa guarda assalta,
E as obras faz que sempre costumára;
Dá a morte, vence, e as armas que possue
O turco, a nós, seus domnos, restitue.

Eu e todos os mais, senhor, o vimos,
E na mão lhe tocámos valerosa;
Eu e todos os mais a voz lhe ouvimos;
A nova de sua morte é mentirosa.
D'elle tres dias ha nos despedimos,
Quando, a armadura rota e sanguinosa
Abandonando, foi no seu destino
A Antiochia, e com elle um peregrino.

D'esta sorte fallava: o ermita emtanto
Ao firmamento os olhos revolvia,
Outro na cor e no semblante; oh! quanto
Mais venerando e sacro parecia!
Cheio de Deus, cheio de zelo santo
Té á morada angelica subia;
O futuro se lhe abre, e pela eterna
Serie dos annos o pensar interna;

E, abrindo a boca, em discursar profundo
O remoto porvir perto apresenta.
Cada um, de vel-o e ouvil-o tremebundo,
No desusado gesto e voz attenta.
Vive Rinaldo, exclama, inda no mundo,
O mais mentiras são que Armida inventa;
Vive, e guarda-lhe a vida em seu começo
O céo para outra gloria de mais preço.

Brincos os feitos são que a Asia está vendo,
Presagios do clarão que mal assoma.
Eis claro alcanço, os annos decorrendo,
Que ao impio Augusto elle se oppõe e o doma,
E que, as azas argenteas estendendo,
A aguia súa cobre a egreja e Roma,
Tendo-a da fera ás garras arrancado.
Dignos filhos terá pae tão honrado.

E os filhos d'estes, e os que após vierem
Seguirão seu exemplo memorando,
As tiaras e os templos que soffrerem
Dos reis máos, dos rebeldes amparando.
Pizar o altivo, alçar os que gemerem,
Defender a innocencia, castigando
O impio, eis os seus feitos; triumphante
Passará a aguia d'Este o sol brilhante.

E é bem justo, se a luz fita e a verdade,
Que os raios a S. Pedro dê terriveis.
Onde por Christo se peleje, ella ha de
Abrir ovante as azas invenciveis.
Dotou-a d'esta nobre qualidade
O céo por suas leis impreteriveis;
Quer pois o Eterno que chamado seja
Rinaldo a entrar de novo na peleja.

D'este modo destroe a voz da morte
Do valente mancebo o sabio ermita.
Só o applauso commum não segue o forte
Godofredo, que em gran pensar medita.
Surge entretanto a noite, e da alta corte
Do firmamento as sombras precipita.
Então cada um se vae, e ao somno acode;
Mas do chefe o pensar dormir não póde.

CANTO XI

Tendo postos no assalto os pensamentos,
O capitão prudente, sem repouso
Aprestava da guerra os instrumentos;
Quando Pedro o eremita cuidadoso
O procurou, e, á parte, em taes accentos
Lhe fallou venerando e rigoroso:
Senhor, das armas terreaes só cuidas,
E da celeste ajuda te descuidas.

Começa pelo céo; com pios cantos
Seja em publicas rezas invocada
A milicia dos anjos e dos santos,
Por que te hajam victoria assignalada.
Preceda o clero com sagrados mantos,
E entôe fervente, supplice toada.
Comvosco a piedade o vulgo aprenda,
Grandes chefes, e trilhe a vossa senda.

Assim o ermita se expressou previsto.
Approva Godofredo o sabio velho,
E torna: ó servo de Jesus bemquisto,
Seguirei com prazer o teu conselho.
Emquanto chamo os capitães de Christo,
Os pastores procura do evangelho,
Adhemar e Guilherme para olhardes
Por tudo, e a pompa santa preparardes.

Na seguinte manhan o ancião juntava,
Com os dois sacerdotes sup'riores
No campo, aonde o altar se levantava,
Outros na gerarchia inferiores.
Branca veste cada um d'estes tomava,
Mantos bordados d'oiro os dois pastores,
Que, bipartidos sobre o linho, uniam
No peito; a nobre fronte ambos cingiam.

Pedro vae só diante, e ao vento aberto
Solta o pendão no empyreo respeitado;
O choro o segue a passo grave e certo
Em duas ordens immensas separado,
As quaes alterno, duplice concerto
Entoam, sobre a terra o olhar pregado.
Adhemar e Guilherme, a par marchando,
As compridas fileiras vão fechando.

Succede Godofredo; qual a usança
Dos que commandam, só, sem companheiro;
Atraz os chefes dois e dois; avança
Emfim sereno o exercito guerreiro,
Prompto á defeza; assim com confiança
Deixam o campo; o brado pregoeiro
Da trompa não se escuta, ou sons ferozes,
Mas só da devoção humildes vozes.

A ti, Pae, a ti, Filho, em ser, grandeza
Eguaes; a ti do amor de ambos nascido;
E a ti, do homem, de Deus ó mãe illeza,
Imploram com seu canto compungido;
Invocam-vos ó chefes, que a pureza
Mandaes do eterno exercito luzido,
E a ti, ó santo, que na sacra fonte
Lavaste á divindade a casta fronte;

E a ti, firme pedra que sustenta
A casa do Senhor segura e forte,
Aonde o que hoje em teu logar se assenta
Abre a porta ao perdão; da mesma sorte
Os mais nuncios que o céo alto apresenta,
Que contaram de Deus a ovante morte,
E aquelles que a verdade confirmaram,
E co'o sangue e martyrios a sellaram;

Tambem os que ensinaram a perdida
Via do céo co'a penna, ou falla clara;
E aquella que seguiu a melhor vida,
Serva do Redemptor fiel e cara;
E quantas para espozas Deus convida,
Virgens que n'este mundo o claustro ampara;
E as outras que magnanimas soffreram
Os tormentos, e aos reis desprezo deram.

Assim cantando o prestito ordenado
Em longa volta lento se encaminha
Para o monte Olivete sublimado,
Ao qual dos olivaes o nome vinha,
Monte por sacra fama celebrado,
Que os muros do oriente em face tinha,
Sendo só d'elles pelo val partido
De Josaphat, que em meio está mettido.

Para lá marcha o exercito canoro;
Grutas, oiteiros, valles, resoando,
Fazem voar seu cantico sonoro;
Repetem-no mil echos murmurando,
Nos antros e nas folhas, como um choro
Selvatico, e secreto, similhando;
Em tão distincto som tornar se ouvia
De Christo o grande nome ou o de Maria.

Sem se mover, cheio de pasmo, emtanto
Vê tudo das muralhas o precito:
A desusada pompa, o humilde canto,
O tardo movimento, o estranho rito.
Depois, findando do espectac'lo santo
A novidade, alça tremendo grito.
O val, o monte, a rapida torrente
Repetem-lhe as blasphemias claramente.

Mas a suave e casta melodia
A gente piedosa não deixava,
Nem a clamores taes o olhar volvia;
Como de bando alado os desprezava.
Pelos ares a setta em vão zunia;
Que viesse turbar não receiava
De tão longe o socego consagrado;
Assim ao termo o canto foi levado.

Depois no alto do oiteiro o altar se adorna,
Mesa para o pastor da ceia immensa;
De duas lampadas d'oiro a luz se entorna,
Das quaes cada uma a um lado está suspensa.
De outras vestes Guilherme n'isto se orna,
Aureas, de preço, e, após que mudo pensa,
Levanta a voz, accusa-se e offerece
Graças a Deus, e juntamente a prece.

Os primeiros o ouvem piamente,
Olham-no os mais distantes silenciosos.
Porém, findo o mysterio reverente,
Em face dos guerreiros numerosos
Alça o pastor a mão solemnemente,
E os abençôa, e torna venturosos.
Feito o que, para o campo se encaminha
O exercito por onde vindo tinha.

Já entra o acampamento, e já se solta:
Torna-se á tenda o chefe acompanhado,
Que espessa e grande multidão o escolta
Até o limiar. Ahi chegado
Por que a despeça para trás se volta;
E só fica dos chefes rodeado,
Os quaes recebe á meza, e quer fronteiro
Raymundo ter, o sabio conselheiro.

Após a sede, e a natural vontade
Dos alimentos mitigada achar-se,
Disse o chefe: co'a nova claridade
Todos para o assalto hão de aprestar-se.
Amanhã tereis guerra, em liberdade
É hoje descançar e aparelhar-se.
Portanto repousae; depois se aprompte
Cada um co'os seus, e co'a peleja conte.

Do grande chefe os chefes se apartaram,
E os arautos, as trompas embocando,
Que todos se aprestassem proclamaram
Para a guerra em a aurora despontando.
Assim parte do dia repousaram
Os christãos, parte andaram trabalhando,
Até que trouxe tregoas á fadiga
A calma noite do descanço amiga.

Inda era incerta a aurora, inda o seu puro
Clarão pelo oriente não luzia;
Nem a terra sulcava o arado duro,
Nem para os campos o pastor volvia;
No ramo estava o passaro seguro;
Na selva nem ladrido ou voz se ouvia;
Quando a soar a matutina tromba
Armas começa, armas o ar ribomba.

Armas, armas, repetem n'um instante
Em geral, fero grito cem fileiras.
Ergue-se Godofredo, e em vez da ovante
Couraça, e das usadas canelleiras,
Outra armadura veste, armas de infante,
Como taes expeditas e ligeiras;
Ao leve pezo já o corpo entrega,
Quando Raymundo junto d'elle chega.

Este, assim vendo o capitão armado,
Comprehende qual seja a sua mente.
Que é da grande couraça, e arnez pesado?
Onde marchas, senhor, tão levemente,
E em parte sem armas? Acertado
Não é com tal defesa ires somente.
Por estas claras mostras argumento
Que pões em baixa palma o pensamento.

Ah! que desejas? a privada gloria
De assaltador de muros? que a procure
Quem alma tiver menos meritoria;
Esse, qual deve, ás lides se aventure.
A ti cabe levar-nos á victoria.
Que a mão de Deus te ampare e te segure,
Do exercito christão vida e sciencia;
Conserva para nós essa existencia.

Torna o chefe: o que foi té hoje ignoto
Sabe agora; cingindo-me esta espada,
E cavalleiro armando-me devoto
De Urbano em Claramonte a mão sagrada,
Fiz ao Senhor este secreto voto:
Não só de capitão seguir a estrada,
Mas tambem qual soldado aventurar-me
Alguma vez, e aos p'rigos arriscar-me.

Portanto, apenas contra o musulmano
O exercito fiel marchar disposto,
E eu cumprir o que ao mando soberano
Compete, e pela lei me foi imposto,
É justo, e creio o approvas, do tyranno
Aos grossos muros off'recer o rosto.
A promessa que fiz ao céo se observe;
Elle só me proteja e me conserve.

Disse; os chefes francezes o imitaram,
E os dois irmãos na edade inferiores;
Os outros principaes tambem se armaram,
Em parte, de peões pelejadores.
Entretanto os pagãos já se postaram
No logar onde aos gelidos rigores
Dos Triões para o occaso vira o muro,
Sitio facil no accesso e mal seguro.

Sião por esta parte só temia
Soffrer alguma injuria dos contrarios.
O vulgo forte ali não só unia
O tyranno, e os soldados mercenarios,
Mas tambem ás fadigas compellia
Meninos e anciãos por modos varios,
Os quaes vão conduzindo aos mais galhardos
Cal, enxofre, betume, pedras, dardos.

De machinas, e d'armas arrogante
Mostra-se o muro que do plaino crece;
Da cinta para cima, atroz gigante,
O Sultão insoffrivel apparece;
Entre as ameias, como torre, Argante
Surge ameaçador e ao longe vê-se;
E na torre angular d'immensa altura
Mais que todos Clorinda alta fulgura.

Cheia de agudas settas a guerreira
Trazia ás costas pendurada a aljava.
Já nas mãos tinha o arco, já a certeira
Frecha punha na corda, e prompta estava.
Anciosa de ferir, d'esta maneira
Que chegassem os francos esperava;
Tal de Delos a virgem seductora
Das nuvens seteava a terra outr'ora.

Mais abaixo o rei tudo percorrendo
A pé, de uma a outra parte se apressura;
O que ordenou nos muros vae revendo,
E anima os defensores e assegura;
Já reforçando a gente, já provendo
De mais armas; emfim de tudo cura.
As mães afflictas para o templo correm,
E ao seu nume embusteiro se soccorrem:

Do roubador christão, senhor, a lança
Parte com esse braço justo e forte,
Pois contra o nome teu jamais descança;
Prostra, acaba dos impios a cohorte.
Tal pedem, mas ouvir-se não alcança
A prece entre o chorar da eterna morte.
Emquanto Sião d'est'arte se aprestava,
Godofredo sua gente desdobrava.

Já o corpo de infantes apresenta
Com muita providencia e bôa arte,
E contra o muro que assaltar intenta
Obliquo por dois lados o reparte;
As balistas no centro d'elle assenta,
E os mais engenhos horridos de Marte,
Dos quaes a pedra e a lança ao alto vôa
Das ameias, e como o raio atrôa.

Cobre co'os cavalleiros os infantes
Na espalda, e ordena em róda os corredores.
Dá o signal do ataque, e os incessantes
Bésteiros tantos são e atiradores,
E os projectís das machinas volantes,
Que rareiam os feros defensores.
Qual expira, da pugna qual se afasta;
Já a c'rôa do muro é menos basta.

O passo dos christãos enthusiasmados
Com impeto veloz então se apressa.
Os broqueis co'os broqueis levam cerrados
Muitos para abrigarem a cabeça;
Muitos marcham co'as machinas tapados
Das pedras, cuja chuva nunca cessa,
Até que approximando-se do vallo,
Como possivel é, buscam tapal-o.

Não era elle de limo pantanoso,
Nem d'agua, porque o solo o não consente;
Portanto enchem-no, ainda que espaçoso,
Com troncos, terra e pedras facilmente.
N'isto Alcasto descobre-se animoso,
Põe a primeira escada ao muro ingente,
E sóbe; nem os tiros o demovem,
Nem o betume que as ameias chovem.

Alçado a meia altura já se via
O fero helvecio, a flexas mil exposto,
E inda nenhuma a tanta valentia,
E a tanta audacia estorvo tinha posto,
Quando uma enorme pedra (parecia
Lançada por bombarda) junto ao rosto
No capacete o colhe, e ao chão o atira.
Fora o circassiano o que o ferira.

Não é mortal, mas grave o golpe e a queda,
Tanto que immovel tomba e atordoado.
Então Argante diz com face leda:
O primeiro caíu, quem segue o ousado?
Vinde ao assalto aberto; quem vos veda?
Não me escondo, qual vós, acovardado.
Vosso abrigo de nada servir deve,
Quaes feras no covil morrereis breve.

Tal dizia; comtudo não deixavam
Os christãos de marchar apercebidos,
E mil settas e pedras sustentavam
Sob os fortes broqueis juntos e erguidos.
Já aos muros co'o ariete chegavam
Grandes machinas, lenhos desmedidos,
Que tinham de carneiro ferrea fronte.
Tremem as portas só de os ver defronte.

Emtanto mole de grandeza immensa
Por cem mãos é do alto arremessada,
Que dos escudos na união mais densa
Se precipita, a um monte comparada;
Separa-os, entra-os, e com furia intensa
Elmos, frontes esmaga, e faz em nada.
De armas, cerberos, ossos fica cheio
O chão ensanguentado; estrago feio!

Então os assaltantes de a coberto
Das machinas estar não se contentam,
Mas affrontam com alma o p'rigo aberto,
E á luz o seu valor claro apresentam;
Qual arrumando a escada a sobe incerto,
Quaes minar á porfia o muro tentam;
Abre-se este afinal, e ruinoso
Passagem mostra ao franco impetuoso.

E ao rude encontro com que o bate e offende
O ariete, sem tregoas, caíria;
Porém d'entre as ameias o defende
O infiel com muita arte e valentia,
Pois quando o lenho valido se estende
Desce fardos de lã, onde se esfria
O golpe, porque o faz menos terrivel
A materia domavel e flexivel.

Emquanto assim o exercito arrojado
Com valor da muralha se chegara,
Tinha por sete vezes encurvado
Clorinda o arco, e a setta disparara,
E outras tantas o ferro empurpurado
No sangue do inimigo lhe ficara,
Não no sangue plebeu, mas no mais digno,
Que o outro de soberba julga indigno.

Foi do rei anglo o filho o que sentiu
O seu furor indomito primeiro.
Mal descoberto a destemida o viu
Vibrou-lhe o fatal golpe derradeiro;
Nem d'aço o forte guante lhe impediu
Que a dextra mão passasse do guerreiro;
Tanto que este, a bramir mais pela ira
Que pela dor, inhabil se retira.

Fere o conde d'Ambois junto do vallo,
Fere Clotario que na escada estava;
A um passa-lhe o peito, e vae matal-o,
De lado a lado o outro atravessava.
O ariete movia, ia lançal-o
De Flandres o senhor, quando eis o crava
No braço esquerdo um golpe, e em vão procura
Da ferida arrancar a frecha dura.

Ao incauto Adhemar, o qual distante
O pelejar olhava embravecido,
Fere na fronte setta sibilante;
Alça elle a mão ao sitio assim ferido,
E nova setta a prega no semblante;
Então sobre o terreno cae rendido,
Ministrando co'o sangue puro e sacro
Ás armas feminis grande lavacro.

Não longe das ameias Palamede,
Os riscos, atrevido, em nada tendo,
Uma escada subia, quando o impede
Setta que, o cilio dextro lhe rompendo,
Atravessa do olho a cava séde,
Rompe os nervos, e sae sangue vertendo
Pela nuca; o guerreiro cae e expira
Junto do muro pelo qual subira.

Emtanto Godofredo com diff'rente,
E novo assalto opprime os defensores:
Para uma porta faz levar ingente
Lignea torre, entre as machinas maiores
De todas a maior, tão eminente,
Que os muros não lhe ficam sup'riores,
Torre que, de guerreiros grave e armada,
É sobre varias rodas transportada.

Caminha a grande mole arremessando
Settas, lanças, e por se unir trabalha,
Qual em guerra uma náo outra abordando,
Á opposta e fortissima muralha.
Mas quem a guarda o impede pelejando,
E contra a torre tiros mil espalha;
Impelle-a com os piques, e a combate,
E com pedras ameias, rodas bate.

Tantos dardos e cantos os dois lados
Despediram, que os ares se obumbraram.
Topam-se dúas nuvens, e voltados
Alguns dos tiros vêm aos que os lançaram.
Quaes dos ramos de folhas despojados
Pelas chuvas, que em gelo se tornaram,
Caem os fructos inda não maduros,
D'est'arte os infieis caem dos muros;

Porque n'elles se faz mais grave o damno,
Sendo mais mal armados. Dos que existem
Muitos tomam a fuga, que ao insano
Fulminar da alta mole não resistem.
Mas fica o de Nicéa já tyranno,
E alguns retem que em pelejar insistem;
E o corajoso Argante a oppor-se corre
Com grande trave do inimigo á torre;

E a repelle, e de si a põe distante
Quanto é comprido o lenho, e o braço forte.
Desce tambem a atiradora ovante,
E vem dos p'rigos quinhoar a sorte.
Entretanto o christão lida incessante
Por que aos fardos de lã as cordas corte
Com longas foices; estes vão a terra
E o muro deixam desarmado á guerra.

Assim a torre no alto o fustigava,
E o ariete em baixo impetuoso,
Pelo que já em partes amostrava
O recondito seio; o valeroso
Capitão a distancia pouca estava
Do muro estremecido e ruinoso,
No seu maior escudo recolhido,
O qual só rara vez era trazido.

D'aqui elle vê cauto o que fazia
O inimigo, e o Sultão nota, o qual dece,
E vae pôr-se em defeza onde se abria
O passo que p'rigoso a ruina offrece;
Vê mais que em guarda da elevada via
Clorinda com Argante permanece;
E, vendo-o, sente do valor o effeito
Incendiar-lhe o generoso peito.

Da-me esse arco e esse escudo mais ligeiro
Do que este, diz o chefe assignalado
Para o fiel Sigier, seu escudeiro,
Que outras armas levava, e era a seu lado;
Sobre aquellas ruinas o primeiro
Serei a entrar o passo receiado;
É já tempo de ver se um feito nobre
Bem claro o meu valor emfim descobre.

Assim, mudado o escudo, mal dissera,
Quando uma setta, o espaço atravessando,
Lhe alcança a perna onde maior, mais fera
A dôr é, pelos nervos se enterrando.
Clorinda, que de ti ella viera,
E te cabe esta honra está cantando
A fama. Se tua gente evita a morte,
E a servidão é por teu braço forte.

Mas o esforçado heroe, qual não sentindo
As mortiferas dores da ferida,
Não susta a marcha, antes audaz subindo
Pelas ruinas vae, e os mais convida.
Emtanto vê que, os passos lhe impedindo,
A perna o não sustenta enfraquecida,
E, como co'o andar o mal se augmente,
Á força deixa o assalto finalmente.

E, chamando o bom Guelfo co'um aceno,
Lhe diz: vou-me forçado da peleja;
Que faças minhas vezes eu te ordeno,
Té que de novo aqui tornado seja.
Vou e volto depressa; é por pequeno
Espaço. Tendo dito o que deseja,
Monta veloz corcel, e n'um momento
Entra, não sem ser visto, o acampamento.

Co'a partida do chefe tambem parte
Dos francos a fortuna vencedora;
Cresce o vigor pela contraria parte,
Surge a esp'rança, e a coragem lhes vigora;
Já o ardimento co'o favor de Marte
No peito dos christãos falta ou minora;
Já os ferros ao sangue lentos correm,
E até os sons da trompa quasi morrem.

O parapeito a guarnecer não tarda
A gente que fugira, e ao muro assoma,
Té as donas, a exemplo da galharda
Clorinda (o patrio amor o sexo doma)
Correm velozes, vão-se pôr em guarda,
A veste curta, desparzida a coma,
Dardos lançando, sem pavor mostrarem
De pelos seus os p'rigos affrontarem.

O que ao franco moveu mais medo e espanto,
E aos infieis prestou mais força e brio,
Foi verem os dois lados no entretanto
O forte Guelfo que no chão caío.
Em multidão tamanha duro canto,
De longe despedido, o descobrio.
Raymundo ao mesmo tempo abate e fere
Um golpe que do outro não differe.

Tambem do fosso á borda rudemente
O temerario Eustachio foi colhido.
Nem do infiel um golpe houve somente
Dos mil que ao franco arremessou, ardido,
N'essa hora infeliz, que feramente
Não deixasse algum morto ou mal ferido.
Em tal prosperidade mais Argante
Feroz se torna, e brada trovejante:

Antiochía de certo não é esta,
Nem esta a noite das traições amiga.
Vede, o sol é brilhante, a gente presta:
Outro é o modo de guerra, outra a fadiga.
Do amor do roubo nem scentelha resta
Em vossa alma? o louvor não vos obriga,
Para assim tão depressa fatigados
Cederdes, francos vis e afeminados?

Isto diz, e furor tamanho accende
Do cavalleiro aúdaz o fero peito,
Que aquella ampla cidade que defende
Julgando ser ainda campo estreito,
Corre veloz onde se o muro fende,
E aonde um passo entre a ruina é feito,
E, occupando-o, ao Sultão, proximo, grita,
E com elle a sair d'est'arte o incita:

Solimão, eis chegado o sitio, e a hora
De se julgar a nossa valentia.
Páras? que temes? busque d'aqui fóra
A gloria quem quizer com galhardia.
Assim dizendo em marcha voadora
Lança-se cada um d'elles á porfia;
A um faz o furor que precipite
O passo, ao outro a honra e o fero invite.

Ambos contra o inimigo se arrojaram
Subito, em competencia, inesperados,
E tanto homem por terra derribaram,
E tanto escudo, e elmo, denodados,
Tanta escada, e arietes cortaram,
Que, com estes destroços misturados
De si em roda um monte quasi ergueram;
Outro reparo em vez do que perderam.

A gente que Sião ha pouco vira
As suas fortes muralhas escalando,
Agora já a entral-as não aspira,
E até mal se defende pelejando;
Dos dois guerreiros cede á nova ira,
E foge as proprias machinas deixando,
Que já não soffrerão outro combate;
É tamanho o furor que as fere e bate.

Os dois rivaes pagãos impetuosos
Cada vez mais avançam, triunfantes;
Já a chamma pedem, voam furiosos
Á torre com dois fachos flammejantes.
Taes saem dos infernos tenebrosos
As tres irmans, as cobras sibilantes,
E o fogo na mão impia sacudindo,
O universo assolando e destruindo.

Mas o invicto Tancredo que terrivel
N'outra parte os latinos animava
Para o assalto, ao notar a acção incrivel,
E a gigantesca chamma que ondeava,
O discurso quebrando, a furia horrivel
Dos sarracenos a enfrear marchava,
E mostrou seu valor com taes primores,
Que venceu, pôz em fuga os vencedores.

D'esta maneira da batalha o estado
Co'o volver da fortuna se volvera.
Emtanto Godofredo vulnerado
Á súa grande tenda se acolhera;
Co'o bom Sigier e Balduino ao lado
Entre muitos amigos tristes era;
Tirar da chaga a frecha inutilmente
Procura, e parte a canna impaciente.

O mais apressurado e prompto meio
Para curado ser achar deseja;
Quer que á ferida se descubra o seio,
E que cortada largamente seja.
Restitui-me á guerra por que anceio
Antes que, finda a luz, findada a veja.
Disse; e, encostando-se a uma grande lança,
Ao ferro a perna dá com confiança.

Já se apresta Erotímo, ancião preclaro,
Que nas margens nasceu do Pó jocundo,
O qual o emprego mais occulto e raro
Das aguas, e das hervas sabe a fundo;
Ás nove musas egualmente é caro,
Mas em curar se apraz; e n'este mundo
Podendo aos nomes dar a eternidade,
Só nos corpos demonstra a habilidade.

Encostado, com face alta e segura,
Soffre immovel o chefe a dor pungente.
O velho arregaçada a vestidura,
E os braços livres d'ella, co'o potente
Valor das hervas ora em vão procura
Tirar a setta, ora co'a mão sapiente;
E a mão de novo e o tenaz ferro emprega
Para a arrancar, embalde; a nada chega.

Súa arte o não ajuda, e ao seu intento
Não sorri a fortuna favoravel.
Entretanto no heroe o soffrimento
Sobe a tanto que é quasi insupportavel.
Commovido o anjo seu por tal tormento,
Colhe no Ida o dictamo, herva saudavel,
Toda adornada de purpureas flores,
Que qualidades tem superiores.

Ás cabras da montanha a natureza
As virtudes que tem esta herva ensina,
Quando feridas vão levando preza
No flanco ensanguentado a setta fina.
Postoque de mui longe, com presteza
A transporta do anjo a mão divina,
E sem ser visto, o succo e a força rara
N'um banho deita, que se então prepara;

E da Lydia mistura o licor santo
Com a planta que dá no Ideo cume.
Lava o ancião a ferida, estranho encanto!
Solta-se por si mesmo e ferreo gume,
E pára o sangue; foge a dor emtanto,
E força a perna enferma reassume.
Grita Erotimo: não, não foi minha arte,
Nem minha dextra que logrou curar-te.

Maior poder te salva; anjo piedoso,
Medico por ti feito, veio á terra;
Vejo da mão do céo signal famoso.
Toma as armas, que esperas? volta á guerra.
Calça o chefe, da pugna desejoso,
A purp'ra, a enorme lança com que aterra
Os inimigos brande, o escudo embraça,
E apressurado o capacete enlaça.

Já sae do acampamento, e se adianta
Com mil contra a cidade combatida.
Encobre o céo o pó que se levanta;
Treme a terra aos seus passos commovida.
Nas ameias o turco se quebranta
Vendo-o chegar, e a hoste destemida;
Pelo que lhe congéla o sangue o medo.
Solta o brado tres vezes Godofredo.

Conhecem logo os seus aquellas vozes,
E o grito que os excita na batalha,
E, recobrando o impeto velozes,
No assalto novo cada qual trabalha.
Porem já n'isto os dois pagãos ferozes
Se acolhiam na brecha da muralha,
E obstinados a entrada defendiam
De Tancredo, e d'aquelles que o seguiam.

De suas armas coberto, e a fronte alçada,
Chega aqui Godofredo, ardendo em ira,
E logo a desmedida hasta ferrada
Ao torvo Argante fulminando atira;
Machina por melhor, por mais fallada,
Tiro com força egual jamais brandira.
Trôa pelo ar a immensa trave e ao rudo
Golpe sem medo Argante oppõe o escudo.

O ferro lh'o penetra em continente,
E tambem a couraça lhe atravessa,
Té manchar-se no sangue; o crú descrente,
Sem que ao menos a dor sentir pareça,
Arrancando-o da carne ainda quente,
Ao capitão dos francos o arremessa,
Com taes palavras: ó guerreiro pio,
Recebe as armas tuas que eu te envio.

A hasta, que ora offensa, ora vingança
Conduz, percorre o trilho conhecido,
Porém a quem procura não alcança,
Pois lhe foge co'o corpo, prevenido.
Acha o fiel Sigier, e em terra o lança
Fundamente na goela mal ferido;
Nem péza a este, em vez do chefe caro
Morrendo, abandonar o dia claro

Quasi a esse tempo Solimão vulnera
Com grande pedra o capitão normando,
Que se contorce co'a pancada fera,
E cae em terra, qual pião, rodando.
Não póde mais soffrer, mais nada espera
Godofredo ao ver tal; mas empunhando
O gladio, das ruinas sóbe o monte,
E ataca os inimigos fronte a fronte.

Ali acções pasmosas praticava,
E oppozição de morte lhe faziam;
Mas já nos céos a noite começava;
Já a terra suas trevas encobriam,
E, co'a sombra, que as iras sopitava,
A miseranda luta suspendiam;
Pelo quê Godofredo a guerra deixa.
D'est'arte o dia sanguinoso fecha.

Porem, antes que o campo assim cedesse,
Levar aos arraiaes fez os doentes;
Nem consentiu que em preza o infiel houvesse
Os restos de suas machinas potentes.
Salva a gran torre fez com que volvesse,
O mor terror das inimigas gentes,
Postoque de tão horrida peleja
N'alguns sitios quebrada e aberta seja.

Aos grandes p'rigos escapado havendo,
Já ella entra no campo da defeza.
Mas, qual náo, que, atrevida o mar correndo,
Da tempestade zomba, e o mar despreza,
E, quando o porto proximo já tendo,
Quebra em fallaz escolho a fortaleza;
Ou qual corcel, que junto ao pouso amado
Cae, após precipicios ter passado;

Tal a torre, da parte donde fora
Mais exposta dos tiros á tormenta,
Duas rodas quebrando, pára agora
Pendida a um lado, e a custo se sustenta.
Mas estacas lhe põe, e firme a escora
A turba que a conduz, a tudo attenta,
Até que promptos os obreiros chegam,
E o damno em reparar logo se empregam.

Godofredo isto manda, pois queria
Que antes do novo sol se concertasse;
E esta via occupando e aquella via
Põe d'ella emtorno gente que a guardasse.
Mas na cidade o som que alto se ouvia
Dos instrumentos fez que adivinhasse
Tudo o infiel, e tudo descobrisse
Quanto dos fachos o brilhar lhe disse.

CANTO XII

Era noite, e do somno não gozavam
Os corpos da peleja fatigados,
Mas no fabril trabalho inda velavam
Os christãos na custodia precatados,
Ao passo que os descrentes reforçavam
Os seus muros batidos e abalados,
E tapavam as brechas; egualmente
Tratava os f'ridos uma e outra gente.

Curados eram estes, e já finda
Era em parte a nocturna e veloz obra,
E morta em parte, pois da noite a vinda
O somno traz, e a escuridão redobra;
Mas não socega a intrepida Clorinda,
Em quem a sede de honra e valor sobra;
De Argante acompanhada os seus apressa
No lavor, e a dizer a si começa:

Hoje dos turcos o senhor e Argante
Maravilhas estranhas praticaram,
Pois, sós, entrando o exercito possante,
As suas machinas fortes destroçaram.
Eu, (esta é minha gloria mais brilhante)
Postoque sempre as settas me ajudaram,
Encerrada, de longe hei combatido.
Só isto a uma mulher é concedido?

Quanto melhor no monte ou na floresta
Não fora que eu as feras acossasse,
Do que, onde tal valor se manifesta,
A par de heroes donzella me amostrasse!
Porque, se este vestido me molesta,
O de mulher não tómo, e occulto a face
No retiro? Isto diz, pensa, e resolve
Grande coisa, e ao guerreiro emfim se volve:

Ha muito um não sei que de extraordinario
E arrojado me turba a mente incerta,
Ou porque Deus a inspire, ou porque o vario
Seu desejar em Deus o homem converta.
Não vês fóra do campo do contrario
Luzes? eu irei lá só e encoberta
A torre incendiar, com ferro e fogo;
O céo regule o resto; assim lh'o rogo.

Mas se me impede a minha má ventura
Tornar, deixo-te d'esse velho honrado,
Que sempre me foi pae quanto á ternura,
E das minhas donzellas o cuidado.
As tristes e o ancião mandar procura
Ao Egypto, seu patrio solo amado.
Faze-o por Deus, senhor; é de piedade
Bem digno o debil sexo, e a longa edade.

Pasma Argante, e ferido o heroico peito
Da gloria pelo estimulo já sente.
Has de ir tu, lhe responde, ao nobre feito,
E eu ficarei aqui entre a mais gente?
Longe de ti, e em segurança o effeito
Presenciarei do fumo e chamma ardente?
Não; houvemos na guerra a mesma sorte,
Juntos alcançaremos gloria ou morte.

Tambem tenho alma que o valor despreza,
E que aspira a trocar pela honra a vida.
E ella: comprovaste-o com certeza
Na tua generosa, audaz saída;
Comtudo eu sou mulher, e nada peza
Minha morte á cidade confundida,
E se tu caes (arrede agouros duros
O céo) quem ha de defender os muros?

Torna-lhe o cavalleiro: escusas frias
Não me demovem, nem rasões fallazes;
Seguirei os teus passos, se me guias,
Ou marcharei diante, se o não fazes.
Vão ao rei, que do exercito entre os guias
Estava, e entre os mais sabios e capazes;
Ao qual Clorinda diz: ouve-me attento,
Senhor, e dá-nos teu consentimento.

Promette Argante (e o que promette é santo)
Commigo dos christãos queimar a torre;
Só esp'ramos que cedam mais emtanto
Ao somno, e a hora em que o trabalho morre.
Levanta as mãos o rei, alegre pranto
Pelas suas faces enrugadas corre,
E prorompe: meu Deus, sejas louvado,
Que guardas o teu servo, e o seu estado.

Nem tão depressa cae, pois defensores
D'estes encontra, e tão seguro amparo.
Mas que dons vos darei ou que louvores,
Se condigno de vós nada deparo?
Encha o mundo co'os sons immorredores
Da inclita fama o vosso nome claro.
Vossa obra é vosso premio, e premio em parte
Será do reino meu não pouca parte.

Taes palavras dizendo, ternamente
Ora um, ora outro aperta contra o seio.
Não póde Solimão, ali presente,
Á generosa inveja impôr o freio;
Não cinjo, exclama, a espada inutilmente;
Comvosco irei, ou pouco atrás; eu o creio.
Ah! Clorinda tornou, todos a esta
Empreza vamos? se tu vens, quem resta?

De tal modo fallou. Já sobranceiro
A recusal-o se aprestava Argante,
Mas, prevenindo-o, o rei disse primeiro
A Solimão com placido semblante:
Sempre tu, ó magnanimo guerreiro,
Te mostraste a ti mesmo similhante,
Tu que nunca ante os p'rigos desmaiaste,
Nem na guerra e lidar jamais cançaste.

Sei quanto ora farias pelejando,
Mas julgo inconveniente e perigoso
Saíres, na cidade não ficando
Nenhum de vós, que sois o meu repouso.
Mesmo imposera a estes o meu mando
Por poupar-lhes o sangue precioso,
Se não urgisse á utilidade, e houvera
Acaso quem tamanha acção fizera.

Mas pois a grande torre, por defesa,
De tanta gente em roda se guarnece,
Que força pouca a deixaria illesa,
E ir muita inopportuno me parece,
Partam os dois somente para a empreza,
A que sua alma illustre se offerece;
Em taes riscos mil vezes se hão achado,
E valem mais que exercito ordenado.

Tu, qual convem á regia dignidade,
Co'os mais aguarda ás portas, eu t'o rogo,
E quando, como a fé m'o persuade,
Elles voltarem, já deitado o fogo,
Do contrario a domar a feridade,
Se os seguir, e a ajudal-os corre logo.
Assim um rei dizia; o outro quedo
Dava-lhe ouvidos, não com gesto ledo.

Ismeno, do Orco o magico bemquisto,
Ajunta: antes de a tal vos arriscardes
Hora melhor esp'rae; emtanto um mixto
Vou compor para a machina queimardes.
Então talvez já muitos dos de Christo
Jazam dormindo dos que em guarda achardes.
Concordam; cada qual o tempo espera
Que para o grande feito proprio era.

Deixa Clorinda as vestes onde o argento
Reluz, o elmo formoso, e armas guerreiras,
E toma outras sem plumas e ornamento,
Negras, do fado seu como agoureiras;
Pois andar d'este modo é seu intento,
Occulta do inimigo entre as fileiras.
Com ella está o eunucho Arsés constante
Que a tem acompanhado desde infante,

E que, os cançados passos arrastando
Sempre após os seus passos, a seguia.
Afflige-se elle as armas contemplando
Mudadas, e os perigos em que a via;
E pelas cans, que, d'ella só cuidando,
Entre fadigas mil criado havia,
E pelos seus serviços muito pede
Que fique, mas Clorinda o não concede.

Finalmente lhe diz: já que teimosa
É tua mente, no mal tão firme e dura,
Que nem dos annos meus, nem da piedosa
Vontade, nem do rogo, e prantos cura,
Vou-te mostrar, ó virgem valerosa,
A parte de tua vida mais escura.
Depois teu querer ouve ou meu conselho.
Ella ergue a fronte, e assim começa o velho:

Senapo out'rora a Ethiopia governava,
E inda a talvez governe afortunado,
O qual na lei de Christo acreditava,
Como egualmente o povo seu queimado.
Eu, na crença pagão, a vida escrava
Supportei co'as mulheres misturado
No paço, feito servo da rainha,
Que, posto negra, formosura tinha.

Muito a amava o marido, e era o ciume
Na força egual ao fogo dos amores;
No afflicto peito o zelo que o consume
A tanto se estendia em seus furores,
Que a velava de todos; té do lume
Que accende o céo de rutilos fulgores
A quizera esconder. Ella prudente
Com prazer o servia obediente.

De devotas figuras, e de pia
Lenda estava pintada a regia estancia.
Candida virgem preza ali se via,
Coberta de rubor; pouco em distancia
Um cavalleiro um drago percutia,
Morto no proprio sangue. Com instancia
Ali prostrada muita vez ella ora,
E, confessando os seus peccados, chora.

Concebe emtanto, e ao mundo lança em breve
Uma menina que na alvura brilha;
Eras tu; perturbada, a cor de neve
Nota, e de caso tal ha maravilha;
Mas do rei aos furores não se atreve;
Pelo que assenta de esconder a filha,
Pois o esposo julgara na brancura
Do corpo teu ver sua esposa impura,

E que uma outra creança que nascera
Negra, lhe seja em teu logar mostrada.
Como a torre onde estavamos só era
Por mim e pelas servas habitada,
A mim, que sempre a amei com fé sincera,
Te entregou não ainda baptizada.
Nem então baptizar-te poderia,
Que o costume da terra o não soffria.

Por que longe a crear te conduzisse
Chorando, ella te entrega nos meus braços.
Quem seria que a dor lhe repetisse,
E os fervorosos, ultimos abraços?
Quantos beijos com pranto! quantas disse
Queixas que o soluçar quebrava a espaços!
Emfim, ó Deus, exclama, aos céos volvendo
A vista, ó Deus, que estás minh'alma vendo,

Se ella mancha não tem, se fui constante,
E intacto conservei do esposo o leito,
(Por mim não peço, não, de ti diante
Vil sou, e mil maldades tenho feito)
Salva-me apenas o innocente infante,
Ao qual denega a mãe materno peito.
Viva, e seja como eu na honestidade,
Porém aprenda de outra a f'licidade.

Tu, celeste guerreiro, que a donzella
Do poder da serpente libertaste,
Se accendi em tuas aras pia vela,
E se o ouro e os incensos me acceitaste,
A Deus a recommenda, para que ella
Com teu soccorro a desventura afaste.
Findou, e á triste o coração cerrou-se,
E côr da morte o rosto seu tornou-se.

Recebi-te a chorar, e n'uma cesta
Levei-te sob flores escondida;
Occultei-te de todos, e nem esta
Coisa, nem outra foi jamais sabida.
Saí desconhecido, e, por floresta
Indo, de horrendas arvores vestida,
Vi uma tigre que a ameaça tinha
No olhar, a qual a mim direito vinha.

Subo a um tronco, mal vejo a fera horrivel,
E, tão grande temor me precipita,
Que te deixo na relva. Ella impassivel
Se chega, e sobre ti os olhos fita;
Porém é seu olhar meigo e aprazivel;
Olha-te com amor, quem no acredita?
Depois para o teu lado a passo vindo
Te lambe; e tu a acaricias rindo;

E ao focinho feroz, brincando leda,
Estendes a mãosinha afoutamente.
Ella, como se lh'alma o céo conceda,
Da-te as tetas que chupas, innocente.
De medo e pasmo o sangue se me veda,
Vendo o prodigio, e horror meu peito sente.
Como de leite a fera te vê farta
Á selva torna, e assim de ti se aparta.

Tomo-te n'isto, da arvore descendo,
E ao deixado caminho volvo o passo;
Páro afinal n'um sitio, onde vivendo
Algum tempo, criar-te a occultas faço,
Té que, por mezes dezeseis correndo,
O sol aos homens aclarára o espaço.
Então com lingua lactea a voz soltavas
Inda indistincta, e incerta caminhavas.

Mas como o tempo já não longe vinha
Em que para a velhice pende a edade,
Eu, rico e farto do ouro, que a rainha
Me deu, partindo, em grande quantidade,
De descançar a errante vida minha
Na terra onde nasci tive vontade,
E, entre os velhos amigos, da existencia
Temp'rar nos caros lares a inclemencia.

Para o Egypto, paiz onde fui nado,
Levando-te commigo os passos rejo;
Eis que chego a um logar, onde apertado
Entre ladrões, e turvo rio me vejo.
O que devo fazer? teu peso amado
Deixar não quero, mas fugir desejo.
Deito-me a nado, afoito as aguas córto
Co'uma das mãos, co'a outra te supporto.

Rapidissimo é o curso, e mesmo em meio
Faz um redomoinho violento,
O qual, onde abre mais profundo o seio,
E mais ferve me arrasta n'um momento.
Largo-te, mas a agua, mal o creio,
Te alça, e, ajudada de propicio vento,
Na branda areia em salvação te lança;
A praia com afan meu corpo alcança.

Abraço-te contente; e á noite, quando
Tudo em fundo silencio estava posto,
Vi em sonho um guerreiro, ameaçando,
A espada núa me chegar ao rosto,
E dizer com imperio: ouve o meu mando;
Faz o quê por sua mãe te foi imposto,
A criança baptiza; pois é cára
Ao céo benigno, e meu poder a ampara.

Dó para a resguardar eu dei ás feras,
E a agua fiz pensar, e apiedou-se.
Infeliz! se no sonho teu não creras!
É mandado do céo. Disse, e calou-se.
Levantei-me, tomei-te donde eras,
E parti, como a luz nascida fosse.
Mas crendo a minha fé, e o sonho crendo
Falso, e as maternas preces esquecendo,

Não te fiz baptizar; foste nutrida
Qual pagan; coisa alguma tu soubeste.
Com a edade, nas armas atrevida,
Venceste a natureza e te venceste;
Fama, terras ganhaste. Da tua vida
Sabes o resto bem, e sabes que este
Pobre velho de servo e pae te ha feito,
Sempre a teu lado, á guerra expondo o peito.

Hontem, quando já proximo da aurora,
Jazendo em somno, similhante á morte,
Vi a imagem do anjo visto outr'ora,
Mas o olhar mais turvado, a voz mais forte,
Que me disse: infiel, eis chega a hora
De Clorinda mudar de vida e sorte.
Minha será, máu grado teu; com pranto
O saberás; e foi-se o nuncio santo.

Ouve-me pois, que para ti prepara
O céo successo estranho. Não consente
Elle talvez contrariar, ó cara,
A crença paternal, ou é sómente
Esta a unica fé. No intento pára,
Depõe as armas, e o furor ardente.
Diz e chora. Assustada e pensativa
Fica ella, que egual sonho a tem captiva.

Emfim, asserenando o rosto, exclama:
Persistirei na fé que hei por verdade,
Que tu me déste quando o leite da ama,
E agora de abalar mostras vontade.
Nem deixarei a empreza que me chama,
Por medo (d'alma nobre indignidade);
Não, embora de mim tivesse diante
Á morte co'o mais tetrico semblante.

Dizendo isto o consola; e, pois a obriga
O tempo a dar ao promettido effeito,
Parte, e ao guerreiro indomito se liga,
Que aos perigos quer ser tambem sujeito.
Junta-se-lhes Ismeno, o qual instiga
O brio que abrasa já d'ambos o peito,
E duas bolas de enxofre e de betume
Lhes dá, e em fundo vazo occulto lume.

Co'a noite vão, calados, pelo outeiro
Descendo a passo pressuroso e aberto,
Tanto que d'onde estava o alto madeiro
Dos christãos n'um relampago estam perto.
Vendo-o se inflamma o seu valor guerreiro;
Referve, e salta o coração desperto;
Feroz ira os incita ao sangue, ao fogo.
Brada a guarda, e o signal lhes pede logo.

Ambos mudos avançam; n'isto a guarda
Grita: ás armas!—ás armas rijo sôa;
O generoso par já mais não tarda,
Porem, sem se encobrir não corre, vôa.
Como o raio veloz, como a bombarda
Que luz e cae, e prostra apenas trôa,
Correr, chegar, ferir o ajuntamento,
Abril-o, e entral-o foi um só momento.

Apezar das mil armas que os carregam,
E dos golpes innumeros, terriveis,
Já descobrem os lumes, os quaes pegam
De prompto nas materias combustiveis.
Invade a mole o fogo, já se empregam
Em seus gigantes lados as horriveis
Chammas. Quem contaria como ellas
Crescem turvando o brilho das estrellas?

Vê-se em globos o fogo misturado
Entre rodas de fumo ao céo lançar-se;
Trepa o incendio co'o vento levantado,
E vão n'um todo as chammas ajuntar-se.
Dos francos fere o olhar amedrontado
A labareda, e tudo corre a armar-se.
O lenho immenso cae, terror da guerra;
Tal obra n'um instante rue por terra.

Correm dois esquadrões n'este momento;
Argante, qual se o p'rigo em nada conte,
Lhes brada: o incendio apagarei violento
No sangue vosso, e encara-os fronte a fronte;
Mas a par de Clorinda a passo lento
Recúa para o apice do monte.
A turba augmenta, assim como torrente
Co'a chuva, e os segue, e sóbe juntamente.

É aberta a Àurea porta; n'ella vê-se
Entre sua gente armada o rei ferino,
Para que os dois guerreiros recolhesse,
Se ao voltar fosse prospero o destino.
Já tocam ambos o limiar; recresce
O franco, e entra após elles repentino;
Porem repelle-os Solimão, e fecha
A porta; só Clorinda fora deixa.

A guerreira ficou somente fora,
Pois quando aos mais a porta se cerrara,
Iracunda correu, e ameaçadora
A punir Arimon, que lhe acertara;
E o logrou castigar; visto não fora
Por Argante como ella se apartara,
Que tiravam a vista e o sentimento
A escuridão, a pugna, o ajuntamento.

Logo que saciou a sede irada
No sangue, de si mesma recordou-se,
E ao ver fechada a porta, e que é cercada
De contrarios por morta reputou-se.
Emtanto, como crê não ser notada,
De novo modo de escapar lembrou-se:
Finge dos francos ser, e muda e ignota
Mette-se entre elles, nem ninguem a nota.

Depois, bem como lobo que se encobre,
Tendo já feito o mal, e se desvia,
Da noite protegida, a dama nobre,
Da turba em meio avante proseguia;
Mas Tancredo apezar d'isto a descobre,
Tancredo que chegado ali havia,
Quando a Arimon matára a virgem bella;
Vê-a, assignala-a, e vae-se depós ella.

Quer medir-lhe o valor, acreditando
Ser homem que o merece na bravura.
Clorinda, o alpestre cume rodeando,
Por outra porta penetrar procura.
Impetuoso o guerreiro a segue, e, estando
Já perto, as armas soam na armadura;
Volta-se ella, e, o que trazes, d'esta sorte
Correndo? brada; guerra trago e morte.

Guerra e morte haverás; eu não rejeito
Dar-t'a, se a buscas; tal responde, e espera.
Apeia-se Tancredo, com respeito
Do inimigo, pois viu que peão era.
Ambos tomam o ferro, ambos no peito
Accendem a altivez, e a raiva fera,
E correm a topar-se impacientes,
Quaes dois toiros ciosos d'ira ardentes.

Grande theatro, e a grande claridade
Do sol deviam ter eguaes façanhas.
Ó noite que em tua funda escuridade
As guardaste, e do olvido nas entranhas,
Arrancar-t'as permitte e á eternidade
Mandar em todo o brilho obras tamanhas.
Viva eterna sua fama, e a súa gloria
Vos illumine, ó trevas, a memoria.

Não buscam defender-se ou retirar-se,
Na peleja a destreza não tem parte;
Nem os golpes fingir, nem regular-se;
Tira a noite e o furor o emprego d'arte.
Na espada a espada em cheio ao encontrar-se
Sôa horrivel; combatem sem que aparte
Nenhum o pé; continuo os braços movem,
E inutilmente os golpes nunca chovem.

Irrita a injuria a colera á vingança,
E co'a vingança a injuria mais se aviva;
Pelo que sempre a dextra, que não cança,
Com razão nova o seu furor motiva;
Cresce o combate, e mais e mais avança;
Cerram-se, o que do gladio o jogo priva;
Dão-se irados co'os pomos golpes rudos;
Chocam-se os elmos, chocam-se os escudos.

Entre os braços robustos apertara
Trez vezes á donzella o heroe possante,
E outras tantas Clorinda se soltara
Dos laços do inimigo, e não do amante.
Tornam ao ferro, tinge a espada clara
Sangue de f'ridas mil; té que anhelante
E lasso cada um d'elles se retira,
E, de tão longo pelejar respira.

Sobre o pomo da espada descançando
O corpo exangue, um para o outro olhava.
Já a ultima estrella desmaiando
Ia no céo, que a aurora mal corava.
Vê Tancredo mais sangue derramando
O inimigo do que elle derramava,
E soberbo se alegra. Insania nossa
Que da sorte aura leve tanto possa!

Misero! de que folgas? Em tristeza
Teu triumpho e jactancia hão de volver-se!
Em mar de pranto, se não fores preza
Da morte, ha de este sangue converter-se!
Taes pararam da bellica fereza
Os sangrentos rivaes mudos a ver-se.
Tancredo emfim d'esta maneira disse
Por que o outro o seu nome descobrisse:

Tanto valor a nossa desventura
Manda brilhar aqui só e escondido;
Mas se louvor nos nega a sorte dura,
E testemunhas, faço-te um pedido,
(Se em combate pedir não é loucura):
Quem és, teu nome dize-me; ou vencido,
Ou vencedor, que eu saiba, para gloria,
Quem honra a minha morte, ou a gran victoria.

Responde-lhe a animosa: inutilmente
Perguntas o que nunca hei declarado;
Seja emtanto quem fôr, de ti em frente
Tens um dos que hão a torre incendiado.
A isto arde Tancredo, e, promptamente,
Dissestel-o em má hora, torna irado,
Túa reserva e falla só alcança
Chamar-me, descortez, para a vingança.

De novo os toma a colera, e transporta,
Posto já debeis, á terrivel guerra.
Oh! que pugna! sem arte, e a força morta,
Só na furia o poder d'ambos se encerra!
Oh! que sanguinea, que espaçosa porta,
Se na armadura ou carne o gume enterra
A espada! E se não sae do golpe a vida
É porque a raiva a aperta ao seio unida.

Qual o profundo Egeu, cessando o vento,
Que inteiro o sacudira e revolvera,
Conserva ainda o som e o movimento
Das grossas ondas que alteroso erguera,
Assim, posto lhes falte o sangue e alento,
Que os fortes braços pelejar fizera,
O impeto primeiro os alimenta
Ainda, e com mais damno o damno augmenta.

Mas eis resôa a hora em que o desterro
Da existencia largar Clorinda deve.
Fere-lhe o bello seio o agudo ferro,
De sangue ennodoando a pura neve,
E a veste de ouro ornada, casto encerro,
Que os peitos lhe apertava branda e leve
Ensanguenta tambem. A triste sente
Os pés faltar-lhe, e a morte vê presente.

Tancredo, na victoria a mente fita,
Contra a donzella ameaçador avança.
Cae a pobre, e, caindo, a boca afflicta
Abre, e estas vozes derradeiras lança,
Vozes, que novo espirito lhe dicta,
De fé, de caridade, e de esperança,
Infundidas por Deus, o qual deseja
Que sua ao menos junto á morte seja:

Venceste, amigo, eu te perdôo... concede
Perdão tambem, ao corpo não, que é nada,
Mas á alma; por ella humilde pede,
E no baptismo a faze depurada.
Esta falla que a morte quasi impede
Tem não sei que de meiga e de chorada,
Que lhe cala no peito, e a inimiga
Colera tira, e a lagrimas o obriga.

Perto d'ali um corrego do seio
Do monte sae com fraco murmurio;
A elle corre, e, o capacete cheio,
Volta o acto a cumprir augusto e pio.
Ao descobrir-lhe a fronte com receio
Sente um tremor, como jamais sentio.
Vê-a, conhece-a, jaz sem movimento,
E sem voz. Oh! que vista! oh! que tormento!

Mas não morreu; todo o vigor juntando,
Em guarda o pôz do coração, e armou-se,
E, dentro d'elle as dores occultando,
Para dar vida a quem matou voltou-se.
Emquanto os sacros sons ia soltando,
Ella sorriu-se, e toda transmudou-se,
Alegre no expirar, qual se dissera:
Em paz morro, por mim o céo espera.

Tinge bello pallor do rosto a alvura,
Quaes violas sobre lirios delicados;
Fita ella o firmamento, e a virgem pura
Olham o sol e o céo, como apiedados.
A mão já fria alevantar procura
Para Tancredo, e em vez de sons quebrados
N'ella doce penhor de paz lhe off'rece.
D'est'arte expira, e adormecer parece.

Mal elle vê sair a alma querida,
Perde o vigor que o sustentara forte,
E de todo se entrega á dôr pungida,
E ao seu intenso, rábido transporte,
Que emtorno ao peito se lhe uniu a vida;
Enche-lhe o rosto, e o pensamento a morte,
Ao morto o vivo se assimelha, mudo,
Sem se mover, na côr, no sangue, em tudo.

E a existencia indignada, tristurosa
Da carne o fragil carcere quebrara,
Seguindo assim de perto a alma formosa,
Que pouco antes da terra o vôo soltara,
Mas chega hoste de francos numerosa,
Que agua ou diversa causa ali levara,
E o guerreiro conduzem co'a donzella
Mal vivo, ou morto, pois morreu com ella.

Da força o capitão, posto distante,
Pelas armas o principe conhece,
Por isso corre a elle n'um instante;
Depois a virgem nota, e se entristece;
Nem quer deixal-a á furia devorante
Dos lobos, inda que infiel parece;
Ambos são sobre os braços dos soldados
Á tenda de Tancredo transportados.

Do passo em que o conduzem grave e lento
Não se resente bem o heroe ferido,
Comtudo solta debil, frouxo alento,
E demonstra não ter inda morrido;
Mas não tem o outro corpo movimento,
E mostra ser o espirito partido.
Assim juntos os levam té que param
No acampamento; os dois então separam.

Já muitos escudeiros estão perto
Do cavalleiro e o servem promptamente;
Já elle os olhos abre, mal disperto,
E vê a luz; já a cura e as vozes sente.
Mas com pensar estupefacto, incerto,
Ao redor de si olha vagamente.
Emfim conhece tudo e assim exala
O seu soffrer em baixa, triste falla:

Vivo? respiro ainda? o brilho odioso
Inda contemplo d'este infausto dia,
Dia que viu meu crime tenebroso,
E que me exprobra a minha tyrannia?
Ah! braço, como és fraco e vagaroso!
Tu que sabes ferir com tal mestria,
Tu, ministro d'infame e crúa morte,
Poupas a vida minha d'esta sorte?

Com teu ferro, cruel, passa-me o peito,
Emprega, emprega n'elle os teus furores;
Mas já talvez, á crueldade affeito,
Crês compaixão matar as minhas dores.
Viverei pois, para memoria eleito
De infelizes e lugubres amores.
Só de tão grande crime é digna pena
Este indigno existir que me condemna.

Viverei em tormentos e amargura,
Justos algozes meus, errante, insano;
Haverei medo á noite só e escura,
Que me ha de recordar que fui tyranno;
Do sol que me aclarou a desventura
Horror terei ao brilho soberano;
Temer-me-hei a mim proprio, em vão tentando
Fugir de mim, commigo sempre andando.

Mas, ai! ó desditoso! onde ficaram
As reliquias do corpo bello e casto?
O que os furores meus d'elle pouparam
Talvez dos animaes já seja gasto!
Ai! como, nobre preza, te deixaram!
Ai! doce, caro, precioso pasto!
Contra ti me incitou a escuridade,
E das feras depois a crueldade.

Se acaso inda existis, irei buscar-vos,
E vos conservarei, restos amados;
Porem se não poder já deparar-vos,
Se de algum animal fostes tragados,
Quero no ventre seu acompanhar-vos;
Sejam por súa boca devorados
Os membros meus. A sepultura é bella,
Seja qual fôr, jazendo perto d'ella.

D'est'arte se ia o misero carpindo;
Dizem-lhe que ali junto a amada estava;
Qual raio aclara as nuvens, tal, ouvindo
A nova, a magoa foge que o toldava.
A custo se levanta, e já saindo
Do leito em que a doença o demorava,
Vae ver Clorinda, o corpo enfermo e lasso
Arrastando com frouxo, incerto passo.

Apenas lá chegou, no seio puro
A sua obra notando, a atroz ferida,
E, como céo sereno, posto escuro,
A face peregrina, a côr perdida,
Estremeceu de modo, que seguro
Não sendo, cairia, qual sem vida,
E disse: ó rosto que até mesmo a morte
Abrandas, porém não a minha sorte,

Ó bella, amada mão, que me offertaste
Doce penhor de paz e d'amizade,
Qual te vejo, ai de mim! qual me tornaste!
E tu, ó corpo da maior beldade,
Do perverso furor que em mim provaste
Não estás demonstrando a feridade?
Ó vista minha, qual meu braço crúa
Que vês assim o mal da raiva súa!

E vejo-o sem chorar? Não me concede
Lagrimas o meu peito? corra ardente
Em vez d'ellas meu sangue; e como o pede
O seu desejo, que é morrer somente,
Ás f'ridas rasga as faxas, e despede
D'ellas vermelha, tepida torrente;
E matara-se até, se o não livrasse
A propria dor, que fez que desmaiasse.

Posto no leito, a alma, que ligeira
Fugia, á vida odiosa já se chama.
Do seu soffrer, do caso pregoeira
Voando emtanto a falladora fama,
Trouxera o chefe, e a multidão guerreira
Dos amigos selectos que mais ama;
Mas nem grave conselho ou prece branda
O mal tenaz do coração lhe abranda.

Como ferida de tremendo corte,
A qual co'o tratamento se encruece,
Assim nada ha que o peito lhe conforte,
Antes, a dor, se é consolado, crece.
O venerando Pedro d'esta sorte
Notando a ovelha, bom pastor, padece,
E o seu longo delirio vehemente
Exprobra, e o aconselha gravemente:

Ó Tancredo, ó Tancredo, quão mudado
Teu ser está do que outro tempo fora!
Quem d'este modo surdo te ha tornado?
Que denso véo teus olhos cobre agora?
Este infortunio foi do céo mandado;
Vel-o? ouves-lhe a voz atroadora,
Que te accusa, e o caminho que deixaste
Seguir te manda como o já trilhaste?

Deus te chama ao primeiro, honroso officio
De cavalleiro da sua causa bella,
Que trocaste, ah! vil troca! por teu vicio,
Por ser amante de infiel donzella.
Com bondoso furor, e com propicio
Padecer a sua mão leve flagella
Teu erro louco, e mostra-te o remedio
Da salvação, mas tua cegueira impede-o.

Recusas pois o dom que o céo quer dar-te,
Ó ingrato! e contra elle assim te irritas?
Entregue a teus martyrios, em que parte
Sem ter freio, infeliz, te precipitas?
O abysmo eterno está quasi a tragar-te,
E não o vês sequer, e não o evitas?
Vê-o, peço-t'o eu, modera a pena
Que a morte duplicada te condemna.

Calou-se. O joven que morrer queria
Cede ao morrer eterno, e aos seus terrores:
Abre o peito ao conforto, e da agonia
Faz mitigarem-se as acerbas dores;
Comtudo inda lamenta a sorte impia,
E solta os seus queixumes e clamores,
Ou fallando comsigo, ou co'a formosa
Que o ouve, pode ser, dos céos piedosa.

A ella chama e implora em voz cançada,
Quer se ponha, quer surja o claro lume;
Bem como rouxinol, ao qual roubada
Fôra do tenro ninho a prole implume,
Que chorando sosinho em voz magoada
A noite, e a selva atrôa co'o queixume.
Emfim co'a alva um pouco os olhos fecha,
E o somno pelos prantos entrar deixa.

De estellifera veste, e diva essencia,
Então em sonhos se lhe mostra a amante,
D'outro tempo guardando inda a apparencia,
Apezar de mais bella e fulgurante;
Limpa-lhe os tristes olhos, com clemencia
Depois diz d'esta sorte consolante:
Vê quão formosa sou, vê-me a alegria,
Ó caro, e as tuas dores allivia.

Pois quanto sou te devo; tu somente
Pelo teu erro ao tumulo me déste,
E no seio de Deus, no céo luzente
Digna de entrar, piedoso, me fizeste.
Aqui feliz amando eu gózo, crente
De que outro assento para ti se apreste,
Onde á luz do grão Sol, em dia eterno
Verás meu brilho, e o seu brilhar superno.

Se do recto caminho te não tira
A que transvia os homens van loucura.
Vive, eu te amo, porque é que t'o encobrira,
Qual posso amar terrena creatura.
Seu olhar, mal d'est'arte se exprimira,
Com resplandor sobrehumanal fulgura;
Depois nos raios seus se fecha e vôa.
Do heroe no peito novo allivio côa.

N'isto acordou Tancredo, calma a face,
E á cura se entregou esclarecida,
E ordenou que da amada se enterrasse
O corpo, albergue já de nobre vida.
Se precioso marmor que adornasse
O sepulchro não houve e arte subida,
A melhor pedra ao menos escolheram,
E o melhor escultor que achar puderam.

Depois de fachos por fileira immensa
Fez com illustre pompa acompanhal-a,
E sobre a campa a uma arvore suspensa
Deixou sua armadura para honral-a.
Mas no dia seguinte logo pensa
Em ir na sepultura vizital-a,
E, com trabalho abandonando o leito,
Parte cheio de dó, e de respeito.

Ao chegar ao sepulchro, no qual vivo
Estava o seu espirito encerrado,
Pallido, silencioso, semivivo,
N'elle os olhos pregou, gelo tornado;
Um rio emfim vertendo compassivo
Dos olhos, debil ai soltou magoado,
E disse: ó pedra amada e honrada tanto,
Que has dentro o incendio meu, fóra o meu pranto,

Não móra em ti a morte, só abrigo
És de cinza vivaz, de amor repouso;
Por ti eu sinto, eu sinto o fogo antigo,
Menos doce, não menos poderoso.
Os meus suspiros, ai! toma comtigo,
E estes beijos que banho doloroso,
Dá-os, já que eu não posso, ao corpo d'ella,
Que tanto amei, e que o teu seio vela.

Da-lh'os, que se o olhar volve benigna
Aos seus restos sua alma encantadora,
Do teu dó, dos meus beijos não se indigna,
Que na altura dos céos odio não mora.
Perdão da minha culpa ella me assigna;
Só esta esp'rança o peito me vigora.
Que só a mão foi despiedada sabe,
E quer que, amando, quem a amou acabe.

E amando-a morrerei; feliz tal dia,
E mais feliz ainda e appetecido,
Se, como ora aqui estou, ó lousa fria,
Então no seio teu fôr acolhido.
No céo serão as almas na alegria,
E no tum'lo um ao outro reunido.
O que a vida não teve tenha a morte.
Oh! se o posso esperar, ditosa sorte!

Confusamente se sussurra emtanto
Do triste caso na cercada terra;
Já se confirma e espalha, e a cada canto
Da cidade assustada o rumor erra,
Junto com gritos e femineo pranto;
Cair Sião parece ás mãos da guerra,
E que o impio contrario, e a voraz chamma
Pelas casas e templos se derrama.

Todos olham Arsête gemebundo,
Que a afflicção retratada tem no aspeito;
Qual os mais, não vérte elle o seu profundo,
Cruel soffrer em lagrimas desfeito;
Suja as cans, e de pó as cobre immundo,
O semblante ferindo, e afflicto peito.
Mas em meio da turba se adianta
Argante, e d'este modo a voz levanta:

Bem quiz eu, quando vi tinha ficado
Fóra dos muros a donzella forte,
Seguil-a, e inda corri apressurado
Por quinhoar no risco a mesma sorte.
O que não disse e fiz? por mim rogado
Foi o rei que cedesse ao meu transporte,
E abrir mandasse as portas da cidade,
Embalde! impoz-me a sua auctoridade.

Ah! se eu então saído acaso houvera,
Do perigo a guerreira aqui traria,
Ou, como ella, o terreno enrubescera,
E com fim memoravel morreria.
Mas o que me restava? o que fizera,
Se d'outro modo a terra e o céo queria?
Houve ella fatal morte, e eu bem conheço
O que devo a mim mesmo, não o esqueço.

Ouve, Jerusalem, o que te afiança
Argante; ouve-o, sagrado firmamento,
E se faltar fulmina-me: vingança
Tomar eu juro do christão cruento,
Que é Clorinda vingar a minha herança;
Nem deixarei a espada um só momento
Emquanto de Tancredo não derrame
O sangue, e o deixe aos corvos, preza infame.

Disse, e os brados multiplices e varios
Da turba as vozes suas applaudiram,
E co'os projectos só imaginarios
Da vingança um allivio á dor sentiram.
Oh! juramentos vãos! cedo contrarios
Effeitos esperança tal seguiram,
Pois pela mão d'aquelle que já cria
Vencido elle morrer breve devia.

CANTO XIII

Apenas cae em cinza a torre immensa
Que fizera ás muralhas guerra dura,
Ismeno logo em novo modo pensa
De tornar a cidade mais segura;
Por isso ao franco da floresta densa
Tirar madeiras impedir procura,
Para contra Sião, já fulminada
Não ser uma outra machina formada.

Das tendas dos christãos não longe se ergue
De ermos valles em meio alta floresta,
De horridos, velhos troncos basto alvergue,
Os quaes lançam de si sombra funesta,
E fazem que, sol claro, mal se enxergue
Em luz incerta, descorada e mesta,
Qual de neb'loso céo, quando succede
O dia á noite, ou á noite o dia cede.

Porém, mal parte o sol, logo anoitece;
É tudo escuridão, nuvens e horrores,
Copia do inferno; cego o olhar parece
Ao vêl-a, e o peito se enche de temores.
Aqui jamais co'os gados apparece
O boieiro, nem vem jamais pastores;
Só transviado peregrino a affronta,
Passando ao longe, e receioso a aponta.

Aqui as feiticeiras co'os amados
Vêm ajuntar-se quando tudo dorme.
Vôam estes em nuvens transportados,
Qual na forma dragão, qual bóde informe;
Concilio infame, que dos bens anciados
Convida fallaz quadro, e amor enorme
Com pompa immunda a celebrar, insanos,
As impias nupcias e festins profanos.

Tal se cria, e nenhum dos habitantes
Jamais da selva os ramos arrancara;
Mas o franco a violou, porque bastantes
Madeiras ella só lhe ministrara.
Aqui penetra o mago nos instantes
Em que tudo é mudez (a noite esp'rara
Que logo se seguiu) e, feito um breve
Circulo, os caracteres seus escreve;

E, descingido, n'elle reverente
Põe o pé nú, e imprecações vomita;
Os olhos vezes tres volta ao oriente;
E tres para onde o sol se precipita;
Move outras tres a vara, que potente
Tira os mortos da cova, e os resuscita;
E outras tantas co'o pé o solo fere;
Depois terrivel tal fallar profere:

Ouvi-me, ouvi-me, ó vós, que das estrellas
Os raios arrojaram furibundos,
E vós tambem, que as tumidas procellas
Formaes, do ar moradores vagabundos,
E vós, que as penas infligis áquellas
Almas, que soffrem nos abysmos fundos;
Eu vos invoco, cidadãos do Averno,
E a ti, senhor e rei do fogo eterno.

Em guarda me tomae a selva antiga,
E estes troncos; a vós os dou contados.
Como dentro do corpo a alma se abriga,
Sede vós dentro d'elles abrigados,
Para que fuja o franco, ou não prosiga,
E vos tema, os primeiros golpes dados.
Disse; o mais que ajuntou foi tão horrivel,
Que impia lingua dizel-o é só possivel.

Assim fallando, os astros de que se orna
O céo sereno o magico descora;
Entre nuvens a lua se transtorna,
E vela a sua face encantadora.
Irritado a bradar de novo torna:
Espiritos, o que é que vos demora?
Porque tanto tardar? Estaes esp'rando
Maior mysterio, e mais potente mando?

Co'o descostume não me esquece o meio
Da minha arte o mais forte, o mais famoso;
Não; co'a lingua ensopada em sangue feio
Tambem digo esse nome temeroso,
Que sempre ouviu o inferno com receio,
E a que obedece até Plutão medroso.
Sim, sim.... Seguir queria, mas emtanto
Conheceu que operado estava o encanto.

Innumeros espiritos malditos
Chegam, parte dos quaes nos ares erra,
E parte entre o chorar e eternos gritos
Vive no fundo tetrico da terra.
Inda marcham confusos os precitos
De o céo lhes proibir entrar em guerra,
Posto não lhes tolheu que ora viessem,
E nos troncos e folhas se escondessem.

Vendo Ismeno que tudo estava feito
Para o seu fim, ao rei se torna ledo:
Seguro tens o throno, calma o peito,
Senhor, e deixa as duvidas e o medo;
Não refará o franco satisfeito
As machinas, qual pensa Godofredo.
Assim lhe diz: depois, parte por parte,
Narra os successos da invisivel arte.

A isto, continúa, eu acrescento
Cousa que menos agradar não deve:
No celeste Leão Marte sanguento
Do sol ao orbe se ha de unir em breve;
Nem o seu fogo abrandarão cruento
A chuva, as auras, ou rocío leve;
Pois por quantos signaes nos céos eu vejo
Aridissima secca já prevejo.

Egualará da calma a gravidade
A do paiz dos Nasamões queimados;
Para nós será menos, na cidade,
Cheia d'agua, e nas cazas abrigados;
Mas não lhe soffrerão a intensidade
Os francos n'esses campos abrasados;
Assim do céo vencidos, ha de a gente
Do Egypto destruil-os facilmente.

Vencerás descançado; nem a sorte
Creio que exp'rimentar mais te convenha;
Porém se Argante impaciente e forte,
Que a mais honrosa paz soffrer desdenha,
Te incitar, qual costuma, ao seu transporte
Procura um freio, e faze se contenha,
Pois, em pouco, hão de dar-te os céos amigos
Paz, e guerra cruel aos inimigos.

Ouvindo-o, o rei alma cobrar parece;
Nem já teme o contrario poderoso;
E, posto em parte reparado houvesse
Os muros do combate furioso,
De em tudo os restaurar quanto apparece
Arruinado se mostra cuidadoso.
Ferve continua a obra, em varios modos
Servos e cidadãos trabalham todos.

Emtanto Godofredo não querendo
Que debalde a cidade se atacasse
Antes que o lenho, preza do tremendo
Fogo, e alguma outra machina formasse,
Manda, qual costumava, ao bosque horrendo
Os seus por que madeira se cortasse.
Partem estes sobre a alva, porém param
Com medo novo, mal a selva encaram.

Qual menino innocente que aos terrores
Das larvas cede, e ao susto que o domina,
Ou no meio da noite e seus negrores
Grandes monstros, portentos imagina,
Taes eram dos obreiros os temores,
Não sabendo o que a tanto os determina,
A não ser o pavor, que imagens feras
Inventa mais que sphinges e chimeras.

A turba retrocede, e intimidada
De tal sorte o que diz troca e varia,
Que escutam, mas sem ser acreditada,
A sua narração com zombaria.
Então de gente audaz e assignalada
Força imponente o capitão envia,
Por que os trabalhadores escoltasse,
E a cumprir o trabalho os animasse.

Apenas dos logares se chegaram,
Onde o inferno os seus filhos tinha posto,
E as tenebrosas sombras encararam,
Gelou-se-lhes o sangue; mas, composto
Um pouco o medo, avante caminharam,
Encobrindo o temor com forte rosto,
E, tanto proseguiram, que já perto
Eram do bosque de negror coberto.

N'isto um som parte d'elle, de repente,
Qual ribombo da terra quando treme.
Ouve-se o murmurar do austro, o plangente
Quebrar da onda que nas rocas geme;
Ruge o feroz leão, silva a serpente,
Uiva o lobo voraz, e o urso freme,
A trombeta diz guerra, os trovões troam;
Tantos e varios sons n'um som resoam.

Então pallidos todos com espanto
Mil signaes de temor na face exprimem;
Nem póde disciplina ou razão tanto
Que vençam os temores que os opprimem,
E caminhar os façam contra o encanto;
Occultas influencias os comprimem.
Fogem emfim, e um d'elles diz com medo,
A fugida escusando, a Godofredo:

Senhor, nenhum de nós, por arrogante,
Tenta ferir a selva; tão guardada
É ella, que eu jurara o negrejante
Rei do inferno ali ter côrte e morada.
É tres vezes cingida de diamante
A alma que a fitar não perturbada,
E insano o que ouse ouvil-a trovejando,
Juntamente rugindo e sibilando.

Assim fallava. Alcasto que ali era
Entre muitos presentes, homem forte,
E de temeridade rude e fera,
Desprezador dos homens e da morte,
Alcasto que o mor monstro não temera,
Inda temivel ao mais rijo corte,
Nem raios, nem procellas, nem tremores,
Nem quanto o mundo em si contem de horrores,

Sorriu-se, e meneando a altiva frente:
Eu irei ao logar que este fugio;
Mutilarei o bosque, eu tão somente;
Todos seus vãos terrores desafio.
Não m'o prohibirá fantasma ingente,
Canto d'aves, da selva murmurio;
Nem que d'ella no seio negro e interno
Ache o caminho para o baixo inferno.

D'esta sorte blazona; já licença
O chefe dando, ao bosque se encaminha;
Encara-o sem pavor, e escuta a immensa
Bulha de estranhos sons que de lá vinha;
Nem de voltar atrás a marcha pensa;
Seguro avança; e quasi que já tinha
Calcado o chão defezo, mas suspende-o,
Ante elle alevantado, grande incendio,

Que pavoroso cresce, e para a altura,
Qual muro, atira as linguas fumegantes.
A selva sitiando, que assegura
Assim contra os machados scintillantes.
Mostram as mores chammas a figura
De soberbos castellos torreantes.
Esta outra Dite está bem defendida,
E de apparelhos bellicos munida.

Oh! quantos monstros com aspecto horrivel
Das setteiras em guarda estão armados!
Quaes o contemplam com olhar terrivel,
Quaes o ameaçam co'os ferros levantados.
Foge elle emfim, e, qual leão temivel,
Retira-se com passos demorados;
Porém foge, e o temor lhe abala o peito,
De que até ali não conhecera o effeito.

Temeu, sem que soubesse o que sentira;
Só a distancia faz que o bem conheça.
Enche-se então de pasmo, abafa d'ira,
Que o pezar do que ha feito a vir começa,
E attonito, calado se retira
Para onde o peijo seu não appareça;
Como se erguer a outr'ora altiva face
Em presença dos homens receasse.

O capitão o chama; elle a demora
Escusa, sem que em ir a mente ponha;
Emfim vae de vagar, e é, qual se fôra
Mudo, ou palavras diz, como quem sonha.
Que fugira, e que n'elle culpa mora
Tira o chefe da insolita vergonha.
O que é isto, elle diz? Talvez prestigios
São, ou da natureza altos prodigios?

Mas se ha algum a quem vontade accenda
De arriscar-se á selvatica morada,
Póde partir; esta aventura empreenda,
E nova ao menos dê mais acertada.
Assim disse; e a floresta grande e horrenda
Nos tres seguintes dias foi tentada
Pelos mais estremados, sem que houvesse
Algum que ás ameaças não cedesse.

Tancredo a sua amada fora emtanto
Á sepultura dar, que amor o obriga,
E, posto ainda sem vigor, e tanto
Que bem soffrer não póde elmo ou loriga,
Vendo a necessidade, vendo o encanto
Não se furta aos perigos e á fadiga;
O coração ao corpo de tal sorte
Dá vigor que demais o crereis forte.

Parte o valente joven, circumspecto
Para o grande perigo não sabido;
Da selva affronta o pavoroso aspecto;
Sente a terra tremer; ouve o estampido
Dos trovões, e só lhe entra no secreto
D'alma leve temor, breve banido;
Passa avante, e entre as arvores eis logo
Vê a cidade chammejar do fogo.

Recúa então, e, um pouco duvidando,
Diz: que podem as armas ajudar-me?
Nas fauces d'esses monstros, pelejando,
E na chamma voraz irei lançar-me?
Em pró commum pelo dever pugnando
Sempre estou prompto á morte a aventurar-me;
Mas que da vida prodigo eu não seja
Para me ir arriscar a tal peleja!

E que dirá o exercito se eu cedo?
Em que outra selva temos esperança?
Nem esta deixa certo Godofredo
Sem a entrar; e se alguem entral-a alcança!
Este incendio talvez filho é do medo,
E menor que se crê; com confiança
Eia sigamos pois. N'isto na horrivel
Chamma salta; oh! acção famosa e incrivel!

A calma, propria a fogo tal, não sente
Debaixo da armadura o cavalleiro;
Mas ajuizar não póde promptamente
Se aquelle incendio é falso ou verdadeiro,
Porque, apenas tocado, de repente
Despareceu, e um denso nevoeiro
Trouxe a noite, e o inverno, que passaram
Tambem, e n'um momento se acabaram.

Fica Tancredo attonito e pasmado,
Mas intrepido; e, ao ver tudo tranquillo,
No profano logar entra esforçado,
E do bosque examina o ignoto asylo.
As phantasticas formas hão findado;
Nada o estorva, ninguem vem impedil-o;
Só lhe oppõe a floresta á vista, e ao passo
Emmaranhado, tetrico embaraço.

A um logar afinal chega espaçoso,
De amphitheatro em forma, onde não crece
Nada senão cypreste luctuoso,
Que elevada pyramide parece.
Para elle se dirige, e o soberboso
Tronco vê que signaes varios offrece,
Quaes os que outr'ora usou no tempo avito
Por escritura o myst'rioso Egypto.

Entre os signaes escritos d'esta sorte
Lettras syrias descobre que entendia:
Guerreiro audaz que na mansão da morte
Ousaste penetrar com valentia,
Ah! se não és cruel, bem como és forte,
Não turbes esta habitação sombria.
Perdôa ás almas que hão deixado a terra,
Não lhes devem os vivos fazer guerra.

Tal dizia a inscripção. Tancredo intento
Ao occulto sentido e absorto estava.
Continuo emtanto murmurando o vento
Nas folhas e nos ramos escutava,
Como um som, que de lagrimas concento,
E suspirar humano similhava,
Infundindo um não sei de quê no peito,
De dor, de susto, de piedade effeito.

Emfim o gladio arranca, e rijo a alçada
Arvore fere. Oh! quem podera crel-o!
Derrama sangue a casca assim cortada
Purpureando o chão. O heroe, ao vel-o,
Com mais força de novo brande a espada,
Posto sinta erriçar-se-lhe o cabello.
Então, como de tum'lo, ouve um gemido
Sair do tronco, surdo e compungido,

Que logo em clara voz: fero inimigo
Sempre te achei, Tancredo! agora ai! baste.
Do corpo que viveu por mim, comigo,
D'antes feliz morada, me tiraste;
N'esta arvore, que a sorte por abrigo
Me deu, ainda perseguir-me apraz-te?
Cruel, depois de morto, o teu contrario
Vens offender no encerro funerario?

Clorinda fui; nem eu somente habito
D'este cypreste na cortiça dura,
Mas de pagãos e francos infinito
Numero, quantos ceifa a morte escura
Junto aos muros, aqui encanto invicto
Prende, não sei se em corpo ou em sepultura.
Estes troncos tem vida, e, se ferino
Os cortas, serás d'elles assassino.

Qual doente, que ás vezes vê, sonhando,
Dragão ou chammejante, gran chimera,
E, posto crendo em parte ou suspeitando
Ser phantasma que a ideia só fizera,
Fugir deseja, tanto o olhar nefando
O aterra, e a catadura horrida e fera;
Tal o timido amante, que não cria
De todo o engano, pavido cedia.

Tanto o seu coração sente occupado
De affectos varios que se gela e treme;
Com o abalo potente, inesperado
Larga a espada; e comtudo pouco teme.
Fora de si, o lindo objecto amado
Crê ter presente que ferido geme;
Nem póde ver o sangue precioso,
Nem ouvir-lhe o gemido tristuroso.

Assim o peito contra a morte ardido,
Do qual nada turbar poude a coragem,
Só debil para amor, foi illudido
Por um lamento vão, por falsa imagem.
Emtanto o ferro seu no chão caído
Arrebatou tufão da atra paragem,
Pelo que se partiu vencido, e a espada
Achou depois, que fora dar á estrada.

Mas não ousou tornar o cavalleiro
Por que os mysterios outra vez sondara:
E após que junto ao capitão primeiro
Chegou, e um pouco o animo acalmara,
Assim disse: senhor, sou mensageiro
De coisas que ninguem acreditara;
No que da horrivel scena vos diziam,
E dos sons temerosos não mentiam.

Maravilhosa chamma appareceu-me,
Sem ter materia n'um instante accesa,
Que se alargou, qual muro, e offereceu-me
Mil monstros preparados á defesa.
Passei-a, e sem offensa logar deu-me,
Nem m'o embargou dos ferros a feresa.
Tornou-se n'isto noite, e inverno feio;
Depois o céo sereno, e o dia veio.

Sabei tambem que ás arvores dá vida
Alma terrena que imagina e sente.
Eu o provei, a voz por mim ouvida
No peito inda me sôa flebilmente.
Lançam os troncos sangue, se ferida
Recebem, qual pessôa propriamente.
Não, não, vencido aqui eu me proclamo,
Não tirarei da selva nem um ramo.

Assim dizia, e o capitão lutava
De ideias mil no tormentoso manto:
Ás vezes que ir devia imaginava
Elle mesmo tentar de novo o encanto,
Outras que só materia lhe restava
N'outro sitio buscar mais longe. Emtanto
Do grave pensamento em que medita
Com taes vozes o acorda Pedro o Ermita:

A tua mente abandona audaciosa;
Será outro o que ao bosque faça guerra.
Já, já a barca fatal sobre a arenosa
Praia abica, e as douradas velas ferra;
Já, quebrada a prizão indecorosa,
Deixa o esp'rado guerreiro a bella terra.
Proximo está de nós o instante escrito
De Sião cair e o exercito maldito.

Como isto diz no rosto é viva flamma,
E sobrehumano no fallar parece.
Novo cuidado Godofredo chama,
Pois ficar ocioso não padece.
Mas do celeste Cancer já derrama
Calma insolita o sol, tanta que empece
Seus planos, e dos corpos inimiga,
Faz insoffrivel ser qualquer fadiga.

Não fulgura nenhum astro propicio;
Só os astros maleficos dominam,
E com envenenado maleficio
Do ar o campo extenso contaminam.
Cresce o nocivo ardor, cresce o supplicio
Do mal, que os seus furores não declinam.
A dia máo noite peior succede
Que inda com peior dia se despede.

Jamais desponta o sol sem vir cingido,
E manchado de rubidos vapores,
Em sua face agourando entristecido
Infausto dia de fataes calores;
Ao cair sempre em sangue vae tingido;
Ao voltar ameaça eguaes horrores.
Assim augmenta os males inhumanos,
Já supportados, co'os futuros damnos.

Vê-se a flor definhar, a terra olhando,
E a folhagem que murcha, e amareleja;
Com sede a herva pende, exp'rimentando
Os raios que o sol vivido dardeja;
Fende-se a terra, as aguas vão faltando,
Tudo á ira do céo cede e fraqueja;
No ar estereis nuvens espalhadas
Mostram-se como chammas enrubradas.

Parece atra fornalha flammejante
O céo, o olhar em nada se recreia;
Está calado o zephyro inconstante,
Suave aragem nem sequer vagueia;
Sopra somente, a fogo similhante,
Vento partido da africana areia,
Que os rostos com calor immenso fere
Por que os miseros corpos desespere.

Mais alegre não é a noite escura,
Pois ainda reflecte o ardor do dia,
E com fogos innumeros fulgura,
E de ardentes cometas se allumia.
Nem, ó terra infeliz, túa secura
A avara lua ao menos allivia
Com o fresco rocío; a herva, as flores
Embalde anceiam seus vitaes frescores.

Das inquietas noites foge o somno;
Que lhe vizite o corpo embalde pede
O languido mortal n'este abandono.
Para cum'lo de males vem a sede;
Pois da Judéa o rei, e cruel domno,
Com venenos mortaes a agua lhe impede,
E faz livido e turvo o rio, e a fonte
Mais que a Stige avernal, mais que o Acheronte.

O pobre Siloé puro e jocundo,
Que aos christãos seus thesouros offertava,
Tepido, agora apenas o ermo fundo
Cobrindo, fraco allivio lhes mandava.
Nem o Pó quando corre mais profundo
Para a sua avidez certo bastava;
Nem o Ganges e o Nilo que acommette
O Egypto, não contente em bocas sete.

Se entre margens frondosas estagnar-se
Algum viu d'antes crystallino argento,
Ou agua sussurante despenhar-se
De alta rocha ou no prado em curso lento,
Vem ora aos seus desejos amostrar-se,
Para materia dar mais ao tormento;
Pois súa imagem fresca só lhe serve
Para incendel-o, e no pensar referve.

O corpo do guerreiro, que esforçado
A aspereza das marchas supportara,
Que não cedera de armas carregado,
E que o ferro mortal nunca domara,
Pelo calor agora jaz prostrado,
E inutil peso sobre a terra pára,
Emquanto se diffunde occulta chamma
Pelas veias, e a morte lhe derrama.

Consome-se o corcel já tão garboso;
A herva d'antes cára o enoja e offende;
Treme-lhe o passo enfermo, e o soberboso
Collo agora submisso e baixo pende;
Já não é dos seus feitos orgulhoso,
Nem já illustre amor de gloria o accende;
Qual vil carga, os despojos e a riqueza
Dos seus ornatos, sem vigor, despreza.

Definha o cão fiel, abandonando
O lar amado, e o seu senhor, que esquece,
E estendido no chão, sempre anhelando,
Busca o fogo abrandar que interno o aquece.
Porém se n'este estado miserando
A natureza acaso favorece
Com algum ar, o ar que se respira
É tão denso que nada aos males tira.

Assim soffria a terra sem bonança,
E os afflictos mortaes, com negras dores.
Os christãos, de vencer perdida a esp'rança.
Inda de maior mal tinham temores;
E, como já o soffrimento os cansa
Unanimes soltavam taes clamores:
Que espera Godofredo? Ficaremos
Aqui, onde á penuria morreremos?

Ah! com que julga da inimiga gente
Assoberbar os elevados muros?
D'onde virão as machinas? A ardente
Ira elle só não vê dos astros duros?
De contraria nos ser a eterna mente
Mil prodigios nos dão signaes seguros.
E o sol que nos abraza é mais insano
Do que o sol incendido do africano.

Crerá elle que para nada importe
Que nós, indigna turba e desprezada,
Soff
ramos, almas vis, a triste morte,
Para ser a sua c'roa conservada?
É por acaso tão ditosa a sorte
De quem manda no mundo reputada,
Que cubiçoso assim busque retel-a,
Sacrificando os seus em honra d'ella?

Vede o homem que diz piedoso a fama!
Piedosa providencia e humanidade!
Por guardar a honra van que tanto ama
Nos entrega á cruel necessidade,
E, vendo-nos com sede, á mesa chama
Os socios, e com elles á vontade
Do distante Jordão bebe a selecta
Agua co'o vinho da fallada Creta!

Tal diziam os francos. Mas o grego
Capitão, de servir já fatigado:
Porque hei de aqui morrer d'outrem no emprego,
Exclama, e quem a mim foi confiado?
Se em sua loucura Godofredo é cego,
A si e aos seus arrisque; é seu agrado.
Que temos nós com isso? E pela densa
Tacita noite foi-se sem licença.

Movidos pelo exemplo, em vindo o dia,
Houve alguns que imital-o resolveram.
Os que Adhemar, Clotario conduzia,
E os mais guias que em terra se volveram,
Como a jurada fé quebrado havia
Quem tudo quebra, só fugir quizeram,
Pelo que a furto sob a negra treva
Já mais de um fugitivo os passos leva.

Vê-os, ouve-os o chefe, e com insano
Remedio logo lhes baixára as frontes;
Porém seu coração o evita, humano;
Antes, co'a fé que moveria os montes,
E os rios soffreára, ao gran Sob'rano
Pede que lhe abra da sua graça as fontes,
De zelo flammejante as mãos erguendo,
Os olhos e o fallar ao céo volvendo:

Pae e Senhor, se outr'ora já choveste
Por teu povo o maná sobre o deserto;
Se á mão do homem quebrar as pedras déste,
E uma fonte arrancar do monte aberto,
Por nós renova agora o que fizeste;
E se o valor é desegual e incerto,
Suppre com teu favor nossos defeitos;
Valha guerreiros teus sermos eleitos.

Sem tardar as suas preces verdadeiras,
Que de justo desejo derivaram,
A Deus, como aves promptas e ligeiras,
Subindo, n'elle acolhimento acharam.
Então para as fieis, tristes fileiras
Os seus pios olhares se voltaram,
E, ao ver tamanhos riscos e fadigas,
Com dó estas palavras disse amigas:

Até hoje crueis e perigosas
Desgraças tem meu povo supportado,
E com armas e artes myst'riosas
Contra elle o inferno e o mundo tem-se armado.
Mudem-se agora as coisas; ás piedosas
Gentes prospero seja e bello o fado;
Chova; torne o guerreiro ao campo invicto;
E venha dar-lhe gloria a hoste do Egypto.

A fronte sacudiu, assim dizendo,
E as espheras e os céos estremeceram;
E respeitoso o ar, e o abysmo horrendo,
E as montanhas e o mar tambem tremeram;
Relampagos luziram; respondendo
Retumbantes trovões lhe succederam.
Acompanha com gritos de alegria
O exercito o ribombo que se ouvia.

Eis n'um instante as nuvens, não da terra
Por virtude do sol alevantadas,
Porém vindas do céo, que abre e descerra
Todas as portas, descem fustigadas;
Eis imprevista noite o dia encerra
Nas suas negras sombras alongadas.
Segue-se chuva impetuosa, e, feito
Caudal e turvo, o rio sae do seu leito.

Como, se na estação da calma estiva
A chuva cae que desejada era,
Bando de patas a alegria aviva,
E com rouco grasnar a chama e espera;
Abrem as azas, em banhar-se esquiva
Nenhuma é no licor que as refrigera,
E aonde d'elle vêm mais quantidade
Mergulham todas, fartam a vontade;

Taes os christãos saúdam, gritos dando,
A chuva que do céo desce piedosa,
Cada um molhar o manto procurando,
O largo manto, e a coma sequiosa.
Qual em vidro, qual no elmo a vae tomando,
Qual em ter n'ella as mãos se apraz e gosa,
Qual o semblante, qual as fontes banha,
Qual, do futuro cauto, em vaso a apanha.

Nem só alegre fica a humana gente,
E restaura seus damnos; a mesquinha
Terra, a qual até ali triste e doente
Cheios os membros de feridas tinha,
Tambem recolhe a chuva, e allivio sente,
E a communica ao seio que definha,
Generosa partindo os seus frescores
Com as hervas, as plantas, e co'as flores.

Assim donzella enferma a quem dá vida
Remedio que lhe acalma o soffrimento,
E á febre queimadora abre saida,
Da qual foram seus membros alimento,
Se restaura, e se põe, qual na florida
Epoca do mais bello luzímento,
Tanto que folga, as dores olvidando,
Aos queridos ornatos se tornando.

Cessa a chuva afinal; o sol desponta,
Mas da luz temperando a intensidade;
Como quando de maio o mez aponta,
É sua mascula, e doce claridade.
Oh! quanto a fé que apenas com Deus conta,
E Deus ama, serena a tempestade!
Como das estações transforma o estado,
Vence as estrellas e supera o fado!

CANTO XIV

Da molle e fresca terra entre os vapores
Começava a sair a noite escura,
Trazendo as auras leves e os frescores
Da sua farta ambrosia, rica e pura,
Sacudindo os vestidos, com que as flores
Regava, e das campinas a verdura;
Corriam as aragens adejando,
Os mortaes para o somno convidando.

Já cada qual a idéia mergulhava
Na paz do esquecimento mais profundo;
Porém na eterna luz attento estava
Ao seu governo o excelso Rei do mundo,
E o chefe dos christãos da altura olhava
Com olhar favoravel e jocundo;
Enviava-lhe após sonho quieto
Para lhe revelar summo decreto.

Ao pé da porta d'oiro donde o lume
Ethereo sae, quando o fulgor derrama,
Ha outra de cristal, que por costume
Se abre antes de raiar a nada chamma;
Por ella os sonhos manda o grande Nume
Áquelles dos humanos que mais ama;
D'ella desprende o vôo luminoso
O que ora baixa ao capitão piedoso.

Nunca a nenhum mortal vizão tão doce,
Como esta, se mostrára, nem tão bellas
E fagueiras imagens; desvendou-se
Ante elle o céo recondito e as estrellas;
Viu, qual se n'um espelho impresso fosse,
Tudo que realmente existe n'ellas;
Julgou-se transportado a amenos ares,
Brilhando de aureas chammas singulares.

Emquanto admira n'este sitio erguido
A extenção, montes, astros, e harmonia,
De vivo fogo e raios mil cingido,
Um cavalleiro approximar-se via,
Que com voz, pela qual era excedido
Da terra o som mais brando, assim dizia:
Porque é que não me fallas? já tão cedo
O teu Hugo esqueceste, ó Godofredo?

E elle: esse teu rosto demudado,
Que um sol parece ter por claro adorno,
O pensar me deixou tão transtornado,
Que ao ser antigo com trabalho torno.
Depois por vezes tres ao socio amado
Os braços estendeu do collo emtorno,
E por trez vezes lhe fugiu a imagem,
Bem como leve sonho ou vaga aragem.

Ao que o amigo sorrindo: falsamente
Ainda me suppões humana veste;
Vês em mim nú espirito somente,
Uma van sombra, um morador celeste.
Eis o templo de Deus, e a séde ingente
Dos seus guerreiros; teu logar é este.
Quando o verei? responde, se embaraço
A vida me é, d'ella se quebre o laço.

Dentro em pouco, diz Hugo replicando,
Tu na gloria entrarás dos triunfantes;
Muito sangue entretanto, militando,
Cumpre na terra que derrames antes.
Primeiro hão de tirar do jugo infando
O sacrosanto chão tuas mãos ovantes,
E um estado fundar; no mando regio
Haverás por herdeiro o irmão egregio.

Mas, por que avive ainda os teus amores
Pelo céo, mais attento agora admira
D'estas moradas santas os fulgores,
E esses astros que o Eterno rege e inspira;
Ouve a toada melica, os louvores
Dos anjos, e o soar da etherea lyra:
Inclina (elle após diz, e aponta a terra)
O olhar ao que esse globo ultimo encerra.

Quão baixa a causa é nas obras tuas
Do premio, e do trabalho, ó mente humana!
Em que breve theatro, entre que núas
Solidões é tua gloria soberana!
Como ilha, o fecha o mar co'as ondas suas,
Esse mar, que do titulo se ufana
De oceano, e sem limite, se apregôa,
Sendo pequeno charco e vil lagôa.

Tal disse, e Godofredo, o olhar descendo
Ao globo de desprezo se sorriu,
Rios, terras e mar n'um ponto vendo,
Que em tantas partes o homem distinguiu,
E pasmou de traz sombras ir correndo,
E traz fumo o terreno desvario,
Servo imperio buscando, e muda fama,
Sem que o céo olhe que o convida e chama;

E tornou: já que ainda não agrada
A Deus do humano carcere soltar-me,
Mostra-me qual do mundo seja a estrada
Menos fallaz para poder guiar-me.
Disse Hugo: a via segues acertada;
Continúa; nada has a perguntar-me;
Que o filho de Bertoldo do inimigo,
Distante exilio chames só te digo;

Porque, se te elegeu a providencia
Da empreza capitão preeminente,
A elle pôr em pratica a prudencia
Das tuas ordens mandou conjuntamente.
Cabe a ti ordenar por excellencia;
A elle obrar; tu és do campo a mente;
Elle o braço; nem seu logar tomado
Será por outrem, nem a ti é dado.

Só por elle ha de o bosque ser vencido,
Que tem o encantamento por defeza;
Por elle o campo de homens mal provido,
Que ora inhabil parece para empreza
Tamanha, e a retirar-se compellido,
Ha de cobrar mais alma e fortaleza,
E ficar da cidade e do famoso
Soccorro oriental victorioso.

Calou-se; e o capitão: com quanto agrado
Eu veria tornar o cavalleiro!
Tu que o pensar penetras mais velado
Sabes se o amo, e fallo verdadeiro.
Porém com que propostas enviado,
E aonde deve ser o mensageiro?
Pedir cumpre ou mandar? Como ser feito
Ha de este acto com honra e com direito?

Hugo então respondeu: o Rei eterno,
O qual te colma de sua graça infinda,
E te deu sobre todos o governo,
Quer que tu sejas respeitado ainda.
Não peças; fôra do poder superno
Menosprezo talvez, porém sua vinda,
Se a pedirem concede, e, mal o rogo
Primeiro se escutar, perdôa logo.

Guelfo te pedirá, pois Deus o inspira,
Que absolvas o mancebo dos errores,
(Só commettidos pelo excesso d'ira)
Para que torne ao campo e a seus louvores.
E, posto d'aqui longe elle delira,
Nos braços da indolencia e dos amores,
Não duvides que em breve e a tempo chegue,
E na empreza magnanima se empregue.

O vosso Pedro, com que o céo reparte
Das suas maravilhas o segredo,
Ha de mandar os nuncios a tal parte,
Onde noticia d'elle tenham cedo,
E ser-lhes-ha mostrado o modo e arte
De o livrar, e trazer-t'o, ó Godofredo.
Assim terás os socios ajuntados
Emfim debaixo dos pendões sagrados.

Com uma conclusão fecharei breve
O meu discurso, a qual te será cara:
Teu sangue ao d'elle se ha de unir, e deve
D'ambos prole nascer formosa e clara.
N'isto sumiu-se, como fumo leve,
Ou nevoa que ante o sol se dissipara;
E foi-se o somno, e lhe deixou no peito
De pasmo e d'alegria um vago effeito.

Abre os olhos o chefe piedoso,
E vê nos céos já alta a luz celeste,
Pelo que deixa o leito do repouso,
E o fatigado corpo d'armas veste.
Em breve cada chefe pressuroso
Á tenda vem, pois o logar é este
Do conselho, onde tudo se discute
Por que depois se mande e se execute.

Ahi Guelfo ante a bellica assemblêa
Levanta-se o primeiro, (já na mente
Lhe infundiram os céos a nova idêa)
E diz assim: ó principe clemente,
Perdão venho pedir-te, posto crêa
Que por a culpa ser inda a recente,
Se possa imaginar que é immatura
A supplica, e apressada por ventura.

Mas ao pio Godofredo quando vejo
Que em favor de Rinaldo é meu pedido,
E que eu por tal perdão é que forcejo,
Intercessor n'alguma conta havido,
Facilmente alcançal-o já prevejo,
E tambem todo o campo agradecido.
Ah! deixa que elle volte, e por castigo
Derrame em commum prol o sangue amigo.

E quem será, se não for elle, o forte
Que entre a floresta horrivel triunfante?
Quem irá contra os p'rigos, contra a morte
Com peito mais intrepido e constante?
Hão de as portas cair ao seu transporte;
Os muros subirá de todos diante.
Restitue ao exercito, eu t'o peço,
Sua esp'rança e desejo de mais preço.

Restitue-me o sobrinho; o activo braço
Recobra que tuas ordens executa;
Não o deixes do ocio ao vil regaço,
Porem á gloria o dá, que lh'o disputa.
Fulgure á nossa vista, siga o passo
Do teu pendão já vencedor na luta;
Com obras de si dignas se acredite,
E a ti, seu chefe e mestre, só imite.

Tal fallava; cada um, acompanhando
Suas vozes, com suurro as applaudia.
Godofredo, bem como sujeitando
A mente ao que pensado não havia,
Como hei de a graça, que me estaes rogando,
E que tanto anciaes, negar, dizia?
Ceda o rigor, e lei e razão seja
O que o consenso universal deseja.

Torne Rinaldo, e o impeto enfreado
De hora em diante ás suas iras tenha,
E com obras responda ao confiado
Exercito que em vel-o assim se empenha.
Julgo que prompto voltará; mas dado,
Guelfo, é a ti procurar como elle venha.
Escolhe pois o mensageiro, e o manda
Onde julgas que o joven forte anda.

Disse; e o Dano elevando-se ligeiro:
Peço que me confiem a embaixada;
Caminho por mais longe e aventureiro
Não temo para dar a honrosa espada.
Tem este força e animo guerreiro,
Motivo porque a offerta a Guelfo agrada.
Seja pois um dos nuncios, e o prudente
Ubaldo o siga, astuto e previdente.

Tinha Ubaldo na florea adolescencia
Muitas, diversas terras percorrido,
Desde o gelado polo até a ardencia
Do solo da Ethiopia aborrecido,
E, como quem buscando ia sciencia,
Tinha usos, fallas, ritos aprendido;
Depois, maduro em annos, o acolhera
Guelfo entre os seus, e seu amigo era.

A mensageiros taes a nobre empreza
De ir em busca do heroe se confiava.
Onde havia Boemundo a realeza,
A Antiochia já Guelfo os enviava,
Que por publica fama e com certeza
Se cria que Rinaldo ali parava;
Porem o bom Ermita os interrompe,
Conhecendo o seu erro, e assim prorompe:

Cavalleiros, seguindo a mentirosa
Opinião do vulgo, certamente
Ides atrás de guia perigosa,
Que vos fará perder e andar vanmente.
Á praia junto de Ascalon famosa
Marchae, e onde entra um rio o mar fremente
Encontrareis um homem nosso amigo;
Crede-o, o que elle disser eu vol-o digo.

Muito elle vê por si, muito conhece
Esta viagem, na qual eu lhe hei fallado,
Pois de ha muito prevista me apparece.
Tão cortez vos será quanto assisado.
Como palavras taes Pedro dissesse,
Carlos, e o companheiro aventurado
Seguiram a razão do sabio velho,
A que costuma o céo dar seu conselho.

Despedidos, tão presto se aviaram,
Que, sem demora, postos a caminho
Para Ascalon, a marcha endereçaram
Ao mar que de seus muros é vizinho.
E ainda o rouco som não escutaram
Do resoante estrepito marinho,
Quando um rio encontraram que crescera
Pelas chuvas, e grande se fizera.

Caudal, não se contem já no seu leito,
E corre mais que a setta pressuroso.
Emquanto elles lhe vêm o torvo aspeito,
Eis apparece um velho magestoso;
Traz de faia uma c'rôa; todo feito
O vestido é de linho alvo e formoso;
Brande uma vara, e a pé o rio passa;
Nem a opposta corrente lh'o embaraça.

Bem como os camponezes lá no Rheno,
Quando de grosso gelo está coberto,
Escorregam no gelido terreno
Velozmente com passo firme e experto,
D'este modo o ancião marcha sereno
Na agua não gelada, e chega perto
Dentro de pouco tempo donde estavam
Os guerreiros, que n'elle o olhar fitavam.

E diz: busca difficil e molesta
Tentaes; quem vos dirija é necessario.
Vosso heroe está longe, em terra infesta,
Paiz á nossa crença mui contrario.
Quanto, oh! quanto trabalho inda vos resta!
Quanto mar correreis, e solo vario!
Na vossa indagação, no curso vosso,
As raias transporeis do mundo nosso.

Mas não vos peze entrar nas escondidas
Cavernas onde tenho a minha séde;
Grandes coisas por vós nunca sabidas
Ouvireis, e o que o vosso caso pede.
Disse, e ás aguas ordena entumecidas
Que passagem lhes dêm, e a agua cede,
E curva a um lado e outro, qual montanha
Fica pendente; o centro só não banha.

Pela mão n'isto o velho os encaminha
Sob o rio á maior profundidade,
Que alumiava luz debil, e mesquinha,
Qual da lua não cheia a claridade
Em selva escura; em antros se continha
Ali d'agua abundante quantidade,
D'onde as fontes e os rios se partiam,
Que as terras todas do orbe abasteciam.

Do Eufrates e do Pó vêm a nascente,
E d'onde o Hydaspe e o Ganges se deriva,
E o berço do Istro e Tanais; nem o ingente
Nilo esconde em mysterio a fronte esquiva.
Encontram mais abaixo um rio ardente
A brotar vivo enxofre e prata viva,
Que o sol apura quando os céos adorna,
E em massas brancas e douradas torna.

Notam do rio as margens que resplendem
De preciosas pedras adornadas,
As quaes com luzes mil o ar accendem,
Vencendo as tristes sombras condensadas.
As saphyras azues a vista offendem;
Brilha o jacinto; as verdes e estimadas
Esmeraldas sorriem; flammejante
O carbunc'lo scintilla e o diamante.

Pasmados, silenciosos vão andando
Os dois guerreiros, pois a voz se cala,
Tamanhas maravilhas contemplando;
Té que por fim Ubaldo ao guia falla:
Quem és tu? onde estou? onde levando
Nos vaes? o meu pensar tanto se abala,
Que se é verdade ou sonho não conheço
Quanto estou vendo, e sem razão pareço.

Da terra vós estaes no seio immenso,
Da terra, que é de tudo geradora;
Nem penetráreis n'este abysmo infenso,
Se eu guia por acaso vos não fora.
A meu paço vos levo, o qual d'intenso
Brilho vereis luzir em breve. Outr'ora
Fui pagão, porem quiz regenerar-me
Deus na agua do baptismo, e a graça dar-me.

Não entra em minhas obras a inimiga
Força que contra os céos alçou a fronte:
Livre-me Deus de que as palavras diga
Que obrigam o Cocito e Flegetonte.
Notando vou a qualidade amiga
Que occulta guarda em si a herva e a fonte;
Contemplo o seio á natureza ignota,
E das estrellas a diversa rota;

Pois nem sempre dos céos estou distante
Em fundos subterraneos escondido,
Mas do Carmello e Libano gigante
Ás vezes sobre os cumes sou retido,
Onde dos olhos meus vejo diante
Venus sem véo, e Marte enrubescido,
E os outros astros lentos ou velozes,
Com aspectos já brandos, já atrozes.

Vejo a meus pés as nuvens iriadas,
Ou de trevas cobrindo o firmamento;
De que maneira as chuvas são geradas;
Como se forma o orvalho e sopra o vento;
Como se inflamma o raio, e por que estradas
Obliquas desce á terra n'um momento.
Cometas, e outros fogos tão de perto
Noto, que a me orgulhar cheguei de certo.

Foi a minha vaidade e arrojo tanto
Que infallivel medida e justa cria
O meu saber e arte para quanto
Dos mundos o Feitor fazer podia;
Mas quando me levou ao rio santo
Vosso Pedro, e lavou minha alma impía,
Mais acima estendeu-me o olhar vaidoso,
Que achei ser em si fraco e tenebroso.

Então vi que o pensar ante a luz pura
E eterna ave nocturna ante o sol era;
E zombei de mim mesmo, e da loucura
Que tamanha soberba me fizera.
Sigo inda emtanto (elle o consente) a escura
Arte, á qual o costume já me dera;
Mas do que fui sou parte só; dependo
D'elle, só n'elle a mente sempre havendo.

Como a elle por mestre e senhor tenha
Em tudo lhe obedeço humildemente;
Nem por meio de mim obrar desdenha
Coisas só dignas de sua mão potente.
Fica ao cuidado meu que ao campo venha
Da longinqua prizão o heroe valente.
Elle o ordenou; por vós ha muito esp'rava,
Pois vossa vinda ha muito me augurava.

Chegou, assim com elles conversando,
Ao logar onde tem o seu repouso.
Em forma é de caverna, mas entrando
Mostra salas e cam'ras espaçoso;
Aqui com viva luz está brilhando
Tudo quanto em seu seio precioso
A terra nutre; e todo este ornamento
Crereis ser, d'arte não, de nascimento.

Aqui servos innumeros acharam
Em os servirem dextros e apressados;
Nem em meza magnifica faltaram
De ouro, prata e crystal vazos formados.
Mas, da sede os ardores mal fartaram
E de comida foram saciados,
Tempo é que eu satisfaça, bem o vejo,
O magico lhes diz, vosso desejo.

Em parte conheceis as doces phrazes,
E as tredas obras da ardilosa Armida;
Como muitos guerreiros com fallazes
Modos levou á empreza fementida;
Sabeis tambem que em seus grilhões tenazes
Os algemou depois, hospeda infida,
D'onde a Gaza os mandou bem escoltados,
E que foram na estrada libertados.

O que a isto seguiu direi agora,
Coisas a vós occultas, com certeza.
Depois que a falsa viu que assim lhe fora
Tirada a tão custosa e bella presa,
Mordeu ambas as mãos, e aterradora
Fallou comsigo mesma em raiva accesa:
Ah! não ha de Rinaldo ter vaidade
De aos meus captivos dar a liberdade.

Se os outros libertou soffra o tormento
Que lhes cabia, e o seu destino insano;
Nem isto basta, não; é meu intento
Sobre todos fazer caír o damno.
D'esta arte disse e urdiu no pensamento
O que ides escutar iniquo engano.
Veio ao logar, no qual os seus vencera
O cavalleiro, e a morte a muitos dera.

Aqui despido as armas este havendo,
Uma armadura de pagão tomara,
Talvez ir escondido pretendendo
De modo que ninguem n'elle attentara.
Armida as apanhou, e, n'ellas tendo
Mettido um busto sem mão dextra e cara,
Junto de um rio o pôz, por onde um troço
Havia de passar do campo vosso.

Isto prever a magica podia,
Pois espiões sem numero espalhava,
Pelos quaes muita vez novas sabia
Do campo, e quem saía, e quem entrava.
Tambem entre os espiritos vivia
Ás vezes, e com elles conversava;
Poz portanto o cadaver em propicio
Logar para fazer seu malefício.

Um pagem sagacissimo bem perto
Postou, ao modo de pastor vestido,
Nos seus enganos adestrado, e certo
Em quanto ser devia respondido.
Este fallou aos vossos, e o incerto
Rumor fez espalhar, que após, nutrido,
Rixas originou, discordia insana,
E quasi a civil guerra deshumana;

Pois, como ella queria, foi julgado
Que Rinaldo por traça perecera
De Godofredo, posto logo o errado
Suspeitar a verdade desfizera.
Este o primeiro engano fabricado
Pelo artificio foi da maga fera.
O que mais empregou a enganadora
Contra o mancebo escutareis agora.

Qual cauto caçador, o aguarda Armida;
Chega o heroe onde uma ilha verdejante
Do Oronte em meio está, d'elle cingida,
Que ali o rio se parte, e se une adiante;
Na margem nota uma columna erguida,
E um batelinho d'ella não distante.
Fita Rinaldo o marmor bello e algente,
E lê em lettras d'ouro reluzente:

Ó tu que por vontade ou pela sorte
Chegas a estas praias, maravilha
Não existe maior do sul ao norte
Do que as graças que em si guarda esta ilha.
Passa, se a queres ver. O joven forte
E incauto arde de entrar na ignota quilha,
E, como era pequena e estreita a barca,
Os escudeiros deixa e só se embarca.

Mal chega, em roda olhando, em vão procura
O promettido. Como nada veja,
A não ser flores, agua, antros, verdura,
Quasi suppõe que escarnecido seja;
Mas é tão ledo o sitio, formosura
Tão varia tem, que ali ficar deseja.
Senta-se, o elmo tira, e a debil aura
A fronte afogueada lhe restaura.

O rio emtanto murmurar ouviu
Co'um novo som, e, os olhos estendendo,
Mover-se em meio d'elle uma onda viu,
Que caminhava, sobre si volvendo;
Parte d'aureo cabello após surgiu,
Depois rosto femineo foi rompendo,
Depois o collo, os peitos, e da bella
Figura até aonde o peijo zela.

Tal deusa ou nympha de nocturna scena
Lenta surge, e afinal toda apparece.
Esta, posto não é sereia amena,
Porem magica larva, ser parece
Das que habitaram junto da tyrrhena
Costa o mar que traições continuo offrece.
Tanto como é formosa a voz é branda,
E assim cantando o céo e o vento abranda:

Jovens, emquanto abril risonhamente
Vos adorna de ramos e de flores,
Não vos levem traz si a tenra mente
Da gloria e da virtude os vãos fulgores.
É sabio o que o prazer ouve somente,
E o que da edade colhe almos favores.
A natureza o ensina. E vós fugindo
Ides, as suas vozes não ouvindo?

Loucos! porque estragaes a mocidade,
Que passa tão depressa, e tanto se ama?
Nomes, inuteis idolos, vaidade
São o que brio e gloria o mundo chama.
Essa que vos captiva alma e vontade,
Ó soberbos mortaes, a illustre fama,
É um echo, antes, sombra que um momento
Faz levantar, e que dissipa o vento.

Goze o corpo seguro, e a alma offreça
Alegria aos sentidos, só gosando;
As desventuras que ha passado esqueça,
E não apresse o mal, o mal esp'rando;
Não se importe se raios arremessa,
Ou se fulgura o céo relampejando.
Eis o saber, eis a ditosa vida;
A natureza o ensina, e nos convida.

Finda, e o somno do joven se apodera,
Trazido pelo canto, e de tal sorte,
Que a pouco e pouco o toma, e já impera
Sobre os sentidos seus potente e forte;
Nem mesmo dos trovões o som pudera
Tiral-o d'essa paz egual á morte.
Sae d'agua então a magica enganosa,
E vae contra elle vingativa e irosa.

Mas na sua belleza quando attenta,
E observa como placido respira,
E o meigo rir dos olhos que a alma tenta,
Posto sejam fechados, (se os abrira!)
Pára suspensa, ao lado se lhe assenta,
E, olhando-o, sente mitigar-se a ira.
Já toda pende sobre a linda fronte,
Como Narcizo junto á clara fonte;

E do rosto o suor candido e vivo
Com cuidado lhe alimpa a véo algente,
E lhe abranda o calor do ar estivo,
Ventilando-o suave e docemente;
Assim o peito se lhe faz captivo
D'esses olhos cerrados, de repente,
O peito seu mais duro que diamante,
E de inimiga já se torna amante.

Depois colhe jasmins, lirios e rosas
De que era aquella natureza rica,
E cadeias que amor faz poderosas
Por arte, nova para os mais, fabrica;
Com estas collo, pés e mãos formosas
Lhe algema; assim Rinaldo prezo fica.
Emfim, emquanto dorme ella o transporta
A um carro, e apressurada os ares corta.

A Damasco não volta a fementida,
Nem ao castello seu d'agua cercado;
Porém com pejo da amorosa vida,
E com ciumes do seu càro amado,
Uma ilha vae buscar para guarida
No immenso mar, á qual navio ousado
Raramente ou jamais de nossas praias
Foi, muito alem das conhecidas raias.

Esta ilha da Fortuna se nomeia,
Como as outras contiguas; aqui ella
Sobe ao cume de um monte que campeia
Ermo, e escuro, pois sombra espessa o vela,
E de neve por magica o rodeia,
Só livre lhe deixando a cima bella,
A qual em graças e verdor abunda;
Ahi perto de um lago uns paços funda.

N'elles, de amor servindo o cego nume,
Vive em perenne abril co'o seu guerreiro.
Ir arrancal-o do escondido cume
Vos cumpre, e do distante captiveiro,
Vencendo as guardas que ella por ciume
Poz no monte e palacio. Verdadeiro
Guia tereis que vossos passos mande,
E vos dê armas para o feito grande.

Achareis, mal do rio fordes saidos,
Mulher joven no rosto, e grave de annos,
Sobre a fronte os cabellos retorcidos,
De varia côr a veste, e varios pannos.
Pelo alto mar por ella conduzidos
Sereis; nem da aguia os vôos soberanos
Vos vencerão no curso; guia experta
Á volta a encontrareis, não menos certa.

Nas faldas da montanha onde demora
A magica, mil serpes sibilando
Ouvireis arrastar-se, e a tragadora
Boca ursos, leões escancarando;
Mas tremerão de vós, encantadora
Vara, que eu hei de dar-vos, meneando.
Depois, se for o que se diz verdade,
O mor p'rigo é na alpestre summidade.

Brota uma fonte ali d'agua tão pura,
Que desafia a sede ao caminhante,
Porém esconde na fallaz frescura
De crú veneno effeito delirante,
Pois enche de alegria e de loucura
A alma um gole apenas, n'um instante,
E quem a assim bebeu a rir começa,
E vae crescendo o rir té que pereça.

D'essa agua matadora a boca esquiva
Apartae; nem na margem verde as bellas
Iguarias, nem mesmo a comitiva
Vos seduza das perfidas donzellas,
As quaes com doce rosto e voz lasciva
Vos chamarão sorrindo; fugi d'ellas;
A seu discurso e olhares com desprezo
Respondei, e no paço entrae defezo.

Vereis no interior amplo recinto
De inextrincaveis muros e confusos,
Mas em papel vol-o darei distincto
Para que n'elle não vagueis illusos.
Tem um jardim no meio o labyrinto,
Que de si verte amor em dons profusos.
Encontrareis d'este jardim fagueiro
Na verde relva Armida e o seu guerreiro.

Mas, quando ella, deixando o amante cáro,
A outra parte se for, apparecei-lhe,
E um meu escudo de diamante claro,
Que vos darei, perante o rosto erguei-lhe,
Para que n'elle o cavalleiro ignaro
Com seu vestido mulheril se espelhe,
E d'este modo ou colera ou vergonha
Fóra do peito o vil amor lhe ponha.

Para dizer-vos nada mais me resta
Senão que podereis ir-vos seguros,
E penetrar da estancia meiga e infesta
O coração, e os sitios mais escuros.
Não vos será de Armida a arte molesta,
Não vos impedirão seus esconjuros;
Nem a vossa ida, tal poder vos guia,
Antever poderá súa magia.

Ao sairdes a mesma segurança
Encontrar devereis, como na entrada.
Mas a hora do somno já se avança,
E tendes de acordar de madrugada.
Assim diz; e com elles logo alcança
O quarto em que hão de á noite haver pousada.
Ahi ledos pensando o velho os deixa;
Retira-se depois, e os olhos fecha.

CANTO XV

Já para a lida os animaes chamava
Do bello dia o despontar luzente,
Quando o sabio ante os dois apresentava
A carta, o escudo e a vara aurifulgente.
Para a marcha aprestae-vos, exclamava,
Antes de a luz crescer mais no oriente;
Eis o que prometti, eis ahi quanto
Póde de Armida superar o encanto.

Como já ambos levantados eram,
E armados, co'o ancião que os hospedara,
Sem mais tardança, em marcha se puzeram
Por caminhos que o dia não aclara.
É a senda por onde já vieram
A que a saída agora lhes prepara;
Mas o sabio ao chegar perto do rio
Disse: ide em bem, e ali se despedio.

Apenas sobre o dorso a lympha os teve
Impelle-os e levanta-os com brandura,
Qual levantar costuma folha leve,
Que o furacão arrebatou da altura,
E na praia arenosa os põe em breve,
D'onde logo descobrem n'agua pura
Uma barquinha, e junto á popa d'ella
A que os ha de guiar fatal donzella.

O rosto lhe compõe basto cabello,
No doce olhar a mansidão lhe mora;
É seu semblante, qual de um anjo, bello,
Tanta luz de si lança abrazadora.
O vestido já rubro crereis vêl-o,
Já azul; de mil modos se colora;
De sorte que se muda e se transtorna
Todas as vezes que a fitar-se torna.

Tal a colleira, que da pomba amante
O pescoço gentil enfeita e cinge,
Nunca se mostra ao que era similhante,
E ao dar-lhe o sol de varia côr se tinge;
Qual collar de rubins ora é brilhante,
Ora no verde as esmeraldas finge,
Ora as cores mistura; e assim com tanta
Variação por modos mil encanta.

N'esta barca na qual com segurança
Sulco o oceano, lhes diz, entrae, ditosos;
Para ella o pezo é nada, o mar bonança,
E prosperos os ventos mais irosos.
Meu Senhor, que de bem fazer não cança,
Por guiar vossos passos perigosos
Me envia. Assim fallando, mais vizinho
Da areia fez chegar o curvo pinho.

Apenas um e outro havia entrado,
Da terra o impelle, e o curso lhe accelera,
E, tendo a vela ás auras despregado,
Se assenta ao leme, e no governo impera.
É tão caudal o rio ali tornado
Que náos té mesmo sustentar pudera;
Porem peso nenhum a barca havia,
E a corrente mais fraca a soffreria.

Mais do que é natural corre movida
Em direcção do mar á loura praia;
De espuma alveja a agua dividida,
Que atrás murmura da ligeira faia.
Eis chegam onde o rio, adormecida
A corrente, em maior leito se espraia,
E no seio dos mares esconder-se
Vae, e na sua immensidão perder-se.

Mal a admiravel barca o pégo entrára,
O qual então bramia marulhoso,
Vão-se as nuvens, e o sul, que ameaçára
Tempestade, não sopra furioso;
A aura aplana as ondas que elle alçára,
E somente lhe encrespa o azul formoso;
Sorri-se o firmamento claro e ameno,
Como jamais sorrira a ser terreno.

Tendo Ascalon passado, encaminhou-se
Á esquerda a barca, a prôa no occidente,
E depressa de Gaza perto achou-se,
Que era apenas um porto antigamente;
Mas da ruina alheia levantou-se,
E cidade se fez grande e potente.
Eram as praias suas então cheias
Quasi de tantos homens como areias.

Olhando para a terra, os navegantes
Innumeraveis tendas divizavam;
Do mar para a cidade mil infantes,
E cavalleiros ir e vir notavam,
E camellos oppressos e elephantes,
Que o sollo ardente sem cessar pizavam;
Depois, do porto viam no profundo
Os navios que prendia a ancora ao fundo.

Uns soltavam as velas, e, remando,
Outros ligeiramente o mar batiam;
Turbava-se a agua, aqui e ali espumando
Sob os remos e prôas que a feriam.
Então d'est'arte a dama vae fallando
Aos cavalleiros que taes coisas viam:
Quanto notaes, posto encha a terra e oceano,
Faz só parte das forças do tyranno.

É do Egypto e confins o que aqui vemos;
As gentes mais distantes faltam inda,
Que muito alem se estendem os extremos,
Ao sul e aurora, da sua terra infinda.
Por isso espero que bem longe o achemos
De marchar quando fôr a nossa vinda,
A elle, ou a quem tenha do governo
Do grande exercito o bastão superno.

Emquanto diz assim, qual aguia altiva,
Que vae por entre os passaros segura,
E chega tanto ao sol, que da luz priva
Quem quer seguil-a, e perde-se na altura,
Tal vôa entre os baixeis com força viva
A barca sobre a liquida espessura,
Sem temor de que alguem traz ella parta,
Ou a force a parar; assim se aparta.

De Rafia n'um momento chega em frente,
Primeira terra syria que apparece,
Navegando do Egypto; após á ardente
Rinocolura a que o céo nega a messe.
Sobre o mar avançada a fronte ingente,
Um monte perto aos olhos se offerece,
Banhando n'agua a falda; ali repousa
O vencido Pompeu sob sua lousa.

Já descobre Damieta, e de que sorte
Aos mares leva o Nilo os seus furores
Por sete bocas de profundo corte,
E por cem outras mais, porém menores;
Passa a cidade pelo grego forte
Fundada para os gregos moradores;
E passa Pharo que foi ilha outr'ora,
Á convisinha terra unida agora.

Rhodes e Creta, ao norte situadas,
Deixa em distancia, e Africa costeia,
Paiz que tem as praias cultivadas,
E feras no int'rior e quente areia;
Marmarica e Sirene, que as falladas
Suas cinco cidades alardeia,
Vê perto; e Ptolomais depois, e o lento
Tão fabulado rio do esquecimento.

Da grande Sirte ao navegante infesta
A barca foge ao largo, porque a teme;
O cabo de Judeca dobra lesta,
E para alem do Magra inclina o leme.
Eis Tripoli apparece, e em frente d'esta
Malta, occulta no mar que n'ella freme;
Co'as mais Sirtes lhe fica á popa em breve
Alzerbe, que os Lotophágos já teve.

Tunis e o golfo seu acha em seguida,
O qual tem de um e de outro lado um monte.
Tunis, rica cidade e esclarecida,
Por mais que esclarecidas Lybia conte.
Co'o grande Lilibeu, como opprimida,
A Sicilia levanta-se defronte.
Aqui aos dois guerreiros a donzella
Mostra o sitio onde foi Carthago bella.

Jaz Carthago, e da sua alta grandeza
Só signaes de ruina o chão conserva!
Cidades, reinos são da morte a preza;
O fasto e a pompa cobre areia e herva.
E o homem por morrer se menospreza!
Ó mente da cubiça e orgulho serva!
Chegam breve a Biserta, e do outro lado
Longe a Sardenha sae do mar salgado.

Tambem as regiões os tres passaram,
Onde o numida foi pastor errante,
E dos corsarios o vil ninho acharam,
Bug, Argel, e Oran mais adiante;
Da Tingitania as plagas costearam,
Mãe do nobre leão, e do elephante,
Por Marrocos e Fez hoje occupada,
Da outra parte deixando atrás Granada.

Já abocam o estreito, o qual outr'ora
Ser feito por Alcides se fingiu,
Que antes praia continua talvez fora,
Que grande cataclismo dividiu.
Forçou-a o mar com furia tragadora,
E alem Calpe, áquem Ábila impelliu,
Partindo Lybia e Hespanha com garganta
Pequena; tem os tempos força tanta!

Quatro vezes o sol apparecera
Depois que a barca a vela desfraldara,
E ainda a nenhum porto se acolhera,
Posto por tantos sitios já passara.
Transpõe agora o estreito, e a augusta e fera
Immensidade do oceano encara,
O qual se aqui tão grande é entre a terra,
Que será quando em si a abrange e encerra.

Era-se já nas ondas occultado
Cadis fertil, e a terra mais vizinha;
De todo a costa havia-se apartado;
Por termo os céos o pelago só tinha,
Quando Ubaldo assim diz: tu, cujo alçado
Poder por este mar nos encaminha,
Conta-me se alguem veio onde ora estamos,
E se habitado é o mundo que buscamos.

Tendo Hercules os monstros destruido
Da quente Lybia e do paiz hispano,
Torna ella, e os vossos climas submettido,
Não ousou arrostar o largo oceano.
Pôz balizas ao mundo conhecido,
Prendendo em breve espaço o genio humano;
Porém Ulysses, o saber buscando,
Os passou, taes limites desprezando.

As columnas transpoz, e pelo aberto
Pego soltou o vôo audacioso;
Mas não lhe valeu ser no mar experto,
Que elle o tragou vóraz e furioso,
E jaz, qual o seu corpo, inda encoberto
O seu fim, para os homens duvidoso.
Se o vento outrem levou por essa altura
Ou não veio ou lá teve a sepultura.

É pois ignoto o vasto mar por onde
Navegas, e a porção grande e infinita
D'ilhas e reinos que de nós esconde;
Terras fecundas, e que gente habita,
Nas quaes a natureza corresponde
Com fructos sempre ao sol que vivo a incita.
Então Ubaldo: d'esse mundo occulto
Diz-me quaes são as leis, qual é o culto?

São diversos na lingua, usos e crença
D'estas partes os povos differentes:
Qual as feras adora; qual a immensa
Mãe commum; qual o sol e astros luzentes;
Qual até mesmo aos homens faz offensa
Com seus manjares torpes e indecentes.
Emfim quanto do Calpe áquem se abriga
Barbaros são que fé barbara liga.

Portanto, replicava o cavalleiro,
Deus, que a ensinar desceu a humanidade,
Da sua crença encobrir quer o luzeiro
De nações a tão grande quantidade?
Não, responde ella, o culto verdadeiro,
E as artes lhe hão de dar a claridade;
Nem sempre apartará abysmo fundo
Estes povos, assim, do vosso mundo.

Serão os marcos d'Hercules um nome,
Fabula para o nauta; e d'estes mares
E reinos que a distancia ignota some,
Inda ouvireis as famas singulares;
Então, sem que temor e p'rigo o dome,
O lenho mais audaz, por mil azares,
A terra ha de medir, do sol radiante
Arrojado rival e triumphante.

Cabe a um filho da Italia o atrevimento
De se arriscar ao curso não provado;
Nem o rugido ameaçador do vento,
Nem o inhospito mar nunca sulcado,
Nem vario clima ou quanto o pensamento
Reputa mais terrivel e arriscado,
O seu pensar e generoso peito
De Ábila encerrarão no curto estreito.

Colombo, tu do mundo á nova parte
Has de levar tão longe a feliz vela,
Que a fama co'as mil azas alcançar-te
Conseguirá somente. Cante ella
Embora Alcides, Bacho; para honrar-te
Basta esboçar a túa acção tão bella,
Que esse pouco dará longa memoria,
De um poema dignissima e da historia.

D'esta arte diz, e pela estrada undosa
Corre ao ponente, e dobra ao meiodia,
E vê cair em frente a luz radiosa
Do sol, e renascer atrás o dia.
Mas no momento mesmo em que a formosa
Aurora orvalho e raios desparzia,
Ao longe se lhe antolha escuro monte,
Por entre as nuvens escondendo a fronte.

Vêem-no logo, caminhando ávante,
Já co'a cima de nuvens descoberta,
Ás piramides grandes similhante,
Pois engrossa no centro, e no alto aperta,
Fumegando como esse que o gigante
Opprime, de cratera sempre aberta,
Que lança fumo até que o sol se ponha,
E á noite inflamma o céo com luz medonha.

Outras ilhas não tanto levantadas,
E outros cumes descobrem finalmente;
As ilhas juntas são, e Fortunadas
As nomeou da antiguidade a gente;
As quaes pelo céo eram tão amadas,
Que sem arado imaginava a mente
Produzirem, e dar fructo mais bello,
Sem ter cultivo, o natural bacello.

Ali nunca a oliveira nas suas flores
Mentia; mel os robles distillavam;
Dos montes descendiam sem furores
As aguas, e suaves murmuravam;
Não faziam incommodo os calores,
Que as auras, e o rocio os mitigavam;
Ali se collocavam as famosas
Habitações das almas venturosas.

Já para estas a barca vae volvendo.
Finda é quasi a viagem, diz a dama;
As ilhas Fortunadas estaes vendo,
De que heis ouvido incerta, illustre fama.
Formosas, ferteis são; porém, correndo,
O certo de mentiras se recama.
Assim fallando a prôa aventureira
Se chega á que das dez era a primeira.

Carlos então: concede-me, senhora,
Se tanto por acaso é permittido
Á tua grande missão, que eu saia fora,
E veja este paiz desconhecido,
E os seus povos, e o deus que aqui se adora;
De sorte que dos sabios seja ouvido
Com inveja contando quanto hei visto,
E possa acrescentar: eu vi tudo isto.

Responde ella: o pedido é na verdade
Bem condigno do teu atrevimento,
Mas decreto da summa potestade,
Inviolavel, impede tal intento.
Ainda não girou inteira a edade,
Que Deus marcou ao grão descobrimento,
Nem vós levar podeis do mar profundo
Verdadeira noticia ao vosso mundo.

Estas aguas, as quaes o marinheiro
Não sulca, navegar a vós é dado,
E descer onde está preso o guerreiro,
E leval-o do mundo ao outro lado.
A projecto aspirar mais altaneiro
Fôra soberba e combater o fado.
N'isto a ilha primeira já baixar-se
Parecia, e a segunda levantar-se.

Mostra-lh'as ella á parte do oriente
Em ordem longa todas estendidas,
Umas das outras quasi que egualmente
Pelas salgadas ondas divididas.
Em sete pode divizar-se gente,
Cultura, e algumas cazas esparzidas;
Tres são ermas, e só feras infestas
Habitam os seus montes e florestas.

Ha um sitio occulto n'uma d'estas, onde
Se curva a praia, e para fóra estende
Dois longos braços, entre os quaes esconde
Ampla bacia; a entrada lhe defende
Um rochedo que a ella corresponde,
Dando as costas ao mar que embalde o offende;
De um lado e outro crescem, quaes gigantes,
Duas rochas, avizo aos navegantes.

Em baixo mudo o mar em paz se esquece;
Bosques espessos vêem-se na altura;
Uma caverna entre estes apparece,
Farta de heras, de sombra, e d'agua pura.
Aqui navio entrar nunca acontece,
E no fundo deitar a ancora dura.
N'este logar tão quedo penetrava
A dama, e as velas candidas ferrava.

Attentae bem na mole sublimada
C'roando aquelle monte, ella dizia;
Lá de Christo o guerreiro em vida errada
Entorpécem as festas, e alegría.
Subireis, mal nascer a madrugada,
Aquella trabalhosa, ingreme via;
Nem vos pése a tardança, pois que fora
Infausta para vós uma outra hora.

Té á falda do monte o lume escaço
Do dia approveitae, que já desmaia.
Elles, deixam a dama, e em breve espaço
Poisam as plantas na almejada praia,
E percorrem a estrada sem cansaço,
Tão facil é, e chegam d'ella á raia,
Quando ainda distante do oceano
Era o carro de Phebo soberano.

Que só por precipicios e ruina
Se sobe ao cume cada qual observa,
E que até lá geada e neve alpina
Cobre as vias; após ha flores e herva.
A coma verdejante a arvore inclina
Sobre o gelo, que ao lirio amor conserva,
Bem como ás rosas delicadas; tanto
Vencem a natureza a arte e encanto!

Em um logar umbroso, ermo e selvagem,
Do monte junto á falda pernoitaram
Os guerreiros christãos, e, mal a aragem
Matutina soprou, e os céos brilharam,
Fizeram-se ambos prestes, e a viagem
Com promptidão e ardor recomeçaram;
Mas eis sae, saber d'onde é impossivel,
Ante elles serpeando, fera horrivel.

Alça a fronte d'escamas buliçosas
Cor d'oiro escuro; incha-lhe o collo a ira;
Os olhos são quaes chammas furiosas;
Cobre a terra, veneno e fumo expira;
Ora toda se enrosca, ora as nodosas
Voltas estende, e a caminhar se estira.
Tal na solita guarda se apresenta;
Mas nenhum dos guerreiros amedrenta.

Já Carlos tira a espada, e assalta a fera;
Grita o outro: o que fazes, imprudente?
Com armas taes o braço teu espera
Por acaso vencer esta serpente?
N'isto sacode a vara que trouxera;
Foge ella, apenas sibilar a sente,
E esconde-se com pressa de assustada,
Deixando sem estorvo e livre a estrada.

Mais acima a passagem lhes defende
Um leão que a rugir fero os encara;
Para o ar ouriçada a juba estende;
A voraz, funda boca abre e escancara;
Com a cauda se açoita, e a furia accende;
Porém, apenas lhe é mostrada a vara,
Pavor secreto os seus furores doma,
E em logar de assaltar a fuga toma.

Continuam com passos apressados,
Quando eis que d'elles apparece adiante
Horda temivel de animaes armados,
Varios na voz, no andar, e no semblante.
Quantos monstros terriveis e indomados
Se encontram desde o Nilo ao monte Atlante,
Quantos da Hircania as selvas abastecem,
E tem Hercynia ali juntos parecem.

Porém tão grande turba, e tão temida
A resistir-lhes nem sequer se atreve;
Novo milagre! lançam-na em fugida
Um sibilar da vara, um olhar breve!
Sem embaraço da montanha erguida
Sobem a encosta já; somente a neve,
E o terreno difficil e fragoso
Lhes retardam o andar victorioso.

Porém depois que as neves superaram,
E os precipicios, e o caminho incerto,
Bello e tepido ar d'estio acharam,
E da montanha o cume extenso e aberto.
Odoriferas auras encontraram,
Ventando frescas sempre em modo certo;
Cujos sopros o sol co'o vario lume
Não altera, bem como ha por costume.

Ali jamais os gelos, os calores,
As nuvens, e o sereno o ar variam;
Vestem-se sempre os céos dos explendores
Mais puros, nem se inflammam, nem se esfriam,
As hervas sustentando, e as tenras flores,
E grato odor e eterna sombra criam.
Sobre o lago o gentil paço campeia,
E em roda montes, mares senhoreia.

Como os guerreiros aspera fadiga
Exp'rimentam subindo, vão d'espaço,
Ou parando na florea senda amiga,
Ou já movendo novamente o passo,
Quando vêm uma fonte que os instiga
Os labios a banhar, e o corpo lasso,
A qual, d'alto caindo, em mil se espalha
Espadanas, e a relva emtorno orvalha;

Mas depois entre margens de verdura,
N'um canal toda a agua se ajuntando,
De perpetua folhage á sombra escura
Corre, placidamente murmurando;
No fundo nada esconde, tanto é pura,
Antes, o que elle encerra está mostrando;
Em suas margens a herva alta se ostenta,
E em molle, grato assento se apresenta.

Eis a fonte do riso, e a limpha vemos,
Que perigos mortaes guarda enganosos:
Sopear o desejo aqui devemos,
Pois nos convem ser muito cautellosos.
Ás fallazes sereias não prestemos
Ouvidos, e a seus cantos maviosos.
Assim foram té onde em maior leito
O riacho se engrossa, e em lago é feito.

Está n'uma das margens rica meza,
Que orna comida preciosa e cára;
Dúas garrulas jovens de belleza
Lasciva em brincos vão pela agua clara;
Ora o rosto se banham; com presteza
Ora nadam, que aposta as obrigara;
Já mergulham, já mostram finalmente,
Reapparecendo, a espalda, a nivea frente.

As nadadoras núas e tão bellas
Notando, os dois guerreiros titubeiam,
Tanto que param para as ver, mas ellas
Em novos brincos e prazer se estreiam.
Então, levanta-se uma das donzellas,
E os peitos, e o que os olhos mais anceiam
Amostra desde o seio descoberto;
O mais é d'agua pelo véo coberto.

Bem como a estrella d'alva scintillante
Sae do mar orvalhada de frescores,
Ou qual nasceu da espuma fecundante
Do oceano outr'ora a deusa dos amores,
Assim esta apparece, a gottejante
Coma brilhando de douradas cores;
Depois os olhos volve, e, simulando
Então vel-os, encolhe-se corando;

E a longa trança, no alto da cabeça
Em molho junta, apressurada solta
Sobre o corpo, bem como chuva espessa,
Ficando a neve em aureo manto envolta.
Oh! que vista que esconde! mas por essa
Outra mais linda mostra. Assim se volta
Alegre para os dois, envergonhada,
Pelos cabellos, e agua recatada,

Corava, e ao mesmo tempo alegre ria,
E rindo era o seu peijo mais formoso,
E mais formoso o riso parecia
No rosto enrubescido e vergonhoso.
Depois com doce voz assim dizia,
Voz que a todos tirara alma e repouso:
Ó viajores felizes, que a ventura
Trouxe a esta plaga tão ditosa e pura,

Este é o porto do mundo; aqui, só, mora
O fim dos males, e o prazer se sente,
Que nos doirados seculos outr'ora
Exp'rimentou a antiga, livre gente.
Essas armas, precizas até agora,
Deixal-as podereis seguramente,
E sagral-as á paz n'estes fagueiros
Sitios, pois só de amor sereis guerreiros.

Suave campo de batalha o leito
Vos ha de ser, e a branda herva dos prados.
Ireis comnosco ante o real aspeito
Da que faz os seus servos fortunados;
Acolhidos sereis no num'ro eleito
Dos que ella ao seu prazer ha destinados;
Mas primeiro do pó vinde lavar-vos
N'esta agua, e a esta meza saciar-vos.

Uma assim disse, e a outra em concordancia
Segue o convite com o olhar e os gestos,
Como dos instrumentos a assonancia
Seguem os passos languidos ou prestos;
Mas a alma dos dois guarda a constancia
Contra os carinhos perfidos e infestos;
O feiticeiro aspecto, a branda falla
Só por fora os sentidos lhes abala.

E se entra uma porção de tal docura
Aonde o desejar brota e se gera,
Logo a razão, coberta da armadura,
Corta e arranca a vontade, mal nascera.
Fica vencida e illusa a formosura;
Vão-se os dois que o encanto não vencera,
E entram no palacio. É tal a magua,
Das nymphas, que mergulham dentro d'agua.

CANTO XVI

Do edificio é redonda a forma rica;
Do seu centro no mais mysterioso
Um jardim adornado e bello fica,
Superior a quanto ha mais famoso.
Galerias sem conto multiplica
Emtorno d'elle o inferno astucioso,
As quaes em confusão inexplicavel
Fazem o centro ser impenetravel.

Pela entrada maior, pois conta cento
O palacio, entram logo os enviados.
As altas portas de lavrado argento
Rangem em gonzos d'ouro abrilhantados.
As figuras que são d'obra um portento,
E vencem a materia, vêm pasmados;
Vivem, respiram, falta-lhes a falla,
Mas quem as notar bem julga escutal-a.

Vê-se ali da Meonia entre as donzellas,
Á cinta a roca, Alcides conversando;
Se Orco e fado venceu, ora com ellas
Maneja o fuso; amor se ri olhando.
Vê-se Iole co'as mãos tenras e bellas,
Por mofa, as armas fortes manejando,
A pelle do leão aos hombros preza,
Grosseiro manto para tal belleza.

Está defronte um mar que as alteradas
Ondas cobre de mantos espumantes;
No meio em dupla ordem são postadas
Náos e armas, brilhando radiantes;
Arde em guerra Leucates, incendiadas
São as aguas, como ouro scintillantes.
De um lado Augusto e Roma; Antonio em frente
Co'o indo, o egypcio, o arabe, o Oriente.

Crereis ver arrancadas por encanto
As Cyclades nas ondas a topar-se;
É de uma e d'outra parte o furor tanto
Dos torreados lenhos no encontrar-se.
Já voam fachos, dardos, novo espanto!
Vêem de gran destroço o mar coalhar-se.
Eis, nem pendido ainda a pugna tinha,
Fugindo vae a barbara rainha.

E foge Antonio, abandonando a esp'rança
Do governo do mundo, ao qual aspira.
Não teme, não, o medo não n'o alcança,
Mas acompanha a amada que fugira.
Vêl-o-hieis bramir á similhança
De quem sente vergonha, amor, e ira,
Ora a cruel peleja incerta olhando,
Ora as velas, em fuga já voando.

Após, no escuso Nilo recebido,
Nos abraços de amor espera a morte,
E, na belleza e gozos embebido,
Parece que o seu mal se lhe conforte.
Das regias, grandes portas esculpido
Era o metal luzente d'esta sorte.
Mal d'ellas os guerreiros apartaram
A vista, o labyrinto logo entraram.

Qual o obliquo Meandro brinca incerto,
E com dubio correr ou sóbe ou desce,
Em diverso rodeio, o mar aberto,
Procurando, ou as fontes onde cresce,
D'est'arte, e inextrincaveis mais de certo
Eram as vias; mas pintado off'rece
Tudo o livro do mago, e d'ellas trata
De modo que o nó prompto se desata.

Deixados os caminhos tortuosos,
O jardim ledo e feiticeiro viam.
Aguas calmas, crystaes mil buliçosos,
Varias plantas e flores que sorriam,
Collinas que ama o sol, valles umbrosos,
Selvas, grutas n'um todo descobriam,
E o que a belleza e preço á obra augmenta,
A arte que faz tudo, e não se ostenta.

Unem-se o culto e inculto de tal geito
Que crereis natural sitio e ornamento,
Ou que tomára a natureza a peito
D'arte imitar por brinco o atrevimento.
Como tudo, é o ar de Armida effeito,
O ar que enflora os troncos n'um momento;
Com as flores eterno ser parece
O fructo; um nasce e o outro madurece.

Na mesma arvore junto do nascente
Figo está o já murcho, e velho figo;
Pendem de um ramo só; um reluzente,
De aurea côr; o outro verde; o novo e o antigo.
Serpeia co'os racimos a excellente
Torta videira exposta ao sol amigo,
Em principio a uva aqui, além dourada,
Ou brilhante, de nectar carregada.

Bellas aves em meio da folhagem
Cantam lascivas notas, porfiando;
Murmura a briza, e as aguas e a ramagem
Variamente ao passar deixa soando;
Calam-se as aves? alto echôa a aragem;
Gorgeiam? sopra em som mais doce e brando;
E, acaso ou arte, ora lhes segue o canto,
Ora lh'o alterna co'o suave encanto.

Uma entre as mais de varias cores vôa,
De purpurino bico, e gentil gala,
Cuja lingua espaçosa claro sôa
De modo que simelha a nossa falla,
E com tal arte e modo então resôa,
Que maravilha grande é escutal-a.
Param as mais para lhe ouvir as vozes;
Sustem-se no ar os zephyros velozes.

Vêde (cantava) despontar a rosa
D'entre verdores, candida e singela,
Que, meio aberta ainda e vergonhosa,
Quanto se mostra menos é mais bella;
Depois o seio nú abre animosa,
Depois eis murcha, e não parece aquella,
Aquella que invejada fora d'antes
Por mil donzellas, e por mil amantes.

Assim se passa co'o passar d'um dia
Da existencia mortal flor e verdura;
Nem porque novamente abril sorria
O garbo recupera e a formosura.
Colha-se a rosa apenas principia
A aurora; á tarde adeus viço e frescura;
De amor se colha pois a rosa, amemos
Emquanto amados ser tambem podemos.

Mal se cala, o cantar logo recobram,
Como approvando, as aves ajustadas;
As meigas pombas o beijar redobram;
Sentem-se aves e feras inflammadas;
O loureiro e o carvalho vida cobram;
E as mais arvores todas animadas,
E a terra e as aguas pensam e respiram
O amor mais terno, e só de amor suspiram.

Entre essa melodia, e as incitantes
Bellezas que o prazer lhes offerecem,
Os dois guerreiros vão, porém constantes
Contra os gozos o animo endurecem.
Eis por meio das folhas os amantes
Pensam ver; claramente eis apparecem;
Na molle relva reclinada a bella,
Elle deitado sobre o collo d'ella.

Armida o peito mostra descoberto,
E descomposta a coma ao vento estivo;
Langue de amor; de bello suor coberto,
Luz-lhe o inflammado rosto inda mais vivo;
Um riso, como n'agua raio incerto,
Lhe brilha no olhar tremulo e lascivo;
Sobre elle pende; elle no seio brando
Poisa a fronte, o seu rosto contemplando;

E co'a vista faminta avidamente
A devora, e de amor se rala e mina;
Para sorver-lhe a boca, ou para ardente
Libar os olhos seus ella se inclina.
Suspira então o joven tão vehemente
Que a alma crê fugir-lhe peregrina
Para a amada. Os guerreiros curiosos
Occultos vêm taes actos amorosos.

Esplendido crystal á cinta pende
Do caro amante, gladio desusado.
Ergue-se ella, e entre as mãos já lh'o suspende,
Para os ritos de amor ministro azado.
N'um objecto, entre tantos, só se prende
O olhar, d'ella a sorrir, d'elle abrasado;
Ella no espelho seus encantos vendo,
Elle espelho dos olhos seus fazendo.

Um preza o mando, o outro o captiveiro,
Ella ufana de si, e o joven d'ella.
Teus olhos em mim põe, diz o guerreiro,
Que são a túa e a minha dita, ó bella;
Meu incendio é retrato verdadeiro
D'essa belleza, em mim bem pódes vel-a;
Sua forma, seu poder e maravilha
Mais que no espelho teu n'est'alma brilha.

Ah! já que me desprezas, se em meu peito
As tuas graças ao menos ver pudesses!
Se ao teu olhar, de nada satisfeito,
Em si mesmo prazer offerecesses!
Não póde retratar-se em vidro estreito
Um paraizo, nem enlevos d'esses:
São-te espelho as estrellas, são-n'o a pura
Esphera, na qual vês a formosura.

N'isto Armida se ri, porém não cança
De enfeitar-se, e de ver os seus primores;
Parte da sôlta coma prende e entrança;
Parte em anneis divide, os quaes de flores
Gentilmente recama, á similhança
De ouro esmaltado de diversas cores;
Junta rosas depois de meigo encanto
Do seio aos lyrios, e concerta o manto.

Nem o pavão a cauda de olhos cheia
Ostenta assim em toda a pompa sua,
Nem Iris assim doura e purpureia
Ao sol a forma que humida fluctúa.
Mas é o maximo ornato que alardeia
O cinto que nem mesmo deixa núa.
Deu corpo ao que o não tem para tecel-o,
Impossiveis uniu, e o fez tão bello.

Calmas repulsas, mimos namorados,
Ternas iras, sorrisos, paz, brandura,
Baixas vozes, suspiros não findados,
Doce pranto com beijos de mistura,
Tudo isto junto em laços apertados
Ella temp'rou de amor na chamma pura,
E esse cinto compoz maravilhoso
Com que cingia o corpo melindroso.

Finalmente do amado se despede
Beijando-o, e do seu lado a custo parte.
Sacrificio tamanho a amor lhe pede
Em cada dia o emprego da sua arte.
Fica elle, que sair lhe não concede
A maga um instante só para outra parte;
Fica ali entre as feras habitante
E entre as plantas, sem ella, triste amante.

Mas quando a sombra co'a mudez amiga,
Propicia ao furto, os amorosos chama,
Debaixo de um só tecto ambos abriga
A feliz noite que o amor inflamma.
Apenas o severo officio obriga
A deixar o jardim a falsa dama,
Os dois saem dos ramos, que os encobrem,
E armados ao guerreiro se descobrem.

Qual soberbo corcel ao fadigoso
Lidar da guerra vencedor tirado,
Que, lascivo marido, em vil repouso,
Erra solto nos pastos entre o gado,
Mas se o desperta o aço luminoso,
Ou a trompa, a rinchar corre apressado,
Ancioso de combate, e sob o domno
De os contrarios topar com nobre entono;

D'est'arte quando o joven de repente
Viu as armas brilhar alvoroçou-se.
O peito seu tão arrojado e ardente
Com aquelle fulgor todo abalou-se,
Inda, que ebrio de gozos e indolente,
Em ocio vil enfraquecido fosse.
Emtanto Ubaldo avança, e põe-lhe diante
O adamantino escudo scintillante.

O joven para o escudo os olhos vira,
E ali se vê tal como é, e quanto
Suavissimo odor de si respira
O lascivo cabello, e o rico manto;
Ao lado o gladio pendurado admira
Entre tamanho luxo; mas com tanto
Enfeite luz, que inutil ornamento
Ser parece, não bellico instrumento.

Qual homem que de sonhos opprimido
Depois de grave somno a si tornasse,
Tal ficou elle ao ver-se reflectido,
Sem que olhar o broquel mais tempo ousasse;
Abaixa os olhos timido e abatido,
Volvendo á terra vergonhoso a face;
Por se esconder, do mar entrara dentro,
E até do fogo procurara o centro.

Ubaldo então assim começa: agora
Que a Asia e Europa inteira ferve em guerra,
Que todo o que ama a gloria e Christo adora
Co'as armas lida na judaica terra,
A ti, ó filho de Bertoldo, fora
Do mundo, ignoto chão ocioso encerra!
Só não te move o som do mundo inteiro,
De uma donzella egregio cavalleiro!

Em que lethargo jaz adormecida
Tua alma? que fraqueza em ti impera?
Sus! Godofredo, e o campo te convida;
Por ti o fado co'a victoria espera.
Vem a empreza acabar bem dirigida,
Ó guerreiro fatal, e a seita fera
Que abalado já tens, caia prostrada
Por tua inevitavel, forte espada.

Diz. Fica por um pouco o joven nobre
Perturbado, sem voz, sem movimento;
Mas o pejo logar logo descobre
Á indignação, e ao alto pensamento,
E ao rubor que sua face toda cobre
Outro fogo succede mais violento.
Rasga elle então aquella gala futil,
Insignia dos grilhões, agora inutil;

E, apressando a partida, do intrincado
Labyrintho se afasta. Armida vendo
Da real porta o guarda assassinado,
O feroz guarda sobre o chão jazendo,
Que a ia abandonar o seu amado
Suspeitou, logo claro o conhecendo,
Quando o viu, crúa vista! ao doce abrigo
Fugir, e as costas dar, como inimigo.

Porque me deixas só? gritar queria,
Onde vaes? mas a dor lhe prende a falla,
A qual, tornando atrás, com agonia
Inda maior o coração lhe abala.
Desditosa! do amor de que vivia
Força maior que a sua vem roubal-a.
Ella o conhece, e emvão retel-o tenta;
Embalde d'esperanças se acalenta.

Quantos jamais soltou impios conjuros
De maga da Thessalia a boca immunda,
Quanto a marcha sustem dos astros puros,
E as sombras chama da mansão profunda,
Tudo, tudo empregou; mas dos escuros
Infernos o poder a não secunda;
Finalmente abandona os vãos encantos
A ver se póde mais co'o rosto e prantos.

Sem da honra cuidar, corre; ai, mesquinha!
Que é das suas victorias arrogantes?
A que o imperio de amor turbou rainha
Com um volver dos olhos triumphantes,
A que altivez e só desprezos tinha,
A que prezava mil e mil amantes
Para os odiar, e em si só se aprazia
Ou no fogo que n'elles accendia,

Agora escarnecida, abandonada,
Vae após o que a foge, o que a despreza,
E procura co'o pranto a rejeitada
Face adornar de insolita belleza.
Corre, nem lhe embaraça a delicada
Planta o gelo, e das sendas a aspereza;
Por nuncios ante si seus gritos lança;
Porém junto da praia só o alcança.

Insana brada: ó tu que d'esta sorte
Levas uma porção da minha vida,
Dá-m'a, ou leva-me a outra, ou vibra a morte
A ambas; ai! detem-te na fugida.
Da minha ultima voz ouve o transporte,
Meus beijos não; são d'outra mais querida
Os teus; espera, que temor é este?
Podes-m'o recusar, fugir pudeste!

Pára escutando-a o cavalleiro, e ella
Anhelante se chega e lacrimosa,
Magoada em extremo, porém bella
Tanto mais quanto mais desventurosa.
Encara-o, observa-o tacita a donzella,
Com ira, preoccupada, ou receiosa;
Mas Rinaldo, se a olha, é com furtivo
Modo tardio, envergonhado e esquivo.

Qual famoso cantor, que antes de a clara
Voz desprender em levantado canto,
Para a harmonia os animos prepara,
E em baixas notas preludia emtanto,
Assim ella na dor que o peito lhe ara
Não esquece de todo a arte e encanto,
E alguns suspiros faz sair primeiro
Para dispôr o peito do guerreiro.

Depois começa: barbaro, comtigo
Não esperes que eu falle qual amante:
Fomol-o já n'aquelle tempo amigo.
Se hoje outro és, se te peza até bastante
Essa lembrança, escuta-me, o inimigo
Tambem o inimigo ouve um instante.
O que te peço é tal, que o teu desprezo,
Postoque cedas, ficará illezo.

Se me odeias, se n'isso prazer sentes,
Folga, não venho esse prazer tirar-te;
Crêl-o justo, assim seja. Ás tuas gentes
Odio tive tambem, e pude odiar-te.
Nasci pagan; por modos differentes
Os christãos opprimi com a minha arte;
Persegui-te, tomei-te, e em ignorado
Logar te puz, das armas apartado.

Ajunta a isto o que has entre os maiores
Crimes pelo maior, mais em teu damno:
Enganei-te, nutri-te em meus amores.
Que tão cruel amor, que iniquo engano!
Da virgindade sua dar as flores,
Sujeitar seus encantos a um tyranno,
E o que negado a mil amantes fora,
Tudo a outro amante offerecer n'uma hora!

Seja esta entre as mais culpas numerada.
Movido por seu numero infinito,
Parte, deixa esta placida morada,
Que outr'ora tanto amaste, e que eu habito;
Vae, passa o mar, trabalha, brande a espada,
A destruir a nossa fé te incito.
Nossa? já não é minha! Apenas crente
Sou em ti, és meu idolo somente.

Seguir-te ao menos concedido seja;
Pouco, certo bem pouco te requeiro;
Leva a preza o pirata, da peleja
Vae com o triumphante o prisioneiro.
Que entre o despojo o exercito me veja,
E una aos louvores teus este, ó guerreiro;
Que a que de ti zombou despreze e affronte,
E como escrava desprezada a aponte.

Porque é que este cabello inda conserva
Quem regeitaste? de que vale tel-o?
Hei de o cortar, envilecida serva,
Devo em todas as coisas parecel-o.
Este meu peito, quando o ardor mais ferva
Da guerra, irei por ti offerecel-o;
Lança e corcel te levarei; coragem
E forças tenho para ser teu pagem.

Servir-te-hei de escudeiro, ou de defeza;
Jamais por te guardar verás poupar-me;
Antes de a ti chegar ha de a fereza
Das armas este seio atravessar-me.
Homem não haverá de tal crueza
Que para te ferir queira matar-me,
Que não deixe a vingança desejada,
Ao ver esta belleza desprezada.

Misera! porque espero ainda tanto
Da minha escarnecida formosura?
Ia a seguir, não lh'o consente o pranto,
Como fonte a manar de rochea altura.
Com acto supplicante n'isto o manto
Ou a dextra tomar-lhe ella procura;
Pára o joven; porém resiste e vence,
Porque seu peito a amor já não pertence.

Não torna amor a renovar no seio
Que a razão congelou a chamma antiga;
D'esta vez a piedade sem receio
O embrandece, de amor pudica amiga;
E tanto o move que ao chorar um freio
A custo põe, e a não brotar o obriga;
Comtudo o meigo affecto n'alma esconde
Quanto pode, e d'est'arte lhe responde:

Assaz me péza do teu mal, Armida;
Ah! se acaso eu pudesse, desfizera
Essa tua paixão tão mal nascida.
Nem desprezo, nem odio em mim t'espera.
Vingança e offensas a minh'alma olvida;
Minha escrava não és, nem te quizera
Para inimiga. É certo muito erraste,
E os extremos do amor e odio tocaste.

Mas erros são communs da humana gente;
Tua crença te escusa, o sexo, a edade.
Tambem eu fui em parte delinquente;
De ti como de mim tenho piedade.
Entre as minhas lembranças caramente
Guardar-te-hei na amargura e f'licidade;
Teu campião serei quanto a honra pede,
E a guerra d'Asia, e a minha fé concede.

Ah! ponha-se á fraqueza emfim um termo,
E esta nossa vergonha aqui se occulte;
N'estes confins do mundo, e ignoto ermo
Sua memoria inteira se sepulte.
Possa o olvido tal feito escurecer-m'o,
Para que os outros feitos não me insulte.
Ah! não manches com elle o nome egregio
Que tens, e essa belleza, e sangue regio.

Fica-te em paz, eu parto. Não te é dado
Comigo vir; quem me conduz t'o nega.
Fica, ou procura mais ditoso fado
Em outra parte, e o animo socega.
Ella, emquanto assim falla o seu amado,
Sem ter quietação, á dor se entrega;
Ha muito o olhava com feroz despeito,
Até que emfim prorompe d'este geito:

Não foi tua mãe Sophia, nem nasceste
Do Azzio sangue; do mar á furia insana,
Ou ao Caucaso frio o ser deveste,
E amamentou-te alguma tigre hyrcana.
Porque m'illudo? a esp'rança já perdeste,
Minh'alma! Nem mostrou ter mente humana!
Nem mesmo a côr mudou compadecido!
Nem um pranto sequer! nem um gemido!

Oh! como é generoso, fero e vario!
Abandona-me, foge, e a mim se off'rece;
Qual vencedor piedoso, do contrario
As offensas perdôa, e o crime esquece.
Vinde escutar o casto! um solitario,
Um austero philosopho parece.
E tu, céo, estes impios não fulminas!
E tornas os teus templos em ruinas!

Vae-te cruel, e goza do repouso
Que me deixas; de mim pódes partir-te.
Nú espirito em breve, e vaporoso
Indivisivelmente hei de seguir-te;
Co'as serpentes, e o facho temeroso,
Qual te amei, nova furia, hei de affligir-te;
E se tens de escapar aos grossos mares,
E se no campo da peleja entrares,

Lá no meio dos mortos mal ferido
Meus males pagarás, impio guerreiro;
Vezes mil o meu nome repetido
Ouvir-te-hei no momento derradeiro.
N'isto falta-lhe o espirito affligido,
Nem o ultimo som se escuta inteiro;
Desmaiada no chão cair se deixa,
Frio suor a inunda, e os olhos fecha.

Fechas, Armida, os olhos á luz clara;
Não quer o céo calmar tanto tormento.
Infeliz, torna á vida, olha, repara,
Chora o inimigo teu, que has por cruento!
Se o ouviras! oh! como te abrandara
As magoas o soar do seu lamento!
Compassivo co'a vista se despede
De ti, e quanto póde te concede.

Que ha de o joven fazer? na erma areia
Deve entre viva e morta assim deixal-a?
A cortezia, a compaixão o enfreia;
Dura necessidade alto lhe falla.
Parte, e já da sua guia a coma ondeia
O zephyro, de leve a bafejal-a.
Nos largos mares a aurea vela corre;
Elle olha a praia até que ao longe morre.

Em roda tudo só, triste e calado
Vê a misera Armida a si tornando.
Foi-se, diz, e deixou-me em tal estado,
Aqui, a minha vida perigando?
Nem um instante esp'rou, nem um cuidado
Teve para o meu fado miserando?
E eu persisto em amal-o? e chóro inulta
N'esta praia sentada, e elle me insulta?

Porque pranteio emvão? porque suspiro?
Tenho outras armas. Seguil-o-hei, perjuro;
Nem dos abysmos no maior retiro,
Nem no céo mesmo ficará seguro.
Alcanço-o, agarro-o, o coração lhe tiro,
Aos sem piedade aviso no futuro;
Já suspendo seus membros. Superal-o
Na fereza pretendo.... Mas que fallo?

Ah! desditosa Armida! tu devias
Tomar vingança do cruel outr'ora,
Quando retido em teus grilhões o havias;
A ira e indignação vem tarde agora.
Pois não valem nem prantos, nem magias,
Cumprirás tua vontade vingadora,
Ó minha formosura desprezada;
Has de vingar-me, foste a injuriada.

Offereço por paga esta belleza
A quem poder cortar a odiosa frente.
Meus famosos amantes, uma empreza
Vos proponho, difficil, mas ingente:
Eu, que hei de herdar esplendida riqueza,
Para vingar-me, vendo-me contente.
Se premio baixo sou, por desventura,
És inutil, ó minha formosura.

Ó dadiva infeliz, eu te regeito,
E odeio da existencia estar captiva,
E ser rainha, e ter nascido; o peito
Da vingança o desejo só me aviva;
Co'a voz pela ira presa, d'este geito
Armida freme, e a praia deixa altiva,
Demonstrando o furor no descomposto
Cabello, torvo olhar, e acceso rosto.

Mal penetra em seu magico aposento
Evoca horrenda a multidão do Averno.
De negro o céo se cobre, n'um momento
Empallidece o grão planeta eterno;
Brama, e aos montes sacode o cume o vento;
Já debaixo dos pés lhe ruge o inferno;
Em quanto o paço abrange só bramidos
Se ouvem, e urros, silvos, e latidos.

Negror maior que a noite, o qual não orna
Nem um raio sequer tudo circumda;
Só fulge algum relampago que entorna
Sinistra luz na escuridão profunda.
Acaba a treva, o sol pallido torna,
E, entristecido ainda, o ar inunda.
Desparece o palacio; nem vestigio
Ha do sitio onde foi; grande prodigio!

Qual se forma de nuvens mole immensa
Pelos campos do espaço, e pouco dura,
Que a some o vento, ou a luz do sol intensa,
Ou qual sonho que enfermo se afigura,
Tal se foi o edificio, feia, extensa
Penedia deixando, horror e agrura.
Ella do carro seu prestes acima
Sóbe, e ao ar, qual costuma, se sublima.

Voando as nuvens piza, o ar agita
Por tufões, por chuveiros rodeada;
Passa as terras que n'outro polo habita
Innumeravel gente inda ignorada;
Passa as columnas d'Hercules, e evita
O paiz mouro, a Hesperia nomeada;
Porem o vôo sobre os mares segue
Até que ás praias syrias emfim chegue.

Foge Damasco; a patria que já tinha
D'antes amado tanto ora fugia,
E ás infecundas margens se encaminha
Onde nas aguas seu castello havia.
Ali, dos servos longe, vae sosinha
No retiro esconder quanto soffria.
A mente em mil ideias lhe fluctúa;
Mas cedo o pejo ante o furor recúa.

Por chegar ao Egypto hei de apressar-me
Antes que marche, exclama finalmente,
O exercito do rei; ahi mudar-me
Por artes mil pretendo variamente;
As armas empunhar, serva tornar-me
Dos grandes, atear-lhe o esforço ardente.
Que da minha vingança parte veja,
E que a honra de lado posta seja.

Ah! não me accuze a mim meu guarda e tio,
Mas a si mesmo; assim elle o ha querido.
Foi elle que primeiro me impellio
O fragil sexo, o animo atrevido;
Fez-me donzella errante, azas ao brio
Deu, e soltou meu pejo recolhido.
Tudo caia sobre elle quanto feito
Hei por amor, e da vingança o effeito.

Assim dizendo á pressa já congrega
Servos, pagens, guerreiros e donzellas,
E toda a arte em se adornar emprega,
E em riqueza mostrar nas vestes bellas.
Põe-se a caminho, e ao somno os olhos nega,
Ou fulja o dia, ou luzam as estrellas,
Té aos campos chegar de Gaza, abertos
Ao sol, então de pavilhões cobertos.

CANTO XVII

Está Gaza na estrada que encaminha
A Peluzio, na extrema da Judêa,
Sobre o mar assentada, e tem vizinha
Immensuravel solidão de arêa,
A qual o furacão revolve e apinha,
Como o austro faz quando o oceano alteia;
Pelo que a custo encontra o viajante
Abrigo n'este campo fluctuante.

Limita o Egypto esta cidade forte;
Por isso o egypcio ha muito a conquistara;
E por ser situada de tal sorte,
Favoravel á empreza que intentara,
Deixada Memphis, verdadeira corte,
Para mais perto estar aqui passara,
Onde de varias partes reunido
Tinha exercito innumero e luzido.

Ó musa, qual das coisas fosse o estado
Ao pensamento meu torna presente:
Que armas o grande imperador juntado
Tinha, e que companheira ou serva gente;
Quando vieram ali por seu chamado
Tantas forças e reis do sul e oriente;
Só tu pódes os chefes recordar-me,
E meio mundo em armas amostrar-me.

Depois que o Egypto o jugo sacudira
Do grego imperio, e a antiga fé—tyranno
D'elle ficara e ao throno seu subira
Um guerreiro de sangue mahometano.
Califa se chamou, nome que unira
Sempre depois a si cada sob'rano;
Assim os Pharaós outr'ora vio,
E os Ptolomeus mais tarde o Nilo rio.

Volvendo o tempo, o reino estab'lecido
E acrescentado está de tal maneira,
Que vae, pela Asia e Africa estendido,
De Sirene, e marmorica fronteira
Á Syria, e, terra a dentro, o não sabido
Nilo busca, nem Siene lhe é barreira;
Os campos de Sabá abrange, e chega
Aonde a terra o grande Euphrates rega.

Á direita, e á esquerda comprehende
O rico mar, e a costa do perfume;
Para alem do Erythreu muito se estende,
Para onde o sol amostra o nado lume.
Tem muita força o imperio, e dês que entende
No mando o que o dirige, e em si resume
Militar exp'riencia, e tacto regio,
Mais se tornou assignalado e egregio.

Este uma vez co'o turco, outra co'o persa
Muitas guerras moveu, e repelliu,
Foi vencido, venceu, e a sorte adversa
Maior que se vencera sempre o viu.
É agora a sua vida bem diversa;
A edade já lhe a espada descingiu;
Mas não depoz o bellicoso engenho,
Nem do governo e honra o immenso empenho.

Inda por seus ministros faz a guerra,
E é tal da sua mente a fortaleza,
Que o cargo de monarcha não o aterra,
Nem nos seus annos avançados péza.
Toda em reinos partida, a lybia terra
Treme de ouvir-lhe o nome; o Indo o preza;
Outros povos soccorro voluntarios
Lhe dão de gente, ou são-lhe tributarios.

Eis o homem que faz que se reuna
Tão numerosa força, e já se apressa
Dos christãos a marchar contra a fortuna
Por que o imperio nascente assim pereça.
Vem por ultimo Armida, hora opportuna
A traz, pois a revista então começa:
Fóra dos muros em campina extensa
O exercito do rei passa em presença.

N'um throno de sublime luzimento,
Em cem degráos eburneos levantado,
Senta-se o rei, sob docel de argento,
Panno purpureo aos pés de ouro bordado.
Todo o luxo e barbarico ornamento
Mostra, com real habito adornado;
Em voltas mil o seu cabello cinge
Branco linho, e diadema alto lhe finge.

Empunha o regio sceptro; a encanecida
Barba lhe dá respeito, e austeridade;
Nos olhos, que não muda a longa vida,
Lampeja o arrojo, o ardor da mocidade;
E por todos seus actos é mantida
Dos annos, do poder a magestade.
Esculpiram assim, com tal semblante,
Phydias e Apelles Jupiter tonante.

Dois satrapas, de todos os maiores
Tem ao lado, um á dextra, outro á sinistra.
Ergue o primeiro, de honras sup'riores,
A espada núa, do rigor ministra;
Traz o sello o segundo, e os int'riores
Segredos guarda, e o reino lh'administra;
Mas tem o outro auctoridade plena
Sobre o exercito, e aos reos castigo ordena.

O throno lhe rodeiam magestoso
Os fieis circassianos ordenados,
De lança, de couraça, e de lustroso
Curvo e comprido gladio bem armados.
Tal sentado no solio sumptuoso
Vê o tyranno juntos os soldados.
Ao passar respeitosas as fileiras
Ante elle inclinam armas e bandeiras.

Os egypcios amostram-se diante;
Mandam-os quatro chefes; dois vieram
Da terra que das praias é distante,
E dois das que do Nilo as aguas deram,
Tomando o mar co'o limo fecundante,
Terras que, seccas, ferteis se fizeram;
Assim cresceu o Egypto. Oh! quanto agora
Jaz no int'rior, que d'antes costa fora!

No primeiro esquadrão se vê a gente
Habitante da rica Alexandria,
E da praia que volta ao sol ponente,
A qual Africa a ser já principia.
É o seu chefe Araspe; mais potente
De engenho que famoso em valentia;
De embuscadas perito, em si encerra
Toda a arte que os mouros têm na guerra.

Seguem-se os que na parte estam da aurora,
Na costa d'Asia, os quaes se congregaram
Debaixo de Arontêo, que não decora
Valor, porem que titulos aclaram.
Do capacete o peso ainda ignora,
E jamais as trombetas o acordaram;
Do commodo e da paz á dura vida
Ambição imprudente ora o convida.

Depois immenso exercito apparece,
Que as praias cobre, e tem o campo cheio.
Não crereis, não, que sustentar pudesse
Tanto o Egypto, e do Cairo tudo veio,
Cidade que provincias ter parece,
E mil cidades dentro do seu seio.
Campsone a grande multidão commanda,
Grande é verdade, mas que indocil anda.

Marcham sob Gazel os que a colheita
Fazem na terra proxima fecunda
Até chegar ao sitio, onde se deita
Do alto o Nilo pela vez segunda.
D'elmo e couraça o peso o egypcio engeita,
Só tem arcos e gladios, mas abunda
Em trajes sumptuosos e em riqueza,
Movendo mais do que ao temor á preza.

De Barca a plebe quasi inerme e núa
Passa após sob Alarco; esta a existencia
Por muito tempo em erma plaga e crúa
Sustentou de rapinas e insolencia.
Segue o rei de Zumara e a gente sua,
Que é melhor, mas não mostra resistencia,
E o que impera de Tripoli na terra.
Ambos dextros volteando fazem guerra.

Atrás, da Arabia Pétrea os moradores
Vêm, e os da Arabia que feliz se chama,
Onde do gelo e sol nunca os rigores
Reinam, se acaso é verdadeira a fama,
Onde se encontra o incenso e os mais odores,
Onde a phenix renasce d'entre a flamma,
E sobre flores de perfume vario
Construe o berço, e o leito mortuario.

É d'estes o vestir menos ornado,
Posto ás do egypcio as armas similhantes.
Eis depois outros arabes, que estado
Não gozam certo, instaveis habitantes.
Em perpetuo vagar e variado
Levam as suas povoações errantes;
Têm feminil a voz, e a estatura,
Cabello grande e negro, a face escura.

Arma-lhes grandes cannas ferro fino
Na ponta, e em corceis correm tão depressa,
Qual se os levara o vento mais ferino,
Se acaso ha vento que o voar lhes meça.
Os primeiros conduz Cíface; Aldino
A marcha dos segundos endereça;
Albiazar manda o esquadrão terceiro,
Homicida ladrão, não cavalleiro.

Segue-se o povo que deixado havia
As ilhas que da Arabia o pégo lava,
Em cujas ondas rica pescaria
De perolas outr'ora se apanhava.
O negro traz comsigo, em companhia,
Que do mar Roxo á esquerda demorava.
Rege aquelle Agricalte, Osmida a este,
Desprezador da lei terrea e celeste.

Logo de Méroe, que faz ilha e banha
O Nilo, e o Astrabora, os insulanos
Se vêm apparecer, terra tamanha
Que ha duas fés, e trez reinos soberanos.
Dois reis Canario e Assimiro a sanha
Lhes guiam; ambos são mahometanos,
E o Califa tributam; santa crença
O rei terceiro de aqui estar dispensa.

Outros dois reis sujeitos com suas gentes
Marcham; por armas settas e arcos trazem;
Um é o Sultão de Ormuz, cujas potentes
Bellas terras no golfo Perseo jazem;
O outro o de Boecán, paiz que enchentes
As ondas do azul mar insula fazem;
Porém, quando decrescem na vazante,
A pé enxuto passa o caminhante.

Nem a ti, Altamoro, o casto leito
Poude reter, e a esposa idolatrada.
Emvão chorou, feriu a coma e o peito
Por demover-te da fatal jornada.
Que, dizia, do mar o horrendo aspeito
Mais, ó cruel, que o rosto meu te agrada?
Antes suster as armas quer teu braço
Que o meigo filho em carinhoso abraço?

De Samarcanda é este rei, e o exalça
Muito mais do que o livre diadema
A sciencia das armas, que realça
Arrojo grande, e valentia extrema.
O franco saberá se a fama é falsa,
E se ha razão para que d'elle trema.
Os seus guerreiros se armam de couraça,
Ao lado a espada têm, no arção a maça.

Vem logo o fero Adrasto do apartado
Paiz dos indios e da roxa aurora,
De pelle de atra serpe acobertado;
É a sua couraça protectora;
Opprime de elephante agigantado
O dorso, como se um ginete fora;
Traz a gente que áquem Ganges habita
Onde o Indo no mar se precipita.

O seguinte esquadrão conta os primeiros
Da milicia real, e os escolhidos,
Que eram, na paz e guerra companheiros,
Com honrosas mercês favorecidos.
Montam fortes corceis estes guerreiros;
Para a defesa e ataque vêm munidos.
Reluz ferido o ar batendo em tantos
Ouros e armas e purpureos mantos.

Alarco e Omar que ordena o povo vario
Eram no meio d'estes, e Idraorte,
E Rimedon nos p'rigos temerario,
Desprezador dos homens, e da morte,
E Tigrane, e Rapoldo o grão corsario,
Já tyranno do mar, e Ormundo o forte,
E Marlabusto o Arabico, a que dera
Nome a Arabia rebelde que vencera;

E Orindo, e Pirga, e Arimôn; Brimarte,
Vencedor de cidades; Suífante,
Domador de cavallos; e o que n'arte
Da luta mestre é, Aridamante;
Tisaferno tambem, raio de Marte,
Ao qual ninguem ser ousa similhante,
Se a pé, ou se no arção fere e resiste,
Com a espada girando ou a lança em riste.

Manda a hoste um armenio, o qual o rito
Christão deixou na tenra primavera,
Por seguir dos pagãos o crer maldito;
O seu nome Clemente d'antes era,
E ora Emiren; homem que o rei do Egypto
Mais préza do que todos a que impera;
É chefe e cavalleiro preeminente,
Grande n'alma e valor, sabio e prudente.

Já mais ninguem para passar faltava,
Quando apparece Armida com guerreira
Cohorte; em alto carro se assentava,
De vestuario curto, armada á archeira.
No bello rosto a colera juntava
Á natural brandura, de maneira
Que valor expirava, e, asp'ra, intratavel
Ameaçando, prendia mais amavel.

O carro seu, qual o da luz, arreiam
Pyropos e jacintos reluzentes;
De exp'rimentado auriga as mãos enfreiam
Quatro unicornes, dois a dois, ardentes;
Cem donzellas, cem pagens a rodeiam,
Que as aljavas dos hombros têm pendentes,
E que a niveos corceis o dórso opprimem,
Os quaes no curso mal a terra imprimem.

Segue-a sua gente, e, conduzindo aquella,
Que assoldado na Syria Idraote havia,
Aradim. Qual vizita a phenix bella
A Ethiopia ao rever a luz do dia,
Tudo assombrando de tão linda vel-a,
Co'a formosa plumagem que varia,
Co'o fastuoso collar, aurea corôa,
E emtorno bando d'aves lhe revôa;

Tal passa a nobre Armida radiosa
No trajo, nas maneiras, no semblante.
Alma por mais feroz, ou mais teimosa
Ali não ha que não se torne amante.
Se vista apenas, e co'a face irosa
Assim fica de todos triumphante,
Que será quando o rosto alegre torne,
E a boca e os olhos o sorrir lhe adorne!

Havendo ella passado, o rei superno
Ordena que Emiren ante elle venha,
Pois lhe quer dar dos chefes o governo
Para que o mando universal sustenha.
Este, presago, traz signal externo
No rosto de que o grão bem lhe convenha;
Abre-lhe estrada a guarda circassiana;
Sobe o armenio ante a sede soberana;

E dobrando o joelho e a fronte, ao peito
A dextra chega. O rei assim começa:
Toma este sceptro; chefe estás eleito;
A hoste, qual a mim, te reconheça.
Sobre os francos, vingando o rei sujeito,
Faz que minha ira vingadora desça.
Vae, vê e vence; o poder seu reduze
A nada, e os vivos presos me conduze.

Por este modo expressa-se o tyranno;
Toma o outro o bastão da auctoridade,
E principia: o sceptro soberano,
Que me outorgas, invicta magestade,
Fará que eu d'Asia finde o mal insano,
E a vingue de tamanha indignidade;
Nem voltarei se não me ajuda a sorte,
Pois a vergonha tal prefiro a morte.

Rogo ao céo, se com mão destruidora
(O que eu não julgo) nossa empreza ameaça,
Que só na minha fronte a vingadora
Tormenta da sua ira cair faça.
Torne o exercito salvo, e a vencedora
Palma perto do tumulo me naça.
N'isto echôa do povo co'os accentos
Longo fragor de rudes instrumentos.

Entre os gritos, os sons, e a turba densa
Dos nobres o rei parte sublimado,
E ajunta á meza em súa tenda extensa
Os chefes. Senta-se elle retirado,
E as fallas e os manjares lhes dispensa,
Com egualdade honrando um e outro lado.
Armida de suas artes não se esquece,
Pois a festa e o prazer a favorece.

Acabado o banquete, a bella, vendo
Como todos a admiram fitamente,
E por signaes bem claros conhecendo
Que em si cada um já seu veneno sente,
Ergue-se, o rosto para o rei volvendo
Com ar entre soberbo e revèrente,
Quanto póde na voz e no semblante
Buscando ser magnanima e arrogante.

Ó rei supremo, diz, tambem eu venho
Em pró da fé, da patria aventurar-me.
Sou mulher, mas real o sangue tenho;
Julgo proprio aos combates arriscar-me.
Quem tal é segue todo o regio empenho;
A mão que o sceptro empunha é justo se arme.
Saberá esta (nunca entorpecida)
Ferir, e tirar sangue da ferida.

Nem creias hoje ser o unico dia
Em que a minh'alma combater deseja;
Por nossa lei, por túa monarchia,
Senhor, já tenho entrado na peleja.
D'alguma nossa obra de valia
Te lembrarás, que prova d'isto seja;
Sabes que dos christãos fiz prisioneiros
Muitos dos mais famosos cavalleiros.

Por mim captivos, e com laço duro
Presos, foram-te em dadiva mandados;
E jazeriam inda no antro escuro
De perpetua prizão por ti guardados,
Estando assim agora mais seguro
De veres teus esforços coroados,
Se o altivo Rinaldo não matasse
Os meus, e todos elles não livrasse.

Rinaldo conheceis, e sua comprida
Historia que aqui mesmo a fama conta;
Por este é que depois tanto offendida
Eu fui; e vejo sem vingança a affronta;
Pelo que a ira co'a justiça unida
Para as armas me faz inda mais prompta.
Qual minha injuria é contal-o espero
D'espaço, agora só vingança quero.

E hei de procural-a; embaldê o vento
Nem sempre leva a setta que se atira,
E muita vez do braço justo e exempto
O céo contra o culpado as armas vira.
Mas se alguem ha que a fronte do cruento
Corte, e m'a dê, ainda que prefira,
Por mais digno, por minhas mãos vingar-me,
Com desaggravo tal hei de alegrar-me.

Em galardão da assignalada empreza
Darei quanto possúo de mais preço:
Por esposa, eu, dotada de riqueza,
A quem o faça, se quizer, me offreço.
Prometto-o aqui para maior certeza,
Com firme juramento o fortaleço.
Se alguem julga que o premio digno seja
Do perigo, declare-o, e que eu o veja.

Emquanto Armida falla, o cobiçoso
Olhar Adrasto fita na donzella,
E diz: não queira o céo que ao criminoso
Jamais fira o teu arco, archeira bella;
Homem tão vil com honra tal vaidoso
Ficára, indigno é bem de merecel-a.
Da tua colera eu sou ministro ardente;
Da fronte súa te farei presente.

Arrancar-lhe-hei o coração, em pasto
O darei aos abutres palpitante.
D'este modo se expressa o indio Adrasto;
Brada-lhe Tisaferno intolerante:
E quem és tu, que tão soberbo fasto
Mostras perante o rei, de nós diante?
Ha aqui, talvez, quem tudo quanto falla
Tua voz com feitos vença; e emtanto o cala.

Sou um homem, lhe torna o indio fero,
Que faço mais que digo, e nada temo;
Mas se fallasses n'outra parte, espero
Que este seria o teu arrojo extremo.
Proseguiriam, mas a mão, severo,
Entre elles estendeu o rei supremo.
Disse depois a Armida: bella dama,
Alma grande e viril teu peito inflamma.

És bem digna de certo que soceguem
Ambos por teu respeito os seus rancores,
Por que depois, como desejas, cheguem
No barbaro a cevar os crús furores.
É melhor que em tal feito o esforço empreguem:
Ahi podem mostrar-se contendores.
N'isto calou-se; a offerta ambos repetem,
E vingal-a á porfia lhe promettem.

Os principaes do exercito imitaram
Prompto estes dois com lingua confiada;
Off'receram-se todos, e juraram
Tomar vingança da cabeça odiada.
Tanta colera e armas se juntaram
Contra Rinaldo á voz da sua amada!
Mas este, havendo abandonado a costa,
Felizmente de novo o mar arrosta.

O barco no voltar segue o primeiro
Caminho, o que na ida já seguira,
E o mesmo vento que o levou, fagueiro,
Como então, novamente ora suspira.
Já as Ursas e o polo o cavalleiro,
Já os astros innumeros admira,
Via da opaca noite; e os rios e os montes
Sobre o mar estendendo as altas frontes.

Do campo o estado e o modo differente
De existir das nações varias indaga.
Quatro vezes o sol rompeu do oriente
Dês que partiram da distante plaga,
Quando tocam na terra finalmente
No momento em que a luz no céo se apaga.
Então a dama: é esta a Palestina
Aqui a vossa viagem se termina.

Mal desembarca os tres, qual por encanto,
Some-se n'um instante. Apparecia
A negra noite, e com trevoso manto
Os objectos n'um todo confundia.
N'essa arenosa solidão emtanto
Nem caza, nem abrigo algum se via,
Nem signaes de corcel ou de pés de homem,
Nem outra coisa que por guia tomem.

Suspensos por um pouco, emfim avançam,
Costas ao mar, com passo duvidoso,
Quando eis ao longe os olhos seus alcançam
Um não sei que de incerto e luminoso,
Cujos raios de prata e de ouro lançam
Luz sobre o véo da noite tenebroso.
Logo ao clarão direitos se encaminham,
E já descobrem donde os raios vinham.

Vêm umas armas lucidas e bellas,
Que a lua fere, a um tronco penduradas;
Brilham mais que no céo claras estrellas
As pedras no aureo arnez e elmo engastadas;
Notam lindas imagens á luz d'ellas
No grande escudo em ordem figuradas.
Perto um velho se assenta, como guarda,
O qual a il-os receber não tarda.

Logo é pelos dois nuncios conhecido
Do sabio amigo o rosto veneravel.
Tendo este os cumprimentos recebido
Os acolheu cortez e favoravel,
E a Rinaldo, que mudo e embevecido
O olhava, com voz disse respeitavel:
Senhor, n'este logar por ti espero,
Só, a estas horas, porque ver-te quero.

Sou teu amigo; que te digam quanto
Teus socios, e o cuidado que me déste,
Pois fui eu que lhes fiz vencer o encanto
Em que vida tão misera viveste.
Ouve o discurso meu, não é o canto
Das sereias, porém não te moleste.
Guarda-o n'alma até que oiças a verdade
De quem tem mais sciencia e santidade.

Da virtude no cume, entre as maiores
Fadigas é que está nossa ventura,
Não em meio de nymphas, aguas, flores,
Á meiga sombra em plaga de verdura;
Não a alcança quem fóge dos rigores
Da existencia, e prazeres só procura.
E queres que dos cumes longe viva
Teu valor, qual em valles aguia altiva?

Ao céo te ergueu a fronte a natureza,
E condicção te deu alta e excellente
Para fitar a gloria, e com nobreza
D'obras subir ao que ha mais eminente;
Tambem te deu a ira prompto acceza,
Não para a civil guerra cruamente
Servir, nem a avidez, e os sanguinarios
Desejos, á razão sempre contrarios;

Mas para o teu valor, com ella armado,
Fero atacar o oppugnador externo,
E com força maior ser enfreado
O cubiçar, impio inimigo interno.
Portanto o que te for apropriado
Te incumba o que ha de todos o governo,
E acalme, e esforce, como lhe pareça,
O teu peito, e ora o excite, ora o embrandeça.

Assim dizia; o outro, attento e quedo
Ouvindo-o, os sabios ditos ponderava,
E, cheio de respeito e doce medo,
Á terra vergonhoso o olhar baixava.
Leu-lhe o velho do animo o segredo,
E ajuntou: alça a fronte, ó filho, e crava
N'este broquel os olhos satisfeitos;
N'elle verás de teus avós os feitos.

Verás a fama sua divulgada
Té no logar mais asp'ro e solitario.
Tu inda atrás lhes ficas na illustrada
Liça da gloria, e vôo temerario.
Sus! que a túa coragem levantada
Seja por este quadro grande e vario.
Findou; e o cavalleiro o olhar havia
No escudo emquanto o ancião assim dizia.

Com engenho subtil em campo estreito
Mil figuras o artista executara.
Via-se o tronco proseguir perfeito
Da nobreza, que em Actio começara;
Da velha Roma derivar direito
E incorrupto, qual veia d'agua clara.
Os principes de louro têm capellas;
Mostra as guerras o velho, e as acções bellas.

Caio lhe mostra, o qual, já começando
O imperio a dividir-se ante o estrangeiro,
De um povo que o requer acceita o mando,
E faz-se d'Este o principe primeiro.
Os vizinhos mais fracos vão buscando
Para abrigo tambem o audaz guerreiro.
Depois lhe mostra o godo quando invade
O imperio, porque Honorio o persuade;

E Aurelio que sem jugo inda conserva
A gente que o seu sceptro reconhece,
Postoque a Italia inteira em guerra ferva;
Tanto o barbaro incendio se encruece!
Governa livre, quando Roma serva
De aniquilada ser toda estremece:
Mostra-lhe após Foresto pondo forte
Barreira ao humno, domador do norte.

Eis Atila, que o diz o atroz semblante
Com olhos de dragão fero incendidos;
A feio cão no rosto é similhante;
Escutar-lhe julgareis os ladridos.
De pugna singular foge o arrogante
Para o meio dos seus de armas fornidos.
Foresto a defender vae Aquilêa;
A Italia a este o seu Heitor nomêa.

Em outra parte morre; o seu destino
É a sorte da patria. Eis do famoso
Pae herdeiro, o magnanimo Acarino
Da Italia campeão se ergue animoso.
Ao fado cede, não ao humno, Altino,
E procura logar de mais repouso;
Depois uma cidade de diversas
Casas forma no Val do Pó dispersas.

Este peia do rio o curso forte,
E levanta a cidade que devia
Dos Estenses magnanimos a côrte
Nos seculos futuros ser um dia.
Desbarata o alano; triste sorte
Contra Odoacro após ter parecia,
E morrer pela Italia. Ó bella e eterna
Morte que á gloria o reuniu paterna!

Cae com elle Alforizio; acompanhado
Pelo irmão, Azzo vae a exilio insano;
Mas voltam com esforço redobrado,
Depois de oppresso o herulo tyranno.
De uma setta o olho esquerdo traspassado,
O Epaminondas d'Este morre ufano,
Ledo por ver que Tótila é vencido,
E que o caro broquel não ha perdido.

De Bonifacio fallo. Segue o passo
Do pae Valeriano, inda creança;
Já com peito viril e viril braço
Do godo os esquadrões ante si lança.
Perto Ernesto, na face rudo ameaço,
Contra o esclavonio grande nome alcança.
Mas antes d'elle o intrepido Aldoardo
Expulsa de Monselce o rei lombardo.

Henrique ali se vê, e Berengario,
O qual, onde o pendão Carlos desprega,
Carlos o Magno, logo, temerario,
Para o servir antes de todos chega.
Serve depois Luiz; este ao contrario
Sobrinho, o envia, e em debellal-o o emprega.
Eis em batalha o vence, e o faz captivo;
Eis com os filhos cinco Othon altivo;

E Almarico tambem que na cidade
Que o grande Pó domina já impera.
Ao céo eleva os olhos com piedade,
Como quem tantos templos lhe fizera.
Azzo segundo após com dignidade
Vae contra Berengario em luta fera,
E, pugnando com sorte varia e alterna,
É vencedor, e Italia já governa.

Vê Alberto, seu filho, entre os germanos,
Que o seu valor de tanto brilho cerca;
Já, vencidos em justa e em guerra os danos,
Othon por genro com bom dote o merca.
Vê atrás Hugo, o qual doma os romanos,
E faz que Roma a soberbia perca.
Marquez virá a ser da Italia ainda,
E mandará toda a Toscana linda.

Depois Tebaldo, e Bonifacio; á ilharga
Da sua Beatriz este se via.
Para tão grande pae, e herança larga,
Nem sequer um varão herdeiro havia.
Mathilde, a qual do mando toma a carga,
Supprindo o sexo e edade, se seguia;
Que póde a dama sabia e valerosa
Mandar c'roas e sceptros poderosa.

Esforço varonil do rosto expira,
Mais do que varonil no olhar parece;
Ali bate o normando, e as costas vira
Guiscard que não havia quem vencesse;
Aqui Henrique estrue, e a que lhe tira
Bandeira imperial ao templo off'rece;
Aqui de novo o papa soberano
Põe no solio do egregio Vaticano.

Vê depois, como quem ella honra e ama,
Azzo quinto a seu lado, ou no seu trilho.
Mas de Azzo quarto a prole se derrama
Abundante com mais ditoso brilho.
Corre á voz da Germania, a qual o chama,
Guelfo de Cunegundes claro filho,
E é o germen romano com bom fado
Aos campos da Baviera trasladado.

Ahi um illustrado ramo d'Este
Dos Guelfos na já velha arvore enxerta,
O qual mais bella do que nunca a veste,
E aos descendentes seus c'rôas offerta;
Já com favor da excelsa luz celeste
Rebenta e cresce de verdor coberta;
Já topeta co'o céo, já quasi meia
Germania occupa, já toda a sombreia.

Mas nos ramos italicos frondeja
Co'o germano o alto tronco em competencia:
Por um Guelfo um Bertoldo ali viceja,
Azzo sexto aos avós rouba a excellencia.
Esta é a serie de heroes, de heroes inveja,
A que o metal dá formas e existencia.
Vendo-o, Rinaldo logo da nativa
Honra sente o incendio que se aviva;

E pela emulação arrebatado,
Exp'rimenta valor tão nobre e ardente,
Que tudo que na ideia tem gravado,
Cidades combatidas, morta gente,
Ante os olhos suppõe vel-o passado,
E que tudo é verdade, e está presente.
Arma-se logo á pressa, e, esp'rando a gloria,
Previne-a, vae adiante da victoria.

*

Porém Carlos que já do regio herdeiro
De Dinamarca lhe contara a morte,
Dá-lhe o gladio fatal do cavalleiro
Então, e toma-o, diz, com leda sorte;
Só pelo Deus eterno e verdadeiro
O emprega, justo e pio como forte;
E do que o teve, e te amou tanto vence
O matador; vingal-o te pertence.

Replica-lhe Rinaldo: o céo consinta
Que a mão, que tal espada ha recebido,
A vingança esperada não desminta,
E satisfaça o preço merecido.
Carlos, no qual o jubilo se pinta,
Lh'o agradece em discurso resumido.
Emtanto o sabio ancião se preparava,
E á viagem nocturna os apressava:

Partamos, Godofredo já te espera,
E todo o campo; és-lhe preciso agora;
Partamos, nada aqui vos detivera,
E eu na noite vos guio aterradora.
Ao carro sóbe, apenas tal dissera,
No qual os tres recebe sem demora,
E, aos ligeiros corseis redeas largando,
Fustiga-os, para o oriente caminhando.

Calados pela noite tenebrosa
Vão, té que o velho d'esta sorte exclama:
Viste da tua estirpe gloriosa
Qual a antiga raiz, e nobre rama,
E posto desde a edade mais mimosa
Mãe foi sempre de heroes de illustre fama,
Não cuides que de os ter cançada seja,
Ou que jamais cançar o tempo à veja.

Oh! se eu, como tirei do seio fundo
Do tempo antigo os teus avós, pudesse
Descobrir-te o porvir bello e jocundo
Dos que virão de ti, e, antes que houvesse
Para elles raiado a luz do mundo,
Do mundo conhecidos os fizesse!
Num'ro menor de heroes não descobriras,
E tão illustres certamente os viras.

Mas por si a minha arte no futuro
A verdade não vê, longe, encoberta,
Senão caliginosa e em véo escuro,
Como luz atravez de nevoa incerta.
Nem me julgues audaz se te asseguro
Esta que vou mostrar-te descoberta,
Porque m'a disse quem de empyreo santo
Os segredos ás vezes vê sem manto.

O que lhe ha revelado a luz divina,
E me elle descobriu eu te predigo:
Progenie grega, barbara ou latina
Jamais houve o presente ou o tempo antigo
Com taes, tantos heroes, qual te destina
De illustres netos o alto céo amigo,
Heroes, dos quaes o nome logar toma
Ao pé dos de Carthago, Esparta e Roma.

Entre estes vê-se Affonso, intitulado
Segundo, mas primeiro em valentia,
O qual virá á luz quando cançado
Careça o mundo de homens de valia.
Nunca ha de por ninguem ser empregado
O gladio assim; com tanta galhardia
Ninguem sustentará o diadema;
Do sangue teu será gloria suprema.

Inda creança, a pugna arremedando,
Provas dará do seu valor bastante;
Será terror das feras monteando;
Ninguem lhe passará na justa adiante;
Em verdadeiras guerras pelejando,
Ha de palmas colher depois ovante;
E muita vez de roble, grama e louro
A cabeça adornar, e a c'rôa d'ouro.

Nem será menos gloria e luzimento,
Quando chegar á já madura edade,
Entre armados vizinhos ter exempto
O reino seu em paz e liberdade;
Nutrir e fecundar a arte, o talento,
E festas celebrar com magestade;
Pezar egual os premios e o castigo,
E, no porvir o olhar, prever o p'rigo.

Oh! se algum dia contra o povo infido,
Que ha de a terra infestar, varrer os mares,
E dar a lei da paz n'esse affligido
Tempo ás nações do mundo singulares,
Por summo capitão fosse escolhido
Para vingar os templos, e os altares,
Que vingança tamanha tiraria
Do tyranno feroz, da seita impia!

Embalde com mil hostes pretendera
O turco e o moiro oppôr-se-lhe raivoso,
Que do Euphrates alem levar podera,
Alem do Taureo pincaro nevoso,
E inda alem d'onde estio perpetuo impera
A cruz, a aguia, os lizes, poderoso,
E, para o negro baptizar remoto,
Mostrára do grão Nilo o berço ignoto.

D'esta maneira o velho se expressava,
E o mancebo o attendia alegremente,
Que um tacito prazer exp'rimentava
Na sua illustre prole pondo a mente.
A aurora emtanto o sol annunciava;
Os céos a côr mudavam no oriente,
E já viam ao longe esvoaçando
Mil bandeiras as tendas adornando.

Então de novo o sabio principia:
O sol formoso que vos dá na fronte,
Vos mostra e com seus raios allumia
As tendas, a cidade, o campo e o monte.
Até este logar fui vosso guia
Por sendas não sabidas; eis defronte
Os vossos; ora aqui podeis largar-me;
Nem me é licito mais adiantar-me.

Assim se despediu, os cavalleiros
Ali deixando a pé. Estes marcharam
Contra o nascente, e aos pavilhões guerreiros
Dos christãos o caminho endereçaram.
A fama com seus brados pregoeiros
Logo espalhou que os tres barões chegaram.
Godofredo ao sabel-o alvoroçou-se,
E para os receber alevantou-se.

CANTO XVIII

Perante Godofredo já chegado,
O mancebo Rinaldo assim se exprime:
Senhor, só pela honra fui levado
A Gernando matar; eis o meu crime;
E, se foste por mim n'isso aggravado,
Muito o senti depois, e arrependi-me.
Venho ora ao teu chamado por que faça
Quanto posso, e recobre a tua graça.

Inclina-se, acabando, com respeito;
Abraça-o Godofredo, e lhe responde:
Guarde a memoria d'esse triste feito
O olvido, cujo seio tudo esconde.
Para servir de emenda só teu peito
Faça o que ao seu passado corresponde,
Obras dignas de ti; vae dà floresta
Vencer a turba monstruosa, e infesta.

A antiquissima selva, donde outr'ora
Tanta madeira foi por nós tirada,
Não se sabe por quê, acha-se agora
Terrivel, e d'encantos povoada.
Ninguem se atreve á matta assustadora;
Mas não deve sem machinas tentada
Ser a cidade. Aqui onde se prostra
Dos outros o valor teu valor mostra.

Com pequeno discurso offereceu-se
O cavalleiro aos p'rigos, e á fadiga;
Mas em seu nobre gesto claro leu-se
Que muito ha de fazer, posto o não diga.
Para os outros depois ledo volveu-se,
A todos estendendo a mão amiga.
Ali Tancredo e Guelfo já se achavam,
E os principaes que o exercito mandavam.

Já tendo os cumprimentos singulares
Com estes reiterado honradamente,
Recebeu com maneiras populares,
E affaveis todo o exercito contente.
Não seriam os gritos militares
Tão alegres, e a turba tão ingente,
Se as nações do oriente e sul vencesse,
E em carro de triumpho aos seus volvesse.

Festejado assim chega á tenda cara,
E entre os amigos senta-se; entretanto
Lhes responde, e pergunta o que passara
No acampamento, ou da floresta o encanto.
Emfim, quando cada um já se apartara,
D'este modo começa o Ermita santo:
Muito has visto e corrido com destino
Inconstante, admiravel peregrino.

Quanto deves a Deus, grande guerreiro!
Do prazer te arrancou á ebriedade,
E ao antigo redil, pobre cordeiro,
Te reconduz agora com piedade,
Para eleger-te o capitão primeiro
Executor da súa alta vontade.
Mas não deves o braço inda profano
Armar em seu serviço soberano;

Que estás na triste escuridão do mundo,
E na da carne vil tão mergulhado,
Que nem co'o grosso Nilo, ou o mar profundo
Poderias de todo ser lavado.
Só a graça do céo quanto has de immundo
Póde puro tornar; ao céo virado
Perdão portanto humildemente implora,
Túas culpas confessa, pede e chora.

Findou. Em si Rinaldo recolhido
Carpe a ira soberba, e vãos amores;
Depois, ajoelhando arrependido,
Faz confissão dos juvenis errores.
O ministro do céo, já concedido
O perdão, acrescenta: co'os alvores
Do dia irás orar áquelle monte,
Que aos raios matutinos volta a fronte.

D'ali caminha ao bosque verdejante,
Morada de fantasmas mentirosos.
Não te resistirá monstro ou gigante,
Se não t'os faz novo erro poderosos.
Nem voz que docemente chore ou cânte,
Nem rir suave, e olhares maviosos
Dobrem teu coração; á falsa prece,
Ás vans figuras só desprezo offrece.

A taes conselhos com desejo e esp'rança
Se aprompta o cavalleiro para a empreza.
O dia e toda a noite não descança
Pensando impaciente; e nem acceza
É a luz, e já mão das armas lança;
Toma nova armadura com presteza,
Os companheiros deixa, e a pé, sosinho,
Silencioso se põe logo a caminho.

Era o tempo em que ainda não clareia
De todo o céo, cedendo a noite ao dia,
Mas d'algumas estrellas se semeia,
E a roxear no oriente principia,
Quando ao Monte Olivete, erguida a ideia,
Rinaldo, e erguido o olhar, se dirigia,
Contemplando as bellezas matutinas,
E as nocturnas, eternas e divinas.

Vendo-as pensava em si: que luzes bellas
Ornam do empyreo o templo! a pompa sua
Mostra o sol dardejante; aureas estrellas
Ostenta a noite, e a prateada lúa.
Mas taes graças ninguem procura vel-as!
E amamos a luz debil que fluctúa,
E que um olhar, um riso nos descobre
Da terrena belleza, fraca e pobre!

Assim fallando ao consagrado cume
Subiu, e ali, por terra humildemente,
Alçou além dos céos de eterno lume
O pensar, fita a vista no oriente:
Minha vida e peccado, ó Pio Nume,
Com teus olhos celestes vê clemente;
Pae e Senhor, em mim tua graça chova;
Do mal me purifica, e me renova.

Emquanto assim orava, já defronte
Via surgindo a rubicunda aurora,
Que o elmo, as armas, e do verde monte
A cima emtorno d'elle, de ouro córa,
E sentia no peito, e pela fronte
O ameno sopro da aura animadora,
Sobre a sua cabeça sacudindo
O orvalho da manhã suave e lindo.

Poisando do guerreiro na armadura
De côr de cinza, os matinaes frescores
Transformam-n'a, de livida e de escura,
Em peregrinos, candidos fulgores.
Tal o pranto do céo torna a verdura,
E uma outra vida ás resequidas flores;
Ou tal á bella mocidade torna
A serpente, e de novo ouro se adorna.

Nota Rinaldo a veste demudada,
E o intenso fulgor que lança admira;
Depois á velha selva nomeada
Com segura ardidez os passos vira.
Chega onde cede a alma de aterrada
Aos mais fracos, ao ver o horror, que expira,
E desprazer tal vista não lhe offrece,
Nem medo; alegre sombra ser parece.

Passa alem, e um rumor percebe emtanto
Que docemente pelos ares vôa;
Escuta de um regato o rouco pranto,
A briza que a gemer nas folhas sôa,
E o lacrimoso cysne, a cujo canto
O rouxinol responde, e se magôa;
Cytharas, vozes de poesia amenas!
Tantos sons exprimia um som apenas.

Rinaldo, qual os outros, esperava
Fragor de acovardar o mais exempto,
E ouve das sereias a voz clara,
A agua, a briza, as aves em concento.
De maravilha cheio, ouvindo-o, pára;
Depois caminha pensativo e lento;
E só acha ante si por embaraço
Rio crystalino que lhe tolhe o passo.

No rio uma e outra margem se retrata
Risos vertendo e insolita fragrancia;
O curso d'agua tanto se dilata,
Que serve de grinalda á maga estancia;
Mas sae d'elle um canal de viva prata
Que a divide e se perde na distancia.
Banha o rio a floresta, a qual o assombra;
Formosa troca de frescor e sombra.

Emquanto o heroe onde passar buscava,
Pasmosa ponte d'oiro apparecia,
Que sobre arcos seguros se firmava,
E em larga estrada ante elle se estendia.
Passa-a, e, na outra margem mal tocava,
A ponte sobre o rio eis se abatia,
O qual comsigo a leva apressurado,
De brando em caudaloso já tornado.

Olha elle atrás, e dilatado o nota
Que se arremessa grosso irosamente,
E voluvel as ondas alborota,
Sobre si volteando velozmente.
Porém de examinar a selva ignota
Curioso desejo n'alma sente,
E mais e mais o animo lhe inflammam
Novos encantos que sua vista chamam,

Por onde passa, a terra myst'riosa
Em producções arrebentar parece:
Abrem-se os lirios; desabrocha a rosa;
Nasce uma fonte; um corrego apparece;
E em cima e emtorno d'elle a selva annosa
Remoça as folhas suas; amollece
Cada tronco; mais leda formosura
As plantas veste e da-lhes mais verdura.

Maná estam as folhas gottejando;
Mel distillam os troncos; a voz doce
Então queixas e cantos misturando,
De novo, estranha musica, escutou-se;
Porém o choro humano, acompanhando
A briza, a agua e os cysnes, onde fosse
Não se via; nem quem estes accentos
Formava; nem os meigos instrumentos.

Emquanto observa, postoque o não creia,
Quanto a vista e os sentidos lhe fascina,
Encaminha-se a um mirto que campeia
Onde em praça um caminho se termina;
O estraordinario mirto mais se alteia
Do que o cypreste e a palma peregrina,
Sobrelevando as arvores de sorte
Que ali crereis do bosque ser a côrte.

Na grande praça o cavalleiro pára,
E encontra mais pasmosa novidade;
Pois um carvalho, attonito, depara,
Que se abre, e que produz; uma beldade
D'elle se vê sair com veste rara,
Nympha de amor na florescente edade;
Depois de outros cem troncos verdejantes
Saem tambem cem nymphas elegantes.

As deusas das florestas que pintadas
Vemos, ou no theatro apresentar-se,
Braços nús, de cothurnos adornadas,
Curta a veste, o cabello a despregar-se,
Bem podiam ás filhas simuladas
Dos rudes troncos certo comparar-se;
Só, em logar dos arcos e da aljava,
Qual laúde, qual cythara empunhava.

Logo danças variadas começaram,
E apostadas n'um circulo se uniram,
Com que o forte guerreiro rodearam,
E tambem a grande arvore cingiram.
Então os cantos seus meigos soaram,
E estas vozes melodicas se ouviram.
Bem vindo sejas a este sitio bello,
Ó da nossa rainha amor e anhelo.

Saúde tu vens dar a quem te espera,
E nas chammas de amor arde ferida.
Esta selva, outro tempo horrida e fera,
Logar conforme á desditosa vida,
Co'o teu chegar se alegra e regenera,
De mais formosas formas revestida.
Taes cantavam; do mirto após saía
Um dulcissimo som, e o tronco abria.

Na edade fabulosa produziu
Maravilhas tambem a natureza;
Porém o mirto quando o seio abriu
Mais deixou ver, causou mais estranheza,
Pois uma dama nobre descobriu,
No falso aspecto angelica belleza.
Olha Rinaldo, e, como olhado houvesse,
De Armida a formosura reconhece.

Ella, no heroe fitando a vista ardente,
Que exprime affectos mil, alegre e triste,
Exclama: eis que te vejo finalmente,
Voltas áquella de que já fugiste.
Que vens fazer-me? consolar, presente,
O dia e as noites de quem, só, existe?
Ou trazes guerra, e vens d'aqui lançar-me,
Occulto o rosto e as armas a mostrar-me?

És amante ou contrario? A rica ponte
Não preparei julgando-te inimigo,
Nem fiz brotar o arroio, a flor, a fonte,
Livrando-te de estorvos e perigo.
Esse elmo tira pois, descobre a fronte,
Volve aos meus os teus olhos, se és amigo;
O peito ao peito, a boca á boca estreita,
Da-me sequer tua mão, e a minha acceita.

Proseguindo, para elle o olhar piedoso
Volvia, e descorava-lhe o semblante,
Mentindo nos suspiros, no mavioso
Soluçar, e no pranto delirante,
Tanto que o seu martyrio a um descuidoso
Movera, posto fosse de diamante;
Mas, não cruel, prudente, o cavalleiro
Já não a ouve, e arranca o ferro inteiro.

Corre ao mirto; co'o tronco ella se abraça,
Que lhe é tão caro, e brada, a elle unida:
Ah! que a esta minha arvore não faça
Ultraje a tua mão; é minha vida.
Depõe, cruel, o ferro, ou, antes, passa
Com elle o seio da infeliz Armida.
Para ferir o mirto só direito
Caminho encontrarás n'este meu peito.

Ergue elle, sem a ouvir, a espada dura;
Mas eil-a se transforma, ó maravilha!
Tal de repente muda de figura
Vaporosa vizão, dos sonhos filha.
Engrossa os membros, torna a face escura,
Na qual nem graça nem encanto brilha;
Faz-se medonho, altissimo gigante,
Briarêo de cem braços arrogante.

Cincoenta espadas vibra, com cincoenta
Escudos sôa, e ameaçando freme.
Cada nympha tambem armas sustenta,
Feita cyclope horrendo, e elle não teme;
Antes, contra o grão mirto a furia augmenta,
O qual, como animado, aos golpes geme.
O ar parece o ar do campo estygio,
Tanto monstro se vê, tanto prodigio!

Abala-se, e estremece emtorno a terra,
Trôa e fulmina o céo na escuridade,
Travam os ventos, e as procellas guerra,
Açoita-lhe o semblante a tempestade;
Mas Rinaldo nenhum dos golpes erra;
Não o impede tamanha feridade.
Corta a arvore, e um roble e um mirto vê-se.
O encanto finda, e tudo desparece.

Asserena-se então o céo e o vento,
E o bosque volta ao natural estado,
Não ledo ou com tremendo encantamento,
Porem do horror innato só ornado.
Procura o vencedor se impedimento
Inda existe para elle ser cortado;
Depois sorrindo diz: falsa apparencia!
Ter de ti medo o homem! que demencia!

D'ali ás tendas marcha. No entretanto
Bradava Pedro, o ermita, ao campo inteiro:
Está vencido já da selva o encanto,
A nós já torna o vencedor guerreiro;
Vede-o. E ao longe apontava o niveo manto
Do heroe; vem magestoso e sobranceiro,
E da aguia a plumagem prateada
Dardeja ao sol com luz descostumada.

Acolhe-o todo o campo jubiloso;
Soltando gritos mil corre a saudal-o;
Godofredo depois com modo honroso
O recebe, e ninguem ousa invejal-o;
Disse ao chefe o guerreiro: ao temeroso
Bosque fui, qual mandaste, e pude entral-o;
Vi, e venci o encanto. Agora a gente
Enviar poderás seguramente.

Marcham á velha selva, onde cortadas
Mil arv'res são, quantas preciso era.
As machinas primeiro fabricadas
Um artifice obscuro as compozera;
São d'outra sorte as novas levantadas,
E obreiro illustre no trabalho impera,
Guilherme, o chefe ligure que o dorso
Do mar senhoreara, entregue ao corso,

Mas que afinal, forçado á retirar-se,
Ao poder sarraceno o abandonara,
E no campo viera apresentar-se,
E marinheiros, e armas offertara.
Ninguem soubera a elle equiparar-se
Dos engenhos de guerra n'arte rara,
Conduzia comsigo cem menores
Obreiros, do seu mando executores.

Catapultas, balistas com presteza,
E arietes fazendo principia,
Para tirar aos muros a defeza,
E lhes desmoronar a soberbia.
Outra obra inda compõe de mais grandeza,
Grande torre de immensa valentia,
Pinho dobre o int'rior, coiro por fora,
Abrigo contra a chamma assoladora.

Desfaz-se e recompõe-se o alto madeiro,
Cujas peças subtil trabalho liga;
A trave com cabeça de carneiro
'Sae debaixo, e em vaivem tudo fustiga;
Lança uma ponte o centro, que ao fronteiro
Muro se ajunta, quando a guerra obriga;
Outra torre menor fora apparece
Da machina, e no cimo se ergue e crece.

Pelos caminhos bons correntemente
Sobre mais de cem rodas conduzida,
Gravida d'armas, gravida de gente,
Levada póde ser sem grande lida.
A rapidez da obra attentamente
Olha o exercito, e a arte não sabida.
Duas torres tambem são levantadas,
Ao modo da primeira fabricadas.

Emtanto os sarracenos não deixavam
De perceber o que os christãos faziam,
Porque nos muros onde avizinhavam
Mais o campo a espiar guardas haviam.
As cargas de madeira estas notavam
Que da velha floresta se traziam;
Mas das machinas bem não reconhecem
As formas, pois confusas apparecem.

Seus engenhos tambem com muita arte
Construe o infiel; e as torres e a muralha
Reforça, levantando esta na parte,
Onde mais debil é para a batalha,
Tanto que já não julgam que de Marte
Para a tomar a maior furia valha.
Mas Ismeno alem d'isto inda prepara
Copia de fogos desusada e rara.

Betume e enxofre o magico mistura,
Que o lago de Sodoma ha produzido,
Antes, o inferno, e o rio d'agua escura,
Por que este nove vezes é cingido,
E fogo faz que exhalação impura,
E fumo atira aos rostos incendido.
D'esta sorte quer elle ver se alcança
Dar á selva querida asp'ra vingança.

Emquanto estão o exercito, e a cidade
O assalto e a resistencia preparando,
Uma pomba na aerea immensidade
Sobre o arraial christão vê-se passando,
A qual vae co'a maior agilidade
A campina do ar atravessando.
Já a candida nuncia peregrina
Das nuvens á cidade o vôo inclina,

Quando, de curvo bico, e unhas armado,
Um falcão, não sei donde, eis apparece,
Que entre o campo e as muralhas apressado
A busca. A triste á fuga se offerece.
Baixa elle, e, á maior tenda já chegado,
A persegue, alcançal-a já parece,
E empolgal-a nas garras; mas do seio
De Godofredo ella se acolhe em meio.

Recolhe-a o capitão logo, e a defende;
Depois, notando-a, maravilha via,
Pois uma carta por um fio pende
Do collo, a qual n'uma aza se encobria.
Toma-a, abre-a, desdobra-a, e bem entende
Ás poucas linhas que ella em si havia.
Ao senhor da Judéa, diz o escrito,
Saúde envia o capitão do Egypto.

Senhor, não desanimes; té á quarta,
Ou quinta aurora oppõe-te com firmeza;
Bem pouco faltará que eu não me parta,
E vença o franco, e livre Sião preza.
Era este o segredo que na carta
Vinha em barbara letra com clareza,
E o que trazia o portador volante;
Nuncios outr'ora em uso no Levante.

A pomba Godofredo então liberta,
A qual, como o segredo desvendara,
Não volta para o domno, estando certa
De que rebelde a elle se tornara.
Convoca o chefe os principaes, e, a aberta
Carta mostrando, diz-lhes: como clara
Do Eterno a providencia por nós vela!
Vêde bem como tudo nos revela!

Nada pois á demora nos obriga;
Já póde ataque novo começar-se;
Não devemos poupar-nos á fadiga
Para na rocha estrada franquear-se
Pelo sul; não é facil se consiga,
Mas vi tudo, e é possivel praticar-se,
Que essa parte do muro, que assegura
O sitio, deve estar menos segura.

Tu, Raymundo, por esse mesmo lado
Co'as machinas ataca, assim o quero.
Eu co'o apparato bellico ordenado
Ir contra a porta Aquilonar espero,
Por que, vendo-o, o infiel seja enganado,
E aguarde ali o pelejar mais fero.
Depois a minha grande torre, que anda
Veloz, irá levar guerra a outra banda.

Camillo, conduzir á mesma hora
Té junto a mim has de a terceira torre.
O bom Raymundo, que ao pé d'elle fora,
E attentamente o ouvira, assim discorre:
A quanto Godofredo ordena agora
Nada tirar ou acrescentar occorre;
Apenas aconselho que se envie
Alguem ao campo hostil que tudo espie,

E a sua gente nos conte verdadeiro,
E o mais que saber possa certamente.
Tenho para esse effeito um escudeiro,
Diz Tancredo, offereço-o alegremente;
Homem sagaz, intrepido, ligeiro,
Á intrepidez unindo ser prudente,
Que muitas linguas sabe, e muda o passo,
Como os gestos e a voz, sem embaraço.

Chegou este, e, depois de ter ouvido
Tudo que ó chefe, e o seu senhor queria,
Ergueu sorrindo o rosto decidido,
E respondeu-lhes: já me ponho em via.
Breve onde está o exercito estendido
Hei de chegar, não conhecido espia;
Á luz do sol pretendo devassal-o,
E cada homem contar, cada cavallo.

Quanta a gente, qual seja, e o pensamento
Do capitão dirvol-o-hei de certo;
Prometto descobrir-vos seu intento,
E o que no peito houver mais encoberto.
Assim Vafrino diz, e n'um momento
Veste comprido manto; descoberto
Deixa o pescoço, e a fronte cobre e arreia
Com turbante que em voltas a rodeia.

Toma a aljava, o arco syrio, e similhando
Fica mesmo um infiel; todos de ouvil-o
Se enchem de maravilha ponderando
Como as linguas varia, e muda o estilo;
Phenicio fora em Tyro demorando,
E egypcio no paiz do grande Nilo.
N'isto sobre um corcel ligeiro abala,
Que a areia no correr mal assignala.

Mas os francos as vias aplanaram
Antes que a vez terceira o sol raiasse,
E as machinas guerreiras aprompiaram,
Sem que jamais o trabalhar cessasse;
Até á noite a quietação roubaram,
Fazendo com que ao dia se ajuntasse.
Nada já ha que os passos lhes retarde,
E o fogo impeça que nos peitos arde.

No dia antes do assalto o piedoso
Chefe por longo tempo humilde reza;
Confessar todos manda, e o precioso
Pão receber na sacrosanta meza.
Onde ha menos mister, insidioso,
Engenhos, armas junta com presteza;
O pagão illudido se conforta,
Vendo-o chegar-se á prevenida porta.

Pela nocturna escuridão a ingente
Agil machina após é transportada
Onde a muralha mais direitamente
Corre, e menos está fortificada.
Sobre o outeiro tambem fica eminente
A Sião Raymundo com sua torre armada;
Com a sua Camillo se encaminha
Ao lado que do norte a occaso vinha.

Porém mal no oriente appareceram
Os raios com que o sol se annunciava,
Os infieis grande temor houveram,
Ao ver mudada a torre donde estava,
E as outras duas, com que então só deram,
De que ninguem sabia nem cuidava.
São em numero infindo tambem vistas
Catapultas, aríetes, balistas.

Emtanto a gente syria arma e prepara
O muro que o christão agora ameaça,
E a defeza da parte que julgára
Atacada antes ser para esta passà.
Mas o chefe, que as vias já tomára,
Por que algum damno o egypcio não lhe faça,
A Guelfo e aos dois Robertos convocados
Diz: a cavallo estae promptos e armados;

E procurae no tempo em que eu ascendo
Os muros onde os creio menos fortes,
Que alguma força sobre nós correndo
Não traga aos que lidamos guerra e mortes.
Acaba, e a lados trez o assalto horrendo
Movem as tres intrepidas cohortes.
Suas gentes em tres lados tem oppostas
O rei que as armas veste, já depostas.

Elle mesmo o seu corpo, vacillante
Do proprio pezo, e tanto andar no mundo,
Veste com a armadura, que em distante
Epocha usara, a vae contra Raymundo.
A Godofredo Solimão, e Argante
Ao bom Camillo oppõe, que de Boemundo
Tem comsigo o sobrinho, este a fortuna
Conduz porque o Sultão co'a morte puna.

A atirár os archeiros principiam
Setas armadas de veneno infenso.
Escurecer-se os ares pareciam
Co'o chuveiro dos tiros grande e denso;
As machinas muraes os despediam
Com vigor mais feroz, e mais intenso,
Arrojando marmoreas balas graves,
E de aço, com pontões ferradas traves.

Qual raio é cada pedra despedida,
E quebra membros, armas de maneira
Que não tira somente a amada vida,
Mas do corpo, e do rosto a forma inteira.
Não pára a lança dentro da ferida,
Fere, e ainda prosegue na carreira;
Entra por um, e sae pelo outro lado,
Depois de haver a morte já deixado.

Não impedia emtanto na defeza
Tanto furor a sarracena gente,
A qual dos tiros opposera á asp'reza
Materia que cedia facilmente.
N'esta quebrava o impeto e braveza
Das machinas christãs a furia ardente.
Mil setas sobre a turba mais exposta
Vem de cima dos muros em resposta.

Todavia o christão não desanima,
E para o triple assalto as forças move;
Quem vae sob os engenhos sem que o opprima
A saraiva de setas que emvão chove,
Quem as torres aos muros approxima,
Que de si o infiel forte remove.
Já lançar tenta cada torre a ponte;
Bate o carneiro co'a ferrada fronte.

Rinaldo emtanto pára, como entenda
Que d'elle risco tal indigno era,
Pois se co'os mais á marcial contenda
Fosse, plebêo louvor só lhe viera;
Os olhos volve emtorno, e illustre senda
Só crê a que o valor mais desespera;
Onde o muro é mais forte, onde é mais alto,
E está em paz levar pretende o assalto.

E voltando-se áquelles a que o puro
Dudo outr'ora guiou, heroes famosos:
Que vergonha que esteja aquelle muro
Tranquillo aqui com tantos valerosos!
O risco para o brio sempre é seguro,
Planas as vias têm os animosos.
Marchemos contra os golpes do inimigo;
Co'os escudos formemos denso abrigo.

Diz, e todos n'um corpo se ajuntando,
Elevam os broqueis sobre a cabeça,
E os unem, ferrea abobada formando
Contra a procella horrivel que não cessa.
Sob a coberta rapidos marchando
Vão, nem ha nada que lhe a marcha impeça,
Que a dura tartaruga apara e acceita
Quanto o contrario das ameias deita.

Já estam sob os muros. N'isto escada
Rinaldo ergue de immenso comprimento,
E a move com mão firme e confiada,
Qual canna sacudida pelo vento.
É a lança, a trave, a pedra arremessada
Da altura, e nem por isso elle mais lento
Sobe, que forte e invicto desprezára
O Ossa, o Olympo, e avante continuára.

Muita frecha, e ruina, qual mortalha,
Tem sobre si, e sobre o escudo um monte;
Bate co'a dextra a proxima muralha;
Levanta a outra, resguardando a fronte.
Este exemplo em mover os mais não falha;
Quantos, como tal brio a estrada aponte,
Não encostam escadas com mão forte!
São porém desiguaes valor, e sorte.

Morrem uns, caem outros; atrevido
Elle sóbe; uns anima, outros ameaça;
E já se acha tão alto, que, estendido,
D'onde está as ameias toca e abraça.
Grande turba então corre, e o moço ardido
Quer derrubar, porém nada o embaraça.
Maravilha! a tropel armado e immenso
Resiste um homem só no ar suspenso!

Resiste, avança firme, e se reforça;
Qual o pezo altear faz a palmeira,
Tal o contraste o animo lhe esforça,
E mais o incita na tenção primeira.
Afinal tudo vence, e tudo fórça,
Os estorvos, e a gente sobranceira;
De um pulo galga, senhoreia o muro,
E passo aos que após vem abre seguro;

E até mesmo do chefe piedoso
Ao menor dos irmãos, como estivesse
Quasi a cair, o braço poderoso
Para que suba depois d'elle offrece.
Alem emtanto ao capitão famoso
A sorte contraría ou favorece;
Que ali não só os homens combatiam,
Mas egualmente as machinas feriam.

Tinha o infiel no muro um tronco alçado,
Que antena outr'ora foi de curva nave;
Sobre elle com o cabo chapeado
Suspende-se atravez mui grossa trave;
Por cordas o madeiro atraz puxado
Com força avança impetuoso e grave;
Assim a tartaruga a fronte sua
Umas vezes amostra, outras recúa.

Bateu este na torre, e com tão duras
Repetidas pancadas a feriu,
Que as bem unidas, solidas junturas
Separou, e, impellindo-a, a sacudiu.
Tinha ella para isto armas seguras,
Á mão, e com duas foices reluziu,
Que ao madeiro os christãos logo lançaram,
E as cordas que o sustinham lhe cortaram.

Como rocha arrancada á summidade
De um monte pelo tempo ou rude vento,
Que esmaga e leva após com feridade
A selva, as cazas, e tambem o armento,
Assim da trave arrasta a enormidade
Ameias, homens, armas n'um momento;
Treme a torre duas vezes quando tomba,
Tremem os muros, e o fragor ribomba.

O chefe victorioso passa avante,
E já os muros occupar presume,
Quando vem contra elle fumegante,
Fetido, atroz e repentino lume;
Tantas chammas sulphureas o arrogante
Etna não lança do abrasado cume,
Nem o indico céo tantos vapores
Chove na quadra de estivaes ardores.

Hastas ardentes, vasos, rodas vôam,
Sanguenta e negra labareda esplende,
O odor infecciona, os sons atrôam,
O fumo cega, o fogo arde e se estende.
Já os coiros que os lados lhe povoam
Vê a torre encrespar; mal se defende;
Se por mais tempo céo faz com que tarde
A necessaria ajuda certo que arde.

Sem de posto mudar, nota-se á frente
Dos seus o capitão, que não descora,
Confortando os que regam prestesmente
Os coiros contra a chamma assoladora.
Em tal estado era de Christo a gente,
E já quasi a agua toda gasta fora,
Quando eis um vento subito respira,
E contra o proprio autor o incendio vira.

Soprado, o fogo, para trás voltando,
Os pannos queima que os pagãos alçaram,
Breve a branda materia devorando,
Pelo que sem defesa se encontraram.
Ó chefe glorioso e venerando,
Que Deus proteje, e sempre os céos amaram,
A tua obra elles vêm e favorecem,
E aos teus clarins os ventos obedecem.

O impio Ismeno que a sulphurea flamma
Vê ser contra elle proprio convertida,
Seus artificios em soccorro chama
Por que ceda a natura compellida.
Entre duas magas a que o inferno ama
Na muralha se mostra combatida;
Plutão de duas furias era em meio,
Negro, esqualido, hirsuto, horrendo e feio.

Já das palavras o soar se ouvia,
De que treme o Cocito, e Flegetonte,
Já densa treva o ar todo cobria,
E o sol anuviava a clara fronte,
Quando da torre vem com valentia
Immensa pedra, parte já de um monte,
E alcançando os tres magos na muralha
Aos tres o sangue e os ossos lhes espalha.

Assim voam as frontes impiedosas,
Feitas pedaços mil ensanguentados;
Pouco mais sob as mós mais ponderosas
Ficam os brandos trigos triturados.
Deixaram a gemer as criminosas
Almas os ares lucidos e amados,
E desceram do inferno á escuridade.
Mortaes, aprendei n'isto a piedade.

Emtanto a Sião a torre se approxima,
Que o vento contra as chammas a assegura;
Já chega perto, já do muro em cima
Lança a ponte que a elle se segura.
Corre a isto o Sultão, o esforço o anima,
E o passo angusto destruir procura;
Fervem golpes, e certo a cortaria;
Mas subito outra torre apparecia.

A grande mole se apresenta á vista
Immensa, e as mores cazas assoberba.
O sarraceno pasma, e se contrista
Ao vel-o; punge-lhe a alma dôr acerba.
Firme é o turco feroz, posto que o invista
Nuvem de pedras; e inda com soberba
Alma cortar a ponte audaz pretende,
E os que temem anima e reprehende.

Então o anjo Miguel, nuncio celeste,
Se mostra ao chefe, a elle só visivel;
Armadura translucida reveste,
Brilha mais do que o sol immarcescivel.
Godofredo, lhe diz, o tempo é este
De Sião libertar do jugo horrivel;
Não inclines o olhar amedrontado,
Vê como auxilio pelo céo te é dado.

Eléva os olhos, e contempla o immenso
Exercito immortal que o ar povôa;
Rasgarei para o veres o véo denso
Que o pensamento humano te ennevôa.
No espaço então divisarás suspenso
Num'ro infindo de espiritos (corôa
Do céo), e sustentar por breve instante
Dos anjos poderás a luz brilhante.

Vê como os que por Christo o sangue deram,
Do empyreo agora eternos moradores,
Em teu favor a pelejar vieram,
Quinhoando tuas glorias e louvores.
Lá onde o fumo e o pó no ar imperam,
E é mais basta a ruina, entre os vapores
De nevoa condensada Hugo combate,
E as altas torres temeroso abate.

Vê a Dudo tambem, que a grande porta
Aquilonar com ferro e fogo tenta;
Os combatentes arma, anima, exhorta
A subir, as escadas ergue e assenta.
Ao que está sobre o outeiro o olhar transporta;
C'roa, e vestidos sacros apresenta;
É o pastor Adhemar, alma ditosa,
Que ainda agora vos bemdiz piedosa.

Eleva, eleva mais a vista ardente;
Vê a cohorte celestial juntada.
Olha o chefe, e descobre de repente
Bella milicia d'azas adornada,
Partida em hostes tres, cada hoste ingente
Movendo-se em tres circulos formada,
Dos quaes mais se dilatam os externos;
São menores os circulos internos.

Baixa os olhos, tal brilho contemplando;
Alça-os de novo; nada lh'apparece;
Volve-os á pugna; os seus vê pelejando,
E que a victoria a todos favorece.
Muitos após Rinaldo vão trepando
Ao muro, onde este a morte ao syrio offrece:
Do chefe impaciente a mão guerreira
Então tira do alferes a bandeira,

E o primeiro na ponte suspendida
Se lança; oppõe-lhe forte resistencia
D'ella em meio o Sultão; de desmedida
Coragem ambos mostram a excellencia.
Grita o crú Solimão: dos mais á vida
Consagro e dou aqui minha existencia;
Cortae a ponte, amigos, com presteza;
Ao contrario serei bem cara preza:

Mas vê Rinaldo vir com rosto horrendo,
E que ante os golpes seus tudo fugia.
O que farei? a vida aqui perdendo,
A perco emvão, em obra sem valia;
E, de defesa novo ardil volvendo,
O passo livre ao capitão cedia,
Que o segue ameaçando, e da cruz santa
O pendão sobre os muros alevanta.

Em ondas a bandeira vencedora
Volteia com soberba magestade;
O vento reverente se minora;
N'ella duplica o sol a claridade;
Evita-a a pedra, e a setta voadora,
Ou recúa co'a mor velocidade;
Parece que Sião, e o opposto monte
A adoram ledos, inclinando a fronte.

Então todas as hostes elevaram
O grito festival e triumphante,
E os montes resoando replicaram
Os sons extremos; quasi n'esse instante
De Tancredo os esforços destroçaram
Quanto embaraço lhe oppuzera Argante;
Eil-o a sua ponte lança, ao muro passa,
E ergue o santo pendão, que ao vento esvoaça.

Mas para o sul, aonde o encanecido
Bom Raymundo e Aladino combatiam,
Os guerreiros gascões inda podido
Approximar a torre não haviam,
Que o rei da flor dos seus era cingido,
E todos pertinazes não cediam,
E, posto ali mais fraco fosse o muro,
Mais engenhos tornavam-n'o seguro.

Além d'isto a gran mole deparara
Estorvos aos das mais superiores,
Que ao sitio a asp'reza toda não tirara
A arte dos christãos oppugnadores.
Emtanto o brado ovante que soara
Ouviram os gascões e os defensores;
D'onde o ancião e o rei vêm ser tomada
A cidade no plaino situada.

Grita Raymundo aos seus: vence o estandarte
De Christo; do outro lado é Sião presa;
E comnosco inda luta! quê, só parte
Nós não teremos n'esta illustre empreza?
Porém o rei emfim, cedendo, parte,
Desesperado já de haver defesa,
E foge para um sitio forte e alto,
No qual espera sustentar o assalto.

N'isto os muros e as portas entra o inteiro
Exercito c'roado pela sorte,
Que abatido e queimado foi primeiro
Tudo que se lhe oppoz fechado e forte.
A ira farta o ferro do guerreiro;
Com o luto e o horror caminha a morte;
O sangue corre em rios abundantes,
Cheios de corpos mortos e expirantes.

CANTO XIX

Já a morte, o conselho, ou o medo tinha
Os infieis da defensão tirado;
Argante pertinaz só se mantinha
Ainda sobre o muro conquistado.
Com seguro semblante se sustinha
Pugnando de inimigos rodeado.
Prefere a morte a ver-se repellido,
E quer morrer sem parecer vencido.

Porém mais do que todos crú e infesto
Chega Tancredo, e o fere com bravura.
O circassiano reconhece presto
Pelo andar, pelas obras e armadura
Seu antigo rival, que ao dia sexto
Faltou, jurado tendo; e com voz dura
Lhe brada: assim, Tancredo, mantiveste
A fé? o modo de voltar é este?

Voltas tarde, e com outros; não rejeito
Entretanto comtigo exp'rimentar-me,
Posto inventor de machinas te has feito,
E não vens qual guerreiro procurar-me.
Escuda-te co'os teus: por vario geito
De engenhos novos teu valor se arme;
Não poderás das minhas mãos a morte
Fugir, ó matador das damas forte.

O bom Tancredo, como tal ouvisse,
Com rir de escarneo, e intrepido e orgulhoso,
Torno tardio certamente, disse;
Breve crerás que vim bem pressuroso,
E então almejarás te dividisse
De mim alpestre serra, ou o mar undoso;
Que esta minha demora não foi medo,
Nem covardia saberás bem cedo.

Vem, eu te espero, e á tua soberbia,
De heroes gigantes vencedor valente;
O matador das damas desafia
Teu braço; n'isto aos seus volvendo a frente,
Fazendo-os retirar, assim dizia:
Não o firaes, deixae-o a mim somente;
Este é mais que de vós meu inimigo,
Porque a elle me liga pacto antigo.

Ao campo desce pois só, ou seguido,
Qual quizeres, replica o circassiano,
Busca logar occulto ou concorrido,
Não te deixo, qualquer que for meu damno.
O convite assim feito e recebido,
Cada um á grande lide marcha ufano;
Acompanha-os o odio, e os seus rancores,
De rivaes, os faz mutuos defensores.

Zeloso de honra, só vingança expira
Tancredo, e o sangue do pagão deseja;
Se alguma gotta acaso outrem lhe tira,
Não suppõe que o seu odio farto seja;
Com o escudo o defende, e que o não fira
Grita a quem vê, posto que longe esteja;
Assim livra o inimigo das iradas
Armas dos vencedores inflammadas.

Afinal ambos deixam a cidade,
Ao campo dos christãos as costas dando,
E por senda tortuosa em liberdade
Movem o passo, mudos caminhando,
Té dar de estreito val na soledade
Entre muitos oiteiros, similhando
Um theatro, ou terreno circumdado,
Para as guerras, ou caça destinado.

Aqui param; Argante, a alma suspensa,
Volve o olhar a Sião, misera e afflicta;
Vê Tancredo o pagão sem ter defensa
D'escudo, e, o seu desamparando, o imita;
Depois brada: tua mente no que pensa?
Que do teu fim é perto a hora escrita?
Se, antevendo-o, do medo estás captivo,
É esse teu temor intempestivo.

Penso, diz, na cidade, da Judea
Rainha antiga, que ora a face inclina,
A qual de sustentar eu tive idéa,
Para a livrar da ultima ruina,
E que é vingança leve a est'alma chêa
D'ira tua fronte, que me o céo destina.
Cala-se, e um contra o outro vae attento,
Conscio das proprias forças e ardimento.

Agil Tancredo é; na ligeireza
Dos passos e dos golpes excellente;
O alto Argante excede-o na grandeza
Do corpo, e d'elle acima alteia a frente.
Gira baixo Tancredo com presteza
Para o atacar, ferir, porém prudente;
Encontra com a espada a do inimigo,
E a desvia fugindo do perigo.

Firme o circassiano e levantado,
Mostra egual arte, mas com modo vario,
Estende quanto póde o braço armado,
E do ferro em logar busca o contrario.
O christão novos meios tenta ousado;
Ao rosto sempre o gladio temerario
Lhe aponta Argante; ameaça-o, e está alerta
Para impedir-lhe a mais furtiva aberta.

D'est'arte, quando o vento não respira,
No mar combate egual e aventureiro
Entre dois lenhos deseguaes se admira,
Um mais possante, o outro mais ligeiro;
Um assalta e da prôa á popa gira,
O outro immovel jaz e sobranceiro,
E, quando o mais veloz mais perto passa,
Destruil-o de cima fero ameaça.

Emquanto surprehender o joven tenta
O infiel, e o ferro que lhe oppõe desvia,
Argante ao rosto a espada lhe apresenta;
Parar busca elle o golpe que descia,
Mas vibra-o tão veloz, com tão violenta
Dextra o impio, que emvão se defendia;
Fere-o no lado, e, vendo que é ferido,
Grita: ó esgrimidor, eis-te vencido.

Tancredo de vergonha, e d'ira ardendo,
Deixa os resguardos que até ali tomara;
Anceia apenas a vingança, crendo
Que não vencera, se em vencer tardára;
Com o ferro ás injurias respondendo,
Á vizeira lh'o aponta; Argante apára
O golpe; já Tancredo a meia espada
N'isto chegou com fronte sublimada.

Então co'o pé sinistro dando um passo,
O braço dextro do guerreiro prende,
E o dextro lado co'o direito braço
De estocadas mortiferas lhe offende.
Eis a resposta, diz com mofa e ameaço,
Que ao mestre envia quem com elle aprende.
Freme Argante e debalde se sacode,
Que o braço preso libertar não póde.

Emfim, deixando a espada na cadeia
Pendente, ao que o feriu rude lançou-se;
Imitou-o Tancredo; e, a alma cheia
D'ira, um ao outro subito abraçou-se.
Horrendo choque! nem na adusta areia
Com o gigante Alcides estreitou-se
Com mais força do que elles se estreitaram
Nos vigorosos braços, e lutaram.

Tamanha a luta foi, tanta a bravura,
Que cairam os dois no mesmo instante.
Fica, por artificio ou por ventura,
Só o braço esquerdo embaraçado a Argante;
Porém o que maneja a espada dura
Fica a Tancredo sob o infiel gigante;
Como veja o christão p'rigo tão certo,
Em pé salta, do outro já liberto.

Levanta-se o pagão mais vagaroso,
E é antes atrozmente vulnerado;
Mas qual pinheiro que Euro impetuoso
Dobra, e logo se eleva, não domado,
Tal seu peito o sublima valeroso,
Quando ia ser de todo subjugado.
Então começa pelejar terrivel,
Em que a arte empregar fora impossivel.

O sangue de Tancredo em copia salta,
Porém o do infiel corre em torrente;
Já com as forças o furor lhe falta,
Qual chamma alimentada debilmente.
Tancredo vendo que elle fraco o assalta,
E que o braço esmorece gradualmente,
O passo, generoso, atrás retira,
E assim falla, de parte posta a ira:

Homem valente, a palma da victoria
Cede a quem te venceu, cede á tua sorte;
Não desejo de ti despojo ou gloria,
Nem direito nenhum pretendo impor-te.
Mais tremendo o pagão com irrisoria
Voz assim lhe responde em crú transporte:
Que! já ousas vencido reputar-me?
Com vileza tamanha vens tentar-me?

Túa fortuna segue, nada temo;
Túa insania será por mim punida.
Bem como luz que no momento extremo
Renasce e cobra mais fulgor e vida,
Assim elle o furor uniu supremo,
E a força avigorou desfallecida.
Da já vizinha morte quer as horas
Illustrar com acções immorredoras.

Á direita a sinistra mão juntando,
Com ambas rijo a espada descarrega,
E, posto a do inimigo em meio achando,
Passa, e as espadoas a ferir lhe chega,
Ao ferir muitos golpes afundando
Nas costellas que rubro sangue rega.
Se acaso não temeu então Tancredo,
É seu peito incapaz de sentir medo.

Segunda o golpe o infiel, porém no vento
Emprega inutilmente a furia sua,
Porque a tudo Tancredo estava attento,
E com fugir evita a espada crúa.
Por seu peso obrigado, n'um momento
O forte Argante cae na terra núa.
Ninguem te derrubou, oh! sorte leda!
Tu foste o proprio autor da tua queda.

O cair as feridas lhe encruece,
E o sangue corre d'ellas com largueza.
Firma elle a esquerda em terra, e favorece,
Sobre um joelho erguido, inda a defeza.
Rende-te, novamente lhe offerece
O vencedor, tratando-o com nobreza,
Mas o outro entretanto em ar furtivo
No calcanhar o fere, e ameaça altivo.

Tancredo enfurecido então lhe brada:
Assim abusas da piedade minha?
E por uma e outra vez lhe enterra a espada
Na vizeira, e lhe tira a alma mesquinha.
Co'a ameaça no rosto inda pintada,
Argante morre qual vivido tinha.
São soberbos, terriveis e ferozes
Seus movimentos ultimos e vozes.

Embainha Tancredo a espada clara,
E dá graças a Deus do vencimento;
Porém sem forças quasi que deixara
Ao vencedor o pelejar cruento.
Teme este da maneira que ficara
Que não lhe soffra o andar o tenue alento;
Comtudo põe-se em marcha, e, passo a passo,
Arrasta o corpo ensanguentado e lasso.

Mas pouco andou que logo não parasse,
Pois quanto mais se esforça mais se cança,
Pelo que, em terra se assentando, a face
Poisa na mão que tremula balança.
Vê tudo como se em redor girasse,
E o resplandor do dia mal alcança;
Emfim desmaia, e junto do vencido
O vencedor mal fora distinguido.

Emquanto segue aqui d'est'arte a guerra,
Que odio particular fez tão ardente,
A ira vencedora á solta erra
Por Sião sobre o povo irreverente.
Oh! quem jamais da conquistada terra
A imagem poderá mostrar gemente?
Oh! quem ha de poder o miserando
Espectaculo atroz pintar fallando?

Reina a matança; grandes montes fazem
Os corpos; muitos vivos enterrados
Gemem sob os cadav'res, muitos jazem
Feridos sobre os mortos misturados;
Fugindo as tristes mães ao seio trazem
Os filhinhos, cabellos despregados,
E o soldado vergado co'o despojo
As virgens pela coma trás de rojo.

Mas para o occaso, as vias que ao famoso
Templo levam no alto da collina,
No sangue hostil manchado e horroroso,
Rinaldo corre, e á fuga o impio inclina.
Somente a fera espada o generoso
Contra os armados baixa, e os extermina.
Não val d'elmo ou d'escudo a fortaleza;
Não ter armas é a unica defesa.

Só vibra contra o ferro o ferro nobre;
Inermes atacar crê desprezivel;
Os que armadura ou animo não cobre
Faz fugir com o olhar e voz horrivel.
Ali bem claro o seu valor descobre;
Despreza, ameaça audaz, fere terrivel;
Com risco desegual afugentados
São egualmente armados, desarmados.

Já co'a gente mais fraca se acolhera
Parte da força ao templo sobranceiro,
O qual por vezes se queimara e erguera,
E o nome tem de Salomão, primeiro
Fundador, que de cedros o fizera,
De marmore e de ouro todo inteiro;
Agora não tão rico, mas seguro
Com torres, ferreas portas, e alto muro.

Chegando o cavalleiro onde acolhida
Contra o ferro christão a turba estava,
Acha as portas fechadas, e munida
A parte sup'rior que a luta esp'rava.
Vezes duas a vista alça temida
De baixo a cima, a ver se entrada achava,
E outras duas tambem com veloz passo
Circumda do edificio o largo espaço.

Qual lobo tragador que em noite escura
Rodeia a porta do redil fechada,
Nas fauces a avidez, e a fome dura
Pela nativa sanha estimulada,
Tal emtorno caminho elle procura
Ingreme ou plano que lhe dê entrada;
Na grande praça pára emfim; do alto
Esp'rando estam os miseros o assalto.

Não sei para que uso ali jazia
Posta de parte desmedida trave,
Que na altura, e no corpo excederia
Qualquer antena de alterosa nave.
Rinaldo (tal façanha quem creria?)
Toma-a na mão, para a qual nada é grave,
Em ar de lança, e impetuoso bate
A grande porta com tremendo embate.

Não resistem a pedra e o ferro á ira
Do rude encontro, no iterar mais forte.
Arranca os gonzos, os ferrolhos vira,
E arromba as grossas portas; de egual sorte
Ariete somente as alluira
Ou bombarda veloz, raio de morte.
Como um diluvio, pela aberta via
Seguem Rinaldo muitos á porfia.

Mortandade miserrima profana
O antigo templo, do Senhor outr'ora.
Ó justiça do Eterno soberana,
Tardaste para vir maior agora!
Teu poder despertou a ira insana
Nos peitos onde só piedade mora.
Deixa o pagão no sangue seu lavado
O templo já por elle profanado.

Emtanto Solimão á grande torre
De David se encaminha, e a toda a pressa
Dos seus co'o resto a ella se soccorre,
E as vias com defesas atravessa;
Para ali Aladino tambem corre.
Mal o nota, o Sultão assim começa:
Vem, ó famoso rei, vem abrigar-te
N'esta fortissima e elevada parte;

Pois aqui da inimiga tempestade
A vida guardar pódes, e o governo.
Ai! de mim! lhe responde, da cidade
O christão arruina o mais interno.
É finda a vida, o imperio, a f'licidade!
Vivi, reinei, não vivo, nem governo.
Póde dizer-se: fomos. Este é o dia
Ultimo que a nós todos allumia.

Senhor, que has feito da corage antiga?
O Sultão lhe replica impetuoso,
Se nos tira o poder sorte inimiga,
Fica o proprio valor, que é mais precioso.
Mas aos membros quebrados da fadiga
Busca dar ali dentro algum repouso.
Com taes palavras falla, e faz que o velho
Rei cumprimento dê ao seu conselho.

Ao lado a fida espada então suspende,
E, tomando ás mãos ambas ferrea maça,
A entrada impavido aos christãos defende,
E a marcha triumphante lhe embaraça.
É mortal cada golpe que descende,
E, se não mata, prostra; larga praça
Já fazem todos timidos correndo
Por fugir do Sultão ao braço horrendo.

De soldados intrepidos seguido,
Eis apparece o tolonez Raymundo.
Ao perigoso passo o velho ardido
Corre, e despreza os golpes furibundo:
Fere o turco, mas é mal succedido;
Não fere embalde o feridor segundo;
Colhe-o na fronte a maça que não erra,
E de costas, tremendo, o lança em terra.

Nos vencidos renasce finalmente
A ousadia que o medo afugentara;
É repellida a vencedora gente,
Ou morre no terreno em que lutara.
Mas Solimão, que o franco chefe ingente
Entre os mortos jazer ali repara,
Grita aos seus: conduzi esse guerreiro,
E seja conservado prisioneiro.

Executar vão elles o mandado,
Mas acham dura e fadigosa a empreza,
Porque é Raymundo pelos seus cercado,
Que lhe vem logo todos em defeza;
Pugna de um lado a furia, do outro lado
A amizade; é bem nobre e digna a preza;
A liberdade de homem tal, e a vida
Qual em roubar, qual em guardar só lida.

Entretanto afinal vencido houvera
O Sultão obstinado na vingança,
Pois á fulminea maça não podera
Resistir forte escudo, ou elmo, ou lança;
Mas ao contrario seu ajuda fera
Vê de uma e d'outra parte que se avança,
Que o grão guerreiro e o chefe se encontraram,
N'um ponto, inda que oppostos caminharam.

Como o pastor que, se rebrama o vento,
E resôa o trovão rouco troando,
Vendo trevas tornar-se o firmamento,
Vae do campo as ovelhas apartando,
Onde fuja ao furor do céo violento
Á pressa algum abrigo procurando,
E co'o cajado as faz andar diante,
Ao som das vozes que ouve o caminhante;

Tal o pagão que já chegar sentia
A irreparavel furia da procella,
Que o céo de horrendo fremito feria,
D'armas enchendo tudo, á força d'ella
Cede, e os soldados seus diante envia
Para os muros da forte cidadella;
Retira-se depois com fronte nobre,
Mas na prudencia inda o valor descobre.

Difficilmente acolhe-se o guerreiro
Á porta, porem mal fechado a tinha,
Quando, rompendo tudo, com ligeiro
Passo Rinaldo a ella se encaminha;
Por vencer o indomavel cavalleiro,
E executar seu juramento vinha,
Pois não se esquece, não, que promettera
Matar o que a Sueno a morte dera.

E n'essa hora co'a mão jamais domada
Certo atacara o inexpugnavel muro,
Nem sob o amparo seu da mão armada
Do contrario o Sultão fora seguro;
Mas toca o capitão á retirada,
Ao ver o firmamento todo escuro.
Ali mesmo repousa Godofredo
Para o assalto encetar de manhã cedo.

Dizia o chefe aos seus com confiança:
Do Eterno conseguimos os favores;
É feito o principal, pouca tardança
Terá o mais, findaram-se os temores.
A torre, do infiel pobre esperança,
Ámanhan cairá co'os pugnadores.
Tende agora piedade dos feridos;
Sejam os que padecem soccorridos.

Ide, cuidae de quem, do céo bemquisto,
Ganhou este paiz e eterno louro,
Coisa mais propria aos campiões de Christo,
Que desejar vingança ou vão thesouro.
Ai! já bastante sangue hoje se ha visto!
Ai! bastante em alguns cubiça de ouro!
Mais roubos, e cruezas vos defendo;
Publiquem as trombetas o que entendo.

Disse, e dirige-se onde o ancião valente,
Do golpe a si tornado, inda gemia.
Como elle, Solimão seguramente
Fallava aos seus, e a dôr n'alma escondia:
Emquanto a esp'rança é para nós virente
Não cedaes, socios meus, á sorte impia;
Nosso damno é de pouca consequencia;
Da-lhe o medo fallaz grande apparencia.

Tomou só o inimigo com seus feitos
Muros, e tectos vis da vil pobreza,
Porém não a cidade; em vossos peitos
Em nosso rei tem ella a fortaleza.
Salvo é o rei, salvos são os seus eleitos,
Vejo que nos rodeia alta defeza.
Guarde o christão a abandonada terra;
Vão troféo! perderá por fim a guerra.

Perdel-a-ha, que a experiencia o ensina;
Insolente na propria f'licidade,
Ha de entregar-se ás mortes, á rapina.
E aos abraços que foge a honestidade,
E, dado á orgia, aos roubos e á ruina,
Caírá co'a maior facilidade,
Se dentro d'este tempo nos acóde
A hoste egypcia, que tardar não póde.

Emtanto os edificios mais erguidos
Com pedras dominar nós poderemos.
E ao Sepulchro os caminhos dirigidos
Co'as machinas ao franco impediremos.
Assim, dando vigor aos opprimidos,
A esperança renova em taes extremos.
Ao passo que tudo isto aqui passava
Por entre os infieis Vafrino errava.

Mandado ao campo egypcio por espia,
Quando baixava o sol, partiu Vafrino;
Correu escura e solitaria via
Incognito, nocturno peregrino;
Por Ascalon passou; não reluzia
Então ainda o brilho matutino;
Depois o acampamento poderoso
Avistou, já na altura o sol radioso.

Tantas barracas viu com tremulantes
Pendões azues, vermelhos, amarellos,
E escutou tantas linguas discordantes,
Trompas, tambores, gritos de camellos,
Unidos aos de enormes elephantes,
E ao nitrir dos corceis grandes e bellos,
Que disse para si: á marcia lida
É a Africa, e a Asia conduzida.

*

A forte situação do campo observa,
E o vallo que o rodeia; após por onde
Toda a gente anda vae; não se conserva
Occulto; de ninguem foge ou se esconde.
Pela direita senda sem reserva
Passa, e ora pergunta, ora responde;
E em tudo que responde ou que pergunta
Habilidade á confiança ajunta.

Por aqui, por ali cuidoso gira,
E vias, tendas no girar compreende:
Armas, homens, cavallos nota e admira;
Vê tudo; os nomes até mesmo aprende.
Não contente com isto a mais aspira,
Espia o intento, e parte d'elle entende.
Tanto emfim anda, tal dextresa emprega
Que ao pavilhão do commandante chega.

Ali descobre descosida tela,
Que deixa ver e ouvir por fenda estreita,
A qual do capitão a estancia vela,
E para a parte mais escusa deita;
Por isso o que vae dentro vê por ella
Quem de fóra postado escuta e espreita;
Olha Vafrino, qual se não olhasse,
E concertar a tenda procurasse.

Armado, e núa a fronte, o chefe estava
Com vestido de purpura, encostado
A forte lança; um pagem lhe guardava,
Distante, o elmo, outro o broquel pezado;
Para um homem de torvo aspecto olhava,
Que alto e grosso de membros tinha ao lado.
Vafrino escuta, mas põe mais sentido,
Tendo de Godofredo o nome ouvido.

Emiren lhe dizia: tão seguro
És pois de dar a Godofredo a morte?
Sim, torna elle, e voltar ante vós juro
Vencedor, ou não volto d'outra sorte.
Prevenirei os meus no empenho duro.
Por triumphar de capitão tão forte
Só quero que no Cairo se me eleve
De suas armas trophéo, que dizer deve:

Ormundo ao chefe assolador do Oriente
Estas armas tirou em gran victoria
Junto co'a vida; e aqui deixou pendente
Este trophéo para eternal memoria.
Não, diz o outro, nosso rei contente
Não deixará sem paga tanta gloria;
Certo elle te dará o que tu queres,
Comtudo é justo que outro premio esperes.

As armas enganosas pois prepara;
O dia da batalha está já perto.
Promptas estam, responde. Mal findara
Calaram-se. Ficou Váfrino incerto
Em tantas coisas grandes que escutara,
Volvendo no pensar, sempre desperto,
Essa conjuração o que seria,
E essas armas, e nada comprehendia.

D'ali se retirou, e a noite inteira
Velou sem que um instante repouzasse;
Mas quando cada hoste a sua bandeira
Fez que á briza da aurora esvoaçasse,
Marchou tambem co'a multidão guerreira,
E com ella parou por que acampasse.
Então de novo andou de tenda em tenda,
A ver se encontra onde o mysterio entenda.

Procurando-o, acha em séde alta e pomposa
Armida entre guerreiros e donzellas,
Em suspiros, comsigo pezarosa
A meditar; uma das faces bellas
Repoisa sobre a mão nivea e mimosa;
Ao chão abaixa as languidas estrellas;
Se pranteia não sabe, mas molhados
Tem os olhos, de per'las carregados.

Em frente Adrasto soberboso vê-se;
Nem move os olhos, nem sequer respira;
Tão famulento apascentar parece
N'ella os desejos seus; o olhar não tira
Tisaferno dos dois, e se enfurece
De paixão umas vezes, outras d'ira,
No vario rosto bem mostrando as cores
Da colera ou do fogo dos amores.

Nota ainda Altamoro, o qual sentado
Entre as donzellas se encontrava á parte.
Não deixa este o desejo libertado,
Mas gira os olhos cúpidos com arte;
Volve-os á linda mão, ao rosto amado,
Ou já rodeia mais guardada parte,
E entra por onde não zeloso abria
Entre os seios um véo occulta via.

Ergue os olhos Armida emfim, e um tanto
Do magoado semblante a dor serena;
Atravez da tristeza e amargo pranto
De repente sorri suave e amena.
Senhor, prorompe co'o maior encanto,
Vossa promessa diminue-me a pena,
Que em breve espero hei de alcançar vingança;
Torna-me doce a ira esta esperança.

O indiano responde: á fronte mesta
Calma a dor, restitue a amenidade;
De Rinaldo a cabeça a ti molesta
Verás cair aos pés com brevidade,
Ou prisioneiro t'o trarei com esta
Mão vingadora, se é túa vontade;
Assim o prometti. Emquanto falla
Immovel o outro de furor se rala.

Volve ella a Tisaferno o olhar mavioso,
E, que pensas, senhor, diz docemente?
E elle com ironia: eu sou moroso,
De longe seguirei o ardor valente
Do teu campião terrivel e famoso.
Com taes ditos o punge cruelmente.
Torna-lhe o indio: assim fazel-o deves,
Pois commigo a medir-te não te atreves.

Tisaferno abanando a fronte altiva:
Ah! pudesse eu mostrar-te o meu intento!
Não fosse a minha espada ora captiva,
E viras já qual é de nós mais lento.
Nem a ti, nem tua furia vingativa
Temo; só temo o céo, e amor cruento.
Findou; Adrasto em pé contra elle poz-se;
Ao que Armida solicita interpoz-se,

Dizendo: pretendeis ver mallogrado
O soccorro que me heis offerecido?
Serdes meus campiões tendes jurado;
Devera empreza tal ter-vos unido.
Comigo se ira quem braveja irado;
Quem offende me offende; é bem sabido.
Assim lhes falla, e assim junta concordes
Sob jugo de ferro almas discordes.

Tudo Vafrino presenciava, e ouvia.
Retira-se depois. Da grande e incerta
Conjuração o fim debalde espia;
Em profunda mudez jaz encoberta.
Importuno té ás vezes se fazia;
Os desejos o estorvo lhe desperta.
Morrer ali decide, ou o grão segredo
Desvendado levar a Godofredo.

Busca artes mil de todos ignoradas,
Urdindo cada vez um novo engano,
E da conjuração, e das falladas
Armas não póde descobrir o arçano.
Pela sorte porfim são aclaradas
As duvidas do seu pensar insano,
Tanto que lhe é a insidia manifesta,
Que para o chefe dos christãos se apresta.

Tinha tornado onde assentada estava
Entre os seus campiões a hostil amante,
Pois opportuno esse logar julgava
Por ser de varias gentes abundante.
A uma joven que ali tambem se achava
Se chega, e tão affavel no semblante
Lhe dirige a palavra que parece
Que de antiga amisade a já conhece.

Dizia-lhe elle em ar de quem graceja;
Tambem servir alguma dama eu quero,
Por que por mim cortada a fronte seja
De Godofredo ou de Rinaldo fero.
Pede-me, se tua alma t'o deseja
De algum barão a vida, e dar-t'a espero.
Assim começa, e d'este modo uza
Por que a mais grave assumpto ella o conduza.

Mas taes palavras o christão dizendo,
Sorriu-se co'um seu geito costumado;
Ouviu-o, olhou-o uma donzella, e, vendo
Sorril-o, foi-se pôr junto a seu lado,
E lhe fallou: roubar-te ás mais pretendo;
Nem será teu amor mal empregado;
Meu campeão te elejo, e quero á parte,
Qual a meu campeão, ora fallar-te.

Depois com elle a sós: tu és Vafrino;
Acaso o teu olhar não me conhece?
Pasma, perturba-se o donzel ladino,
Porém sorrindo esta resposta offrece:
De te ver com lembrança não atino,
E teu rosto ser visto bem merece;
Só sei dizer-te que o meu nome erraste,
Pois por outro não meu me appellidaste.

Em Biserta nasci, que o sol fustiga,
De Lesbin, Almansor é o meu nome.
E a dama: eu sei a tua historia antiga,
Nem cuides que te o passo agora tome.
Não te occultes; não sou tua inimiga;
Por ti, se fôr preciso, á morte dou-me.
Herminia vês, filha de reis, e serva
De Tancredo depois, e tua comserva.

Em sua doce prizão dois ledos mezes
Benigna me guardaste e piamente,
Com maneiras servindo-me cortezes.
Olha para o meu rosto attentamente.
O escudeiro que a vira tantas vezes
Reconheceu-a logo facilmente.
Torna Herminia: de mim fica seguro;
Por este céo, por este sol t'o juro.

Até quero pedir-te que ao voltares
Me reconduzas á prizão amada;
Noites e dias cheios de pezares
Em liberdade vivo, desgraçada!
Se acaso por espia aqui andares,
Fortuna encontras grande e assignalada,
Pois a conjuração que se prepara
Saberás, e o que a custo se alcançara.

Assim diz: elle, olhando-a mudo e attento,
De Armida vem-lhe á mente a aleivosia.
É garrula a mulher, e n'um momento
Muda; insensato quem se n'ella fia.
Emfim responde: se has no pensamento
Vir commigo, terás seguro guia.
Seja isto entre nós ambos ajustado;
O mais para depois fique guardado.

Determinam partir d'ali primeiro
Que a multidão do Egypto em marcha fora.
Deixa Vafrino o pavilhão guerreiro;
Ella ás damas se torna, e se demora.
Falla com modo leve e galhofeiro
Do seu campião; depois vem para fora.
Ao prescrito logar a peregrina
Chega, e dirigem-se ambos á campina.

Por parte seguem já, erma e escondida,
Já o campo foge, e a solidão redobra,
Quando elle: agora dize como á vida
Do pio Godofredo a iniqua obra
Da traição se propõe. Da trama urdida
Então a historia toda ella desdobra.
Oito guerreiros, torna d'esta sorte,
Dos quaes é principal Ormundo o forte,

Por maldade ou por odio conspiraram.
O negro plano seu direi qual seja:
No dia em que os destinos ordenaram
Do imperio d'Asia a singular peleja,
Vestir armas francezas ajustaram,
E pôr n'ellas a cruz da vossa egreja;
Será de branco e d'ouro o seu vestido,
Co'o da guarda do chefe parecido.

Mas todos, dos christãos por differença,
No elmo hão de levar um signal posto;
Depois quando os exercitos na intensa
Peleja só formarem um composto,
Cercarão Godofredo sem defensa,
De guardas simulando amigo rosto,
Com ferros no veneno temperados
Por que os golpes de morte vão armados.

E como pelo exercito constasse
Que eu vos sabia os usos e armadura,
Mandaram-me que as armas ordenasse,
E obrigada me vi á obra dura.
Eis a causa que fez com que deixasse
O campo e a gente imperiosa e impura.
Aborreço em traições envolta achar-me;
Não quero no seu mal contaminar-me.

Eis a causa, outra ha... N'isto se cala,
Baixando os olhos, que o rubor a cobre,
E os derradeiros sons da meiga falla
Tenta reter, porém inda os descobre.
Vafrino que a seguir quer obrigal-a
Para que diga o que a vergonha encobre:
Mereço pouca fé; d'esta maneira
Porque occultas a causa verdadeira?

Suspira a bella por amor captiva,
E em som tremulo e surdo a voz derrama:
Vergonha mal guardada e intempestiva
Vae-te, que nada aqui ora te chama.
Porque tentas, emvão aspera e esquiva,
Com teu fogo encobrir de amor a flamma?
Em outro tempo te acatei bastante,
Hoje és inutil, sou donzella errante.

Pouco depois acrescentou: n'aquella
Noite fatal a mim e á patria amada,
Mais ainda eu senti do que perdel-a
A dor na sua queda originada.
Perda pequena é a c'rôa, mas com ella
Tambem me despenhei, ai, desgraçada!
Ali vi para sempre então perdidos
Coração, pensamento, alma, sentidos.

Sabes como eu, de medo o peito cheio,
Vendo tanto prear, ruina tanta,
A Tancredo corri que diante veio,
E pôz no paço meu primeiro a planta;
Como lhe disse humilde com receio:
Ah! tem piedade, o teu furor quebranta,
Invicto vencedor; vida não peço,
Salva-me só da virgindade o preço.

Elle, dando-me a mão victoriosa,
Não deixou que eu findasse, e com nobreza:
Não supplicas em vão, virgem formosa,
Em mim encontrarás certa defesa.
Então não sei que sensação maviosa
Me entrou no coração, ficou lá presa,
Que após, vagando n'alma enfeitiçada,
Não sei como, em incendio foi tornada.

Muita vez vizitou-me, e com piedade
Me consolou, meus males lastimando.
Um dia disse: dou-te a liberdade;
E deu-m'a dos meus bens nada guardando.
Ai! não foi dom, foi roubo e crueldade!
Libertou-me, o meu ser de mim tirando!
O que era menos digno e cáro deu-me,
Porém á força o coração prendeu-me.

Quem vela amor? A ti frequentemente
Por meu senhor anciosa perguntava;
Tu, vendo-me os signaes da alma doente,
Disseste que de amor eu me abrasava.
Neguei-o, mas um meu suspiro ardente
Confessou-te o que o peito em si guardava
Talvez até o olhar t'o demonstrasse,
E o forte incendio em que ardo delatasse.

Desditoso silencio! Ah! que eu tivera
Remedio então buscado ás minhas dôres,
Já que depois o meu destino era
Desenfrear embalde os meus ardores!
Parti-me em summa, e truxe a chaga fera
Escondida; julguei morrer de amores;
Por fim soccorro á vida amor buscou-me,
E de todo o respeito libertou-me.

Foi procurar Tancredo o meu intento
A ver se ao mal que fez daria cura;
Mas no caminho grande impedimento
Achei de gente descortez e dura;
De suas mãos escapei por um momento,
E de um bosque fugi para a espessura,
Onde das selvas fui habitadora,
E algum tempo vivi, feita pastora.

O desejo do medo sofreado
Dentro em breve acordou, vontade deu-me
De tornar novamente ao sitio amado,
E a mesma desventura aconteceu-me.
Não alcancei fugir, que troço armado
Me seguiu as pizadas e prendeu-me.
Á cidade de Gaza fui levada,
Pois por egypcios fora aprisionada.

Ao chefe como dom me apresentaram;
Contei-lhe o fado meu, e compungida
Tanto fiz a sua alma, que me honraram
Quantos dias vivi junto de Armida.
Assim por varias vezes me tomaram,
E fiquei livre. Eis minha triste vida.
Mas o grilhão primeiro inda conserva
A tantas vezes libertada e serva.

Oh! que esse que o lançou d'est'alma em volta
Para jamais a desprender, não diga:
Outro asylo procura, ó mulher solta,
Que de andar vagabunda és só amiga;
Não; estime piedoso a minha volta,
E me receba na prizão antiga.
Assim Herminia diz, e conversando
Vão ambos, noite e dia a par andando.

Vafrino, abandonada a usada via,
Busca trilho mais curto ou mais seguro.
Chegam junto a Sião quando descia
O sol, deixando o céo em parte escuro.
Vêem que sangue o chão enrubescia,
E um guerreiro depois de sangue impuro,
Que o caminho co'o corpo lhe embaraça;
Para o ar vira o rosto, e, morto, ameaça.

Ser pagão no vestir denunciava,
E nas armas; alem passa o escudeiro.
Mas d'ali perto logo reparava
Tambem jazer em terra outro guerreiro.
Este é christão, Vafrino em si pensava;
Negra a veste! sel-o-ha? Salta ligeiro
Do cavallo, as passadas precipita;
Vê-lhe a face; é Tancredo morto, grita!

Parára para olhar attentamente
O guerreiro feroz a desgraçada,
Quando pela voz triste cruelmente
Do peito no mais fundo é traspassada.
Ao nome de Tancredo velozmente
Corre fora de si e delirada,
E, a fronte vendo desmaiada e bella,
Não desce, não, atira-se da sella.

Sobre elle infindo pranto afflicta chora,
E, em suffocada voz sua dor soltando:
Em que tempo a fortuna enganadora
Me traz aqui! Oh! quadro miserando!
Tancredo, pude emfim achar-te agora,
Torno-te a ver, e não me vês chorando;
Vejo-te, e não me vês, ai! alma triste!
Para perdel-o eternamente, o viste!

Desgraçada de mim! quando julgara
Que foras a meus olhos desgostoso!
Se para te não ver cega ficara
Que f'licidade! nem olhar-te eu ouso.
Ai! a luz de teus olhos doce e avára
Onde está? que é do brilho seu formoso?
Onde estam do teu rosto as vivas cores?
Sua serenidade, e seus primores?

Mas que? inda, cadaver, de ti gósto.
Alma bella, se estás no corpo d'elle,
Se ouves o pranto que me banha o rosto,
Perdôa o arrojo, o furto; amor m'impelle.
Os beijos, que esperei colher com gosto,
Da boca fria que o viver expelle
Quero roubar, a ver se d'esta sorte
O posso em parte libertar da morte.

Boca piedosa que durante a vida
Costumavas as magoas abrandar-me,
Deixa, antes de chegar minha partida,
Com um teu cáro beijo consolar-me.
Talvez d'antes m'o deras, se atrevida
Fosse em pedir; nada hoje pódes dar-me!
Deixa abraçar-te, e que aos teus labios chame
Meu espirito, e n'elles o derrame.

Recolhe est'alma que te vae seguindo;
Leva-a para onde a tua se partiu.
Com gemidos a falla confundindo,
Assim diz, e de pranto vérte um rio.
Elle, suas quentes lagrimas sentindo,
Um pouco os labios languidos abriu,
E, inda os olhos fechados, um gemido
Desprendeu com os d'ella confundido.

Ouve a dama gemer o cavalleiro,
E ao escutal-o se consola um tanto.
Abre os olhos, Tancredo, o derradeiro
Dever te pago, exclama, com meu pranto.
Olha-me, quero ser-te companheiro
No transito fatal, ó meu encanto;
Olha-me, não me fujas tão depressa,
Será a extrema coisa que te peça.

Abre os olhos Tancredo frouxamente
E logo os cerra, a desditosa chora.
Vive, Vafrino diz; primeiramente
Cumpre tratal-o; cesse o pranto agora.
N'isto o desarma; ella com mão tremente
O ajuda, e, de remedios sabedora,
Depois de as chagas contemplar experta,
Sente a esp'rança que n'alma se desperta.

Vê que o mal da fadiga só provinha,
E do abundante sangue derramado.
Como apenas um véo, mais nada tinha
Para o pensar em tal logar e estado,
Amor com artes novas encaminha
A sua piedade, e o seu cuidado;
Amor que os corações a tudo obriga
Vem a piedade soccorrer amiga.

Co'a trança enxuga o sangue que escorria;
Os cabellos arranca, e lhe ata as fr'idas.
Dictamo e croco Herminia não havia,
Porém magas palavras conhecidas.
Eil-o que a vir a si já principia,
Eil-o ergue o frouxo olhar, mal são ouvidas;
Já conhece o escudeiro, e a pia dama,
Curva sobre elle, a vista já lhe chama.

Vafrino, como aqui vieste e quando?
E tu quem és, ó medica piedosa?
Ella, entre alegre e incerta suspirando,
O bello rosto orna da côr da rosa.
Tudo sab'rás, responde, agora mando
Calar-te, como medica; repousa.
Terás saúde; a paga me prepara.
N'isto a fronte do heroe no collo ampara.

Entretanto Vafrino como o leve
Antes da noite aos arraiaes pondera;
Porém guerreira força chega em breve
Que do mesmo Tancredo gente era.
Junto com elle estava quando teve
Começo com Argante a lide fera,
Por seu chefe mandar, o não seguiu,
Mas procurou-o, mal demora viu.

Andavam muitos n'esta mesma empreza,
Até que o vão achar em tal estado.
Um assento dos braços com presteza
Arranjam, por que seja transportado.
Disse Tancredo então: dos corvos presa
Ha de o valente Argante ser deixado?
Ah! não; não fique assim tanta bravura
Privada de louvor e sepultura.

Ao seu corpo já morto e emmudecido
Não faço guerra; pereceu qual forte;
Pelo que este cuidado lhe é devido,
Só cuidado que resta após a morte.
É Argante por muitos conduzido
Atrás do vencedor. Vão d'esta sorte
Os dois heroes, e ao lado da donzella
Vae Vafrino bem como em guarda d'ella.

Andando, ajunta o principe: á cidade,
Não á minha barraca ir-me pretendo;
Se acabar morro aonde á humanidade
Deus se sacrificou, na cruz soffrendo.
O caminho da eterna f'licidade
Talvez que facilite, assim morrendo.
D'est'arte perfarei o santo voto,
E o meu projecto cumprirei devoto.

Sua ordem se executa. Em mole cama
É posto, e logo o toma somno quieto.
Vafrino, não distante, para a dama
Asylo encontra incognito e secreto.
D'ali procura o chefe que o céo ama,
E entra sem estorvo. O grande objecto
Este medita da futura empreza,
E nas balanças os conselhos peza.

Godofredo na borda se assentava
Do leito onde doente era Raymundo;
Como nobre corôa, o rodeava
Quanto de arrojo ou de pensar fecundo
O exercito christão em si contava.
Falla o donzel, reina silencio fundo.
Qual mandaste, senhor, elle dizia,
Os arraiaes entrei da raça impia.

Mas com ouvir a relação immensa
De quantos vi armados tu não contes;
Só direi que ao passar era tão densa
A multidão que enchia o plaino e os montes;
Onde chegava despojava infensa
Os campos, e seccava rios e fontes.
Toda a agua que encontra não lhe basta;
Quanto a Syria produz sem pena gasta.

Porém dos de cavallo, e dos infantes
Em parte são inuteis as fileiras,
Pois, indisciplinados, ignorantes,
Não tem ferro, e só frechas traiçoeiras;
Comtudo alguns guerreiros ha prestantes
Que da Persia seguiram as bandeiras;
E talvez inda é hoste de mais fama
A que hoste immortal do rei se chama.

Immortal é chamada, pois de feito
Jamais falta no numero padece.
Se algum succumbe promptamente eleito
Outro no seu logar logo apparece.
Rege Emiren as forças, cujo peito
Poucos rivaes, talvez nenhum conhece.
Manda-lhe o rei por todo o modo e arte
Que a peleja campal busque chamar-te.

Creio que dias dois apenas tarde
A aqui chegar o exercito contrario.
Tu, ó Rinaldo, que o valor te guarde
A fronte do desejo sanguinario.
Contra ella o ferro afia, e em raiva arde
Quanto ha forte no campo e temerario,
Por que a si se propõe por paga Armida
Ao que a cabeça te cortar e a vida.

Conta-se entre estes o famoso persa
Altamoro, que é rei de Samarcanda,
E Adrasto o gigantêo, que onde dispersa
A aurora as rosas grande reino manda,
Homem de condição dos mais diversa,
Que só no dorso de elephantes anda;
Acompanha-os o fero Tisaferno,
A quem a fama dá louvor superno.

Assim diz elle; e o joven decidido
Lança fogo dos olhos indignado;
Em meio dos contrarios envolvido
Quizera estar; nem sofrear-se é dado.
Então Vafrino ao capitão: sabido
Tudo não has, bem pouco te hei contado;
Hão de as armas de Judas empregar-se,
E contra a vida tua assignalar-se.

Quanto em si a traição horrenda esconde
Ao chefe narra logo por miudo:
As armas falsas, como o ouviu e onde,
Promessas, premios, o veneno, tudo.
Muito perguntam, muito elle responde;
O concilio, escutando-o, fica mudo.
Diz então Godofredo ao sabio velho:
Que devemos fazer, qual teu conselho?

Torna elle: de ámanhã co'os resplandores
Julgo que já não deve o assalto dar-se,
Mas na torre apertar os defensores
Por que d'ali não possam apartar-se;
E repousemos nós para os maiores
Feitos em que ha de o exercito encontrar-se.
Tu pensarás se o egypcio mais te agrada
Entreter, ou buscal-o á força armada.

Comtudo meu conselho é tal: primeiro
Em salvo pôr os dias teus procura;
Só por ti vence o exercito guerreiro;
Sem ti quem o dirige, e o assegura?
Por descobrir o bando traiçoeiro
Muda dos teus soldados a armadura.
D'est'arte deve desvendar o engano
Quem escondido o traz no peito insano.

O capitão responde: és meu amigo,
Mostral-o, como sempre, e sabia mente;
Porém o que apontaste acabo e digo:
Do Egypto marcharemos contra a gente.
Dos vallos e dos muros sob o abrigo
Não fiquem os senhores do Oriente.
D'esses impios a força exp'rimentemos
Em campo aberto, e á luz do sol pugnemos.

Do nosso nome só ante a grandeza
Tremerão, e ante o nosso atrevimento;
Cahirá toda a sua fortaleza;
Do nosso imperio estavel fundamento.
Ha de entregar-se a torre, ou, se defesa
Off'recer, tomal-a-hemos n'um momento.
N'isto se parte o heroe; já declinavam
As estrellas, e ao somno convidavam.

CANTO XX

Já os mortaes á lida o sol chamava,
Já dez horas corrido tinha o dia,
Quando a gente que a torre povoava,
Sombra incerta de longe descobria,
Que nevoa em fria tarde similhava;
Ser o exercito amigo emfim já via.
Sob elle oiteiros, campos desparecem,
E os céos co'o pó miudo se escurecem.

Então levantam bellicosa grita
Até os céos as sitiadas gentes;
Assim turba de grous deixa infinita
A Thracia, quando os campos são algentes,
E a mais suaves climas precipita
Os vôos, dando gritos estridentes;
Já o infiel co'a ajuda que vê prompta
Settas lança, e da lingua solta a affronta.

Bem as causas os francos suspeitaram
D'onde tamanha audacia origem tinha,
E, subindo a alta parte, divizaram
Do Egypto a hoste que marchando vinha.
Logo os peitos altivos se animaram;
Todos querem combate; já se apinha
A mocidade, e, junta, n'um só grito
Clama: o signal, ó capitão invicto.

Mas antes do sol novo não concede
Batalha o chefe, e os seus faz que se enfreiem;
Até em correrias lhes impede
Que do inimigo o exercito salteiem.
Tanta fadiga, diz, um dia pede
Em que os corpos cançados se recreiem.
Talvez queira tambem com tal tardança
No contrario infundir vã confiança.

Cada qual fervoroso se prepara
Impaciente a nova luz esp'rando.
Nunca o ar tão formoso se mostrára
Como ao nascer do dia memorando.
Sorri a aurora resplendente e clara,
Sol cingido de raios imitando;
Dobra o céo o esplendor; a grã peleja
Sem véo algum presenciar deseja.

Godofredo, mal vê a luz saída,
Põe-se em marcha co'o exercito ordenado;
Mas a guarda do rei deixa incumbida
Ao bom Raymundo, e ao povo baptizado,
Que da terra viera á Syria unida
Ajudar os que o tinham libertado;
Num'ro grande que á torre o egresso fecha.
De gascões uma força tambem deixa.

Marcha; e todos lhe notam no semblante
O annuncio de vencer a christandade;
Nova graça lhe infunde o céo, brilhante,
Ornando-o de não vista magestade;
Dá-lhe ao rosto a nobreza; á scintillante
Frescura o faz voltar da mocidade,
E no olhar e no corpo soberano
Mais ser parece do que um ente humano.

Em pouco tempo chega onde o imponente
Exercito descrido se acampava;
Logo um monte occupar faz diligente,
O qual atrás e á esquerda lhe ficava.
Depois no plaino os seus com larga frente,
E com flancos estreitos desdobrava;
Fecha os peões no meio, e de uma força
De cavallos os lados lhes reforça.

N'ala sinistra que se achava perto
Do outeiro já tomado, que a protege,
Põe um e outro principe Roberto;
Commandante do centro o irmão elege;
A direita que occupa o campo aberto,
Onde ha p'rigos maiores, elle rege,
A direita, que o egypcio, pois havia
Maior força, envolver pretenderia.

Os lotaringios seus, e os seus primeiros
Soldados põe ali, e os mais armados;
Alguns peões colloca entre os archeiros
A cavallo, a esta pugna costumados;
Após não longe põe de aventureiros
Um esquadrão, e d'outros extremados.
Á parte estes ordena no direito
Flanco; é d'elles Rinaldo chefe eleito.

Ao qual diz: móra em ti a nossa esp'rança,
De ti depende só o vencimento.
Occulto com tua hoste aqui descança
D'estas alas atrás té o momento
Em que chegue o inimigo; então avança
Pelo lado, e lhe frustra o ousado intento,
O qual será, se o meu pensar não erra,
Girando, á espalda e flancos fazer guerra.

Diz, e a cavallo as alas revistando,
Vôa entre os cavalleiros e os infantes.
Alta a vizeira traz, e faiscando
Vê-se-lhe o rosto, e os olhos fulminantes.
Uns conforta e assegura, outros lembrando
Vae das promessas que fizeram d'antes,
Outros do seu valor; a quem maiores
Premios promette, a quem grandes louvores.

Pára emfim no logar onde se via
Do exercito o mais nobre, e o mais luzido,
E com discurso que as razões prendia
Principia a fallar em sitio erguido.
Qual do cume de alpestre serrania
Se precipita o gelo derretido,
Taes corriam voluveis e velozes
Da sua boca as sonorosas vozes:

Dos inimigos de Jesus flagello,
Guerreiros vencedores do Oriente,
Eis o ultimo dia surge bello,
Que desejastes tanto; eil-o presente.
Seus contrarios uniu o céo; fazel-o
Não quiz de certo sem motivo ingente;
Mandou que todos elles se juntassem
Por que as guerras com uma se acabassem.

Muitas victorias n'uma colheremos,
Nem com risco maior, ou mais fadiga.
Não trepideis; nenhum motivo temos
Para temer a immensa hoste inimiga.
Discorde dentro em pouco, nós veremos
Que ella a si se embaraça e se afadiga.
Poucos pelejarão, não terão peito
Uns, a outros será o campo estreito.

Quasi todos os quê nos arrostarem
São nús, sem força ou arte e sem bravura;
Para o vil ocio e escravidão deixarem
Foi preciso empregar a força dura.
Gladios, pendões, escudos vacillarem
De medo já distingo d'esta altura;
Seus movimentos noto e sons incertos;
Vejo n'elles da morte os signaes certos.

Esse que de ouro e purpura trajado
Ordena os seus e tão feroz se ostenta,
Talvez o mouro ou arabe ha domado,
Mas contra nós seu brio não o sustenta.
Que ha de fazer, ainda que assisado,
Em confusão tão grande e turbulenta?
Dos que manda não é, qual me parece,
Bem conhecido, e poucos só conhece.

Mas eu impero em vós, gente escolhida;
Socio vos fui no p'rigo e vencimento,
E vosso chefe na mavorcia lida;
De qual de vós ignoro o nascimento?
Que espada me será desconhecida?
Que setta, inda voando, n'um momento
Não diff'renço, e não sei que braço a manda,
Se frecheiro francez ou se da Irlanda?

Nada exijo de vós; a similhança
Faça cada um do que fazer lhe hei visto;
Haja a fé que costuma, e na lembrança
O que deve á sua honra, á minha e a Christo.
Ide, abatei dos impios a pujança,
Firmae o reino do Senhor bemquisto.
Porque inda vos detenho em taes extremos?
Em vossos olhos vejo que vencemos.

Disse, e julgáreis que da azul saphyra
Desceu sobre elle um raio de luz bella,
Como quando do manto negro atira
Estiva noite reluzente estrella.
Mas que este o sol mandou se presumira
Do seio onde a mais pura chamma véla;
Creram vêl-o a cabeça rodear-lhe,
E a corôa futura annunciar-lhe.

Talvez (se é dado o celestial mysterio
Lerem ideias do homem presumpçosas)
Foi o seu anjo que baixou do ethereo
Côro, e o cercou co'as azas luminosas.
Emquanto assim fallou com brando imperio
Godofredo, e suas gentes anciosas
Dispôz, tambem o egypcio aos seus fallara,
E para pelejar os ordenara.

O exercito postou, apenas viu
Marchar ao longe o franco preparado,
E, em arco, ao meio com peões, o abriu,
Pela cavallaria flanqueado.
A elle o dextro lado competiu,
Foi o esquerdo a Altamoro destinado;
Commanda a peonagem reunida
Muleiassem; no centro fica Armida.

Do chefe à dextra Tisaferno estava,
E Adrasto, e a regia hoste preeminente;
Mas onde o largo espaço facultava
Á ala esquerda girar mais facilmente,
Altamoro os tyrannos commandava
Da Lybia, Persia e da Ethiopia ardente.
Fundas, arcos, balistas com sua furia
Farão d'aqui aos francos rude injuria.

D'esta sorte Emiren os seus ordena
E lhes passa revista em marcio arreio;
Por si ou por interpretes a pena
E o premio offrece, louva e exprobra em meio.
D'algum que triste vê assim condemna
A fraqueza: de que é que tens receio?
Que póde um contra cem? afugentados
Serão co'a sombra nossa, e os nossos brados.

A outro: ó valeroso, com aberta
Coragem cobra a preza a nós roubada.
No pensamento a algum tambem desperta,
E quasi que lhe mostra a patria amada,
Que afflicta a elle chama, e a triste e incerta
Supplicante familia lastimada.
Depois ajunta: por meus labios falla
A tua terra natal, vem escutal-a:

Protege as minhas leis; que o meu profano
Sangue não banhe os templos; assegura
A virgem do furor do deshumano,
E dos avós a cara sepultura.
Os graves anciãos, chorando o damno
Do tempo, de suas cans mostram-te a alvura;
Mostra-te a meiga esposa o doce peito,
Os filhinhos, o berço, o casto leito.

Depois a muitos: a Asia defensores
Da sua honra vos faz; móra a esperança
Em vós de n'esses poucos roubadores
Tomar cruel, justissima vingança.
Assim prepara os seus para os horrores
Da guerra, e lhes infunde confiança.
Mas de fallar ambos os chefes param,
Que os campos já por pouco se separam.

Que espectac'lo! quando ambas as guerreiras
Hostes se estam em frente contemplando!
Como em ordem se estendem as fileiras
De mover-se, e atacar signaes já dando!
Soltas ao vento ondeiam as bandeiras,
Dos elmos vêm-se as plumas meneando;
Vestes, emprezas mil, armas brilhantes,
E ao sol o ouro e o ferro dardejantes.

Os dois campos são densa, alta floresta,
Cada um d'elles em armas tanto abunda!
Vibram-se os dardos, já se a lança enresta,
Arma-se o arco, roda no ar a funda.
Para a guerra o cavallo já se apresta,
E o odio e a furia do senhor segunda;
Raspa, bate, relincha, altivo gira,
Incha as ventas, e fumo e fogo expira.

Em tal quadro é o horror até formoso;
Co'o temor um prazer brota secreto;
O brado tão tremendo e sonoroso
Das trombetas é ledo e fero objecto.
O christão, posto menos numeroso,
Mais admiravel é nos sons e aspecto;
As trompas suas mais guerreiras clamam,
E as armas luz muito maior derramam.

Sôa a trompa christã, e a pugna off'rece;
Responde-lhe o infiel, e acceita a guerra;
Ajoelham-se os francos, viva prece
Fazem ao céo, depois beijam a terra.
Mingua no meio o campo, eis desparece;
Já com um inimigo o outro cerra;
Já peleja feroz anda nos lados,
E avançam os infantes apressados.

Entre os que ao infiel fizeram damno
Em primeiro logar te distinguiste,
Gildipe illustre, que o famoso Ircano
Que reinava em Ormuz logo feriste,
(Á mão de uma mulher o céo sob'rano
Tal gloria deu) e pelo peito o abriste.
Cae elle traspassado, e assim caindo
Ouve o golpe os contrarios applaudindo.

Tendo quebrado a lança, com bravura
Empunha a dama varonil a espada;
Mette o corcel dos persas á espessura;
Abre, rareia as filas arrojada.
Partido quasi em dois pela cintura
Com um golpe, na terra ensanguentada
Prostra Zopiro (a furia sua é tanta!);
Ao feroz Alarcon corta a garganta.

Fere Artaxerxe e Argeu em pouco espaço;
Derruba um, outro co'a morte pune.
Depois corta a Ismael do esquerdo braço
Os nervos, onde a mão com elle se une;
Deixa esta a redea e cae; sem embaraço
Sobre a fronte ao corcel o golpe zune,
O qual, vendo-se livre, pela turba
Armada foge, e as filas lhe perturba.

Estes e muitos mais que o tempo vela
Com o vetusto manto á morte envia.
Anciosos de tomar a dama bella,
Chegam os persas, cercam-na á porfia;
Mas o esposo fiel teme por ella,
E corre a soccorrer quem mais queria.
Assim ambos concordes alma cobram,
E na firme união as forças dobram.

Arte nova de guerra, nunca ouvida,
Os amantes magnanimos defende.
Cada qual, esquecendo a propria vida,
A defender a do outro só attende;
Rebate os golpes a guerreira ardida,
Com que o feroz contrario o amado offende;
Elle as armas que a buscam firme apara
No escudo; até na fronte as aparara.

Se a defeza é commum, da mesma sorte
É commum a vingança. Ao arrogante
Artaban elle faz descer a morte;
Guerreiro este era em Boecân reinante.
Lança em terra tambem co'o braço forte
O que feriu a cara amada, Alvante.
Ella entre as sobrancelhas a Arimonte,
Que o esposo ameaça, parte a fronte.

Com estrago maior o rei famoso
De Samarcanda os francos assolava,
Que onde o corcel movia, e o ferro iroso
Os cavalleiros e peões prostrava.
Quem ali morre logo é bem ditoso,
Porque assim peior morte não provava;
Pois se acaso algum tomba vulnerado
É do cavallo sob os pés calcado.

Pela mão de Altamoro carniceira
Cae Brunelón membrudo, Ardouin, o grande.
De um parte o elmo e a fronte de maneira
Que em dúas pende sobre as costas; brande
Ao outro um golpe até onde a primeira
Causa o rir tem, e o coração expande,
De tal sorte que (estranho caso e horrendo)
Era obrigado a rir mesmo morrendo.

Nem a estes somente dividiu
O gladio matador do doce mundo,
Mas na morte egulamente reuniu
Guido, Gentonio, Guasco e Rosamundo.
Quem contaria os que elle destruiu
Com o ferro e o cavallo, furibundo?
Quem os nomes dissera aos mortos todos?
Quem das f'ridas e morte os varios modos?

Ninguem ha que ao pagão altivo affronte,
Nem que distante ao menos o ameace;
Gildipe só contra elle volve a fronte,
Sem ver desegualdade; com tal face
Nunca Amazona junto ao Termodonte
Se conta que a bipenne manejasse,
Ou embraçasse o ponderoso escudo,
Como a bella atacando o persa rudo.

Fere-o aonde de esmalte e ouro brilhava
Diadema por que o elmo era cercado,
E lh'o quebra e desparze; á força brava
A baixar a cabeça elle é forçado.
De mão viril o golpe similhava;
Treme d'ira Altamoro envergonhado;
Porém vinga-se logo, e a affronta pune,
Pois affronta e vingança a um tempo une.

Alcança a dama sobre a nivea frente,
E uma f'rida lhe faz; tão grande é ella,
Que a priva dos sentidos totalmente,
E, o esposo a não ser, perdera a sella.
Por seu bom fado o infiel, ou por valente,
Não procura ferir mais a donzella,
Qual leão que despreza generoso
Quem jaz por terra, e segue valeroso.

Ormundo emtanto, a cujas mãos damnadas
Incumbido se havia a empreza impura,
No meio dos christãos co'as simuladas
Armas junto co'os socios se mistura.
Assim de noite os lobos as manadas
Buscam, occultos pela nevoa escura,
Similhantes a cães, e modo empregam
De as entrar, e á barriga a cauda chegam.

Approximam-se já, já o inhumano
De Godofredo ao lado pôr-se intenta.
Este nas cores do ajustado engano,
E nas armas suspeitas mal attenta,
Grita: eis o vil traidor, que por meu damno
De franco mostras falsas apresenta;
Eil-o que já co'os socios me acommette.
Assim dizendo ao perfido arremette,

E o fere mortalmente; elle, o refece,
Não fere, não se guarda, não recúa;
Fica de pedra, qual se em frente houvesse
Medusa; e fora tanta a audacia sua!
Contra elle e os seus a pugna se embravece;
Mil gladios, lanças mil com furia crúa
Os perseguem de modo tal e infestam,
Que nem ao menos os cadav'res restam.

De sangue hostil vendo a armadura aspersa,
Godofredo se atira onde quebrara
Das filas o mais basto o chefe persa,
E a turvação, e a morte lhes levara,
Tanto que em breve, assim como dispersa
N'Africa o vento a areia, as dispersara;
Godofredo a elle corre, os seus reprehende,
E ameaça; a fuga susta e o persa offende.

Então ambos combate principiam
Como não viu jamais Ida nem Xanto.
Pugna pedestre n'outro lado haviam
Muleiassem e Balduino emtanto.
Tambem junto do outeiro combatiam
Os cavalleiros; vel-os causa espanto.
Ali o chefe barbaro das gentes
Peleja, e perto os outros dois potentes.

O impio chefe contende co'um Roberto,
Sem que mais este que o primeiro valha;
Do outro de egual nome o elmo aberto
Deixa o indio, e a armadura lhe desmalha;
Tisaferno não tem contrario certo;
Não acha quem o eguale na batalha;
Corre onde nota a multidão mais densa,
Com o gladio espalhando a morte infensa.

Assim se combatia; balançavam
O temor e as esp'ranças suspendidas;
Esmigalhadas lanças alastravam
O solo, e mil broqueis e armas partidas;
As espadas nos corpos se mostravam
Cravadas, ou por terra desparzidas;
Quem supino jazia, quem volvendo
O rosto ao chão, como que o chão mordendo:

Jaz o cavallo do seu domno ao lado;
Jazem a par amigos, contendores;
O morto sob o vivo sepultado;
Dos vencidos emcima os vencedores.
Não ha silencio, nem se escuta brado,
Mas rouco som de lugubres rumores,
Fremitos de furor, murmurios d'ira,
Gemidos como de quem soffre e expira.

As armas que tão ledas d'antes eram
Agora infundem só terror, tristeza,
O ferro e o ouro o resplendor perderam,
Já as côres não tem vivaz belleza;
Os ornatos no sangue se envolveram,
Pizados sob os pés da guerra accesa,
E o que o sangue poupou cobre a poeira;
Tudo mudado está d'esta maneira.

Então os mouros, arabes, e o bando
Ethiope, que juntos occupavam
A extrema d'ala esquerda, desdobrando
Sua força os francos flanquear buscavam.
Já fundeiros, frecheiros, atirando
De longe, a fiel hoste molestavam,
Quando Rinaldo com sua gente avança,
Terremoto ou trovão na similhança.

A Assimiro de Méroe que o primeiro
Era da raça ethiope, e o mais forte,
O negro collo fere sobranceiro,
E o lança em terra morto de um só corte.
Apenas o appetite o cavalleiro
Com o sangue excitou por esta sorte,
Façanhas pôz em pratica famosas,
Coisas grandes, incriveis, horrorosas.

Mais matou que feriu, posto frequente
Ferva dos golpes seus a tempestade.
Qual tres linguas se julga que a serpente
Vibra, o que a ligeireza persuade,
Tal tres espadas a assustada gente
Cria ver de sua mão na agilidade.
Crê o olhar o que falso se apresenta,
E o terror da apparencia a fé augmenta.

Uns no sangue dos outros os tyrannos
Da ardente Lybia e os negros reis estende;
Dão nos mais seus guerreiros soberanos,
Movidos pelo exemplo que os accende.
Vilmente sob os golpes inhumanos
Cae a plebe infiel, nem se defende;
Não ha peleja, mas matança crúa;
De um lado queixas, do outro a espada núa.

Em breve as costas a voltar obriga
O medo; as turbas fogem de assustadas;
E é tamanho o temor da ira inimiga
Que sem ordem já vão e dispersadas.
Mas não as deixa o heroe sem que consiga
Vel-as inteiramente destroçadas;
Depois o passo rapido modera,
Que aos que fogem sua espada é menos fera.

Qual o vento, que se acha alta ramagem,
Ou algum monte, dobra ao sopro a ira,
Mas no campo, sem peias, meiga aragem
Ser parece, e mais placido respira;
Qual o mar que das rochas na passagem
Brama em cachões, e a voz com que bramira
Perde no largo pego; assim calmava
Rinaldo a furia se fraqueza achava.

Depois que de empregar este indignou-se
A nobre mão na gente que fugia,
Contra a infanteria emfim voltou-se,
Que antes o lybio e o arabe cobria;
Porém agora descoberta achou-se;
É longe ou morto quem a ajudaria;
Ataca-a pelo lado co'os irosos
Soldados, os quaes ferem temerosos.

Lanças, estorvos rompe; o violento
Impeto vence; as filas entra unidas,
E as debanda e atterra; nunca o vento
Assim quebrou as messes sacudidas.
Cobre um lago de sangue o chão cruento,
Cheio de membros mil, de armas partidas.
Corre a cavallaria, abrindo praça
Sobre os corpos e o sangue, e avanta passa.

Chega o heroe onde em carro d'ouro ornado
Estava Armida com marcial despejo;
Servia-lhe de guarda a cada lado
Dos barões, dos amantes o cortejo.
Mal o vê, reconhece logo o amado;
Olha-o tremula d'ira e de desejo;
Elle muda o semblante um pouco ao vel-a;
Torna-se em gelo e após em fogo a bella.

Evita o carro o cavalleiro e avança,
Como se de outra cousa só cuidasse;
Mas frustram-lhe os rivaes esta esperança,
Não consentindo que adiante passe;
Qual brande o ferro, qual abaixa a lança,
Té ella ajusta a setta; que atirasse
A colera ao seu braço aconselhava,
Mas amor o impedia e embaraçava.

Contra as sanhas da ira o amor a prende,
O amor que na sua alma occulto fecha;
Trez vezes por feril-o a mão estende,
E a tentativa por trez vezes deixa.
Vence a colera emfim, o arco tende,
E a setta alada rapida desfecha;
Vôa o tiro, porém, mal o despede,
Que vôe debalde, arrependida, pede.

Quizera ella que a frecha atrás volvesse,
E no seu proprio peito se encravara;
Isto faz, desprezada! ah! se tivesse
Vencido o seu amor, como o mostrara!
Peza-lhe logo de que tal quizesse;
Cresce-lhe n'alma a furia não avara;
Assim ora querendo que se empregue
A setta, e ora que não, pelo ar a segue.

Sem effeito não foi; voando prompta,
De Rinaldo acertar vae na couraça,
Para tal pulso dura, e se desponta
Sem que o moleste ou damno algum lhe faça.
Elle as costas lhe volta. Por affronta
Armida o toma, e arde d'ira e ameaça;
Muita vez o arco embalde descarrega.
N'ella os tiros emtanto amor emprega.

Impenetravel armadura veste
O cruel que de hostis golpes não cura?
O corpo o diamante lhe reveste,
Comsigo diz, como su'alma dura?
Não ha olhar ou ferro que o moleste;
Que tão rigida tempera o segura!
E inerme eu sou vencida, e o sou armada,
Ou amante ou guerreira, desprezada!

Que nova arte inda tenho? em que diversa
Forma inda acaso transformar-me posso?
Têm os meus campiões a sorte adversa!
Ai! perdido é de todo o imperio nosso!
Tudo cede ao seu braço; eis que os dispersa,
Eis que n'elles já faz grande destroço.
E na verdade muitos estendidos
Mortos via, e os restantes abatidos.

Não basta a defender-se ella somente;
Já prisioneira se reputa e serva;
Nem se confia, tanto medo sente,
Nas armas de Dianna ou de Minerva.
Qual o timido cisne, que, imminente
Vendo a garra feroz da aguia proterva,
Se agacha e encolhe as azas, tal estava
A donzella, e nos gestos o mostrava.

Mas Altamoro, que distante fora
Té ali, e a hoste persa, que já vinha
Recuando ante a furia assoladora,
Bem a custo no posto inda continha,
Vendo p'rigar a que elle tanto adora,
Vôa prompto em auxilio da mesquinha,
Deixando a honra, os seus e a crú peleja.
Salve-se ella, e que o mundo morto seja.

O carro apenas defender lhe importa,
E co'o ferro caminho abre diante;
Mas é sua gente afugentada e morta
Pelo chefe e Rinaldo n'esse instante.
Vê-o o triste, e com animo o supporta,
Muito melhor, que capitão, amante;
A seguro logar Armida guia,
E ajuda aos seus vencidos dá tardia;

Que o corpo dos pagãos d'aquelle lado
Irreparavelmente está perdido;
Porém do opposto, o campo abandonado,
Os nossos ás espaldas hão volvido.
Escapar dos Robertos a um foi dado
A custo, o peito e o rosto já ferido;
Fez prisioneiro Adrasto o outro Roberto.
Tal o destroço se librava incerto.

Então o ensejo proprio imaginando,
Reordena Godofredo os seus guerreiros,
E torna a entrar na lida; já marchando,
Ambos os lados vão chocar-se inteiros,
Do sangue do inimigo gottejando,
Adornados de louros e altaneiros.
Victoria e honra estam em cada parte,
E dubia entre elles a fortuna e Marte.

Emquanto assim a pugna embravecia
Entre o christão e o turco, sem repouso,
Da torre ao cume Solimão subia,
D'onde, como em theatro populoso,
Ainda que em distancia, descobria
A tragedia do mundo procelloso,
O vario movimento, o horror da morte,
E os grandes casos da mudavel sorte.

Não poude ver tal scena sem turbar-se;
Mas logo, a alma de furor acceza,
Ambicionou tambem no meio achar-se
Do perigoso campo na alta empreza.
Não tarda, põe o elmo; para armar-se
Faltava-lhe somente esta defeza.
Sus! grita, não tenhamos mais demora;
Ou triumphar ou perecer agora.

Ou seja que o saber grande e divino
Lance tamanho arrojo em sua mente,
Por que os restos do imperio palestino
Se acabem n'este dia totalmente,
Ou seja que marchar é seu destino
Para a morte, que já chamal-o sente,
Impetuoso, rapido descerra
A porta, e leva inesperada guerra.

Nem espera que aceitem os amigos
E socios o convite; vae só elle;
Affronta, só, mil juntos inimigos,
Só, mette-se entre mil, e mil repelle.
Seguem-o logo os outros aos perigos,
E Aladino tambem; o exemplo impelle.
Mais de furor que de esperança cheia,
A alma do cauto e vil nada receia.

Os que encontra primeiro o turco forte
Prostra co'os rudes golpes imprevistos;
Tão repentina faz baixar a morte
Que cair os que mata não são vistos;
Porém de voz em voz corre de sorte
O terror e os gemidos a elle mixtos,
Que os fieis syrios já se revolviam
Em desordem, e quasi já fugiam.

Não tanto sente do terror o effeito
O gascão, que, do p'rigo avisinhado,
(Posto colhido subito) direito,
A ordem guarda ainda e o posto honrado.
No redil ou nas aves d'este geito
Bruta fera ou abutre esfomeado
Nunca, nunca espalhou tamanho damno,
Como a espada fatal do mahometano.

Famelica e voraz ella parece
Fartar na carne e sangue a fome sua.
Aladino e o tropel que lhe obedece
Seguem-o, e espalham mortandade crúa.
Vê Raymundo sua gente que perece,
E corre a Solimão; vae, não recúa,
Posto conheça a dextra por que outr'ora
Tão mortalmente exp'rimentado fora.

Antes, de novo o affronta, e novamente
Cae, vulnerado onde o já tinha sido.
Culpa da edade é só, que não consente
De taes golpes o pezo desmedido.
Por cem gladios e escudos juntamente
É o ancião atacado e defendido;
Mas avante o Sultão com sua fereza
Passa, ou julgando-o morto ou facil preza.

Lança-se contra os mais e fere e talha,
Fazendo grande estrago em pouco espaço.
Busca após outro sitio onde a batalha
Dê novo pasto ao furibundo braço.
Qual de uma meza a outra que mais valha
O homem famulento volve o passo,
Assim elle procura nova parte
Onde de sangue a irosa sede farte.

Desce atravez dos derrocados muros,
E marcha presuroso á pugna brava,
O seu furor deixando aos seus, seguros,
Emquanto que aos christãos medo deixava.
Buscam aquelles com mil golpes duros
A victoria acabar que elle largava;
Oppõem estes pequena resistencia,
Que de fugida tem quasi a apparencia.

Já, retirando-se, o gascão cedia,
E já a gente syria ia em revolta.
Perto era isto do sitio onde jazia
Tancredo, o qual a voz que a turba solta
Ouvindo, deixa o leito que o prendia,
A um alto sóbe, corre o olhar em volta,
E vê o conde em terra, e uns retirar-se,
E outros em fugida dispersar-se.

Não fraqueia o valor no generoso,
Posto que soffra o corpo quebrantado,
Antes, lhe dá espirito brioso,
Supprindo a força e o sangue derramado.
Arma um braço do escudo ponderoso,
Para elle, tão debil, não pesado;
Co'o outro toma o gladio, nú o corte;
São taes armas bastantes para o forte.

Eil-o ao combate os passos precipita;
Onde is o vosso chefe abandonando?
Lhes clama; o quê! a barbara mesquita
Das armas suas se ornará folgando?
Á Gasconha voltae, e ao filho, grita;
Do pae dizei-lhe o fado miserando;
Que morreu, que o deixastes! finda, e cobre,
Enfermo, os fortes com seu corpo nobre.

E com o grande escudo e formidavel,
O qual de coiros sete era composto,
Havendo de aço fino impenetravel
Forro a estes ainda sobreposto,
O ancião acoberta veneravel,
Á sombra d'elle em segurança posto,
E dos gladios e settas o defende,
Emquanto o impio em roda expulsa e offende.

Sob a fiel defesa dentro em breve
Se levanta Raymundo, e a vida aspira;
Dupla chamma succede á côr da neve,
Pois o córa a vergonha, e accende a ira.
Co'a vista ardente um circulo descreve,
Por ver se achar podia o que o ferira;
Como o não ache freme, e se prepara
Nos outros a tomar vingança clara.

Voltam os aquitanos sem tardança,
E marcham do seu chefe em seguimento;
Tremem os que eram todos confiança,
Aos que tremiam passa o atrevimento;
O ovante cede, quem cedera avança;
Tudo assim variou n'um só momento.
Raymundo em se vingar tem a mão prompta,
E paga com cem mortes uma affronta.

Emquanto elle a sua ira envergonhada
Desafogar nos summos chefes tenta,
O usurpador da terra abençoada
Entre os primeiros vê, que o ferro ostenta.
Fere-o na fronte co'a fulminea espada,
E mais uma e outra vez, não desalenta;
Cae o tyranno, e em soluçar horrendo
A terra onde reinou morde morrendo.

Depois que um chefe é longe e outro sem vida,
Dos que ficam no centro do perigo,
Uns, como faz a fera enraivecida,
Sobre os ferros se atiram do inimigo,
Outros com medo tomam a fugida,
Indo buscar o conhecido abrigo,
Mas com estes penetra o victorioso
Christão, e acaba o feito glorioso.

Toma-se a torre; o ferro aos que fugindo
Pelas escadas vão prostra e descora.
Raymundo, ao alto d'ella então subindo,
Na mão toma a bandeira vencedora,
E, em signal da victoria ao vento a abrindo,
Perante os dois exercitos a arvora.
Visto estas coisas Solimão não tinha,
Que era já longe, e para a pugna vinha.

Ao campo chega, o qual de sangue quente
Cada vez mais enrubescido ondeia;
Crêra-se ver a morte ali presente,
Que triumphante o reino seu passeia.
N'isto encontra um cavallo, o qual pendente
A redea traz, e sem senhor vagueia;
Deita-lhe a mão ao freio, monta-o logo,
Vôa sobre elle, fere a terra fogo.

Breve ajuda, mas grande e repentina
Leva ao lasso infiel emedrontado,
Grande e breve, qual raio que fulmina
Sem se esperar e some-se inflammado,
Deixando no passar atroz ruina,
Para ficar o seu furor marcado.
Mais de cem elle mata. Só a historia
De dois eu contarei para memoria.

Eduardo e Gildipe a claridade
Do vosso feito, e a vossa desventura,
Se me é dado lograr a eternidade,
Farei que sejam de perpetua dura,
Por que vos mostre a mais remota edade
Como exemplo do amor e fé mais pura,
E algum fiel amante com seu pranto
Vos chore, e os versos meus pranteie emtanto.

Guia o corcel a inclita donzella
Para onde Solimão destroça tudo.
Em cheio golpes dois lhe assenta a bella;
Fere-o no lado, e lhe espedaça o escudo.
Pela veste o cruel nota que é ella,
E eis a amante e o amigo diz sanhudo;
Melhor fora que o fuso te ajudara
Do que esse gladio e o amante que te ampara.

N'isto se cala; de furor já cheio,
Levanta e abaixa logo a espada fera,
A qual passa a armadura, entrando o seio,
Que dos golpes de amor digno só era.
Ella, deixando de repente o freio,
Fica no rosto como se morrera.
Bem o vê Eduardo lastimado,
Não tardio defensor, mas desgraçado.

Que lhe cumpre fazer? n'um mesmo instante
O chama a piedade, o impelle a ira;
Aquella por que ajude a cara amante,
Esta para ferir o que a ferira.
Amor não crê uma coisa só bastante,
E diz que ira e piedade não defira.
Sustenta a bella pois co'a mão sinistra,
E a outra faz de seu furor ministra.

Mas, o querer e a força dividida,
Não póde contrastar o pagão forte;
Nem a sustem, nem logra no homicida
Da sua alma vingar a triste morte;
Antes, de Solimão a espada erguida
Lhe corta o braço, arrimo da consorte;
Cae Gildipe, não tendo onde se arrime;
Cae elle após, e o corpo d'ella opprime.

Qual olmo, a cujo tronco corpolento
A videira tenaz se abraça e liga,
Que, se o prostra o machado ou forte vento,
Leva tambem comsigo a planta amiga,
Com seu pezo esfolhando-lhe o ornamento,
Pizando as doces uvas, e o obriga
A dôr da socia que na morte o segue
Mais á dôr, do que a sorte que o persegue,

Assim cae elle, só chorando o fado
Da companheira, a quem os céos o uniram.
Tentam fallar, mas é querer baldado;
Em logar de fallar ambos suspiram;
Olham-se, e, qual os tinha acostumado
Amor, unem-se emquanto não expiram;
Foge d'ambos a um tempo a luz do dia,
E vôam para a patria da alegria.

A fama as azas solta em continente,
E com suas vozes a attenção desperta.
Ouve-o Rinaldo, e ouve juntamente
De um mensageiro a nova inda mais certa.
Dever, dôr, affeição, ira pungente
Fazem com que em vingança se converta;
Mas, do Sultão á vista, se atravessa
Ante elle Adrasto por que andar lh'impeça.

Pelos signaes, o rei feroz gritava,
És emfim quem eu tanto andei buscando,
Co'os olhos nos escudos que encontrava,
Todo o dia por ti emvão chamando.
Ao meu nume pagar meu voto anciava
Com a tua cabeça. Pelejando
Provemos nossa furia e brio guerreiro,
Tu de Armida inimigo, eu cavalleiro.

Diz, e dá-lhe nas fontes golpe horrendo,
Depois sobre o pescoço o ferro cala;
Não fende o fatal elmo, não podendo,
Porém na sella com violencia o abala.
Baixa o gladio Rinaldo, em fogo ardendo,
E uma f'rida lhe faz que é vão cural-a.
Com um só golpe o homem desmedido
Cae; assim finda o rei nunca vencido.

O pasmo, o susto, o horror, formando um mixto,
A multidão congelam circumstante.
O proprio Solimão, que o golpe ha visto,
Se turba e empallidece no semblante.
O seu morrer bem claro então previsto,
Irresoluto fica e titubante,
Coisa insolita n'elle; mas a eterna
Lei n'este mundo o que é que não governa?

Como o insano, ou quem soffre de doença,
Que em breve somno interrompido e lasso,
Querer correr apressurado pensa,
Porém inutil é todo o cansaço,
Que inda que muito faz por que se vença
Não o ajudam os pés, e o frouxo braço,
E se a lingua soltar pretende a falla
Não podem os seus labios expressal-a,

D'este modo o Sultão correr quizera
Á guerra, e esforça a alma perturbada,
Mas em si não conhece a raiva fera
D'outr'ora, nem a força costumada.
Quantas faiscas n'elle o valor gera
Tantas secreto medo torna em nada;
Sente a fronte de ideias povoar-se,
Sem que pense em fugir ou retirar-se.

Ataca o vencedor ao duvidoso;
Vê-o este chegar, e lhe parece
Na ligeireza e senho furioso
Que mais do que mortal se anima e cresce.
Pouco se oppõe, porém no doloroso
Transe o nobre costume não esquece;
Não geme, nem o corpo ao ferro esquiva,
Grande nos actos e a presença altiva.

Mal o Sultão que vezes mil na guerra,
Qual novo Anteu, caira e se elevára
Cada vez mais feroz, a rubra terra
Para nunca se erguer emfim calcára,
A fortuna que varia e instavel erra
Fixa a victoria que até ali vagára,
E, deixando o voar, sob a bandeira
Christã vae militar, simples guerreira.

Do rei, como as demais, foge a cohorte,
Nervo de toda a força do Oriente;
Chamava-se immortal, mas soffre a morte,
Apezar do seu titulo eminente.
Ao que leva a bandeira d'esta sorte
Falla Emiren, e a fuga susta ardente:
Não és tu que por mim de toda a hoste
Para o pendão trazer eleito foste?

E foi-te para isto confiado,
Rimedon? para o rosto assim voltares?
Deixas o chefe teu desamparado,
Covarde, da peleja nos azares?
Que desejas? salvar-te? vaes errado;
Fica; fugir é á morte caminhares.
Quem escapar quizer combata; a via
Da honra á salvação direito guia.

Torna atrás Rimedon, que o peijo córa;
Mais grave os outros Emiren reprehende;
Já ameaça, já fere; a vencedora
Sanha affrontam de novo os que elle offende.
Assim junta os melhores e os vigora,
Assim a esp'rança o animo lhe accende;
Mas Tisaferno mais que tudo o anima,
Que não cede, e que a vida em nada estima.

Maravilhas fizera Tisaferno;
Destroçara os flamengos, dos normandos
Muitos matara, e dera ao reino eterno
Gerard, Gernier, Rugerio, miserandos!
Após da eternidade ao ar superno
Assim chegar co'os feitos memorandos,
Como se já viver de nada valha,
Busca o maior perigo da batalha.

Rinaldo vê, e postoque o burnido
Aço tornado em sangue se tivesse,
E o corpo da aguia fosse enrubescido
Em parte, inda a armadura bem conhece.
Eis, diz elle, o perigo mais subido;
Aqui, ó céo, meu peito favorece.
Veja Armida a vingança tão esp'rada.
Do christão, Mahomet, voto-te a espada.

Assim pediu; porém debalde orava;
Não lhe ouve Mahomet a prece viva.
Qual se açoita o leão com furia brava
Para a fereza despertar nativa,
D'esta arte incita a ira que o queimava,
E nas chammas de amor a esperta e aviva:
Reúne toda a força, e se prepara
A pelejar, e no corcel dispara.

Vae contra elle Rinaldo valeroso;
Os que estam mais de perto abrem terreno,
Sedentos do espectaculo famoso
Para os dois contendores não pequeno.
É tão rijo o combate pavoroso
Do guerreiro christão, do sarraceno,
Que os outros, p'rigos e iras esquecendo,
Pasmados esta scena ficam vendo.

Mas um só fere, e o outro fere e estraga,
Mais forte, mais armado, e sempre certo.
De sangue Tisaferno o campo alaga,
Privado já do escudo e o elmo aberto.
Vê ao seu campião a bella maga
N'este estado, de f'ridas mil coberto,
E que aos mais o terror a tanto obriga,
Que já debil prizão a custo os liga.

D'antes por tantos era defendida,
Ora em seu carro é só, sem segurança.
Teme ser prisioneira, odeia a vida,
De vencer desespera e da vingança.
Desce meia assustada e enfurecida,
E sobre um seu corcel veloz se lança.
Foge, mas vão com ella o amor e a ira,
Quaes dois lebréos que dentro em si nutrira.

Cleopatra no seculo vetusto,
Só, da cruel peleja assim fugia,
Deixando a arcar co'o venturoso Augusto
Seu amante que já vencido via,
O qual, por ella a si tornado injusto,
Em breve as caras velas lhe seguia.
Tambem seguido Tisaferno houvera
Armida, mas Rinaldo o não tolera.

Vendo a amada fugir que o medo impelle,
Fica o pagão como se o sol transmonte,
E ao rival que o retem, e que o compelle
Desesp'rado se volta, e fere a fronte;
Emprega menos força do que elle
O raio em fabricar o forte Bronte;
O golpe temeroso é de tal geito
Que o christão curva a fronte sobre o peito.

Mas dentro em pouco intrepido alevanta,
E vibra o ferro, o qual, rota a couraça,
Lhe abre as costellas, e com furia tanta,
Que ao coração, fonte da vida, passa.
Dupla ferida as forças lhe quebranta,
Pois desde o peito ás costas o traspassa,
E ao fugitivo espirito mesquinho
Mais de uma via larga dá caminho.

Então Rinaldo victorioso pára
Procurando onde ataque, ou onde acuda,
E os pendões do infiel vê que prostrara
O christão que mister não tem de ajuda.
Põe n'isto fim ás mortes que espalhara,
E o seu bellico ardor abranda e muda.
Socega, e, socegando, vem-lhe á ideia
Armida que fugiu de magoa cheia.

Que ora a ampare a piedade do guerreiro
Manda, mandam-n'o as leis da cortezia,
Pois lhe lembra que ser seu cavalleiro
Prometteu quando d'ella se partia.
Por onde a viu correr corre ligeiro;
A pista do corcel lhe marca a via.
Chega ella emtanto a um sitio só e escuro,
Proprio para acabar seu fado duro.

Áquelle val umbroso sente gosto
De que a sorte os seus passos conduzisse.
Ali já desmontada, e já deposto
O arco, e as outras armas, infelice,
Ó armas tristes que coraes meu rosto,
Que o sangue não provastes, ella disse,
Deponho-vos aqui, ficae sepultas,
Pois as injurias me deixaes inultas.

Ah! mas ao menos uma triumphante
De tantas armas ficará em meio;
Se os mais peitos vos são de diamante,
Ousareis traspassar meu debil seio;
Aqui o tendes nú de vós diante;
Será vossa victoria; sem receio
Podeis feril-o; aos golpes não resiste;
Sabel-o tu, amor; sempre o feriste.

Acabae-me, acabae-me sem piedade,
E a passada fraqueza vos relevo.
Pobre Armida, ai! a minha inf'licidade!
Só a esp'rar salvação em vós me atrevo!
Não tenho mais remedio; a crueldade
Das feridas com outras sarar devo.
Venha o ferro curar de amor a chaga;
A morte seja só minha triaga.

Feliz, se o ardor que dentro em mim abrigo
Não fôr maldicto infeccionar o inferno!
Fique amor; venha a raiva só commigo,
Da minha sombra companheiro eterno;
Ou volte á luz para habitar comtigo,
Meu cruel zombador; saia do Averno,
E mostre-se aos teus olhos tão terrivel,
Que te interrompa o somno, e o torne horrivel.

Calou-se, e, firme assim seu pensamento,
Escolhe a setta mais aguda e forte.
Chega a ella Rinaldo em tal momento,
E, como junto a vê da extrema sorte,
Já preparada para o negro intento,
Já tinto o rosto do pallor da morte,
Corre veloz, e por detrás segura
A mão que o peito vulnerar procura.

Volta-se Armida, e, vendo-o inesperado,
Porque não o sentiu quando chegara,
Um grito solta, o olhar do rosto amado
Irosa tira, e foge-lhe a luz clara.
Vae a cair, qual lirio mal cortado,
Dobrando o collo, porém elle a ampara;
Com um braço a sustenta, desaperta
Co'o outro a veste que lhe o seio aperta,

E o bello rosto, e seio da mofina
Banha com choro d'alma piedosa.
Como do orvalho a chuva matutina
Faz reviver a desbotada rosa,
Assim ella ergue a fronte peregrina,
Do pranto de Rinaldo lacrimosa.
Levanta o olhar tres vezes para o amante,
Porém põe-n'o no chão no mesmo instante;

E com a debil mão o forte braço
Que a sustem repellir pretende esquiva;
Muita vez quer fugir, mas vão cansaço,
Mais a segura o heroe, mais a captiva.
Fechada emfim n'aquelle estreito laço,
Que inda talvez lhe é caro e o amor lhe aviva,
Principia a fallar, baixada a face,
Sem que nunca para elle a vista alçasse:

Que te conduz aqui? és impiedoso,
Na volta como o foste na partida.
Vens-me roubar á morte, caridoso,
Tu, depois de me haver tirado a vida?
Vens salvar-me? A que mais de injurioso,
A que outras penas é guardada Armida?
Cruel, teus artificios bem entendo;
Mas que posso, se emvão morrer pretendo?

Defraudas a tua gloria, se algemada
Não ornar o teu carro triumphante
Uma fraca mulher por ti deixada,
E ora preza; eis teu feito mais prestante.
Vida e paz te pedi outr'ora, amada;
Só a morte me é doce n'este instante;
Mas não t'a peço; se de ti viera,
Como cousa odiosa certo a houvera.

Por mim mesmo, cruel, hei de livrar-me
Da túa horrenda e barbara fereza;
Posto não tenha laço ou não me arme
Com ferro ou com veneno, por ser preza,
Que eu morra não, não poderás vedar-me;
Dou graças ao auctor da natureza.
Deixa os afagos teus. Como acarinha
O falso, e illude a tenue esp'rança minha!

D'est'arte se carpia, e á lympha pura,
Que a raiva e amor aos olhos seus mandava,
Affectuoso pranto elle mistura,
No qual piedade púdica brilhava,
E assim lhe torna co'a maior doçura:
Calma o peito onde o susto o espinho crava;
Á c'rôa, não á mofa te reservo,
Não sou teu inimigo, sou teu servo.

Em meus olhos confirma o que te digo,
Se fé minha palavra não merece.
Juro repôr-te sobre o solio antigo
Dos teus avós. Ah! se ao Senhor prouvesse
Mandar á tua mente um raio amigo
Que o véo do paganismo desfizesse,
Tão alto no Oriente sublimara
Teu throno que nenhum se lhe egualara.

Tal diz e pede, e á prece fervorosa
Une suspiros e algum pranto ardente.
Como a neve do monte a luz radiosa
Obriga a desgelar-se, ou a brisa quente,
Assim perde ella a ira tão teimosa,
E co'os desejos seus fica somente.
Eis tua escrava, diz, auctoridade
Tens em mim, cumprirei tua vontade.

Emtanto o summo capitão do Egypto
O estandarte real em terra vendo,
E pela mão de Godofredo invicto
O pó humilde Rimedon mordendo,
E morto ou em fuga o povo seu maldicto,
Não quer covarde ser no transe horrendo;
Procura receber de um braço forte
(Em breve o acha) gloriosa morte.

De encontro a Godofredo o corcel vira,
Que inimigo não vê mais digno e fero;
Onde passa, onde chega mostra a ira,
E do valor extremo o desespero.
Longe inda, e antes que a peleja fira,
Brada: por tua mão morrer espero;
Porém caindo buscarei levar-te
Commigo, e sob mim tambem matar-te.

Disse; e um contra o outro preparado
Em acto de brigar logo se lança.
É roto o escudo, e o braço desarmado
E após ferido ao capitão de França;
Um golpe ao outro pelo esquerdo lado
Do rosto com tamanha força alcança,
Que o atordôa; e, antes que em si entre,
Cae no chão traspassado pelo ventre.

Apenas Emiren assim findara,
Pouco resta do exercito vencido.
Godofredo o persegue, até que pára,
Vendo Altamoro a pé, o qual tingido
De sangue, em meia espada e elmo apara
Cem lanças pelas quaes está cingido;
Vê-o, e grita: cessae; e tu, guerreiro,
Rende-te a Godofredo prisioneiro.

O pagão, que humilhar a fronte nega,
Seja a quem for, por mais illustre e forte,
Mal ouve o nome que preclaro chega
Desde a Ethiopia ardente ao frio norte,
As armas logo ao capitão entrega
Dizendo: és digno de vencer-me; e a sorte
Que sobre mim te dá esta victoria
Te dá ouro egualmente, além da gloria.

Para me resgatar joias, riqueza
Minha mulher dará, meu reino ouro.
O céo não me dotou d'atra avareza,
Torna o chefe; desprézo o metal louro.
O que te vem da Persia, e a India preza
Reserva para ti; é teu thesouro.
Por ti preço não quero pobre ou rico;
Vim combater na Asia; não trafico.

N'isto se cala e aos guardas o confia.
Depois segue o inimigo que em procura
Vae das trincheiras; mas emvão fugia;
Encontra em vez de abrigo sepultura,
Toma-se o campo, mortandade impía!
Rios de sangue inundam a planura;
Cobre os corpos o sangue, corrompendo
Os ornatos do exercito tremendo.

D'est'arte vence Godofredo; e tanto
Resta ainda do dia aos esplendores,
Que á cidade já livre, e ao templo santo
Do Salvador conduz os vencedores.
O chefe, aos hombros o sanguineo manto,
Entra n'elle co'os mais libertadores;
Ali suspende as armas e devoto
O gran Sepulchro adora, e cumpre o voto.

FIM

Erratas principaes

PAG.	VERSO	ERRO	EMENDA
87	21	decrente	descrente
200	21	os	aos
325	31	limite,	limite
328	22	a recente	recente
329	18	suurro	susurro
»	»	applaudia	applaudia;
331	12	vizinho	vizinho;
430	15	céo	o céo
501	9	alevanta,	a levanta,

